



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

Monielly Cristina Saverio Serafim

Referência e atribuição:

nomes próprios em português

São José do Rio Preto

2023

Monielly Cristina Saverio Serafim

Referência e atribuição:

nomes próprios no português

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: FAPESP – Proc. 2019/13578-7;
CAPES.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho

São José do Rio Preto

2023

S481r	Serafim, Monielly Cristina Saverio Referência e atribuição : nomes próprios no português / Monielly Cristina Saverio Serafim. -- São José do Rio Preto, 2023 199 f. : il., tabs. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto Orientador: Roberto Gomes Camacho 1. Análise linguística. 2. Funcionalismo (Linguística). 3. Gramática Discursivo Funcional. 4. Sintagma nominal. I. Título.
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Monielly Cristina Saverio Serafim

Referência e atribuição:
nomes próprios no português

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: FAPESP – Proc. 2019/13578-7;
CAPES

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Sandra Denise Gasparini Bastos
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Profa. Dra. Marize Mattos Dall’Aglío Hattnher
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Profa. Dra. Talita Storti Garcia
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Profa. Dra. Joceli Catarina Stassi-Sé
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Dr. John Lachlan Mackenzie
Universidade de Coimbra (Portugal)

São José do Rio Preto
11 de setembro de 2023

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho, que acompanha minha trajetória acadêmica desde 2012, como professor, e desde 2014, como orientador. Agradeço a generosidade em ensinar, em orientar e em compartilhar e acolher novas ideias.

Ao Prof. Dr. Kees Hengeveld, pela orientação durante o período de Doutorado Sanduíche, na Universidade de Amsterdã, Países Baixos. E ao Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza, por coordenar o projeto Capes – PrInt que permitiu esse intercâmbio.

A todos que, em diferentes momentos, também dialogaram com este trabalho. À Profa. Dra. Joceli Catarina Stassi-Sé, por discutir o projeto durante o SELin 2019; e à Prof. Dra. Maria Helena de Moura Neves (em memória), por debater uma versão preliminar do texto desta tese no SELin 2022. Pelas pertinentes sugestões e contribuições, agradeço ao Prof. Dr. John Lachlan Mackenzie e à Profa. Dra. Marize Mattos Dall’Aglio Hattner, que participaram da Banca de Qualificação e que, depois, participaram da banca de defesa de doutorado na companhia da Profa. Dra. Joceli Catarina Stassi-Sé e da Profa. Dra. Talita Storti Garcia, a quem também agradeço.

Aos membros da comunidade da GDF, em especial ao Prof. Dr. Daniel García Velasco, à Profa. Dra. Evelien Keizer, à Profa. Dra. Hella Olbertz e ao Prof. Dr. Riccardo Giomi, pela generosa troca de conhecimento durante os eventos científicos de que participei, mas também pelo interesse e paciência durante algumas alongadas trocas de *e-mails*. Ao Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional, coordenado pela Profa. Dra. Erotilde Goreti Pezatti, pelas discussões (às vezes acaloradas) que reforçam o diálogo como um estímulo para o avanço da ciência.

Ao Conselho do Programa de Pós-Graduação, na pessoa da atual coordenadora, Profa. Dra. Cláudia Zavaglia, que tanto se dedica para que os docentes e discentes tenham a melhor experiência na pós-graduação. Agradeço também a todos os membros da atual gestão, que, durante o mandato de 2021-2022, orientaram o trabalho da Representação Discente, exercido pelo colega Vítor Henrique Santos da Silva, como membro titular, e por mim, como membro suplente.

Aos funcionários do Ibilce, sempre dispostos a atender os alunos com atenção, dedicação e cuidado. Em especial, agradeço aos funcionários da Seção Técnica de Pós-Graduação (STPG), da Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (STAEPE), do Escritório Regional de Apoio à Pesquisa e Internacionalização (ERAPI) e da Seção Técnica de Referência, Atendimento ao Usuário e Documentação (STRAUD) da Biblioteca.

Aos amigos, pela caminhada. Especialmente aos que compartilharam as alegrias e os pequenos momentos de desespero ao longo dessa jornada: Higor, Vítor, Aline Garcia, Aline Gomes, Bruna, Mari, Nathália, Keca, Marize, Sandra, Bárbara, Tainan.

Aos meus pais, Ailton e Maria Helena, e a minha irmã, Tanatielly, pela paciência e compreensão com o incompreensível.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, à qual agradeço.

Agradeço também à FAPESP pela concessão da bolsa de pesquisa, sob o processo nº 2019/13578-7, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

RESUMO

De acordo com Lyons (1977), uma visão geralmente aceita sobre nomes próprios é a de que eles têm referência, mas nenhum significado lexical. Na Gramática Discursivo-Funcional, GDF, (Hengeveld; Mackenzie, 2008), essa ideia está na base da concepção de nomes próprios como lexemas do Nível Interpessoal que funcionam como o núcleo lexical dos Subatos de Referência. No Nível Representacional, a entidade é designada por um núcleo ausente, definição que reafirma a ideia de serem os nomes próprios destituídos de significado lexical, tendo por consequência o princípio de não poderem receber modificadores nesse nível. Embora essa concepção seja suficiente para explicar o uso mais prototípico de um nome próprio, isto é, quando evoca um referente inerentemente definido, não modificado e desprovido de qualquer significado lexical, ela não explica uma série de outros usos, como os nomes modificados restritivamente (*o Pedro impulsivo*), nomes em aposições restritivas (*meu amigo João*), construções de nomeação (*ela se chama Maria*) e construções metafóricas (*ele é um Einstein*). Este trabalho apresenta uma análise dos nomes próprios no português com a o objetivo geral de chegar a uma proposta de identificação mais específica da categoria na GDF, que permita acomodar tanto seu uso como membro prototípico, quanto seus usos como membros mais periféricos, quando um ou mais traços não se aplicam. Para tanto utilizamos uma série de critérios pragmáticos, semânticos e morfossintáticos para a análise de sintagmas nominais nucleados ou modificados por nomes próprios em uma amostra de língua escrita, constituída por textos retirados da revista *CartaCapital* e complementada por ocorrências do *Corpus do Português (Web/Dialects)*. A aplicação dos critérios forneceu base suficiente para uma proposta de identificação da categoria como uma classe de lexema nominal e uma classe de palavra substantiva, na GDF. Além disso, os nomes próprios foram divididos em três principais subcategorias: i) os referenciais, ii) os metalinguísticos; que incluem os casos de modificação restritiva, aposição restritiva e nomeação, e iii) os contextuais. Para cada um desses subtipos, fornecemos também as representações subjacentes no modelo discursivo-funcional.

Palavras-chave: Nomes próprios. Referência. Atribuição. Gramática Discursivo-Funcional.

ABSTRACT

According to Lyons (1977), a generally accepted view of proper names is that they have reference but no lexical meaning. In Functional Discourse Grammar, FDG, (Hengeveld; Mackenzie, 2008), this idea underlies the notion of proper names as lexemes from the Interpersonal Level that function as the lexical head of the Subacts of Reference. At the Representational Level, the entity is designated by an absent head. This definition reaffirms the idea that proper names lack lexical meaning, resulting in the principle that they cannot receive modifiers at that level. While this conception is sufficient to explain the most prototypical use of a proper name, i.e., when it is used to evoke an inherently definite referent, unmodified and devoid of any lexical meaning, it does not explain several other uses, such as names restrictively modified (*o Pedro impulsivo* ‘the impulsive Pedro’), names in close appositions (*meu amigo João* ‘my friend João’), naming constructions (*ela se chama Maria* ‘she is called Maria’) and metaphorical constructions (*ele é um Einstein* ‘he is an Einstein’). This dissertation presents an analysis of proper names in Portuguese to propose a more specific identification of the category in the FDG that explains both its use as a prototypical member, and peripheral member of the category when one or more features do not apply. For that, we used a set of pragmatic, semantic and morphosyntactic criteria for the analysis of noun phrases headed or modified by proper names in a sample of written language, consisting of texts taken from the *CartaCapital* magazine and complemented by data from the *Corpus do Português* (Web/Dialects). The criteria provided sufficient ground to identify the category as a nominal lexeme and a noun word in FDG. Furthermore, proper names were divided into three main subcategories: i) referential; ii) metalinguistic, which include the cases of restrictive modification, restrictive apposition and naming; and iii) the contextuels. We also provide the underlying representations in the discursive-functional model for each subtype.

Keywords: Proper names. Reference. Ascription. Functional Discourse Grammar.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Esquema geral da GDF	40
Figura 2 – Alinhamento entre unidades da formulação.....	90
Quadro 1 – Seleção de reportagens	63
Quadro 2 – Seleção de editoriais	64
Quadro 3 – Seleção de textos de opinião.....	64
Quadro 4 – Critérios de análise	71
Quadro 5 – Critérios interpessoais	106
Quadro 6 – Critérios representacionais	108
Quadro 7 – Critérios morfossintáticos.....	111
Quadro 8 – Traços constitutivos dos nomes próprios	116

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Comportamento pragmático e semântico dos nomes próprios	76
--	----

LISTA DE SÍMBOLOS E ABREVIATURAS

GDF: ESTRUTURA GERAL

π	Operador
v	Variável
Φ	Função
σ	Modificador

GDF: NÍVEL INTERPESSOAL

M	Movimento
A	Ato Discursivo
D	Ação Lexical
F	Ilocução
P	Participante
s	Falante
A	Ouvinte
C	Conteúdo Comunicado
T	Subato de Atribuição
R	Subato de Referência
id	Identificabilidade
s	Especificidade

GDF: NÍVEL REPRESENTACIONAL

p	Conteúdo Proposicional
ep	Episódio
e	Estado de coisas
f ^c	Propriedade configuracional
f ^l	Propriedade lexical
x	Indivíduo
t	Tempo
l	Lugar
t	Tempo

GDF: NÍVEL MORFOSSINTÁTICO

Le	Expressão Linguística
Gw	Palavra Gramatical
Nw	Palavra Lexical
Adpp	Sintagma Preposicional
Np	Sintagma Nominal
Cl	Oração
Xs	Raiz
Aff	Afixo
p ^I	Posição Inicial
p ^F	Posição Final

GDF: NÍVEL FONOLÓGICO

U	Enunciado
IP	Frase Entonacional
pp	Frase Fonológica
pW	Palavra Fonológica
s	Sílaba
F	Pé

OUTRAS ABREVIATURAS

COMPL	Completivo
E	Oração
Go	Meta
IP	Impessoal
PN	Nome próprio
PRED	Predicado
Q	Citativo
sg	Singular
TR	Marcador de transitividade

SUMÁRIO

1	Introdução.....	11
1.1	Apresentação do fenômeno.....	11
1.2	Proposta de trabalho.....	15
2	Suporte teórico: o tratamento dos nomes próprios na literatura	17
2.1	Apresentação	17
2.2	O tratamento do nome próprio nas gramáticas do português.....	17
2.3	Nomes próprios nos estudos filosóficos	23
2.4	Nomes próprios nos estudos linguísticos.....	30
3	Os nomes próprios na Gramática Discursivo-Funcional	39
3.1	Visão geral da GDF.....	39
3.2	Os nomes próprios na perspectiva da GDF	46
4	Procedimentos metodológicos	63
4.1	A amostra.....	63
4.2	Hipóteses, perguntas de pesquisa e critérios de análise.....	65
5	O uso e a distribuição quantitativa dos nomes próprios na amostra	73
5.1	Apresentação geral dos dados da amostra.....	73
5.2	Reflexos da descrição dos usos na Gramática Discursivo-Funcional.....	82
5.2.1	Nomes próprios referenciais sem modificação semântica	82
5.2.2	Nomes próprios referenciais com modificação semântica.....	84
5.2.3	Nomes próprios em aposições restritivas	92
5.2.4	Nomes próprios em construções de nomeação	96
5.2.5	Nomes próprios contextuais	98
5.2.6	Resultados da análise	101
6	Generalizações e implicações teóricas da análise dos nomes próprios.....	103
6.1	Uma proposta de categorização gramatical.....	103
6.2	Traços constitutivos dos nomes próprios	112
6.3	Implicações para a Gramática Discursivo-Funcional.....	117
7	Conclusões.....	120

Referências	123
ANEXO A – Ocorrências analisadas	128

1 Introdução

1.1 Apresentação do fenômeno

Esta tese se debruça sobre os nomes próprios com um duplo objetivo: i) descrever seus usos na gramática do português; e ii) apresentar uma proposta de identificação e de categorização dos nomes próprios na Gramática Discursivo-Funcional (GDF). Tem, portanto, duas ambições igualmente teóricas: uma investigação potencialmente mais específica com o objetivo de dar um tratamento unitário à diversidade de usos dessa categoria na gramática do português, e uma investigação potencialmente mais geral e abrangente com o objetivo de situar gramaticalmente a categoria no arcabouço teórico da GDF.

Essas duas motivações de pesquisa estão entrelaçadas, mas é a descrição dos usos dos nomes próprios na gramática do português que fornece os subsídios empíricos para a categorização desse fenômeno na GDF. Nos termos dessa proposta, esta tese tem uma pergunta geral que pretendemos responder: com base na diversidade de usos, que leva em conta aspectos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos, qual o lugar dos nomes próprios no sistema linguístico?

Na literatura linguística em geral e nas gramáticas do português, os nomes próprios constituem uma subcategoria nominal geralmente definida em contraste com a dos nomes comuns. Cunha e Cintra (2010, p. 192) e Bechara (2009, p. 93), por exemplo, afirmam que nomes próprios designam individualmente uma pessoa, um lugar, enquanto nomes comuns designam uma classe de indivíduos que compartilham os mesmos atributos. Essa descrição, que opõe uma designação específica a uma genérica, está presente não só nas gramáticas tradicionais, mas também em gramáticas descritivas de base funcional, como Castilho (2010, p. 468) e Neves (2011, p. 69), que destacam o fato de nomes próprios terem a função exclusiva de denotar, e nomes comuns, a de denotar e a de conotar.

Com efeito, esse modo de categorização baseado na oposição binária já está presente na literatura nos primórdios dos estudos gramaticais. Desde Dionísio Trácio, no século II a.C., qualifica-se como traço semântico opositivo a característica já acima mencionada de se aplicarem os nomes próprios à denominação de um único indivíduo, enquanto o nome comum se aplica à denominação de uma classe de indivíduos (Trácio, 2002, p. 58–59). Opera, nessa caracterização, a noção de que nomes próprios têm pouco ou nenhum conteúdo descritivo justamente por se referirem a uma entidade singular e de que nomes comuns têm uma dupla função, que Neves (2011, p. 67) identifica como de denominação e de descrição da classe de

referentes: o estatuto categorial do nome se depreende da função que exerce de denotar entidades percebidas do mundo real, dando-lhes uma descrição adequada.

Além da referência a um único indivíduo, pode-se considerar outros traços levantados na literatura para diferenciar um nome próprio de um nome comum. De modo geral, admite-se que o nome próprio não tem conteúdo descritivo, não pode ser modificado restritivamente, é inerentemente definido e não pode ter complementos; contrariamente, um nome comum deve ter conteúdo descritivo, pode ser modificado restritivamente, não é inerentemente definido e pode receber complementos. Essas características estão presentes na descrição do português (Camacho; Hattner; Gonçalves, 2008; Castilho, 2010; Neves, 2011; Raposo; Nascimento, 2013), mas se encontram também em outras línguas, como inglês (Bloomfield, 1933), espanhol (RAE, 2009), neerlandês (Broekhuis; Keizer, 2012) etc.

Se, por um lado, a maioria dos trabalhos considera que os nomes próprios constituem uma subcategoria nominal, por outro lado, trabalhos recentes indicam que os nomes próprios devem ser agrupados, na verdade, com pronomes e determinantes. Adota essa postura Anderson (2003, 2004, 2007), ao considerar que essas três categorias, i.e., nomes próprios, pronomes e determinantes, são itens referenciais e não predicativos.

Este trabalho se volta para o exame dos usos dos nomes próprios em português, tendo por suporte teórico a GDF (Hengeveld; Mackenzie, 2008), que retoma, em grande parte, a entendimento já presente em Lyons de que “eles [os nomes próprios] podem ter referência, mas não sentido, e não podem ser usados predicativamente como nomes próprios que são” (Lyons, 1977, p. 219, tradução nossa).¹ Em consequência, a representação dessa categoria, no Nível Interpessoal (NI), responsável por distinções retóricas e pragmáticas, é a de um Subato de Referência (R),² responsável pela evocação de um referente único. Em função da sua principal característica, isto, é referir-se tão somente a uma única entidade, o nome próprio é inerentemente definido (Dik, 1997, p. 186; van Langendonck, 2007, p. 154; Lyons, 1977). Na GDF, isso significa que o Subato de Referência contém sempre um operador de identificabilidade [+id] que pode ou não ser expresso no Nível Morfossintático (NM), a depender da língua analisada. Já no Nível Representacional (NR), responsável pelas representações semânticas, designa-se o referente evocado pelo nome próprio com a categoria semântica relevante, cuja camada tem um núcleo ausente, o que significa, portanto, que não se

¹ Cf. Original: “*they may have reference, but not sense, and they cannot be used predicatively purely as names*” (Lyons, 1977, p. 219).

² Conforme será apresentado no Capítulo 3, Seção 3.1, o Subato de Referência tem natureza acional e representa a evocação de um referente no discurso.

atribui ao nome próprio um conteúdo semântico. É consequência direta dessa definição a impossibilidade de modificação restritiva no NR.

Embora a definição da GDF se aplique aos casos prototípicos de nomes próprios, isto é, nomes usados referencialmente, inerentemente definidos, desprovidos de conteúdo semântico e desacompanhados de modificadores restritivos, torna-se um problema a existência de usos de nomes próprios a que essa definição não se aplica adequadamente, conforme mencionado anteriormente. Em razão disso, além de casos mais prototípicos contemplados pela GDF, ilustrados por (1), investigam-se, neste trabalho, construções em que o nome próprio a) é modificado no Nível Representacional (2); b) é obrigatoriamente acompanhado de artigo no Nível Morfossintático (3); c) é membro de uma construção apositiva restritiva (4); d) é usado como nome comum (5); e) é um rótulo (João) que se atribui a um referente (ele) (6).

- (1) a **João** foi à festa ontem.
 b **O João** foi à festa ontem.
- (2) **O João loiro** foi mal na prova. (Em uma turma com mais de um aluno chamado João)
- (3) a **O João** que conheço gosta de rock.
 b Conheço **um João** que gosta de rock.
- (4) Meu amigo **João**
- (5) a Nessa turma tem **dois Joões**.
 b Esse menino é **um Einstein**.
- (6) Ele se chama **João**.

A modificação restritiva em (2) não é tratada na GDF, justamente em razão de o modelo não admitir esse tipo de modificador para camadas de núcleo ausente. A esse respeito, Giomi (2020) propõe uma alteração no entendimento da relação núcleo-modificador na GDF para contemplar também camadas de núcleo ausente; o trabalho desconsidera, entretanto, a principal característica do nome próprio, isto é, referir-se unicamente, ao dizer que eles podem receber modificadores restritivos.

Os exemplos em (3) ilustram a ocorrência obrigatória de artigo definido e indefinido com nomes próprios. Embora o nome próprio seja inerentemente definido, o que, na GDF, implica a presença de um operador de identificabilidade no Nível Interpessoal, a codificação morfossintática desse operador, na forma de um artigo, não é obrigatória no português em diversos casos. Entretanto, há contextos em que o artigo é obrigatório, como em (3a), e

contextos que permitem o emprego de um nome próprio sem a pressuposição da identificabilidade do referente (3b)

As aposições restritivas (4) também representam um problema para a definição prototípica da GDF, dada a natureza interpessoal dos itens que a compõem. Em estudo anterior (Serafim, 2019), defendemos que, no português, as aposições se definem como um sintagma composto de dois itens nominais, geralmente um nome comum e um nome próprio (*o escritor Drummond, a cidade de São Paulo*), ambos com função atributiva, constituindo uma única expressão referencial. Uma consequência mais abrangente dessa análise, fortemente baseada em Keizer (2008), é a de que nomes próprios não são apenas referenciais, mas também atributivos, o que vai de encontro à definição de nomes próprios de Hengeveld e Mackenzie (2008).

Já os casos em (5) aparecem na GDF sob o rótulo de conversão (*coercion*), cuja consequência, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 117–118), é serem analisados excepcionalmente no Nível Representacional. Embora os autores façam essa observação a respeito do nível de análise, eles não especificam como a GDF é capaz de analisar efetivamente essas construções. A esse respeito, García Velasco (2009a, 2009b) desenvolve argumentos relacionados à interação entre o Componente Contextual e o Componente Gramatical para explicar a natureza de expressões como a de (5b), mas não trata diretamente de casos de conversão que não envolvem um sentido metafórico, como o de (5a).

Por fim, o exemplo (6) mostra o uso de um nome próprio em uma construção que atribui um rótulo a uma entidade previamente referenciada. Nesses casos, o estatuto referencial do nome próprio também é questionável, uma vez que, nas palavras de Keizer (2008, p. 208), ele opera “uma espécie de atribuição” e aparece, portanto, como um Subato de Atribuição no Nível Interpessoal. Anteriormente, Hengeveld (1992, p. 44), em análise sob perspectiva da Gramática Funcional (Dik, 1989), argumenta que os nomes próprios, em construções de nomeação, atuam como um discurso citado, mas essa análise não é posteriormente desenvolvida na GDF.

São essas dificuldades de classificação que conduziram ao projeto desta tese, que procura aplicar um grau mais aprofundado de análise à categoria do nome próprio em diversos contextos de uso na gramática do português. O fato de que o suporte teórico adotado estuda a gramática assentando-se no princípio de adequação tipológica torna necessário ver como tratar a categoria referencial de nomes próprios no modelo, um dos objetivos gerais deste trabalho.

1.2 Proposta de trabalho

Conforme mencionado brevemente na Seção 1.1, este trabalho apresenta uma análise dos nomes próprios no português com a finalidade de chegar a uma proposta de identificação mais específica da categoria na GDF, que permita acomodar tanto seu uso como membro prototípico, ou seja, o que reúne as características principais citadas pela literatura, quanto referir-se a uma única entidade, ser inerentemente definido, ser desprovido de conteúdo semântico e não aceitar modificadores restritivos, quanto seus usos como membros mais periféricos, quando um ou mais desses traços não se aplicam.

Para dar um resumo dos objetivos e ao mesmo tempo estreitá-los um pouco mais ainda, pretendemos: i) verificar se, em usos reais, um nome próprio sempre atua referencialmente; ii) determinar que estratégia adotar para identificar o modo como o nome próprio opera no Nível Representacional; iii) estabelecer os níveis e camadas sobre os quais incide a modificação do nome próprio e que relevância teórica essa distribuição tem para identificar o conceito de nome próprio; iv) identificar que fatos da formulação têm consequências relevantes para a codificação morfossintática do Sintagma Nominal (Np) do qual o nome próprio faz parte.

Subjazem a esses objetivos três hipóteses principais a serem confirmadas ou negadas: i) um nome próprio nem sempre atua na referência a uma entidade única, fato cujas consequências imediatas são a perda da definitude inerente e o ganho da possibilidade de modificação restritiva; ii) um nome próprio, quando passa por um processo de conversão, pode denotar, no nível representacional da GDF, um conjunto de propriedades; iii) a expressão morfossintática da definitude por meio de artigos e pronomes é condicionada pela interface entre pragmática e semântica. A confirmação possível das hipóteses pode apontar para diferentes usos dos nomes próprios na gramática do português, que poderão ser organizados de acordo com as suas principais características.

O material de análise é constituído por uma amostra de sintagmas nominais nucleados ou modificados por nomes próprios no português escrito. Acham-se, portanto, no escopo da análise os nomes próprios que são, por si mesmos, equivalentes a um sintagma nominal; os que se acompanham de artigos definidos e indefinidos e de modificadores; os usados como nomes comuns; e os usados em construções que indicam nomeação.

Uma vez que nomes próprios tendem a aparecer em grande quantidade em textos da imprensa, já que seus referentes são facilmente identificados pelos interlocutores, extraem-se os dados de base de uma amostra escrita de uma revista de circulação nacional, a *CartaCapital*, constituída, por sua vez, por doze edições, de julho a setembro de 2015, e composta por textos

de três tipos: reportagem, editorial e opinião.³ Para obter dados em contextos mais informais, mas ainda assim escritos, consultamos o Corpus do Português *Web/Dialects* (Davies, 2016), que permite a busca por termos em blogs e páginas de internet.

Esta tese está formalmente organizada em 7 capítulos, incluindo a Introdução. O Capítulo 2, *Suporte teórico: o tratamento dos nomes próprios na literatura*, traz uma revisão da literatura sobre nomes próprios nas gramáticas descritivas e normativas do português, além de uma revisão do tratamento dos nomes próprios nos estudos filosóficos e linguísticos. O Capítulo 3, *Os nomes próprios na Gramática Discursivo-Funcional*, introduz o arcabouço teórico da GDF (Hengeveld; Mackenzie, 2008), identificando, ao mesmo tempo, o modo como os autores entendem a categoria em análise. O Capítulo 4, *Procedimentos metodológicos*, apresenta os procedimentos metodológicos utilizados para a seleção e a análise dos dados, cujos resultados se apresentam no Capítulo 5, *O uso e a distribuição quantitativa dos nomes próprios na amostra*. Fica destinado ao Capítulo 6, *Generalizações e implicações teóricas da análise dos nomes próprios*, discutir as implicações teóricas dos resultados, dando contribuições específicas para um novo enquadramento da categoria analisada na GDF, assim como suas possíveis consequências para a teoria. Por fim, as *Conclusões* fazem um balanço entre o que estava previsto nos objetivos e os resultados efetivamente atingidos com a realização da pesquisa.

³ Os textos fazem parte de uma amostra já estabelecida para análise de sintagmas nominais em pesquisa de iniciação científica e mestrado. Os números da revista que fazem parte da amostra compreendem o intervalo entre os números 856–867, publicados em 2015, dispostos no Capítulo 4.

2 Suporte teórico: o tratamento dos nomes próprios na literatura

2.1 Apresentação

Este Capítulo apresenta, na Seção 2.2, uma revisão teórica do que dizem as gramáticas normativas e descritivas do português sobre os nomes próprios. A Seção 2.3 revisa, de acordo com vertentes diversas de estudos, o tratamento da categoria em análise na filosofia e a Seção 2.4, na linguística. Nessas últimas Seções, agrupam-se os autores de acordo com a visão que têm do significado do nome próprio; não se ignoram, contudo, as diferenças entre as correntes teóricas a que se alinham, e que serão devidamente enfocadas sempre que a conveniência assim o exigir.

2.2 O tratamento do nome próprio nas gramáticas do português

Nas gramáticas tradicionais, o nome próprio é sempre caracterizado em contraste com o nome comum. Como não há divergências profundas entre as várias gramáticas, vamos nos fixar na de Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2010), como exemplos prototípicos. Bechara (2009, p. 93) afirma que o nome próprio se aplica, individualmente, a um objeto ou a um conjunto de objetos e, ainda que seja possível atribuir o nome próprio *João*, por exemplo, a várias pessoas diferentes, cada uso de *João* faz referência a um indivíduo inconfundível. Em contraste, o nome comum é utilizado para designar um objeto que reúne características de uma classe, por exemplo, *homem*, *mesa*, *cachorro*. Do mesmo modo, Cunha e Cintra (2010), em uma breve descrição sobre o substantivo, afirmam que “Quando se aplica a todos os seres de uma espécie ou quando designa uma abstração, o substantivo é chamado *comum*. Quando se aplica a determinado indivíduo da espécie, o substantivo é *próprio*” (Cunha; Cintra, 2010, p. 192, grifos dos autores).

Bechara (2009, p. 94) afirma também que nomes como *lua*, *sol*, *fevereiro*, *segunda-feira*, *papa* se aplicam a uma entidade singular, mas não os considera nomes próprios. Para o gramático, o fato de esses nomes terem uma referência individualizada é resultado do contexto extralinguístico e do conhecimento dos falantes de que só há uma lua, um sol, um mês fevereiro e um dia da semana denominado *segunda-feira*, assim como, no nosso contexto, só há um papa. Essa concepção, também adotada nesta tese, está igualmente presente em outros trabalhos, como o de Van Langendonck (2007, p. 102), de uma perspectiva tipológica. Para esse autor, os termos referidos são, na verdade, “expressões monorreferenciais” que diferem de nomes

próprios por três razões: i) é possível, por exemplo, falar de várias luas; ii) preserva-se o significado lexical do item nominal em expressões como *uma lua*, *duas luas*, *várias luas*; iii) as entidades referidas por esses termos não são membros individuais de uma categoria de nível básico como *homem*, *mulher*, *país*, *rio* etc. (Cf. Seção 2.4).

Bechara (2009, p. 94) elenca, ainda na classe dos nomes comuns, os nomes empregados no plural para designar indivíduos de uma família (*os Azevedos*, *os Maias*) ou indivíduos de mesmo nome (*os Antônio*s, *as Maria*s). Em relação a esses casos, Bechara (2009, p. 94) entende ser o nome próprio um nome de classe e, portanto, comum. A posição do gramático não é corroborada por linguistas, como Van Langendonck (2007, p. 60–61), segundo o qual nomes de família pluralizados, como *os Azevedos* para *a família Azevedo*, são nomes próprios genuínos.⁴ Essa postura de Van Langendonck (2007) se baseia em Coseriu (1955), que entende ser um nome como *os Azevedos* uma entidade única e indivisível. A dificuldade na identificação da natureza da categoria se deve, de acordo com Coseriu (1955, p. 11), ao fato de que um sobrenome parece se aplicar tanto ao conjunto da família, quanto a cada um de seus membros. O autor argumenta que, se fossem, de fato, nomes comuns, seria possível dizer *um Azevedo* sem que o nome próprio *Azevedo* se transformasse em nome comum. O que acontece é que, para Coseriu, os sobrenomes, como *os Azevedos* ou *os Maias*, como tais, “são nomes *individuais* de uma família [...], ainda que possam ser partes dos nomes, também individuais, de cada um dos seus membros” (Coseriu, 1955, p. 11, grifos do autor, tradução nossa).⁵ O autor argumenta, por fim, que o nome é utilizado para designar uma totalidade e não a multiplicidade de entidades, razão pela qual não deixa de ser um nome próprio.

Embora as gramáticas do português geralmente considerem esses nomes de família no plural como comuns, pretende-se adotar aqui a postura de Van Langendonck (2007), baseada em Coseriu (1955), por ser uma perspectiva tipologicamente válida e, portanto, em consonância com os pressupostos da GDF (Cf. Seção 3.1).

⁴ Van Langendonck (2007) argumenta que em alemão há recursos morfológicos que deixam clara a diferença entre nomes de família que mantêm sua função de nomes próprios e nomes próprios pluralizados convertidos em nomes comuns. No primeiro caso, o plural é formado por –s e não há quantificação (1’a); já no segundo, o nome próprio não recebe nenhuma marca de número (1’b).

(1’) a. *Die Schulzes haben uns besucht* (Van Langendonck, 2007, p. 160).
‘Os Schulzes nos visitaram’.

b. *die beiden Schulze* (Kolde, 1995, p. 402 apud Van Langendonck, 2007, p. 160)
‘as duas pessoas chamadas Schulze’

⁵ Cf. Original: “son nombres individuales de una familia[...], aunque pueden ser partes de los nombres, también individuales, de cada uno de sus miembros” (Coseriu, 1955 p. 11).

As gramáticas normativas indicam também a possibilidade de uso metafórico dos nomes próprios. Bechara (2009, p. 94) defende, para esses casos, a existência de uma passagem de nome próprio a comum, como *ele é um Judas*, em que não há a designação de um indivíduo, mas sim das características atribuídas ao apóstolo que traiu Jesus. São exemplos como esse que levam alguns autores a postularem a existência de um significado lexical para os nomes, como faz Jespersen (1924, p. 66). Por outro lado, Van Langendonck (2007, p. 162) afirma que o significado lexical do termo metafórico é derivado do sentido associativo do nome próprio (Cf. Seção 2.4 para uma discussão teórica sobre esses autores).

Por fim, as gramáticas procuram explicar o uso de artigos definidos acompanhando um nome próprio. Bechara (2009, p. 131) reconhece que esse uso pode ter um cunho meramente estilístico, além de poder denotar também familiaridade do falante com o indivíduo referido. O gramático salienta ainda que a norma culta da língua portuguesa dispensa o uso de artigo, porque a natureza do nome próprio já é em si mesma individualizante. Cunha e Cintra (2010, p. 237–343) identificam algumas situações em que o uso do artigo é obrigatório, como quando há a intenção de reforçar a ideia de um todo unido, como em *o Brasil* ou *a América*, quando o nome se origina de um substantivo comum, como em *o Porto*, quando um sobrenome é empregado isoladamente, em *o Tasso*, ou ainda quando o falante deseja construir uma atmosfera familiar.

No caso específico de nomes geográficos, é possível verificar, segundo Bechara (2009, p. 132), a existência de diferentes comportamentos. Por um lado, os artigos costumam aparecer diante de nomes de países (*o Brasil, os Países Baixos, a Argentina*), oceanos (*o Atlântico, o Índico*), rios (*o Amazonas, o Tietê*), montanhas (*os Alpes, os Andes*) e ilhas (*a Groenlândia, as Maldivas*);⁶ por outro lado, afirma Bechara (2009, p. 132), há nomes de estados brasileiros que dispensam artigo, como *Alagoas, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Santa Catarina, São Paulo, Pernambuco* e *Sergipe*. Apesar dessa afirmação de Bechara (2009), é possível encontrar ocorrências de uso real da língua, em que o artigo pode ser usado em alguns casos, como *o Alagoas, o Mato Grosso, o Pernambuco, o Sergipe*. Também dispensam artigos os nomes de regiões e cidades, exceto algumas como *a Bahia, o Rio de Janeiro, o Porto* etc.

Passando, agora, a examinar o tratamento das gramáticas descritivas, é também comum encontrar nelas a identificação do nome próprio em comparação ao comum. Castilho

⁶ Embora a presença do artigo indique pluralidade (Andes e Alpes constituem um agrupamento de várias montanhas, Maldivas, de várias ilhas, Países Baixos originalmente era um conjunto de países), essa pluralidade é inerente, já que não pode haver um contraste opositivo entre singular e plural (*Ande, *Alpe, *Maldiva, *País Baixo).

(2010, p. 468) afirma que essa distinção é sólida na tradição gramatical do ocidente. O autor menciona que os latinos já distinguiam, entre a classe dos substantivos, o apelativo comum do apelativo próprio, sendo que o primeiro representa muitos objetos e o segundo, um único objeto.

A esse respeito, Neves (2011, p. 67) afirma que um substantivo comum tem um significado lexical. Esse estatuto é definido em termos de duas funções, a de denominação e a de descrição de uma classe de referentes. Em contraste, os nomes próprios fazem uma designação individual, ou seja, eles não se aplicam a qualquer membro de uma classe. A autora afirma ainda que os nomes próprios “não evidenciam traços ou marcas de caracterização de uma classe, e não trazem, pois, uma descrição de seus referentes” (Neves, 2011, p. 69).

Camacho, Hattnher e Gonçalves (2008, p. 46) assumem também que, na base da distinção entre nomes próprios e nomes comuns, estão as funções de denominação, referenciação e descrição. Associam-se aos substantivos próprios apenas as duas primeiras funções, uma vez que, por meio deles, é possível nomear e fazer uma referência, mas não é possível obter informações sobre a classe a que pertencem os indivíduos. Deve-se obter essa informação, segundo os autores, no contexto, senão ela deve fazer parte de um conhecimento compartilhado pelos interlocutores.

- (7) Eu vou trabalhar com barro vou fazer minhas criações ou eu vou pintar um quadro... ou eu vou fazer ahn uma::... **JÓia**... certo? [EF SP 205] (Camacho; Hattnher; Gonçalves, 2008, p. 46, grifo dos autores).
- (8) O:: **Carlitos** conseguiu comer um par de sapatos né? [DID SP 405] (Camacho; Hattnher; Gonçalves, 2008, p. 46, grifo dos autores).

De acordo com os autores, o nome comum em (7) denomina uma classe de entidades referenciais, ou seja, a entidade tem um conjunto de propriedades que permite a ela ser identificada como pertencente à classe das joias. Assim, além de referenciar e denominar uma entidade, o nome comum tem a função chamada de definidora descritiva (Camacho; Hattnher; Gonçalves, 2008, p. 46). Aos nomes próprios, por outro lado, atribuem-se as duas primeiras funções apenas. Essa definição se assenta em Lyons (1977, p. 219), para quem um nome próprio não tem conteúdo descritivo e não pode ser usado predicativamente, conforme mostra a Seção 2.4. Em (8), não é possível, a partir do nome *Carlitos*, identificar a classe de entidades de que faz parte o referente, já que o nome próprio tem como característica aplicar-se a entidades particulares e não a qualquer elemento de uma classe.

Tanto Camacho, Hattnher e Gonçalves (2008) quanto Neves (2011, p. 67) consideram que a diferença fundamental entre os nomes próprios e os comuns é a função de descrever, restrita aos últimos. Essa função também está na base da distinção entre os tipos de núcleos das camadas correspondentes na GDF (Cf. Seção 3.2), uma vez que nomes comuns contêm uma propriedade lexical, responsável por dar uma descrição do referente, e nomes próprios são camadas de núcleo ausente, que refletem a falta de significado lexical.

Ao descrever os usos do nome próprio, Neves (2011, p. 69) afirma que eles geralmente constituem por si mesmos um sintagma nominal. Mesmo quando há elementos que o acompanham, normalmente eles podem ser dispensados sem que o nome próprio perca seu estatuto sintático de sintagma nominal, como mostram os exemplos em (9).

- (9) a Lá estava, inclusive, o **velho** J. MAFRA (NEVES, 2011, p. 69, grifos da autora).
 b Lá estava, inclusive, J. MAFRA (NEVES, 2011, p. 69).

Camacho, Hattnher e Gonçalves (2008, p. 48–49) e Neves (2011, p. 106–107) defendem que há casos em que um nome próprio passa a ser usado como nome comum. Isso ocorre quando i) um nome de uma pessoa popular é usado para fazer referência a um indivíduo ou a uma classe de indivíduos com uma determinada característica (10); ii) um nome próprio é usado para fazer a atribuição de uma característica de seu portador (11); iii) um nome é utilizado para fazer referência à obra de um artista (12).

- (10) Dizem que um **Pelé**, um **Ayrton Senna**, uma **Maria Ester Bueno** e um **Éder Jofre** nascem de cem em cem anos (NEVES, 2011, p. 107, grifos da autora).
 (11) Mas o ator não se perturbou, respondendo: “Eu sou o **Jesus Cristo** deste circo” (NEVES, 2011, p. 107, grifos da autora).
 (12) Logo fico sabendo ser o dono do quarto, e por conseguinte da cama e do **Picasso** na parede (NEVES, 2011, p. 107, grifos da autora).

Neves (2011, p. 110–111) afirma também que há nomes próprios apenas usados no singular (*João, Maria*), a menos que se dê a eles outra interpretação; e há nomes utilizados no plural em função de sua origem a partir de um nome comum (*os Estados Unidos, as Canárias*). À parte esses usos, a autora considera que um nome próprio no plural tem um significado particular, como quando é empregado para fazer referência a um casal ou uma família (*os Pereiras, os Ribeiros*), a pessoas que tenham o mesmo nome (*os Joões, as Marias*) ou a nomes

usados para designar um atributo ou característica (*Sempre há lugar para Madalenas arrependidas.*).

A respeito do uso de artigos, Neves (2011, p. 113) afirma que certos nomes de acidentes geográficos sempre se acompanham de artigo, como “nomes de regiões, oceanos, mares, rios, lagos, arquipélagos, montanhas, serras, cordilheiras, vulcões, desertos, ventos logradouros, estações do ano”. Além disso, nomes de empresa, obras de arte e marcas também são acompanhados de artigo. Pronomes possessivos e demonstrativos também podem acompanhar os nomes próprios em português, como ilustram (13–14).

(13) Lembra um pouco o Brasil de Telê em 82, com a vantagem de já ter atropelado a **sua Itália** (Neves, 2011, p. 114, grifos da autora).

(14) Não sei que esquisita maldade se apoderou naquele instante do meu coração – ah, **aqueles MENESES!** (Neves, 2011, p. 114, grifos da autora).

Com nomes de acidentes geográficos, Neves destaca que o possessivo pode indicar a origem de uma pessoa (13). Acompanhado de demonstrativo, o uso indica “a existência de algum fato relevante referente àquela pessoa, podendo a referência ser depreciativa ou não” (Neves, 2011, p. 114), como mostra (14).

Neves (2011, p. 115) também reconhece que nomes próprios podem receber modificação restritiva, podendo-se, nesses casos, em que são precedidos de determinante, fazer uma modificação mediante o uso de uma oração adjetiva restritiva (15) ou um sintagma especificador (16).

(15) **O Breno que eu conhecia** era ajustado, manobrava com habilidade nas direções que desejava, não dava ponto sem nó, não deixava a vida escapar (Neves, 2011, p. 115, grifos da autora).

(16) Governar não é fácil nem é cômodo **no Brasil de hoje** (Neves, 2011, p. 115, grifos da autora).

Há também modificadores antepostos ao nome próprio, que Neves (2011) classifica como de qualificação ou de classificação.

(17) A Alemanha atualmente está mais interessada em auxiliar a **antiga Alemanha Oriental** (Neves, 2011, p. 115, grifos da autora).

Raposo e Nascimento (2013, p. 1013) também afirmam que nomes próprios exercem as funções referencial, denominativa e vocativa. Mas, diferentemente dos autores mencionados anteriormente, além dessas três funções, Raposo e Nascimento (2013, p. 1014) ainda admitem que, em um caso como o de (18), os nomes próprios podem ter um valor atributivo, comum em sentenças copulares:

(18) Quem é **o Pedro Sousa**? (Raposo; Nascimento, 2013, p. 1014, grifos dos autores).

Entendem os autores que a sentença interrogativa apresenta uma propriedade individual de uma pessoa, Pedro Sousa, mas não se refere a ninguém, já que é justamente a intenção do falante identificar o indivíduo nomeado Pedro Sousa.

Em relação a esse uso, destacam os autores que o valor atributivo favorece a ocorrência de artigo definido em português, assim como no uso referencial, embora também seja possível o uso sem artigo (*Quem é Pedro Sousa?*). Pode-se, todavia, contra-argumentar, com base na GDF, que o fato de não se identificar o referente não implica que o SN correspondente seja não referencial. Na realidade, Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 193) afirmam que esse tipo de construção, classificada como identificação, consiste em dois Subatos de Referência.

Como Hengeveld e Mackenzie (2008), Müller e Negrão (1989, p. 533) também associam o uso referencial à presença de artigo e o uso de nomes próprios não referencial à ausência de artigo no português brasileiro, como em (19).

(19) Ela se chama Rafaela (Müller; Negrão, 1989, p. 532).

Embora a maioria dos autores concorde que nomes próprios são referenciais, não têm significado lexical e não podem ser modificados mantendo seu estatuto de nome próprio, há discrepâncias no que tange ao comportamento específico dos nomes na presença de artigo ou de marcação de plural, e em diferentes construções. É justamente com base nessa diversidade que procuramos fazer uma descrição dos usos dos nomes próprios no português com base em critérios pragmáticos, semânticos e morfossintáticos, de acordo com a arquitetura da GDF.

2.3 Nomes próprios nos estudos filosóficos

Diversos pesquisadores, ao longo do tempo, dedicaram-se ao estudo dos nomes próprios. Nos trabalhos de filosofia de linguagem, as noções de referência, de sentido e de

significado norteiam as discussões sobre essa categoria, que, para muitos autores, tem a identificação como a característica mais crucialmente definidora. Mill (1868 [1848]) postula que os nomes próprios se aplicam apenas à identificação de pessoas e objetos, não implicando, portanto, nenhum atributo pertencente ao indivíduo referenciado; eles são, por excelência, denotativos.

É preciso, neste ponto, dar uma explicação sobre o que o autor entende por denotação e conotação. Nos termos de Mill (1868, p. 31), o que uma expressão denota é aquilo a que ela se aplica no mundo, similarmente ao que se entende por referência. A palavra “conotação” fica restrita a termos que implicam uma série de propriedades atribuídas à entidade.

Com base nessa diferença, Mill (1868, p. 27) opõe os nomes próprios aos comuns. Por um lado, o nome próprio é uma palavra que indica o que se fala, mas nada diz sobre a entidade, ou seja, apenas denota; por outro lado, o nome comum além de denotar, também conota, ao implicar uma série de propriedades e elementos associados à entidade denotada, comunicando algum tipo de informação sobre ela. A palavra *homem*, por exemplo, como propriedade lexical que é, exprime certa qualificação, a de ser homem, e, quando se a atribui a algum indivíduo, aplica-se a ele essa qualificação. Já o nome *João*, por seu lado, não se pode atribuí-lo a um mesmo indivíduo, aproveitando-se do mesmo raciocínio empregado para a palavra *homem*. Embora Mill (1868, p. 27–28) afirme que o nome *João* possa ser atribuído a mais de uma pessoa, não há um conjunto de características que possa ser reconhecido no referente dele. A diferença entre denotação e conotação, para Mill, aparece de modo quase similar na GDF em termos de referência e denotação, respectivamente.

Esse filósofo também afirma que os nomes próprios são marcas que permitem que os indivíduos se tornem sujeitos do discurso (Mill, 1868, p. 33). A esse respeito, Mill (1868, p. 34) argumenta que uma pessoa pode se chamar *João* porque seu pai também se chama *João* ou que Dartmouth recebe esse nome por se situar no estuário do Rio Dart, mas que, uma vez que essa relação não arbitrária não mais se aplique, o nome da cidade continua anexado à entidade referencial, a cidade em si. Se o Rio Dart fosse aterrado, por exemplo, a cidade não deixaria de ter o nome *Dartmouth*.

As ideias de Mill ecoam nas concepções de Kripke (1980), que preserva a ideia de que os nomes próprios não têm significação, entendendo que, na realidade, eles são designadores rígidos, não relacionados a atributos, diferentemente do que postulam Frege (1948) e Russell (1964), ou Jespersen (1924), como será mostrado na sequência.

Antes de aprofundar a questão dos nomes próprios, convém assinalar que as noções mais gerais de significado dos nomes diferem em Mill (1868) e Kripke (1980). Primeiro, é

preciso lembrar que Mill (1868) considera termos genéricos (*vaca*), expressões definidas (*o atual presidente*) e nomes próprios (*João*) como nomes, sendo os últimos dois considerados nomes singulares. Desses três tipos, apenas nomes próprios não são conotativos, ou seja, não se associa a eles um conjunto de propriedades. Kripke (1980, p. 127), por seu lado, afirma que Mill está mais ou menos certo a respeito dos termos singulares, mas discorda do tratamento por ele dado aos nomes genéricos. Kripke (1980, p. 127–128) argumenta que, embora alguns nomes genéricos como *amarelo* ou *tolice* de fato expressem propriedades, termos como *tigre* ou *vaca* não, a menos que sejam considerados como as propriedades *ser tigre* ou *ser vaca*, respectivamente. O autor nega, portanto, a ideia de que aos nomes genéricos esteja associado um conjunto de propriedades caracterizadoras de tigres ou de vacas. Embora a visão dos autores sobre nomes genéricos seja divergente, uma aproximação se faz a partir do conceito de nome próprio que eles assumem.

Segundo Kripke (1980, p. 30), adotar a ideia de que o sentido de *Aristóteles* é a expressão definida *o homem que ensinou Alexandre o Grande* significaria que uma sentença como *Aristóteles foi o professor de Alexandre o Grande* seria uma tautologia. A sentença, entretanto, não é tautológica e denota o fato de que Aristóteles educou Alexandre o Grande. Além disso, descrições definidas expressam propriedades contingentes, ou seja, poder-se-ia descobrir que Aristóteles não foi professor de Alexandre o Grande; é justamente essa a razão pela qual Kripke (1980) argumenta não poder ser uma expressão definida o significado do nome próprio.

Na verdade, o autor assume que o nome próprio é um designador rígido, isto é, em qualquer mundo possível, o nome designa o mesmo objeto. Por exemplo, ainda que Aristóteles não tenha sido o professor de Alexandre o Grande, que não tenha sido aluno de Platão, ou que não tenha nenhuma das propriedades atribuídas a ele, Aristóteles ainda seria Aristóteles. Se, por um lado, uma expressão definida pode denotar diferentes indivíduos em diferentes mundos possíveis, por outro, o nome próprio designa sempre a mesma entidade.

Para Kripke (1980, p. 62), uma consequência desse argumento é o fato de que é verdadeira uma sentença com um modal, como *Aristóteles pode não ter sido aluno de Platão*, enquanto outra como *Aristóteles pode não ter sido Aristóteles* não constitui uma sentença verdadeira. Desse modo, compreender que *Aristóteles* é um designador rígido implica o fato de que o nome *Aristóteles* deve designar o mesmo indivíduo em qualquer mundo possível e que em nenhum desses mundos esse indivíduo deixa de ser Aristóteles.

Assim, de acordo com Kripke (1980, p. 91), para acessar a coisa nomeada, não é preciso uma descrição dela, basta que o nome tenha sido atribuído a um indivíduo e repassado às

peçoas. Nesse sentido, os nomes são conectados ao referente por cadeias causais, que se iniciam no batismo, tornando-se o nome um designador rígido, uma vez que tanto o ato de nomeação, como os atos subsequentes são passados adiante.

É possível aproximar, em certa medida, Mill (1968) e Kripke (1980), já que ambos compreendem o nome próprio como um termo que não veicula qualquer propriedade da entidade referida. A concepção de nome próprio adotada nesta tese coaduna com a desses autores, uma vez que o aparato teórico utilizado, a GDF (Hengeveld; Mackenzie, 2008), entende que os nomes próprios são termos que apenas se referem e não predicam nenhuma propriedade. Essa concepção de nome próprio, contudo, não é compartilhada por diversos outros autores, como Frege, Wittgenstein, Russell e Searle, conforme mostraremos a seguir.

Frege (1948 [1892]), em “Sobre o sentido e a referência” (*Über Sinn und Bedeutung*), lida com as noções de sentido e referência em descrições definidas, chamadas, na obra, de *nomes próprios*. Ao analisar o famoso exemplo *A estrela da manhã é a estrela da noite*, entende Frege (1948, p. 209–210) que uma afirmação como essa não só é possível, mas também é informativa, pois embora tenham a mesma referência, isto é, o planeta Vênus, as expressões *a estrela da manhã* e *a estrela da noite* têm sentidos diferentes, ou seja, modos de representação diferentes (em termos de GDF, constituem diferentes propriedades lexicais).

Embora Frege tenha uma noção ampla de nomes próprios, que inclui todas as expressões definidas, o autor também trata dos chamados “nomes próprios genuínos” (*eigentliche Eigennamen*), como *Aristóteles*, em uma bem conhecida nota de rodapé:

No caso de um nome próprio genuíno como “Aristóteles”, as opiniões quanto ao sentido podem divergir. Poder-se-ia, por exemplo, tomar como seu sentido o seguinte: o discípulo de Platão e o mestre de Alexandre Magno. Quem fizer isso associará outro sentido à sentença “Aristóteles nasceu em Estagira” do que alguém que tomar como sentido daquele nome: o mestre de Alexandre Magno que nasceu em Estagira. Enquanto o referente permanecer o mesmo, tais oscilações de sentido podem ser toleradas, ainda que elas devam ser evitadas na estrutura teórica de uma ciência demonstrativa, não devem ter lugar numa linguagem completa (Frege, 1948, p. 210, tradução nossa).⁷

Para Frege, um nome próprio pode ser associado, portanto, a várias descrições definidas, desde que mantenha uma referência, entendida como o próprio objeto de mundo que ele designa. Não é possível equacionar o que o autor entende por sentido dos nomes próprios em relação a um significado lexical, na medida em que as descrições definidas a eles associadas não só dependem do contexto, mas do conhecimento de cada falante e das informações que cada falante atribuiria ao nome.

No que concerne a sentido e referência, Mill (1868) e Frege (1948) tem visões similares, já que, para ambos os autores, expressões definidas podem ser dotadas de conotação ou sentido e denotação ou referência. Contudo, o entendimento deles dos nomes próprios difere, conforme mostrado: Mill (1868) afirma que nomes próprios não são dotados de conotação ou de sentido; já Frege (1948) acredita que o sentido de um nome próprio são descrições definidas associadas.

É possível, por outro lado, aproximar as concepções de Frege (1948) e Russell (1964 [1918]) por considerarem ter os nomes próprios um sentido descritivo. No caso de Russell (1964, p. 29), contudo, os nomes são descrições “truncadas” ou mesmo “abreviadas”. Um nome como *Sócrates*, por exemplo, tinha originalmente a função de se referir a um objeto de conhecimento direto. Desde que o conhecimento direto não seja mais possível, o nome próprio torna-se uma descrição truncada para *professor de Platão* ou *o filósofo que bebeu a taça de veneno*. Apesar de os autores associarem o sentido dos nomes próprios a descrições definidas, é preciso destacar que Frege (1948) e Russell (1964) diferem no modo de conceber as relações de sentido e referência, especialmente porque, *grosso modo*, Russell (1964, p. 29) entende que o significado é entendido a partir de conhecimento por contato direto (*knowledge by acquaintance*).

⁷ Cf. Original: “In the case of an actual proper name such as “Aristotle” opinions as to the sense may differ. It might, for instance, be taken to be the following: the pupil of Plato and teacher of Alexander the Great. Anybody who does this will attach another sense to the sentence “Aristotle was born in Stagira” than will a man who takes as the sense of the name: the teacher of Alexander the Great who was born in Stagira. So long as the referent remains the same, such variations of sense may be tolerated, although they are to be avoided in the theoretical structure of a demonstrative science and ought not to occur in a complete language” (Frege, 1948, p. 210).

Além desses, outros filósofos também se dedicaram a discutir nomes próprios em termos de sentido, significado e referência. Wittgenstein (1922 [2002], p. 15), por exemplo, entende, em um primeiro momento, que o significado do nome próprio é o objeto, uma visão que se assemelha à de Russell (1964), para quem o nome se refere a um objeto de conhecimento direto. Em trabalho posterior, contudo, Wittgenstein (1953 [2009], p. 15) declara ser linguisticamente injustificável chamar a coisa em si de significado, para passar a defender que o significado do nome não é o referente, mas as descrições que alguém pode dar à coisa nomeada.

Searle (1969) questiona, por outro lado, se nomes próprios são realmente descrições abreviadas. Para o autor, na verdade, os nomes próprios referem e não descrevem, portanto, seu significado não pode ser uma descrição definida, tal como propõem Frege (1948), Russell (1964) e Wittgenstein (1953). Na verdade, a concepção de Searle (1969) está a meio caminho dessas três propostas e a de Mill (1868), já que, para Searle, o significado de um nome próprio não é o de uma expressão definida, mas também não é uma expressão completamente sem significado:

Minha resposta, então, à pergunta: “Os nomes próprios têm sentido?” – se isso é questionar se nomes próprios são usados ou não para descrever ou especificar características de objetos – é “Não”. Mas se a pergunta for se os nomes próprios estão logicamente conectados ou não com as características do objeto a que se referem, a resposta é “Sim, de uma forma vaga” (Searle, 1969, p. 170, tradução nossa).⁸

Nesse sentido, para ser Aristóteles, não é preciso que todas as definições atribuídas ao referente sejam aplicáveis ou que as definições atribuídas aos referentes sejam sempre as mesmas. Assim, se descobrissem que, na verdade, Aristóteles não foi professor de Alexandre, o Grande, outras descrições ainda se aplicariam a Aristóteles, o que não constituiria um problema. Na abordagem de Searle, basta, portanto, que uma das descrições se aplique ao nome.

Como é possível perceber, por este breve relato, pesquisadores em geral divergem quanto à compreensão específica que têm sobre nomes próprios terem ou não sentido, embora todos concordem que são usados para referir. Ainda a esse respeito, Jespersen (1924, p. 65) afirma que é fundamental entender como os falantes usam os nomes próprios e como os ouvintes os interpretam. O autor considera que um falante pode se referir a um indivíduo por meio de um nome próprio, *Maria*, por exemplo, ao conversar com um grupo de amigos hoje e

⁸ Cf. Original: “My answer, then, to the question, ‘Do proper names have senses?’-if this asks whether or not proper names are used to describe or specify characteristics of objects-is ‘No’. But if it asks whether or not proper names are logically connected with characteristics of the object to which they refer, the answer is ‘Yes, in a loose sort of way’” (Searle, 1969, p. 170).

pode usar o mesmo nome para falar sobre um indivíduo diferente com outro grupo de amigos amanhã. Nesse caso, o fato crucial para o entendimento do nome próprio é que ele tem o mesmo valor tanto para o falante quanto para o ouvinte na interação discursiva.

Jespersen (1924, p. 65–66) afirma que Mill e outros filósofos dão mais importância ao valor de dicionário do nome do que à situação de uso. A primeira vez em que alguém se depara com um nome próprio ele é um “mero nome” (Jespersen, 1924, p. 66); contudo, na medida em que aumenta a familiaridade dos interlocutores com o indivíduo nomeado, mais significativo será o nome. Assim, para o autor, os nomes próprios dispõem de significação, uma vez que fazem o ouvinte pensar em um conjunto de atributos, e, à medida que se detecta o nome de uma pessoa, acrescentam-se progressivamente as informações sobre ela. O fato de conotar diversos atributos é, para Jespersen (1924, p. 66), o que permite que os nomes próprios sejam usados como nomes comuns em estruturas como *Ele é um Judas*, pois, entre diversas características associadas ao portador do nome, seleciona-se uma delas como a mais conhecida, passando, portanto, o nome a ser associado a outra pessoa com a mesma qualidade. O mesmo aconteceria com nomes comuns: as bases sobre as quais o assento de uma cadeira se apoia são os *pés*, pois compartilham com os pés humanos ou animais a característica de dar suporte ao corpo.

O autor explica, então, a diferença entre nomes próprios e nomes comuns não em termos de uma categorização de tipos, mas sim em termos de graus:

Um nome sempre conota a qualidade ou as qualidades pelas quais o portador ou os portadores do nome são conhecidos, ou seja, distinguidos de outros seres ou coisas. Quanto mais especial ou específica a coisa denotada, tanto mais provável que o nome seja escolhido arbitrariamente e tanto mais ele se aproxime do nome próprio ou nele se transforme. Se um falante quiser invocar a ideia de uma pessoa ou coisa, ele tem em seu comando, em alguns casos, um nome especialmente aplicado ao indivíduo em questão, ou seja, um nome que nessa situação em particular será entendido como uma referência a ele, ou então ele tem que juntar por outras palavras uma denominação composta que seja suficientemente precisa para seu propósito (Jespersen, 1924, p. 71, tradução nossa).⁹

Esse tipo de categorização, todavia, não é pertinente para uma análise como a que se pretende fazer nesta tese. Como será mencionado no Capítulo 3, o modelo discursivo-funcional

⁹ Cf. Original: “A name always connotes the quality or qualities by which the bearer or bearers of the name are known, i.e. distinguished from other beings or things. The more special or specific the thing denoted is, the more probable is it that the name is chosen arbitrarily, and so much the more does it approach to, or become, a proper name. If a speaker wants to call up the idea of some person or thing, he has at his command in some cases a name specially applied to the individual concerned, that is, a name which in this particular situation will be understood as referring to it, or else he has to piece together by means of other words a composite denomination which is sufficiently precise for his purpose” (Jespersen, 1924, p. 71).

postula uma distinção discreta das categorias, o oposto do que é postulado por Jespersen (1924) para explicar a diferença entre nomes próprios e nomes comuns.

Um balanço das posições apresentadas até aqui mostra que questões de referência e sentido são caras aos estudos dos nomes próprios. Comum às definições de nome próprio é o fato de que eles são fundamentalmente referenciais, ainda que não seja possível encontrar consenso no que se refere às questões de sentido ou significado. Por um lado, Mill (1984) e Kripke (1980) defendem que o nome próprio é destituído de sentido; por outro lado, Frege (1948), Russell (1964), Wittgenstein (1953) e Jespersen (1924) associam o sentido de nome próprio a descrições definidas. É justamente a visão milliana de nomes próprios que ecoa nos principais trabalhos da linguística que irão defender, posteriormente, que o nome próprio não tem significado lexical, apenas referência, como será visto na sequência.

2.4 Nomes próprios nos estudos linguísticos

Como na filosofia, todas as definições de nome próprio na linguística também têm em comum a ideia de que eles são, por natureza, expressões referenciais. Lyons (1977, p. 176) afirma que, para a semântica, a referência é uma noção dependente do enunciado, isto é, a referência tem a ver com a relação estabelecida entre uma expressão e o que ela significa no momento da sua enunciação. Em *Napoleão é corso*, o falante se refere a certo indivíduo (Napoleão) por meio de uma expressão referencial. Se a referência for bem-sucedida, a expressão referencial vai identificar corretamente o referente para o ouvinte. Nessa concepção de referência, é o falante que refere por meio de uma expressão. Em outras palavras, a referência é uma ação do falante. Essa visão de referência de uma perspectiva acional é retomada, posteriormente, na GDF (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 113), por meio dos Subatos de Referência.

Para Lyons (1977, p. 178), as expressões referenciais podem ser divididas em singulares e gerais e em definidas e indefinidas. A distinção entre singular e geral diz respeito à possibilidade de se referir a indivíduos ou a classe de indivíduos respectivamente; já a distinção entre definidas e indefinidas concerne à referência a um indivíduo (ou classe de indivíduos) específico ou a um indivíduo (ou classe de indivíduos) não específico, respectivamente.

Nomes próprios constituem, juntamente com sintagmas nominais definidos e pronomes pessoais, expressões referenciais singulares, isto é, expressões que se referem a indivíduos e não a classes de indivíduos. De acordo com Lyons (1977, p. 180), seria plausível, diante disso,

especular qual desses recursos linguísticos identificaria o tipo mais básico de expressão referencial nas línguas.

Filósofos e linguistas consideram que a referência por meio de uma nomeação é o tipo mais básico de expressão referencial em uma língua; essa é, contudo, uma posição questionável, afirma Lyons (1977, p. 180), uma vez que, mesmo que o falante não saiba o nome de uma pessoa ou de um lugar, ele pode se referir a essa pessoa ou lugar de maneira satisfatória por meio de um sintagma nominal definido. Assim, embora fosse mais fácil conceber uma língua sem nomes próprios do que sem descrições definidas, uma língua se torna um sistema semiótico mais flexível e eficiente na medida em que combina descrições e nomeações.

Recuperando a noção já presente em Russell (1964), Lyons (1977, p. 179) define sintagmas nominais definidos como uma descrição suficientemente detalhada que permite distinguir um referente de tantos outros no universo discursivo, como é o caso de (20).

(20) Aquele homem ali

Lyons (1977, p. 179) afirma também que sintagmas nominais definidos, pronomes pessoais e nomes próprios são nitidamente distinguíveis em termos gramaticais, de modo tal que cada um se associa a um modo distinto de identificação de uma pessoa ou objeto. O autor salienta, contudo, que há casos em que um item pode transitar de uma categoria para outra, como é o caso do pronome *usted* em espanhol, que pode, em muitos contextos, equivaler ao pronome *você* em português, cuja origem é uma descrição definida, no caso, *Vuestra Merced* em espanhol e *Vossa Mercê* em português.

Tratando especificamente de nomes próprios, Lyons (1977, p. 215–218) distingue os usos referencial, quase referencial, vocativo e apelativo: além do uso referencial mais comum, nomes próprios podem manifestar um valor quase referencial, seja para atrair a atenção do ouvinte para a presença da pessoa nomeada, seja para lembrar a existência ou a relevância da pessoa denominada, como mostra (21), que pode ser um ato ilocucional de aviso, de exclamação de surpresa, de aborrecimento etc., a depender da modulação prosódica utilizada pelo falante.

(21) Antônio!

Lyons (1977, p. 217) postula que são suficientes, nesse uso, as modulações paralinguísticas para distinguir um aviso, uma exclamação de surpresa, sem a necessidade de

uma predicação explícita. Esse valor, que não seria completamente referencial, é o que se pode chamar de quase referencial.

Outro uso elencado pelo autor é o vocativo, cuja função está voltada para chamar a atenção da entidade sendo invocada (22).

(22) João, venha aqui.

Lyons (1977, p. 217) destaca que essa parece ser uma função básica, no sentido de que não é redutível a nenhuma outra função semiótica, embora também possa sofrer modulações paralinguísticas que forneçam informações adicionais.

Por fim, a chamada função apelativa pode se classificar em dois subtipos, a saber, nomeação didática (23a) e nomeação performativa (23b).

- (23) a Ele se chama João (adaptado de Lyons, 1977, p. 217).
b Batizo este navio Queen Elizabeth (adaptado de Lyons, 1977, p.218).

O primeiro caso, ilustrado em (23a), é usado para instruir o ouvinte a associar um nome a um referente; o segundo caso, que (23b) ilustra, não contém nada sendo descrito, mas, por meio dele, realiza-se efetivamente uma ação verbal cujo resultado é justamente dar um nome a um navio.

Lyons (1977, p. 219) adota a visão de que os nomes próprios não têm significado, apenas referência, e não podem ser usados predicativamente, distanciando-se, assim, das conceptualizações filosóficas manifestadas por teorias descritivas do nome próprio, como a de Frege (1948), Russell (1964), Wittgenstein (1953) e, em certa medida, de Searle (1969), discutidas anteriormente. Embora seja essa a definição de nomes próprios assumida pela GDF, as quatro funções propostas por Lyons não são adotadas pelo modelo discursivo-funcional. Como será descrito na sequência, apenas a função referencial e a vocativa são tratadas por Hengeveld e Mackenzie (2008), certamente por circunscreverem seu texto aos usos mais prototípicos da categoria. Embora a função vocativa seja suficiente para abarcar os usos vocativo propriamente dito e quase referencial, o modelo é lacunar quanto à abordagem dos casos de nomeação.

Além dessas visões que, de modo geral, ou defendem que o nome próprio não tem significado, ou associam o significado do nome próprio a expressões definidas, há autores,

como Kleiber (1981) e Katz (2001), que concebem o nome próprio como um predicado. A proposta já registrada antes por Burge (1973) e depois desenvolvida por Kleiber (1981) especificamente sob o rótulo de *predicado de denominação* prevê a análise do nome próprio como o predicado *ser chamado* /N/; desse modo, um nome próprio não articulado seria a abreviação da expressão *o x chamado* /N/, ou seja, *Maria = a pessoa chamada Maria*.

Kleiber (1981) entende, por outro lado, que um nome próprio *articulado* equivale a um nome próprio modificado. Para ele, compreender que o significado de um nome é um predicado de denominação explicaria sentenças como as de (24a) e (25a) sem pressupor uma mudança de categoria do tipo nome próprio para nome comum, uma vez que a hipótese predicativa se aplica às paráfrases em (24b) e (25b).

- (24) a Paulo dança.
b O indivíduo que se chama Paulo dança.
- (25) a Um Paulo veio me ver.
b Um indivíduo que se chama Paulo veio me ver.

Como essa posição passou a ser alvo de diversas críticas, Kleiber (1996, 2006) reconheceu as desvantagens dessa análise. Noailly (1987 *apud* Kleiber, 1996, p. 571), por exemplo, critica a concepção de Kleiber (1981), afirmando que esse modo de ver ignora as especificidades morfossintáticas de um nome próprio prototípico, como a possibilidade de ser, ele mesmo, um sintagma nominal sem determinantes.

Outros autores, como Wilmet (1995, p. 4) e Jonasson (1994 *apud* Kleiber, 1996, p. 572), lançam dúvidas sobre o modo como Kleiber (1981) trata sentenças como (26), já que o predicado *ser chamado* /N/ não se aplica ao nome próprio nela contido (26b).

- (26) a Eu me chamo Sócrates.
b *Eu me chamo um indivíduo chamado Sócrates.

Kleiber (1981, p. 399) assume que, nesse caso, *Sócrates* não é um nome próprio propriamente dito, mas um representante da sequência fônica ou gráfica em questão, solução não aceitável para Jonasson (1994), que argumenta ser ela *ad hoc* e contraintuitiva, já que mesmo não sendo o nome referencial, o enunciado ainda expressa um vínculo entre o nome e o seu portador, não deixando, portanto, de ser um nome próprio.

Por fim, nomes próprios modificados que recebem um tratamento metafórico também não estão contemplados pelo conceito de predicado de denominação, como mostram os exemplos em (27).

- (27) a Ele foi Copi. Desenhista? Escritor? Ator? Todos os Copi morreram essa manhã (Kleiber, 1996, p. 572, tradução nossa).¹⁰
- b Todos os indivíduos chamados Copi morreram essa manhã (Kleiber, 1996, p. 572, tradução nossa).¹¹

Em (27a), o sintagma *todos os Copi*, utilizado metaforicamente, faz referência a um indivíduo no exercício de todas as suas funções. Lembramos que Copi foi um artista argentino que desempenhou trabalhos como cartunista, escritor e ator, entre outros. A paráfrase em (27b) não mantém o sentido de (27a); se (27a) é uma metáfora para todas as ocupações de um mesmo indivíduo chamado *Copi*, (27b) pressupõe a existência de muitos indivíduos com o nome *Copi*. Assim, o predicado de denominação proposto por Kleiber (1981) não é válido para os usos metafóricos de um nome próprio (Gary-Prieur, 1989 *apud* Kleiber, 2004, p. 125).

Essas são algumas inconsistências apontadas por outros autores, entre eles Jonasson (1994), Noailly (1987 *apud* Kleiber, 1996), Wilmet (1995), que levam Kleiber (1996, 2004) a abandonar a hipótese do predicado de denominação. O que o autor faz, na realidade, é renunciar a essa concepção, preservando, todavia, a ideia de que há um sentido de denominação:

Esse sentido de denominação não é mais concebido como uma propriedade ou descrição do referente, mas como uma instrução para procurar e encontrar, na memória estável, o referente que leva o nome em questão (Kleiber, 1996, p. 573, tradução nossa).¹²

Katz (2001), assim como Kleiber (1981, 1996, 2004), rejeita a concepção de que nomes próprios não sejam conotativos, isto é, que não tenham significado descritivo. Diferentemente de um predicado de denominação, Katz (2001) defende que o nome próprio é um predicado do tipo *X é um portador de N*.¹³ Van Langendonck (2007, p. 48) salienta que uma visão desse tipo

¹⁰ Cf. Original: “Il était Copi. Dessinateur? Écrivain? Acteur? Tous les Copi sont morts ce matin” (Kleiber, 1996, p. 572).

¹¹ Cf. Original: “Tous les individus appelés Copi sont morts ce matin” (Kleiber, 1996, p. 572).

¹² Cf. Original: “Ce sens dénominatif n’est alors plus conçu comme une propriété ou description du référent, mais comme l’instruction de chercher et de trouver dans la mémoire stable le référent qui porte le nom en question” (Kleiber, 1996, p. 573).

¹³ Cf. Original: “X is a bearer of N” (Katz, 2001).

se aplica também a nomes que muitos teóricos não identificariam como próprios, como é o caso dos quantificados e/ou pluralizados.

- (28) a Todos os Smiths são portadores de “Smith” (van Langendonck, 2007, p. 48, tradução nossa).¹⁴
- b Todo Smith é um portador de “Smith” (van Langendonck, 2007, p. 48, tradução nossa).¹⁵

Embora a fórmula de Katz se aplique à explicação de nomes quantificados, Van Langendonck (2007, p. 48) argumenta que o emprego desse procedimento é amplo demais, não permitindo, assim, distinguir o uso do que o autor denomina de um lema próprio como um nome próprio e o uso de um lema próprio como um nome comum.

Van Langendonck (2007) enfrenta os diversos problemas levantados nas definições de nome próprio com base na distinção que faz entre nome próprio e lema próprio (*proprial lemma*).

Far-se-á uma distinção entre lexemas (próprios) ou lemas isolados (entradas de dicionário) e lemas próprios em suas diferentes funções (funcionando prototipicamente como nomes próprios, não prototipicamente como substantivos comuns ou outras classes). De lemas próprios, também podemos derivar substantivos que aparecem como um tipo especial de substantivo comum, por exemplo, *outro João*, que significa ‘outra pessoa com o nome João’ (van Langendonck, 2007, p. 7, tradução nossa).¹⁶

Para o autor, um lema próprio em seu uso como nome próprio denota uma única entidade, não recebe modificadores restritivos, não pode ser quantificado e, por ser inerentemente definido, não deve ser acompanhado de artigo. Além disso, o nome próprio não pode se referir anaforicamente a outro sintagma, como mostra (29).

- (29) (?)Ele foi o imperador da França. **Napoleão** perdeu em Waterloo.

¹⁴ Cf. Original: “All Smiths are bearers of ‘Smith’” (Van Langendonck, 2007, p. 48)

¹⁵ Cf. Original: “Every Smith is a bearer of ‘Smith’” (Van Langendonck, 2007, p. 48)

¹⁶ Cf. Original: “A distinction will be made between (*proprial*) lexemes or lemmas in isolation (*dictionary entries*) and *proprial* lemmas in their different functions (*prototypically functioning as proper names, non-prototypically as common nouns or other classes*). From *proprial* lemmas we can also derive nouns that appear as a special kind of common noun, e.g., *another John*, which means ‘another person with the name John’ (Langendonck, 2007, p. 7).

Van Langendonck (2007, p. 72) também defende que o nome próprio tem um sentido categorial pressuposto, sem o qual seu uso seria inconcebível, e concorda com a asserção de Lyons (1977) de que os nomes próprios não têm um sentido, se se considerar “sentido” como “significado lexical afirmado” (*asserted lexical meaning*). Todavia, afirma que há um sentido categorial relacionado a conceitos de nível básico, tal como definidos por Rosch (1977). Assim, o conceito de nível básico para *João* é “homem”; para *Maria*, “mulher”; para *Brasil*, “país”, para *Tietê*, “rio”, etc. Em certa medida, essa noção de categorização pode ser acomodada pela GDF (Hengeveld; Mackenzie, 2008) em termos de categorias semânticas (Indivíduo, Local, Tempo etc) relevantes para uma língua (Cf. Seção 3.2).

Além do sentido categorial, Van Langendonck (2007) afirma haver outros sentidos pressupostos no nome próprio, a saber: o associativo, o emotivo e o gramatical.

O sentido associativo está ligado ao nível do uso da linguagem e pode-se classificar em dois tipos, de acordo com Van Langendonck (2007, p. 81–83). No primeiro tipo, o sentido associativo corresponde a uma descrição subjetiva que pode ou não ser dada ao referente: *Napoleão* pode ou não nos lembrar de *o perdedor de Waterloo*; já o segundo tipo de sentido associativo relaciona-se a conotações que podem ser evocadas pelo nome, como é o caso de *Wilhelm*, que conota o sentido de “disposto a proteger” em Alemão antigo. Note-se que esse sentido não é considerado lexical, mas associativo, justamente porque, com o tempo, o nome continua a ser usado, ainda que o referente perca as características, como é o caso também de *den Dikke*, no holandês. Embora o etimologicamente o sentido de “o Gordo” possa ser recuperado, *den Dikke* ainda pode ser usado para se referir a uma pessoa magra. O sentido emotivo, por seu lado, é inerente ao nome e expresso por diminutivos, aumentativos ou apelidos. Por fim, o sentido gramatical diz respeito as categorias de definitude, número e gênero.

O autor também distingue nomes próprios de expressões gerais e dadas, como *lua*, *sol*, *mundo*, *universo*. Para Van Langendonck (2007, p. 102), esses são, na verdade, termos monorreferenciais, uma vez que se preserva o significado de *lua* no Np monorreferencial *a lua* ou nos sintagmas *uma lua*, *duas luas*, *várias luas*. Ou seja, em todas as possibilidades, mantém-se o sentido de “satélite de um planeta”. O autor argumenta que essa concepção não é aplicável a nomes derivados de lemas próprios, como *um João*, *dois Joões*, *vários Joões*. Além disso, afirma Van Langendonck (2007, p. 102), as entidades denotadas pelo termo monorreferencial não são indivíduos membros de uma categoria de nível básico.

Para resumir esses traços, Van Langendonck propõe a seguinte definição para os nomes próprios:

Um nome próprio é um substantivo que denota uma entidade única no nível da convenção linguística estabelecida para torná-la psicossocialmente saliente dentro de uma determinada categoria de nível básico [pragmático]. O significado do nome, se houver, não determina (ou não mais) sua denotação [semântico]. Um reflexo formal importante dessa caracterização pragmático-semântica dos nomes próprios é a capacidade deles de aparecer em construções apositivas restritivas como *o poeta Burns, Fido o cachorro, o rio Tamisa ou a Cidade de Londres* [sintático] (Van Langendonck, 2007, p. 87, grifos do autor, tradução nossa).¹⁷

Para Van Langendonck (2007), o reflexo sintático das caracterizações pragmática e semântica do nome próprio é o de que ele pode aparecer em uma aposição restritiva. Entretanto, estudos sobre a aposição restritiva em inglês (Keizer, 2007) e em português (Lemson, 2016; Serafim, 2019; Serafim; Camacho, 2020) feitos com base na GDF defendem que se usa a estrutura apositiva restritiva como um todo para referir e se empregam atributivamente os nomes que a compõem na construção do referente. Assim, para os autores, os nomes próprios não são utilizados referencialmente nesses casos, posição que difere da de Van Langendonck (2007). Se os nomes próprios nas aposições restritivas são, com efeito, atributivos, não se pode associá-los, nesse contexto, às definições que consideram os nomes como expressões essencialmente referenciais. Isso não significa que toda a concepção de Van Langendonck (2007) é inadequada dentro do modelo discursivo-funcional.

Conforme 1.1, apesar de a maioria dos pesquisadores considerarem os nomes próprios como um subtipo nominal, ao lado dos nomes comuns, Anderson (2003, 2004, 2007) propõe que os nomes próprios sejam agrupados junto de pronomes e determinantes, sob o rótulo de “determinativos”. Para o autor, os nomes próprios, quando usados como argumentos, caracterizam-se por serem referenciais e não predicativos, duas propriedades compartilhadas também pelos pronomes e determinantes. A função primária dos nomes próprios, de acordo com o autor, é a de, junto dos dêiticos, estabelecer a identidade de argumentos nas predicções.

Já os nomes comuns são referenciais e predicativos para o autor. As duas categorias compartilham, portanto, o traço da referencialidade. Apesar disso, é a partir do traço não predicativo que Anderson (2003, 2004, 2007) propõe um reagrupamento dessas categorias, uma

¹⁷ Cf. Original: “A proper name is a noun that denotes a unique entity at the level of established linguistic convention to make it psychosocially salient within a given basic level category [pragmatic]. The meaning of the name, if any, does not (or not any longer) determine its denotation [semantic]. An important formal reflex of this pragmatic-semantic characterization of proper names is their ability to appear in such close appositional constructions as *the poet Burns, Fido the dog, the River Thames, or the City of London* [syntactic]” (Van Langendonck, 2007, p. 87, grifos do autor).

postura diferente das postuladas nos demais trabalhos, que, embora também concebam que os nomes próprios são não predicativos, ou seja, que não têm conteúdo semântico, não consideram esse traço suficientemente distintivo para classificar a categoria fora dos subtipos nominais.¹⁸

Além de reagrupar os nomes próprios na categoria dos determinativos, Anderson (2003, 2004, 2007) postula a que nomes próprios não se identificam como definidos ou indefinidos. O autor baseia sua argumentação no fato de que, quando no uso vocativo ou de nomeações performativas, não é possível atribuir definitude à categoria como um todo. Consideramos, entretanto, que é preciso cautela ao generalizar o comportamento de uma categoria com base em uma função específica entre várias possíveis. Se considerarmos os nomes na sua função de argumentos que fazem referência a um indivíduo único, então os nomes são inerentemente definidos.

Para finalizar esta Seção, pode-se afirmar que essa breve revisão da literatura traz conceitos importantes para a compreensão do nome próprio. Assume-se a posição de que nomes próprios são termos fundamentalmente referenciais, como é consenso na literatura. Entende-se ainda que os nomes não têm significado, seja ele um significado associado a expressões definidas (Frege, 1948; Russell, 1964; Searle, 1969; Wittgenstein, 1953) ou a predicados de nomeação (Burge, 1973; Katz, 2001; Kleiber, 1981). Adota-se, portanto, a visão de Lyons (1977, p. 219), segundo a qual os nomes não têm significado lexical e podem ser usados em quatro funções: referencial, quase referencial, vocativa e apelativa, todas compatíveis com o aparato teórico discursivo-funcional. Admite-se também que os nomes próprios têm um sentido categorial pressuposto (Van Langendonck, 2007, p. 72), que na GDF pode ser traduzido nas categorias semânticas atribuídas à entidade referida. Na sequência, mostramos como a GDF compreende os nomes próprios e como essas noções apresentadas aqui podem ser recuperadas no modelo.

¹⁸ Na GDF, classes de lexemas e classes de palavras são categorias distintas: a primeira é definida com base em características pragmáticas e semânticas; a segunda, com base em características morfossintáticas. Para uma discussão sobre o tema, ver Seção 3.1.

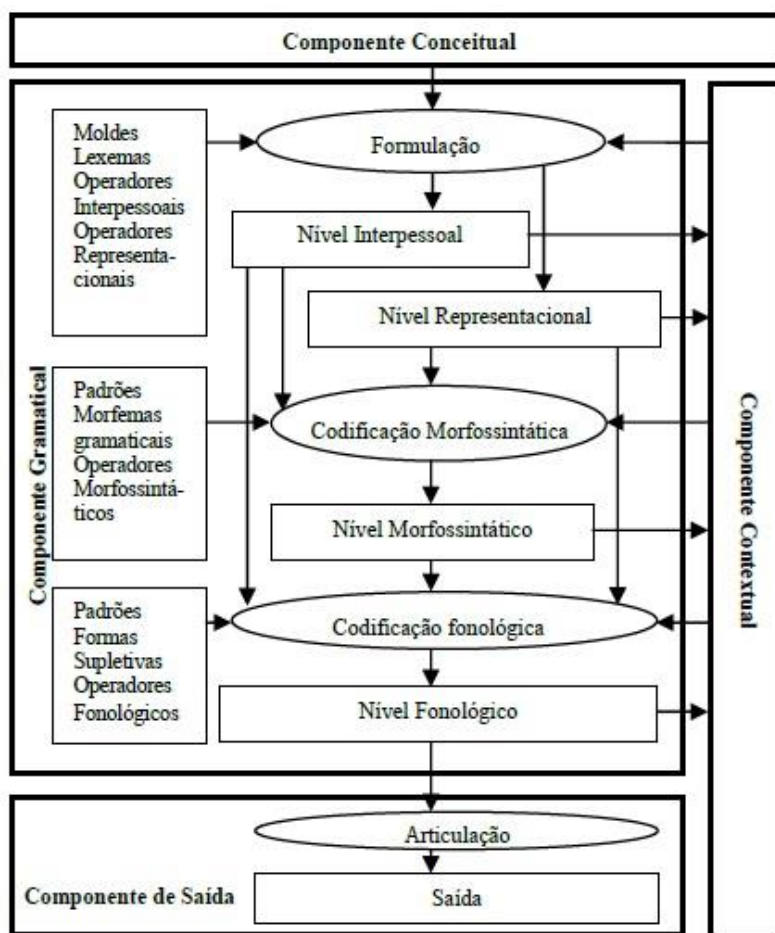
3 Os nomes próprios na Gramática Discursivo-Funcional

3.1 Visão geral da GDF

A GDF é parte de um modelo de interação verbal mais amplo que se distingue de outros modelos funcionais por contemplar uma orientação que, partindo da intenção do falante, desenvolve-se até a articulação. A motivação dessa arquitetura se justifica pelo fato de que um modelo de gramática será tanto mais eficaz quanto mais sua organização se assemelhar ao processamento linguístico de um indivíduo (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 2). Isso não significa, enfatizam os autores, que a GDF seja um modelo do falante; na verdade, ela é um modelo de gramática que reflete evidências psicolinguísticas em sua arquitetura geral, apresentada na Figura 1.

Além da estrutura descendente, mais características diferenciam a GDF de outros modelos funcionais: a unidade básica de análise é o Ato Discursivo; as representações pragmáticas, semânticas, morfossintáticas e fonológicas são parte de sua estrutura subjacente, e, por fim, o Componente Gramatical interage diretamente com os componentes Conceitual, Contextual e de Saída.

Figura 1 – Esquema geral da GDF



Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2008, p.13, tradução nossa).

O modelo compreende a formulação de três componentes não gramaticais: o Componente Conceitual, o Componente de Saída e o Componente Contextual. Esses três componentes interagem com o Componente Gramatical. Dentro dos componentes, as elipses contêm as operações de Formulação e de Codificação, os retângulos verticais à esquerda contêm os primitivos usados nas operações e os retângulos horizontais centrais contêm os níveis de representação produzidos pelas operações.

O Componente Conceitual é responsável pela intenção comunicativa e as representações mentais correspondentes. A operação de Formulação concerne às regras que determinam o que constitui ou não representações pragmáticas e semânticas válidas em uma língua. Essa operação converte, no Componente Gramatical, as representações mentais do Componente Conceitual em representações pragmáticas e semânticas para os dois níveis mais altos, o Nível Interpessoal e o Nível Representacional, respectivamente. A Formulação envolve três diferentes processos: i) a seleção de moldes apropriados nos Níveis Interpessoal e Representacional; ii) a inserção de

lexemas nesses moldes; e iii) a aplicação de operadores que realizam distinções gramaticais necessárias na língua analisada.

A operação de Codificação converte o conteúdo pragmático e semântico em unidades formais de natureza morfossintática (Nível Morfossintático) e de natureza fonológica (Nível Fonológico). Essa operação também consiste em três processos: i) a seleção de padrões apropriados para os Níveis Morfossintático e Fonológico; ii) a inserção de morfemas gramaticais livres e presos; e iii) a aplicação de operadores envolvidos no processo de articulação na saída da gramática.

O Componente de Saída gera as expressões acústicas, escritas, ou de sinais com base na informação do Componente Gramatical. O Componente Contextual é alimentado por todos os níveis de representação, e as operações de formulação e de codificação são por ele alimentadas.

O Componente Gramatical contempla quatro níveis de análise que são estruturados hierarquicamente em camadas particulares respectivas a cada nível. Ao estruturar os níveis desse modo, a GDF assume uma postura em que a pragmática governa a semântica, pragmática e semântica governam a morfossintaxe, e pragmática, semântica e morfossintaxe governam a fonologia. O Nível Fonológico é o *input* para a articulação, operada pelo componente de Saída, isso significa que a articulação em si não é parte da gramática propriamente dita.

Cada nível é estruturado em camadas que representam relações hierárquicas e configuracionais (não hierárquicas). A estrutura geral de cada nível está disposta em (30).

$$(30) \quad (\pi \ v_1: [\text{núcleo } (v_1)_\Phi] : [\sigma \ (v_1) \ \Phi]) \text{ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 14).}$$

Na estrutura geral, v_i representa a variável da camada relevante, que é restringida por um núcleo. Ela ainda pode ser restringida por um modificador (σ) e especificada por um operador (π), além de poder conter uma função (Φ). Núcleos e modificadores são estratégias lexicais, enquanto operadores e funções são estratégias gramaticais.

No Nível Interpessoal (NI) estão as distinções de formulação relacionadas à interação entre falantes e ouvintes. A disposição hierárquica é demonstrada em (31) em que, quanto mais à esquerda, mais alta é a camada na hierarquia do nível correspondente.

$$(31) \quad (M_1: [(A_1: [(F) (P_1)_S (P_2)_A (C_1: [(T_1)_\Phi \dots (T_{1+N})_\Phi [(R_1)_\Phi \dots (R_{1+N})_\Phi] (C_1)_\Phi]) (A_1) \dots (A_{1+N})_\Phi] (M_1)) \text{ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 15).}$$

A camada mais alta do Nível Interpessoal é a do Movimento (M), que é definido como uma porção textual que traz uma contribuição autônoma do falante para a interação e pode provocar ou ser ela mesma uma reação. O Movimento é formado de um ou mais Atos Discursivos (A) que mantêm relações de dependência ou equipolência entre si. Quando há dependência, temos no ato subsidiário uma função retórica que pode ser de Motivação, de Concessão, de Orientação, de Correção (ou de Esclarecimento) e de Aposição. Um Ato Discursivo é composto por categorias não hierárquicas: Ilocução (F), Falante (P₁) e Ouvinte (P₂) que se alternam, e um Conteúdo Comunicado (C). Por sua vez, o Conteúdo Comunicado contém a totalidade daquilo que o falante deseja evocar na sua comunicação. Cada Conteúdo Comunicado contém um ou mais Subatos de Referência e/ou de Atribuição, que representam a evocação de um referente e de uma propriedade, respectivamente.

A GDF encara tanto a referência quanto a atribuição como acionais, já que envolvem uma tentativa do falante de influenciar a informação pragmática do ouvinte. Exatamente da mesma maneira que, na referência, a escolha de itens lexicais e a quantidade de material lexical fornecidas na atribuição derivam da estimativa do falante de como influenciar mais eficazmente o interlocutor. Essas camadas do modelo teórico interessam diretamente a este trabalho, por estarem envolvidas na representação dos nomes próprios; portanto, deter-nos-emos de modo mais extensivo nelas na sequência. Questões específicas relacionadas ao nome próprio e a GDF, contudo, serão tratadas na Seção 3.2.

O Subato de Atribuição (T) é uma tentativa do falante de evocar uma propriedade, que se aplica, em geral, a um elemento referencial, mas, como afirmam Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 88), esse Subato não atribui necessariamente uma propriedade a um referente, já que é possível existirem Conteúdos Comunicados contendo apenas um Subato de Atribuição, como ilustrado em (32).

(32) Chove.

(C_I: (T_I) (C_I))

Os Subatos de Atribuição também podem aparecer dentro dos Subatos de Referência. No caso de *um livro vermelho*, por exemplo, temos um Subato de Referência correspondente ao Np todo, que, por seu lado, contém dois Subatos de Atribuição, que correspondem, no Nível

Representacional, às propriedades¹⁹ *livro* e *vermelho*, lugar da teoria em que se estabelece a relação de restrição entre *vermelho* e *livro*:

(33) Um livro vermelho

NI: (R_i: [(T_i) (T_j)] (R_i))

NR: (x_i: (f_j: livro (f_i)) (x_i) : (f_j: vermelho (f_i)) (x_i))

Enquanto o Subato de Atribuição evoca uma propriedade, o Subato de Referência evoca uma entidade. O núcleo do Subato de Referência pode ser um ou mais Subatos de Atribuição, um nome próprio ou um *dummy*,²⁰ ou uma combinação abstrata de características para o Falante e Ouvinte. Fazem-se distinções no Nível Interpessoal que refletem o estatuto da referência como uma atividade interpessoal, isto é, distinções em termos de identificabilidade e especificidade da referência.

Representam as distinções de identificabilidade e especificidade os operadores [+id,-id] e [+s, -s], respectivamente. A identificabilidade concerne às suposições do Falante sobre o conhecimento do Ouvinte, enquanto a especificidade, ao conhecimento do referente pelo próprio falante.

Aos Subatos podem-se ainda atribuir três funções pragmáticas, Tópico, Foco e Contraste,²¹ quando for linguisticamente relevante. A função pragmática Tópico assinala que o Subato contém uma informação dada ou inferível. A função Foco sinaliza a seleção de uma informação nova pelo falante para preencher uma lacuna na informação do ouvinte ou para corrigir uma informação de que ele disponha. Por fim, a função Contraste assinala o desejo do falante de salientar diferenças particulares entre os elementos dos Subatos.

Passemos, agora, a ver como se configura o Nível Representacional. Se, por um lado, o Nível Interpessoal é responsável pela evocação, por outro, o Representacional se encarrega da designação, contemplando os aspectos semânticos da gramática de uma língua. Definem-se as

¹⁹ Para a GDF, categorias semânticas são designadas por Propriedades Lexicais, ou simplesmente Propriedades, que podem estar na posição de núcleo ou modificador (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 215). Em (33), as propriedades *livro* e *vermelho* são utilizadas para caracterizar um Indivíduo (x).

²⁰ Elemento morfossintaticamente obrigatório inserido em uma posição da oração, mas que não corresponde a nenhum material lexical no Nível Interpessoal e no Nível Representacional, como os pronomes *it* e *there* do inglês (*It is raining* – Chove.; *There is beer without alcohol*. – Há cerveja sem álcool.) ou o pronome *il* do francês (*Il pleut*. – Chove.).

²¹ As funções pragmáticas também podem ser atribuídas a Conteúdos Comunicados como um todo. Dada, porém, a natureza do nome próprio, convém tratar apenas de sua atribuição aos Subatos.

camadas desse nível com base em categorias semânticas hierarquicamente organizadas, como mostra (34).

- (34) $(p_1: [(ep_1: [(e_1: [f_1: [(f_2)^n (x_1)_{\Phi} \dots (x_{1+n})_{\Phi}] (f_1)) \dots (f_{1+n}) (e_1)_{\Phi}] \dots (e_{1+n})_{(\Phi)}] (ep_1)) \dots (ep_{1+n})_{(\Phi)}] (p_1))$
(Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 15).

A camada mais alta do Nível Representacional é a do Conteúdo Proposicional (p), que representa construtos mentais, ou seja, sem existência no espaço ou no tempo. A segunda camada na hierarquia é a do Episódio (ep), que contém um ou mais Estados de Coisas (e) tematicamente coerentes, isto é, que mantêm continuidade de Tempo (t), de Locação (l) e de Indivíduos (x). O Estado de Coisas (e) é uma categoria definida em termos de ocorrência em determinado intervalo de tempo. Enquanto o Episódio se localiza em um tempo absoluto, o Estado de Coisas se localiza em um tempo relativo. A camada seguinte é a da Propriedade Configuracional (f), que constitui um molde de predicação, cuja construção depende de categorias semânticas não hierárquicas entre si representando entidades como Indivíduo (x), Propriedade Lexical (f), Locação (l), Tempo (t), Maneira (m), Razão (r) e Quantidade (q).

É preciso salientar que a natureza semântica de uma categoria não é suficiente para descrever seu uso dentro de um Ato Discursivo. Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 16) afirmam que uma mesma Propriedade (f) pode ser um Subato de Atribuição (T) ou de Referência (R), diferença que pode ser devidamente codificada no Nível Morfossintático:

- (35) a O professor é alto (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 16, tradução nossa).
b Altura impressiona o professor (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 16, tradução nossa).

Em (35a), há a atribuição de uma propriedade *alto* (T/f) e em (35b) há referência a uma propriedade *altura* (R/f). De modo similar, os autores também mencionam que indivíduos podem ser objetos de atribuição ou de referência, como mostra o Np *minha melhor amiga* em (36a-b).

- (36) a Sheila é minha melhor amiga (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 16, tradução nossa).
b Minha melhor amiga me visitou ontem à noite (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 16, tradução nossa).

O Nível Morfossintático (NM) trata de aspectos formais de uma unidade linguística. A arquitetura descendente da GDF mostra que muito do que acontece no Nível Morfossintático é motivado pelos níveis da Formulação, ou seja, os níveis Interpessoal e Representacional. As camadas relevantes desse nível estão dispostas em (37).

- (37) (Le₁: [(Xw₁) (Xp₁) (Cl₁: [(Xw₂) (Xp₂: [(Xw₃) (Xp₃) (Cl₃)] (Xp₂))_Φ (Cl₂)_(Φ)] (Cl₁))] (Le₁))
(Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 17).

Uma Expressão Linguística (Le) é o conjunto de uma ou mais unidades morfossintáticas, constituindo o que na tradição gramatical se entende por sentença. Essas unidades linguísticas podem ser constituídas por Orações (Cl), Sintagmas (Xp) e finalmente Palavras (Xw), que, por sua vez, se compõem de uma Raiz (Xs) e de um Afixo (Aff).

Uma distinção relevante resultante dessa arquitetura em níveis da GDF é a de classes de lexemas, definidas em termos funcionais, e classes de palavras, definidas em termos formais. Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 400–401) apresentam quatro principais razões para essa distinção: i) uma única palavra no Nível Morfossintático pode corresponder a vários lexemas no Nível Interpessoal, como no inglês *sword-swallower* ‘engolidor de espadas’, que no Nível Representacional corresponde a dois lexemas distintos (*sword* ‘espada’; e *swallower* ‘engolidor’); ii) um único lexema pode corresponder a várias palavras, como é o caso de expressões idiomáticas como *bater_as_botas* para *morrer*; iii) há línguas em que não existe nenhuma distinção para classes de lexemas, apenas para classes de palavras, como em Mundari, em que *buru* usado referencialmente ocorre sem flexão (38) e, usado predicativamente, ocorre com diversos afixos (39).

- (38) Mundari (Evans; Osada, 2005, p. 354–355, apud Hengeveld e Mackenzie, 2008, p. 400, grifos nossos)

buru =ko	bai-ke-d-a
montanha=3.PL	fazer-COMPL-TR-PRED
‘Eles fizeram a montanha.’	

- (39) Mundari (Evans; Osada, 2005, p. 354–355, apud Hengeveld e Mackenzie, 2008, p. 400, grifos nossos)

saan=ko	buru -ke-d-a
lenha=3.PL	montanha-COMPL-TR-PRED
‘Eles amontoaram a lenha.’	

e, por fim, iv) há várias palavras sem um lexema correspondente, como as que correspondem a operadores e funções ou elementos *dummies*, como o pronome *il* ‘ele’ em *il pleut* ‘chove’, em francês.

Por fim, o último nível de análise que compõe o Componente Gramatical é o Fonológico, que aparece representado em (40).

(40) (U₁: [(IP₁: [(PP₁: [(PW₁)] (PP₁))] (IP₁))] (U₁)) (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 18).

A camada mais alta desse nível é o Enunciado (U), cujas fronteiras são marcadas por pausas mais longas do que as das Frases Entonacionais (IP). As Frases Entonacionais se caracterizam por um núcleo, isto é, um movimento tonal realizado em uma ou mais sílabas. A camada seguinte do Nível Fonológico é a da Frase Fonológica (PP). Assim como Frases Entonacionais normalmente correspondem a Atos Discursivos no NI, a Frase Fonológica mantém uma correspondência, ainda que não estrita, com os Subatos de Referência e de Atribuição. As Palavras Fonológicas (PW) se dividem em Sílabas (s), que se agrupam em pés (F).

Com base nesses pressupostos da GDF, diversos linguistas propuseram tratamentos diferentes para o nome próprio de modo geral (Giomi, 2021; Hengeveld; Mackenzie, 2008; Keizer, 2008), ou para usos específicos dos nomes próprios em determinadas construções (García Velasco, 2009a, 2009b; Giomi, 2020; Keizer, 2019). Na sequência, mostramos detalhadamente cada uma dessas propostas.

3.2 Os nomes próprios na perspectiva da GDF

Na GDF, os nomes próprios são, fundamentalmente, elementos que, figurando no Nível Interpessoal, podem ocupar duas posições, a de Participante e a de Subato de Referência. No caso de ser um Participante, ilustrado em (41-42), o nome próprio exerce a função de vocativo e não tem estatuto referencial, circunstância que impede que a ele seja atribuída qualquer distinção em relação a identificabilidade ou especificidade (41), além de também impedir qualquer referência anafórica a ele, como mostra (42).

- (41) João!
 $(A_I: [(F_I: \text{INTERP } (F_I)) (P_I)_S (P_J: \text{João } (P_J))_A] (A_I))$

- (42) João, o que você está fazendo?
 *[João]_i, o que [ele]_j está fazendo?
 [João]_i, o que [ele]_j está fazendo?

Como vimos na Seção anterior, embora se projetem muitos pontos de vista diferentes sobre a conceituação do nome próprio, a mais aceitável, de acordo com Lyons (1977), é a de que “eles podem ter referência, mas não sentido, e não podem ser usados predicativamente como nomes próprios que são” (Lyons, 1977, p. 219, tradução nossa).²² Essa visão rejeita conceitualizações de nome próprio em que o seu sentido é associado a descrições definidas (Frege, 1948; Jespersen, 1924; Russell, 1964; Searle, 1969; Wittgenstein, 1953) ou em que o sentido é associado a predicados de nomeação (Katz, 2001; Kleiber, 1981, 1996, 2004). O arcabouço teórico da GDF (Hengeveld; Mackenzie, 2008) compartilha justamente a visão de Lyons (1977), de que resulta uma representação dessa categoria como um Subato de Referência, camada do Nível Interpessoal responsável pela evocação de um referente. Já no Nível Representacional, designa-se esse referente evocado pelo nome próprio por uma camada que não contém informação semântica, isto é, por uma camada de núcleo ausente.

- (43) **João** chegou.
 NI: $(A_I: [(F_I: \text{DECL } (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A (C_I: [(T_I)_{\text{Foc}} (R_I: \text{João } (R_I))] (C_I))] (A_I))$
 NR: (past ep_i: (sim e_i: [(f_i: [(f_j: chegar (f_j)) (1x_i)_A] (f_i)) (e_i)_φ] (ep_i)) (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 237, tradução nossa).

Como mostra (43), no NR, a posição do nome próprio é lexicalmente vazia, já que (x) indica uma entidade sem designação semântica, situação que reflete a ideia de que nomes próprios não têm sentido, apenas referência, tal como proposto por Mill (1868), Kripke (1980) e também por Lyons (1977). Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 237) assumem a posição de que não seria possível simplesmente omitir a variável do Nível Representacional para refletir a ideia de que não há um significado lexical, uma vez que o nome próprio faz parte de uma estrutura de predicação.

²² Cf. Original: “they may have reference, but not sense, and they cannot be used predicatively purely as names” (Lyons, 1977, p. 219).

Os autores destacam que, embora a camada do Nível Representacional permaneça lexicalmente vazia, ela pode conter informações de gênero recuperadas do Componente Contextual, que garantem a concordância apropriada entre os nomes próprios e adjetivos no Nível Morfossintático, como mostra (44).

(44) Maria é bonita (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 118, tradução nossa).²³

De acordo com a GDF, ser um núcleo ausente implica a impossibilidade de o nome próprio receber modificação restritiva no Nível Representacional. A possibilidade de modificação se daria somente no Nível Interpessoal, que é responsável por distinções retóricas e pragmáticas, e o modificador representaria, nesse caso, uma avaliação do falante sobre o referente evocado, como indica (45).

- (45) a O pobre João não tem nenhum lugar para ficar.
b O homem pobre não tem onde viver.

Em (45a), o falante não deseja atribuir a propriedade de pobreza ao referente, como seria o caso de (45b); na realidade, o que faz o falante é expressar solidariedade e empatia com João pelo fato de não ter um teto. Assim, a modificação, tipicamente pragmática, manifesta-se na camada do Subato de Referência, no Nível Interpessoal, como mostra (46) e não na camada do Indivíduo, no Nível Representacional, como ocorre com *o homem pobre* em (47):

- (46) O pobre João
NI: (+id R_I: João (R_I) : (T_I: pobre (T_I)) (R_I))
NR: (x_i)

- (47) O homem pobre
NI: (R_I) (T_I)
NR: (x_i: homem (x_i) : (f_i: pobre (f_i)) (x_i))

Como se vê, a definição de nome próprio da GDF se restringe ao membro central, prototípico, da categoria, entendido, portanto, como o que contém as propriedades que definem

²³ Cf. Original: “*Marie est belle*” (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 118).

a categoria como um todo (Rosch, 1978, p. 37): i) o nome é referencial; ii) inerentemente definido; iii) não tem significado lexical; e iv) não pode ser modificado restritivamente.

Como mencionado anteriormente, é perfeitamente possível detectar, no português, contextos de interação em que a modificação de nomes próprios pode associar-se ao Nível Representacional.

Em uma situação de aula em que estejam presentes dois alunos com o mesmo nome, mas com características físicas diferentes, seria perfeitamente plausível que, em uma conversa com um colega, um professor se refira a um dos alunos como (48), para não haver erro na identificação do referente.

(48) O Gabriel **moreno** foi bem na prova.

Não há, no caso ilustrado em (48), uma avaliação tipicamente pragmática do falante em relação ao referente evocado, especialmente porque ser loiro ou ser moreno constituem propriedades inerentes do indivíduo, aplicadas à entidade designada no Nível Representacional.

Pode-se manifestar o mesmo tipo de modificação por meio de outros expedientes linguísticos em situações em que se podem confundir dois indivíduos de mesmo nome. Em um contexto em que há duas pessoas de nome Maria, é possível o emprego de uma oração relativa para identificar o referente, como em (49).

(49) A Maria **que mora na casa ao lado** veio aqui ontem.

Pronomes possessivos ou sintagmas preposicionados que indiquem posse também podem localizar nomes próprios, atuando como uma modificação semântica. É comum dizer *O João da Maria* em uma situação em que haja dois indivíduos de nome João e um deles tenha algum parentesco com Maria. Ainda é possível que o falante localize o nome próprio relacionando-o a si mesmo, como em *a minha Maria*, ou a outro indivíduo *a sua Maria*, em uma situação em que falante e ouvinte conheçam dois indivíduos do mesmo nome com os quais se relacionam.

A essa altura da discussão, é necessário dar alguns esclarecimentos a respeito da noção de modificação na GDF. Modificadores, na GDF, podem ser atribuídos a qualquer camada dos níveis Interpessoal e Representacional e, de acordo com Keizer (2019, p. 1), a noção de condições de verdade é fundamental para determinar a qual desses níveis um modificador

pertence. Para Hengeveld e Mackenzie (2008), modificadores que podem ser submetidos a condições de verdade são representacionais, por fazerem parte da proposição; já modificadores que não podem ser submetidos a condições de verdade são interpessoais, por não fazerem parte de uma proposição.

Para Keizer (2019, p. 2), entretanto, há modificadores representacionais que não podem ser submetidos a condições de verdade, esse é o caso de dois grupos de modificadores: i) advérbios orientados para o sujeito “*subject-oriented adverbs*” (*inteligentemente, sabiamente, estupidamente*);²⁴ e ii) modificadores não restritivos.

Segundo a autora, esses modificadores “não contribuem para as condições de verdade da oração em que aparecem, mas meramente adicionam informação sobre o referente em questão” (Keizer, 2019, p. 2, tradução nossa).²⁵ Apesar de não se submeterem a condições de verdade, esses modificadores podem ser analisados no Nível Representacional, pois constituem um conteúdo proposicional separado que escapa as diversas camadas desse nível. São exemplos desses modificadores os casos incluídos em (50):

- (50) a Há sete de nós, meus três filhos, esposa, meu sogro, **minha velha mãe** e eu (Keizer, 2019, p. 18, grifos da autora, tradução nossa).
- b **Nossa simpática equipe** está aqui para garantir que você tenha uma excelente experiência (Keizer, 2019, p. 18, grifos da autora, tradução nossa).
- c A **prolífica** Toni Morrison voltou este ano com seu primeiro romance ambientado na atualidade (Keizer, 2019, p. 18, grifos da autora, tradução nossa).²⁶

Nesses casos, os adjetivos *velha*, *simpática* e *prolífica* não correspondem a restritores, mas a propriedades não intrínsecas de um referente. Quando há modificação não restritiva, os referentes são geralmente conhecidos, portanto o modificador não tem um papel no processo de identificação do referente. Apesar de serem modificadores semânticos, esses adjetivos não

²⁴ Esses modificadores não serão tratados aqui, pois não se aplicam a nomes próprios. Para uma discussão de sua natureza semântica, ver Keizer (2019).

²⁵ Cf. Original: “[*These, too,*] do not contribute to the truth conditions of the clause that they appear in, but merely add additional information about the referent in question” (Keizer, 2019, p. 2).

²⁶ Cf. Original:

a “*There were seven of us, my three kids, wife, my father-in-law, my old mother and me*” (Keizer, 2019, p. 18, grifos da autora).

b “*Our friendly staff is here to make sure that you have an outstanding experience*” (Keizer, 2019, p. 18, grifos da autora).

c “*The prolific Toni Morrison returned this year with her first novel set in the current time*” (Keizer, 2019, p. 18, grifos da autora).

são restritores, razão pela qual Keizer (2019) os analisa como Conteúdos Proposicionais (p_j) separados do Conteúdo Proposicional da oração (p_i):

(51) A **prolífica** Toni Morrison voltou este ano...

$(p_i: (\text{past } ep_i: (e_i: (f_i^c: [(f_i^l: \text{voltar } (f_i^l) (x_i)_A] (f_i^c)) (e_i)) (ep_i): (t_i) (ep_i)) (p_i))$

$(p_j: (f_j^c: [(f_j^l: \text{prolífica } (f_j^l)) (x_i)_U] (f_j^c)) (p_j))_{\text{Add}}$ (Keizer, 2019, p. 23)

Keizer (2019) afirma que

em vez de restringir a denotação de uma camada dentro de um Conteúdo Proposicional p_i , essa Propriedade funciona como um predicado não-verbal em um Conteúdo Proposicional dependente separado p_j , fornecendo informações adicionais sobre uma camada específica em p_i (neste caso, um Indivíduo) (Keizer, 2019, p. 23, tradução nossa).²⁷

García Velasco (2022) aborda esse tipo de modificação de forma diferente. Assim como Keizer (2019), o autor considera que modificadores não restritivos devem ser analisados no Nível Representacional, já que, composicionalmente, contribuem com a unidade da qual fazem parte; entretanto, eles fazem parte do mesmo Conteúdo Proposicional a que pertence o núcleo. A diferença entre modificadores restritivos e não restritivos reside no fato de os primeiros implicarem um padrão de comparação.

De maneira geral, modificadores restritivos como (52) implicam em um padrão de comparação, contextualmente dependente. Vejamos, na sequência, exemplos com nomes comuns, para depois discutirmos se a proposta é também viável para nomes próprios.

(52) Um menino alto

García Velasco (2022, p. 533) argumenta que *um menino alto* pode ser parafraseado por *ele é alto para um menino*. O autor menciona que o grau de altura ou tamanho, por exemplo, só é possível de ser determinado quando for considerado o nome que o modificador escopa:

²⁷ Cf. Original: “rather than restricting the denotation of a layer within a Propositional Content p_i , this Property functions as a non-verbal predicate in a separate, dependent Propositional Content p_j , providing additional information about a particular layer in p_i (in this case an Individual)” (Keizer, 2019, p. 23).

- (53) a Win é um menino de 14 anos alto.
 b Win é um jogador de basquete.
 c ?? Portanto: Win é um jogador de basquete alto (García Velasco, 2022, p. 533, tradução nossa).²⁸

O autor argumenta que (53c) não pode ser a conclusão de (53a-b). Como ser alto para um menino e ser alto para um jogador de basquete implicam diferentes gradações, adjetivos como *alto* são considerados vagos e contextualmente dependentes. De acordo com García Velasco (2022, p. 534, tradução nossa), “as propriedades particulares do padrão de comparação são fornecidas pelo contexto ou pelo conhecimento geral”.²⁹

Isso significa que, nas formalizações do modelo discursivo-funcional, é necessário incluir um esquema no Nível Representacional em que o padrão de comparação seja a entidade representada pelo nome que recebe o modificador. No caso de *o menino alto*, o padrão de comparação é *menino*, ou seja, um Indivíduo (x_j):

- (54) $(1x_i: [(f_i: \text{menino}_N(f_i))(x_i)): [(f_j: \text{alto}_A(f_j))(x_i)(x_j)_{\text{Standard}}])$

Esse tipo de análise, contudo, não pode se estender a nomes próprios, já que nesses casos não haveria um padrão de comparação. Em *o João alto*, por exemplo, não é possível interpretar *ele é alto para um João*. Mesmo que se considere uma paráfrase como *ser alto para uma pessoa chamada João*, não há nada no contexto que permita inferir que um conjunto de pessoas que compartilham o mesmo nome também compartilham uma altura padrão. Essa incompatibilidade dos nomes próprios com um padrão de comparação acontece justamente por ser nome compreendido como um item que evoca a um único referente sem que nenhuma propriedade seja atribuída a ele.

Em relação aos modificadores não restritivos, argumenta García Velasco (2022, p. 539), que eles não introduzem um padrão de comparação, que só seria necessário em casos de construção do referente. Conforme mencionado anteriormente, modificadores não restritivos envolvem a identificação e não a construção de novos referentes no discurso.

²⁸ Cf. Original: *Win is a tall 14-year old.*

Win is a basketball player.

??Therefore: Win is a tall basketball player (García Velasco, 2022, p. 533).

²⁹ Cf. Original: “*The particular properties of the standard of comparison are provided by the context or general knowledge*” (García Velasco, 2022, p. 534).

Outra proposta que considera as possibilidades de modificação dos nomes próprios no âmbito da GDF é a de Giomi (2020). O autor propõe que o lexema correspondente ao nome próprio seja o núcleo de uma Ação Lexical ‘*Lexical Deed*’ (D). Isso significa que

a inserção de um lexema em uma determinada posição de estrutura pragmática equivale a uma ação comunicativa que é realizada pelo falante na tentativa de influenciar o estado de informação do destinatário (Giomi, 2021, p. 214, tradução nossa).³⁰

Disso resulta a representação em (55):

(55) NI: (+id R_I: (D_I: João (D_I)) (R_I))

NR: (x_i)

No Nível Representacional, o autor mantém a ideia de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 237) de que os nomes próprios não denotam uma propriedade e, por isso, o Indivíduo é representado por núcleo ausente. Giomi (2020) aborda especificamente o problema da modificação de núcleos ausentes, como no caso de nomes próprios e proformas.

A definição de núcleo e modificadores de Hengeveld e Mackenzie (2008) é baseada na distinção entre primeiro e segundo restritores já presentes na Gramática Funcional de Dik (1997a, p. 151), na qual o núcleo é o primeiro restritor e o modificador, o segundo. No caso dos nomes próprios, em que o núcleo é ausente, nenhuma modificação restritiva seria possível, justamente porque, conseqüentemente, o segundo restritor se tornaria o primeiro, ou seja, o núcleo.

Para resolver o problema, Giomi (2020) descarta a suposição de que núcleos ausentes não possam ser modificados. Ao invés de assumir a distinção entre primeiro e segundo restritores, Giomi (2020, p. 27) propõe uma distinção entre especificações interna e externa de uma variável. Como uma especificação externa, um modificador não precisa ser anexado a uma especificação interna. Serafim (2022, p. 19) mostra que, embora a solução seja de fato válida para os casos de modificadores não restritivos, ela é ainda insuficiente para explicar os casos de modificadores restritivos, em que o nome funciona como uma variável contendo um núcleo. O que sustenta essa ideia é o fato de um nome modificado restritivamente poder ser retomado tal como um nome comum, conforme mostram os exemplos (56) e (57).

³⁰ Cf. Original: “the insertion of a lexeme in a given position of pragmatic structure amounts to a communicative action that is performed by the speaker in an attempt to influence the addressee’s information state” (Giomi, 2021, p. 214).

Apesar de haver uma caracterização metalinguística, ela não se aproxima do que Kleiber (1981) ou Katz (2001) consideram o significado de um nome. Para esses autores, o significado dos nomes em geral é um predicado *ser chamado /N/* (Kleiber, 1981) ou *X é um portador de N* (Katz, 2001). Na verdade, Serafim (2022, p. 20) entende que os lexemas do conjunto de primitivos das línguas podem ser usados principalmente como núcleos de Subatos de Referência, no Nível Interpessoal, ou, em determinados contextos, podem ser usados em uma posição associada ao nome comum, como núcleo de um Indivíduo, no Nível Representacional. Nesse segundo caso, ele deve ser compreendido como um caso de metalinguagem, ou de linguagem reflexiva (nos termos de Lucy (1993)), já que o que caracteriza o indivíduo não é uma propriedade lexical, mas um rótulo que se associa a ele. Esta tese, entretanto, rejeita a ideia mais geral de que unidades interpessoais possam aparecer de forma não usual no Nível Representacional para as análises de nomes próprios modificados restritivamente ou de argumentos de discurso citado como será explorado no Capítulo 5.

Ainda no âmbito dos usos não prototípicos de um nome, Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 117) reconhecem que o nome próprio pode se comportar gramaticalmente como um nome comum (59) ou mesmo ser utilizado predicativamente, após uma conversão (60).

(59) Tinha três Joões na festa (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 117, tradução nossa).³³

(60) Minha irmã Houdinizou-se para fora do armário fechado (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 117, tradução nossa).³⁴

Nesses casos, chamados pelos autores de metonímicos, os nomes devem ser interpretados, respectivamente, como *três indivíduos chamados João* em (59) e *minha irmã agiu de uma forma típica de alguém chamado “Houdini”* em (60). Nessas situações, Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 118) reconhecem que eles poderiam aparecer no Nível Representacional. No uso comum dos nomes próprios, contudo, eles são introduzidos no Nível Interpessoal como um Lexema que expressa o núcleo de um Subato de Referência. Será tarefa do Nível Fonológico integrar essa unidade no Enunciado.

Sobre esses processos de conversão, García Velasco (2009a, 2009b) afirma que a possibilidade de usar epônimos verbais, como em (61), depende do contexto.

³³ Cf. Original: “*There were three Johns at the party*” (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 117).

³⁴ Cf. Original: “*My sister Houdini’d her way out of the closet*” (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 117).

- (61) *Oh my, he's **Beckhamed** it!* (García Velasco, 2009a, p. 8) (= perder um pênalti como Beckham perdeu na Copa Europeia de Futebol de 2004).

O papel do contexto, de acordo com o autor, é guiar o ouvinte para a correta interpretação da expressão. Isso acontece porque o epônimo verbal pode, fora de contexto, receber múltiplas interpretações com base no que o ouvinte sabe sobre o indivíduo que porta o nome próprio originalmente e porque o significado da expressão pode mudar de contexto para contexto.

García Velasco (2009a) argumenta que esse tipo de criação de léxico tem suas raízes no que Clark e Clark (1979) consideram “cunhagem inovadora”, o que requer uma teoria em que falantes e destinatários construam significados cooperativamente.

Para Clark e Clark (1979), inovações como *he porched the paper*³⁵ ou *Houdini'd out of a locked closet*,³⁶ em inglês, não são expressões cujo significado pode ser recuperado apenas selecionando o sentido convencional correto dos lexemas. Ao contrário dos lexemas convencionais, essas expressões: i) têm vários sentidos; ii) são dependentes do contexto; e iii) requerem cooperação dos participantes para atingirem o significado pretendido. São essas três características que fazem com que os autores as classifiquem como *contextuais* “contextuals”.

Ao lidar com criações derivadas de nomes próprios Clark e Gerrig (1983) especificam que:

Em um processo centrado no epônimo, eles [os ouvintes] começam com as crenças que têm sobre o epônimo e constroem o significado pretendido em torno delas. E em um processo centrado no contexto, eles começam com o contexto e se aprofundam no que o significado pretendido plausivelmente poderia ser (Clark; Gerrig, 1983, p. 594, tradução nossa).³⁷

Em relação ao primeiro processo, os autores propõem uma hierarquia de restrições que os ouvintes devem seguir para recuperar o significado pretendido:

1. Identidade do epônimo
2. Atos do epônimo
3. Atos relevantes do epônimo
4. O tipo de ato referido.

³⁵ Ele entregou o jornal (= Ele jogou o jornal na varanda).

³⁶ Sair de um armário trancado como Houdini sairia.

³⁷ Cf. Original: “In an eponym-centered process, they [the listeners] begin with beliefs they have about the eponym and build the intended meaning around them. And in a context-centered process, they begin with the context and narrow in on what the intended meaning could plausibly be” (Clark; Gerrig, 1983, p. 594).

Se os destinatários exploram o contexto, eles podem procurar imediatamente nos atos relevantes do epônimo aquele que mais provavelmente está associado ao contexto dado.

García Velasco (2009a, 2009b, 2016) argumenta que o modelo da GDF é compatível com a noção de contextuais. Em primeiro lugar, porque os moldes sintáticos e os lexemas são vistos como primitivos separados, o que permite primeiramente a seleção de um molde e posteriormente a inserção do lexema. Ao lidar com epônimos verbais, primeiro o falante escolhe um molde de predicação relevante, pressionando, depois, um lexema para ocupar um *slot* desse molde. Assim, a interpretação será guiada não só pela informação linguística, mas também pelo contexto extralinguístico.

Ainda no âmbito teórico da GDF, Keizer (2008, p. 208–209) propõe um enfoque alternativo ao de Hengeveld e Mackenzie (2008) para explicar a categoria nome próprio. A autora postula que, se, por um lado, nomes próprios não atribuem de fato uma propriedade no Nível Representacional, por outro, dispõem de um conjunto de extensão mental, provavelmente diferente para cada falante, representado por todas as entidades referenciais conhecidas como *Pedro*, por exemplo.

Essa abordagem difere das de filósofos e linguistas que entendem o sentido do nome próprio como as descrições associadas ao referente mostradas no Capítulo 2. O que Keizer propõe, na verdade, é que os lexemas, na GDF, tenham um conjunto de extensões mentais, definido como “Todo o conjunto de entidades mentais para as quais, na visão do falante, aplica(m)-se a propriedade (ou propriedades) descrita pelo(s) lexema(s) usado(s) em uma expressão” (Keizer, 2008, p. 202, tradução nossa).³⁸ Para os nomes próprios, termos que não atribuem propriedades, essa definição significa que o conjunto de extensão mental é constituído por todos os indivíduos conhecidos por um determinado nome.

A consequência dessa posição é a de que a proposta que ela apresenta consiste numa representação semântica do nome próprio que não se define como uma categoria de núcleo ausente no Nível Representacional, isto é, um Indivíduo (x) na posição do nome, mas uma representação que contenha um núcleo lexical, no caso *Pedro* em (62), sem a propriedade (f) correspondente, o que normalmente se aplica a um nome comum, como *gato* em (63).

³⁸ Cf. Original: “The entire set of mental entities to which, in the view of speaker, the property (or properties) described by the lexeme(s) used in an expression applies (apply)” (Keizer, 2008, p. 202).

(62) Eu vi Pedro ontem.

NI: (R_i)

NR: (x_i: Pedro)

(63) O gato está em cima do muro.

NI: (R_i)

NR: (x_i: (f_i: gato (f_i)) (x_i))

A ausência de uma propriedade reflete o fato de o nome próprio não conter nenhum conteúdo descritivo, diferentemente do nome comum em (63), em que o indivíduo *gato* contém a propriedade *ser gato*. Essa posição se assemelha às de autores cujas concepções se assentam em Mill (1868), para quem os nomes comuns, além de se referirem a entidades, também conotam uma série de propriedades associadas a elas, enquanto nomes próprios apenas referem sem atribuir propriedades.

A princípio, as abordagens de Keizer (2008) e Hengeveld e Mackenzie (2008) são distintas por localizarem os nomes próprios em níveis diferentes. Para Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 117), eles fazem parte do conjunto de Lexemas inseridos no Nível Interpessoal; já para Keizer (2008), os nomes próprios estão contidos no conjunto dos Lexemas que operam no Nível Representacional, já que, como um elemento linguístico, o nome próprio é geralmente o primeiro restritor. Entendemos, entretanto, que os nomes próprios devem figurar no conjunto de lexemas interpessoais, uma vez que eles não contêm um significado. Os significados associativos atribuídos por Keizer (2008) aos nomes próprios nada mais são do que significados dependentes do contexto em alguma medida, o que não garante que os nomes figurem no conjunto de lexemas representacionais.

Além de localizar os nomes próprios como Lexemas do Nível Representacional, Keizer (2008) apresenta a possibilidade de serem empregados como um Subato de Atribuição.

(64) Eu sou Pedro.

NI: (R_i) (T_i)

NR: (x_i) (x_j: Pedro (x_j)) (Adaptado de Keizer, 2008, p. 209).

Na sentença em (64), o falante não deseja equacionar duas entidades de primeira ordem, mas atribuir uma propriedade ao referente na posição de sujeito. Keizer (2008, p. 208–209) afirma que, nesse caso, o nome próprio funciona como “um tipo especial de atribuição”,

instruindo o ouvinte a associar o rótulo *Pedro* a uma entidade do discurso existente. Isso significa expandir o conjunto de extensão do lexema *Pedro* para incluir o referente de *eu*.

A autora também afirma que, em aposições restritivas no inglês, o nome comum e o nome próprio constituem expressões atributivas, restando apenas ao sintagma como um todo a tarefa de referenciar. Serafim (2019) verificou que, no português, as aposições restritivas se comportam de forma similar.

- (65) NI: (+id R_i: (T_i) (T_j) (R_i))
 NR: (x_i: (f_i: presidente (f_i)) : (x_j: Lula (x_j)) (x_i))
 O ex-presidente Lula (Serafim, 2019, p. 111).

- (66) NI: (+id R_i: (T_i) (T_j) (R_i))
 NR: (l_i: (f_i: cidade (f_i)) : (l_j: São Paulo (l_j)) (l_i))
 A cidade de São Paulo (Serafim, 2019, p. 111).

Embora os dois elementos possam ser empregados individualmente para se referirem à mesma entidade da aposição como um todo, quando estão presentes na construção apositiva eles constituem igualmente Subatos de Atribuição, ao evocarem uma propriedade e um rótulo que constroem em conjunto um único referente. Nesses casos, o operador de identificabilidade tem escopo sobre a construção como um todo, ou seja, sobre o Subato de Referência.

Outro caso em que o nome próprio não atua referencialmente é quando está na posição de “argumento de discurso citado” (Hengeveld, 1992, p. 43–45), o que Lyons (1977) chama de “nomeação didática” como mostrado anteriormente.

- (67) Esse menino se chama Pedro (Hengeveld, 1992, p. 43, tradução nossa).³⁹
 (68) Nós chamamos esse menino de Pedro (Hengeveld, 1992, p. 43, tradução nossa).⁴⁰

Nesses casos, Hengeveld (1992, p. 43–44) afirma que uma alteração tipográfica, como o uso de aspas, pode indicar a natureza desse argumento:

³⁹ Cf. Original: “*Die jongen heet Peter*” (Hengeveld, 1992, p. 43).

⁴⁰ Cf. Original: “*We noemen die jongen Peter.*” (Hengeveld, 1992, p. 43).

- (69) Esse menino se chama “Pedro” (Hengeveld, 1992, p. 44, tradução nossa).⁴¹
- (70) Nós chamamos esse menino de “Pedro” (Hengeveld, 1992, p. 44, tradução nossa).⁴²

Os verbos *chamar-se* e *chamar* assemelham-se, para o autor, a verbos *dicendi*, verbos usados para reportar um discurso direto.

Como as aspas sugerem, os verbos *heten* ‘chamar-se’ e *noemen* ‘chamar’ têm de fato mais em comum com verbos de atos de fala usados em relatos de discurso direto do que com verbos copulares. O ato de fala específico descrito é o de nomear ou chamar. “Pedro” (o nome) é a palavra que se pronuncia quando se chama Pedro (a pessoa) (Hengeveld, 1992, p. 44, tradução nossa).⁴³

Güldemann (2008), em um estudo sobre índices de citação em línguas africanas, afirma que diversas línguas exigem o uso de uma marca de citação em construções nomeadoras que tem as noções semânticas de “chamar, nomear, rotular”.

- (71) Anywa (Reh, 1996, p. 495 apud Güldemann, 2008, 400)

<i>mānādúɔŋ</i>	<i>còʔl</i>	<i>ní</i>	<i>ɲikáaŋʃ</i>
o.grande	chamar:IP	Q	PN
‘O mais velho chamava Nyikang’.			

O exemplo (71) envolve a presença de um predicado *còʔl* (chamar), um marcador de citação *ní* e um nome próprio *ɲikáaŋʃ*. Güldemann (2008, p. 399) afirma que

a afinidade estrutural entre DR [Discurso Reportado] no sentido estrito e nomeação/rotulagem baseia-se no fato de que ambas exploram a função autorreflexiva da linguagem envolvendo a distinção uso/menção. Ambos envolvem sinais linguísticos (a citação ou o nome) que identificam ou "mencionam" entidades do mundo linguístico, em vez de se referirem a fenômenos no mundo objeto (Güldemann, 2008, p. 399, tradução nossa).⁴⁴

Hengeveld (1992) fornece uma análise de acordo com a Gramática Funcional (Dik, 1989) para essas construções.

⁴¹ Cf. Original: “*Die jongen heet ‘Peter’.*” (Hengeveld, 1992, p. 44).

⁴² Cf. Original: “*We noemen die jongen ‘Peter’.*” (Hengeveld, 1992, p. 44).

⁴³ Cf. Original: “*As the quotation marks suggest, the verbs *heten* ‘be called’ and *noemen* ‘call’ have in fact more in common with speech act verbs used in direct speech reports than with copular verbs. The particular speech act described is one of naming or calling. “Peter” (the name) is the word one utters when calling Peter (the person)*” (Hengeveld, 1992, p. 44).

⁴⁴ Cf. Original: “*the structural affinity between RD in the narrow sense and naming/labeling is based on the fact that both exploit the self-reflexive function of language involving the use/mention distinction. Both involve linguistic signs (the quote or the name) which identify or “mention” entities of the linguistic world instead of referring to phenomena in the object world*” (Güldemann, 2008, p. 399).

(72) $(e_i: [hetenv(x_i: 3.sg(x_i)_\theta) (E_i: [Peter] (E_i)_\theta)_{Go}] (e_i))$ (Hengeveld, 1992, p. 45).

A representação da sentença *Hij heet Peter* (Ele se chama Peter) mostra que o nome próprio é um ato discursivo, instanciado pela variável E (oração) na GF e que hoje, na GDF, seria instanciado por A (Ato Discursivo). Ele é, nesse caso, o argumento Meta “Goal” (Go) do verbo *heten* (chamar-se), na GDF instanciado por Undergoer (U), e, assim como *Hij*, é também um argumento do mesmo verbo.

É preciso destacar que esses casos diferem do que Kleiber (1981) entende por predicado de denominação. Não se trata, pois, de encaixar um predicado, mas sim uma citação no molde de predicação de *chamar-se*.

Como vimos na Seção anterior, Kleiber (1981) entende que o nome próprio corresponderia à fórmula *ser chamado* /N/, incompatível com um discurso citado, conforme propõe Hengeveld (1992), conforme mostra (26), aqui repetido por conveniência como (73).

- (73) a Eu me chamo Sócrates.
b *Eu me chamo um indivíduo chamado Sócrates.

O exemplo (73) mostra que não é possível usar um predicado de denominação nesse caso, inadequação que, para a GDF, resulta da impossibilidade de ter sob o escopo de um discurso citado uma Propriedade Configuracional ou qualquer outra categoria semântica. Nesse caso, admite-se apenas um Ato Discursivo, representado pelo nome próprio.

Aqui se encerra esse rápido percurso pelos trabalhos que tratam da categoria dos nomes próprios de modo mais geral ou por aqueles que tratam alguns aspectos mais específicos dos usos dos nomes próprios. Essa discussão permite deduzir que, para a GDF, um nome próprio prototípico é referencial, inerentemente definido e específico, e vazio de conteúdo semântico. Todavia, usos mais periféricos, ou menos prototípicos, podem tornar o nome próprio ser atributivo, como mencionam Keizer (2007, 2008), Lemson (2016) e Serafim e Camacho (2020) para aposições restritivas, e Serafim (2022) para construções de nomeação. Além dessas situações, há outras em que podem receber modificação restritiva (Giomi, 2020; Serafim, 2022) e ainda se converter em nomes comuns (García Velasco, 2009a, 2009b). É com o objetivo de resolver alguns dos problemas levantados, que propomos, então, nos Capítulos 5 e 6, fazer uma descrição exhaustiva dos usos do nome próprio na gramática do português com suficiente abrangência para se capaz de embasar uma proposta de categorização dos nomes próprios na

GDF. Antes disso, porém, apresentamos, no Capítulo seguinte, os materiais e métodos que fundamentam os resultados.

4 Procedimentos metodológicos

4.1 A amostra

Os dados de base desta investigação são constituídos por uma amostra de sintagmas nominais nucleados ou modificados por nomes próprios no português, extraída de 36 textos de 12 edições da revista de circulação semanal *CartaCapital*.⁴⁵

Os textos que compõem a amostra pertencem aos gêneros Reportagem, Editorial e Opinião. Os gêneros em si não constituem um critério de análise; na realidade, a seleção deles teve a finalidade de dar à amostra uma unidade temática, especialmente porque esses três gêneros ocorrem regularmente em todas as edições do semanário. Os Quadros 1, 2 e 3 relacionam os números das revistas, os tipos de textos e as respectivas páginas de publicação.

Quadro 1 – Seleção de reportagens

Nº	Reportagem, Jornalista	Páginas
856	Troque um trem por uma rima, Rodrigo Casarin	10–11
857	Predadores letais, Lorenzo Simoncelli	10–11
858	A dama do butô, Alvaro Machado	10–11
859	A menina que doa livros, Wanezza Soares	14–15
860	De bar em bar, Rodrigo Casarin	14–15
861	Farinha, forró e moda de viola, Matheus Carvalho Resende	10–11
862	Ninão, o gigante adormecido, Dionara Melo	10–11
863	Par ou ímpar, Ivã Gouvêa Bocchini	10–11
864	Por entre as árvores, Cinthia Rodrigues	10–11
865	Sabor da terra, Rodrigo Casarin	12–13
866	Águas sem vida, Dal Marcondes	8–9
867	À flor da pele, Rodrigo Casarin	10–11

Fonte: Serafim (2019, p. 58).

⁴⁵ Utilizou-se a mesma amostra em trabalhos anteriores em nível de Iniciação Científica e de Mestrado.

Quadro 2 – Seleção de editoriais

Nº	Editorial	Página
856	À imitação de Jim Jones, Mino Carta	16–17
857	As agruras do jornalismo honesto, Mino Carta	14–15
858	Sonho de inverno, Mino Carta	16–17
859	O estadista solitário, Mino Carta	28–29
860	E agora, a lista do HSBC, Mino Carta	18
861	Respeite-se a Constituição, Mino Carta	20–21
862	Cadê a esquerda?, Mino Carta	14
863	A fênix nativa, Mino Carta	14
864	Tragicomédia, Mino Carta	14
865	Mas se a política econômica não muda..., Mino Carta	20–22
866	Só mesmo por aqui, Mino Carta	12
867	Ódio? Sim, de classe, Mino Carta	14

Fonte: Serafim (2019, p. 58).

Quadro 3 – Seleção de textos de opinião

Nº	Opinião, Colunista	Página
856	Tempo nublado, Afonsinho	64
857	A visão moral de mundo, Vladimir Safatle	41
858	Em Brasília, Afonsinho	65
859	Uma questão de poder, Vladimir Safatle	43
860	Enquanto isso..., Afonsinho	72
861	Quem são os proletários?, Vladimir Safatle	35
862	A solução Abílio Diniz, Afonsinho	64
863	O crime perfeito, Vladimir Safatle	27
864	Perda de tempo, Afonsinho	64
865	Depois das utopias, Vladimir Safatle	19
866	O elogio do drible, Afonsinho	72
867	A casta contra o povo, Vladimir Safatle	34

Fonte: Serafim (2019, p. 59).

Na referência dos dados, o número da revista, a letra inicial do tipo de texto (R para reportagens, E para editoriais e O para textos de opinião) e a(s) página(s) em que eles se encontram estão inseridos entre parênteses ao final da citação de cada ocorrência. Por exemplo, para fazer referência a uma ocorrência retirada do texto *A visão moral de mundo*, de Vladimir Safatle, insere-se (857 O 41), indicando, portanto, que a origem dele é o número 857, o gênero é de opinião, e a ocorrência respectiva se localiza na página 41 da edição impressa.

Obtiveram-se, desse conjunto de textos, 1095 casos de sintagmas nucleados ou modificados por nomes próprios,⁴⁶ que, ao fim e ao cabo, constituem a amostra a que se aplicou a análise, baseada num conjunto de critérios pragmáticos, semânticos e morfossintáticos, que foram operacionalizados por meio de grupos de fatores e processados pelo *software* de regra variável *GoldVarb X* (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). Embora o programa seja amplamente utilizado na sociolinguística para processamento estatístico, seu uso se restringe, nesse trabalho, à quantificação de ocorrências e ao cruzamento dos critérios de análise.

Para ilustrar casos não encontrados na amostra principal, mas que são atestados na literatura sobre nomes próprios, recorre-se ao Corpus do Português *Web/Dialects* (Davies, 2016), que permite a busca por termos e padrões morfossintáticos em blogs e páginas de internet. Como a busca pela *tag* NAME é inconclusiva, já que há mais resultados do que é possível processar, a busca foi restringida pela definição de nomes geralmente utilizados em língua portuguesa, como João, Maria, Pedro, Mariana etc., ou de nomes de pessoas conhecidas, como Lula, Bolsonaro etc., antecédidos ou seguidos por *tags* correspondentes a artigo definido, artigo indefinido, adjetivo. Ou seja, se a intenção era buscar uma ocorrência de nome antecedido de artigo e de adjetivo, utilizou-se a sequência *ART ADJ João*. O Corpus do Português *Web/Dialects* contém aproximadamente 1 bilhão de palavras e reúne textos de internet de quatro países lusófonos (Brasil, Portugal, Moçambique e Angola); contudo, restringimo-nos apenas a ocorrências de português brasileiro.

4.2 Hipóteses, perguntas de pesquisa e critérios de análise

Conforme mencionado no Capítulo 1, esta pesquisa tem um duplo objetivo: i) descrever os usos do nome próprio na gramática do português; e ii) apresentar uma proposta de identificação e de categorização dos nomes próprios na Gramática Discursivo-Funcional (GDF).

Os objetivos específicos, que subjazem a esses mais gerais, são: i) verificar se, em usos reais, um nome próprio sempre atua referencialmente; ii) determinar que estratégia adotar para identificar o modo como o nome próprio opera no Nível Representacional; iii) estabelecer os níveis e camadas sobre os quais incide a modificação do nome próprio e que relevância teórica essa distribuição tem para identificar o conceito de nome próprio; iv) identificar que fatos da

⁴⁶ Para os fins desta tese, não foram coletados e analisados nomes próprios em função vocativa.

formulação têm consequências relevantes para a codificação morfossintática do Sintagma Nominal (Np) do qual o nome próprio faz parte.

Com base nesses objetivos, três principais perguntas de pesquisa foram elaboradas:

- i) ao compor um Conteúdo Comunicado, o nome próprio no português é um Subato de Referência ou um Subato de Atribuição?
- ii) como se manifesta a contraparte do nome próprio no Nível Representacional nos casos de referência e atribuição?
- iii) se houver modificação do nome próprio, sobre que níveis e camadas ela incide?

Subjazem a essas perguntas as seguintes hipóteses:

- i) o nome próprio pode ser, além de núcleo de um Subato de Referência, o núcleo de um Subato de Atribuição no interior do Conteúdo Comunicado;
- ii) no Nível Representacional, o nome próprio pode ou não constituir o núcleo lexical de uma categoria semântica se for referencial, mas sempre constitui o núcleo lexical de uma categoria semântica se for atributivo;
- iii) um nome próprio pode receber modificação no Nível Interpessoal, quando for núcleo de um Subato de Referência, ou no Nível Representacional, quando for núcleo de uma categoria semântica.

Para responder a essas perguntas e verificar a validade das hipóteses, utilizam-se sete critérios de natureza pragmática, semântica e morfossintática, operacionalizados de acordo com o modelo teórico da GDF.

Conforme mostra a literatura, os nomes próprios são geralmente descritos como categorias cuja função é fazer referência a um indivíduo, um lugar, um tempo etc., passíveis de serem identificados de forma única. Há casos, entretanto, em que, conforme admitem alguns autores, não há uma referência, como em atos nomeação (Anderson, 2003, 2004, 2007; Lyons, 1977). Dentro do modelo teórico da GDF, essa divergência implica verificar se os nomes constituem, no Nível Interpessoal, um Subato de Referência ou de Atribuição no interior de um Conteúdo Comunicado. O primeiro critério de análise, portanto, identifica os casos em que o nome próprio (i) evoca um referente, como em (74); (ii) evoca uma propriedade ou um conjunto de propriedades associados a um referente, como em (75a-b).

- (74) **Pedro** deixou o livro na mesa.
- (75) a Ela se chama **Maria**.
- b Amsterdam é a **Veneza** do norte.

Em (74), emprega-se o nome próprio *Pedro* para evocar um referente no discurso, uso que, como visto anteriormente, é previsto pela GDF como um Subato de Referência. Já em (75a), o nome próprio *Maria* evoca um rótulo associado a uma entidade referenciada anteriormente (*ela*). Considera-se, portanto, que a rotulação de uma entidade previamente referenciada consiste numa espécie mais rara de atribuição; em (75b), *Veneza* não evoca um referente, ou seja, a cidade italiana de Veneza, mas uma propriedade atribuída ao referente, que, nesse caso específico, é Amsterdam. É do conhecimento geral que Veneza é uma cidade cruzada por inúmeros canais, e é justamente a propriedade *ser uma cidade constituída por canais* que se evoca por meio do nome próprio *Veneza*. Faz-se, portanto, uma classificação do referente de Amsterdam como uma cidade construída em torno de seus canais, mas localizada no norte da Europa.

Conforme mencionado anteriormente, as descrições na literatura, de modo geral, postulam um caráter inerentemente definido ao nome próprio, já que a base de sua categorização se assenta no fato de ser ele um termo que se refere a um indivíduo único. Há casos, entretanto, em que o nome pode não ser identificável para o ouvinte, como em *Tem um João na minha turma*. Para a GDF (Hengeveld; Mackenzie, 2008), identificabilidade e especificidade têm natureza interpessoal. Como vimos, um referente pode ser mais ou menos identificável para o Destinatário e mais ou menos específico para o Falante. O segundo critério identifica, portanto, os contextos em que se aplicam diferentes operadores ao Subato de Referência concernente ao nome próprio. Como esses operadores escopam apenas o Subato de Referência, naturalmente o critério não se aplica aos casos em que o nome próprio corresponde a outras categorias da GDF.

O Capítulo 2 também mostra que os nomes próprios se comportam de maneira diferente nas mais diversas línguas, a depender do tipo de construção em que ele aparece. Anderson (2003; 2004; 2005) mostra, por exemplo, que em grego, os nomes que fazem parte de predicados de nomeação são não referenciais e, portanto, nem definidos nem indefinidos; já nomes na função de argumento de outras predicções são referenciais e definidos. O estudo tipológico de Van Langendonck (2007), por seu lado, mostra que ser parte de uma aposição restritiva é um critério de definição de nomes próprios. Esses dois estudos apontam para a

relevância teórica que tem analisar em que tipo de construção os nomes aparecem; é com base nisso, portanto, que o terceiro critério investiga, no Nível Representacional, se o nome é: i) argumento de uma predicação (76); ii) argumento citativo de predicções (77); iii) modificador de uma predicação (78); iv) argumento nominal (79); v) modificador nominal (80); vi) aposto não restritivo (81); vii) aposto restritivo (82).

(76) O **João** chegou.

(77) Ele se chama **João**.

(78) Ele chegou na festa **com o João**.

(79) O braço do **João**.

(80) A casa do **João**.

(81) O meu melhor aluno, o **João**, esqueceu de fazer a tarefa hoje.

(82) O professor **João** deu muitas tarefas hoje.

Segundo diversos autores (Seppänen, 1971; Sorensen, 1958; Vandelanotte; Willemse, 2002), por ser inerentemente identificável, um nome é incompatível com especificações adicionais formuladas por meio de modificadores. Em caso de modificação restritiva, geralmente as descrições do português consideram os nomes próprios como o resultado de uma conversão para nome comum (Bechara, 2009; Camacho; Hattner; Gonçalves, 2008; Castilho, 2010; Cunha; Cintra, 2010; Neves, 2011). Para a GDF, quaisquer camadas dos Níveis Interpessoal e Representacional podem receber modificadores, exceto as de núcleo ausente. O quarto critério de análise examina, portanto, a possibilidade de modificação do nome próprio nesses níveis, ao procurar determinar se: (i) o modificador é uma expressão de atitude subjetiva do falante em relação à entidade referida, instanciada no Nível Interpessoal, como em (83); (ii) o modificador é não restritivo, não se submetendo, portanto, a condições de verdade, e não exprime uma atitude do falante, sendo assim analisado como um Conteúdo Proposicional separado no Nível Interpessoal (84);⁴⁷ (iii) o modificador é restritivo, submetendo-se, portanto, a condições de verdade, e escopa a entidade denotada no Nível Representacional, como em (85).

(83) O **pobre João** foi demitido ontem.

(84) O **excelente João** chegou para resolver a questão.

⁴⁷ Cf. Keizer (2019) para análise desse tipo de modificador na GDF.

(85) A **Maria loira** foi bem na prova.

Como se observa em (83), como o modificador *pobre* expressa a empatia do falante pelo referente, ele tem escopo sobre o Subato de Referência no Nível Interpessoal, conforme preveem Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 237). Em (84), o modificador *excelente* não é restritivo, dando apenas uma informação adicional sobre o referente, ele não contribui para as condições de verdade da sentença; deve ser analisado, em razão disso, como um conteúdo proposicional diferente do conteúdo proposicional da sentença como um todo. Já em (85), *loira* expressa uma característica da entidade denotada, restringindo-a, ou seja, para o conjunto de pessoas chamadas Maria, o falante faz referência a uma com cabelos loiros; consequentemente, o escopo do modificador deve incidir sobre o Indivíduo (x).

No Nível Representacional, a modificação pode operar ainda sobre duas camadas diferentes, a do Indivíduo e a da Propriedade Lexical. No primeiro caso, denominado *modificação do referente*, o modificador especifica propriedades da entidade como um todo; no segundo caso, denominado *modificação da referência*, o modificador especifica subpropriedades da propriedade expressa pelo nome. Os exemplos em (86–88), retirados de Hengeveld (2008), exemplificam os tipos de modificadores nos níveis Interpessoal e Representacional:

(86) Atitude subjetiva

Ai meu Deus, o pobre médico ia me falar os resultados (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 49, tradução nossa).⁴⁸

(87) Modificação do referente

Tinha eu me deparado com essa espécie raríssima, uma que a maioria das pessoas pensava estar extinta no mundo ocidental: um médico pobre? (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 49, tradução nossa).⁴⁹

(88) Modificação da referência

Um médico, dentista ou enfermeiro pobre pode causar grande dano a um paciente em 16 minutos, quanto mais em 16 semanas (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 49, tradução nossa).⁵⁰

⁴⁸ Cf. Original: “*Oh my god, the poor doctor was going to just tell me the results!*” (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 49).

⁴⁹ Cf. Original: “*Had I run into the rarest of species, one most people would have thought was extinct in the western world: a poor doctor?*” (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 49).

⁵⁰ Cf. Original: “*A poor doctor, dentist or nurse can cause huge harm to a patient in 16 minutes let alone 16 weeks.*” (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 49).

Em (86), o falante expressa sua simpatia pelo médico. Em (87), *pobre* expressa uma característica da entidade, ou seja, existe um médico tal, que esse médico é pobre. Já em (88), atribui-se o adjetivo *pobre* não ao indivíduo, mas à propriedade *ser médico*, isto é, o indivíduo é pobre, na leitura de “incompetente”, no que diz respeito a seu valor enquanto médico.

Outra característica atribuída ao nome próprio na literatura é a de fazer referência a um único indivíduo. Por essa razão, diversas gramáticas assumem que a pluralização ou a quantificação requerem, conforme já mencionado, também uma conversão de nome próprio para comum (Bechara, 2009; Castilho, 2010; Cunha; Cintra, 2010; Neves, 2011), como mostram (89) e (90). Como pluralização e quantificação são fenômenos semânticos, o quinto critério investiga se há ou não os respectivos operadores dessas categorias no Nível Representacional, o que permite identificar em quais contextos eles podem aparecer.

(89) Há **três Marias** na sala.

(90) **Os Joões** costumam ser alunos bagunceiros.

O exame do fenômeno no Nível Morfossintático requereu como sexto critério de análise determinar a constituição do Np em relação a modificadores à direita e à esquerda do nome próprio. Cruzar estatisticamente esse critério com os de natureza pragmática e semântica permite estabelecer uma correlação (se houver) entre os tipos de Subatos no NI e sua constituição no NR e a codificação morfossintática dos Nps em que os nomes próprios ocorrem.

Além disso, o sétimo critério investiga a presença de artigo (in)definido na codificação do Np. Se nomes próprios são inerentemente identificáveis [+id], o objetivo da inclusão desse critério é verificar quais os contextos em que a identificabilidade é morfossintaticamente codificada por meio de um artigo definido. É preciso lembrar que muitas descrições do português relacionam a presença ou a ausência de um artigo definido a uma questão de variação regional por não haver uma clara motivação funcional para essa determinação. Há, porém, situações em que, segundo Sedrins (2017, p. 241), seu uso deixa de ser opcional e passa a ser obrigatório:

(91) a **João** chegou.

b **O João** chegou.

- (92) a **O João** que mora na casa amarela vai se mudar.
 b ***João** que mora na casa amarela vai se mudar.

Em (91a-b) o nome próprio, em seu uso referencial e sem modificadores, pode estar ou não acompanhado de um artigo; já em (92a-b), em que o nome ainda é referencial, mas recebe o modificador restritivo *que mora na casa amarela*, a inserção do artigo é obrigatória, uma vez que, se por um lado, o exemplo cumpre a característica básica da categoria de denotar unicamente um indivíduo, por outro, a reiteração do mesmo nome a diferentes entidades requer alguma especificação referencial. Nesses casos, como se presume haver mais de uma entidade nomeável por *João*, torna-se necessário o emprego do modificador restritivo e, consequentemente, a inserção do artigo definido (Sedrins, 2017, p. 241).

Um resumo dos critérios pode ser encontrado no Quadro 4.

Quadro 4 – Critérios de análise

NÍVEL	CRITÉRIO
NÍVEL INTERPESSOAL	Função dos nomes: Referencial ou Atributivo
NÍVEL INTERPESSOAL	Identificabilidade: [+id] ou [-id]
NÍVEL REPRESENTACIONAL	Tipo de construção:
NÍVEIS INTERPESSOAL E REPRESENTACIONAL	Escopo/tipo da modificação: modificador do NI, modificador não restritivo do NR, modificador restritivo do NR
NÍVEL REPRESENTACIONAL	Pluralização/quantificação: sim ou não.
NÍVEL MORFOSSINTÁTICO	Constituição do Np: (Det) Mod + Substantivo, (Det) Substantivo + Mod
NÍVEL MORFOSSINTÁTICO	Uso de artigo: obrigatório ou não obrigatório

Fonte: elaborado pela autora.

O Capítulo 5 apresenta os resultados da análise e da descrição dos tipos de nomes próprios encontrados na amostra e é com base neles que se propõe uma classificação dos usos de nomes próprios na medida em que eles perdem traços de nome próprio prototípico.

A esse propósito, conforme mencionado no Capítulo 2, os nomes próprios podem caracterizar-se, em termos mais gerais, com base nos seguintes traços:

1. Nomes próprios são referenciais.
2. Nomes próprios não têm um conteúdo descritivo.
3. Nomes próprios são inerentemente definidos, propriedade que, no português, pode ser codificada por um operador de identificabilidade, pelo artigo definido, por uma palavra gramatical caracteristicamente aplicável a nomes comuns tratados como entidades dadas, mas que só se aplicam facultativamente aos nomes próprios.

Além de uma classificação dos usos, será possível identificar em que medida a ausência de uma propriedade leva também à ausência de outra(s), o que permite ultrapassar o nível da adequação puramente descritiva desses usos, para atingir um grau de adequação explanatória da categoria dos nomes próprios.

Como visto anteriormente, a GDF identifica o nome próprio como um termo que pode ter referência, mas não sentido, cuja implicação mais óbvia é situar sua instanciación no Nível Interpessoal, como um Subato de Referência de núcleo lexical e, no Nível Representacional, como uma camada de núcleo ausente. Os diversos usos dos nomes próprios, contudo, indicam que essa definição é geral e aceitável, mas não suficiente para capturar outras distinções Interpessoais e Representacionais. Os critérios estabelecidos nesta Seção permitem esquadrihar justamente os mais diversos comportamentos dessa categoria, a ser realizada no Capítulo 5, para que seja possível, no Capítulo 6, discutir e propor uma categorização dos nomes próprios tanto na gramática do português, quanto na GDF, identificando, além do proposto, outros usos deles igualmente compatíveis com o arcabouço teórico adotado.

5 O uso e a distribuição quantitativa dos nomes próprios na amostra

5.1 Apresentação geral dos dados da amostra

Nesta seção, apresentamos uma descrição geral dos nomes próprios da amostra com base no cruzamento dos critérios definidos no capítulo anterior. Como mostraremos na sequência, o procedimento de quantificação permite verificar a frequência de ocorrência dos nomes em seus mais diversos usos, além de confirmar ou rejeitar tendências já verificadas na literatura.

O primeiro critério aplicado à amostra identifica que função um nome próprio exerce no contexto, a de referenciar, a de evocar um conjunto de propriedades ou a de rotular uma entidade. Do total de ocorrências, 90,3% (989/1095) contêm nomes próprios usados para evocar um referente (93), resultado já esperado, uma vez que essa é a função prototípica de um nome próprio, conforme descreve toda a literatura. Identificaram-se ainda 9,7% (106/1095) de nomes próprios que evocam propriedades (94) ou um rótulo atribuído a entidades previamente identificadas (95).

- (93) **Andréia Garcia** encara, porém, o desafio com humor, movida pela crença de que os livros melhoram a vida dos leitores (*CartaCapital*, 856 R 10–11).
- (94) Independentemente das crises, há sempre liberais dispostos a ser um **Leibniz** das finanças e falar que este é o melhor mundo possível (*CartaCapital*, 865 O 19).
- (95) Conheci outro personagem durante a minha estada por lá, um cão sem nome, que apelidei de **Baleia**. O cachorro de cerca de 2 anos de vida, raquítico, extremamente frágil e com pouco pelo, tinha sido infestado por carrapatos e outros parasitas quando ainda filhote e quase morreu (*CartaCapital*, 861 R 10–11).

Em (93), o nome *Andreia Garcia* apenas evoca um referente inerentemente identificável sem denotar nenhuma propriedade, diferentemente do que acontece em (94), em que *Leibniz* é usado metaforicamente para evocar um conjunto de propriedades associado a um indivíduo popularmente conhecido. Já em (95) o nome *Baleia* não é referencial, o que é evidenciado pela impossibilidade de retomá-lo por meio de um pronome pessoal, conforme a paráfrase em (96).

- (96) a Conheci outro personagem durante a minha estada por lá, **[um cão sem nome]_i**, que apelidei de Baleia. **[Ele]_i** tinha cerca de 2 anos de vida, raquítico, extremamente frágil e com pouco pelo [...].
- b ? Conheci outro personagem durante a minha estada por lá, um cão sem nome, que apelidei de **Baleia_i**. **[Ela]_i** tinha cerca de 2 anos de vida, raquítico, extremamente frágil e com pouco pelo [...].

Na verdade, *Baleia* apenas atribui um rótulo a um indivíduo identificado previamente, pelo sintagma *um cão sem nome*. Apenas esse sintagma pode ser tomado na sequência textual, como mostra (96a) e não o nome *Baleia*, como mostra (96b).

Conforme se mostrou na Seção 2.4, os exemplos (93) e (95) se enquadram na descrição de Lyons (1977) sobre os nomes próprios, mediante a terminologia *função referencial* e *função apelativa* (*subtipo nomeação didática*), respectivamente. Embora a definição de nome próprio do autor, ao mesmo tempo, como um item referencial e sem significado lexical, esteja na base da categorização de nomes próprios na GDF, Hengeveld e Mackenzie (2008) não descrevem os casos de nomeação como (95). Já exemplos como (94) são geralmente tratados sob o rótulo de *conversão* de um nome próprio para um nome comum. Esses casos serão retomados na Seção 5.2, em que se apresenta uma análise discursivo-funcional dos nomes próprios no português.

O segundo critério verifica a natureza identificável do nome próprio, expressa, na GDF, pela presença de um operador de (não) identificabilidade. Naturalmente, por se tratar de um operador que escopa um Subato de Referência, aplicou-se esse critério apenas a casos em que nomes próprios são referenciais. Nesse conjunto, nota-se a inserção de operadores de não identificabilidade [-id] apenas em 0,3% (3/989) das ocorrências referenciais (97).

- (97) a Em 2005, o disco foi entregue ao STF pela PF dirigida por Lacerda, que no segundo mandato de Lula se transferiria para a Abin, substituído por **um duvidoso Luiz Fernando Corrêa** (*CartaCapital*, 860 E 18).
- b No entanto, o que Europa quer é fazer naufragar o governo grego, pois este é seu maior medo: **uma Europa não mais controlada pela camarilha financeira que determina atualmente suas ações** (*CartaCapital*, 857 O 41).
- c Um colunista nativo clama contra “a monstruosidade herética” com que Evo Morales, “protoditador da Bolívia”, presenteou “o argentino Bergoglio”: **um Cristo “que suja as mãos com o sangue de 150 milhões de crucificados”** (*CartaCapital*, 859 E 28–29).

Comum às ocorrências em (97) é a presença de modificadores que acompanham o nome próprio, razão pela qual é licenciada a inclusão de um artigo indefinido codificando a não

identificabilidade do referente. Van Langendonck (2007, p. 176) comenta que há casos em que o uso de um artigo indefinido não implica a perda da função de referência individual, uma característica do nome próprio, como é o caso de (97a), em que se faz de fato referência a um indivíduo e lhe atribui uma característica específica. Já nas ocorrências em (97b-c), o nome próprio atua, na verdade, como um nome comum e os modificadores fornecem restrições que ajudam a construir o referente: em (97b), um continente restrito a uma situação e, em (97c), uma imagem de madeira a que, metaforicamente, se atribui características associadas a regimes comunistas.

O terceiro critério verifica as funções assumidas pelos nomes no Nível Representacional. Os resultados foram cruzados entre o primeiro e o terceiro grupo de fatores, para verificar o comportamento dos nomes referenciais e atributivos, conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1 – Comportamento pragmático e semântico dos nomes próprios

	Argumento não citativo		Argumento citativo		Modificador de uma predicação		Complemento nominal		Modificador nominal		Aposição não restritiva		Aposição restritiva		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Subato de Referência	505	51,0	-	-	151	15,26	166	16,78	119	12,03	48	4,85	-	-	989	90,3
Subato de Atribuição	1	0,94	9	8,49	1	0,94	-		-		-		98	89,62	106	9,7

Fonte: elaborado pela autora.

Os nomes próprios usados referencialmente podem aparecer em diversas configurações semânticas, conforme mostra a Tabela 1. Como um argumento não citativo, podem ocupar qualquer posição argumental prevista pela GDF, ou seja, Ativo, Inativo e Locativo (98a-c, respectivamente). Além disso, um nome próprio referencial pode ser modificador de uma predicação (99), argumento de um nome (100), modificador de um nome (101) ou pode ainda ser um aposto não restritivo, ao fornecer uma informação adicional sobre um referente (102).

- (98) a **Andréia Garcia** encara, porém, o desafio com humor, movida pela crença de que os livros melhoram a vida dos leitores (*CartaCapital*, 856 R 10–11).
- b Escritores, poetas e músicos homenageavam **Carolina Maria De Jesus**, negra criada em uma favela, autora do clássico *Quarto de Despejo*, obra precursora da literatura marginal no País (*CartaCapital*, 856 R 10–11).
- c Estive no **Engenhão** participando de promoção simpática do botafogo, com direito a volta olímpica e tudo (*CartaCapital*, 862 O 64).
- (99) Chato falar tanto em situações extracampo, ainda mais quando o Ronaldinho volta a jogar no **Brasil** e todos se movimentam; torcedores sempre firmes, reagindo às novas contratações e à necessidade de transcender aos sufocos do dia a dia, e certos dirigentes responsáveis empenhados em mudar (*CartaCapital*, 862 O 64).
- (100) Grécia, Espanha, Portugal, Itália, Irlanda, Bélgica: todos esses países pagam, com a pauperização de seus povos, a decisão da **União Europeia** de colocar a salvação do sistema financeiro na frente da defesa de suas economias nacionais (*CartaCapital*, 859 O 43).
- (101) Os dois saíram direto da vanguarda artística de **Tóquio** para as plantações de café (*CartaCapital*, 858 R 10–11)
- (102) O marido, **Wilson Rodrigues**, até pensou em levar o poeta chileno Pablo Neruda, mas mudou de ideia e escolheu *A Cidade dos Bichos*, texto infantil de Arlette Piai (*CartaCapital*, 859 R 14–15).

As únicas configurações semânticas em que um nome usado referencialmente não pode aparecer são argumentos citativos (103) e aposições restritivas (104). Apenas nomes usados atributivamente podem aparecer nesses moldes representacionais.

- (103) Um jogador precioso que, de tanto acertar as procuras por brecha para servir aos parceiros, foi apelidado de **Google**, de repente passa de solução a problema, um verdadeiro absurdo (*CartaCapital*, 860 O 72).
- (104) Estudo de mais de dez anos realizado pelo ecólogo **Jerônimo Kahn Villas-Bôas** com os kawaiweté demonstra que eles conhecem 44 espécies de abelhas nativas, sobre as quais discorrem a respeito dos hábitos de nidificação (construção de ninhos ou, no caso, de colmeias), flores preferidas para alimentação, morfologia, comportamento, usos medicinais e espirituais (*CartaCapital*, 863 R 10–11).

Nesses casos, a perda de referencialidade pode ser verificada de duas maneiras: i) esses nomes não podem receber operadores de identificabilidade, já que esse recurso é exclusivamente associado a Subatos de Referência (105); ii) em caso de anáfora, o pronome não retoma o rótulo associado ao indivíduo, mas o indivíduo em si (106).

- (105) a *foi apelidado de o Google
 b *o ecólogo o Jerônimo Kahn Villas-Bôas
- (106) a [Ganso]_i foi um jogador precioso que, de tanto acertar as procuras por brecha para servir aos parceiros, foi apelidado de **Google**. Apesar disso, [ele]_i de repente passa de solução a problema, um verdadeiro absurdo.
 b [O ecólogo **Jerônimo Kahn Villas-Bôas**]_i realizou um estudo de mais de 10 anos com os kawaiweté. [Ele]_i descobriu que a etnia conhece mais de 44 espécies de abelhas nativas.

É preciso ainda destacar, desses resultados, uma ocorrência de nome próprio atributivo como argumento não citativo (107) e uma ocorrência de nomes próprio atributivo como modificador de uma predicação (108).

- (107) Independentemente das crises, há sempre liberais dispostos a ser **um Leibniz das finanças** e falar que este é o melhor mundo possível (*CartaCapital*, 865 O 19).
- (108) Sim, o pessoal está movido a ódio de classe, com particularidades tropicais. A vocação festeira e o impulso ficcional da fantasia estimulado pela estiagem. Não ganham a praça para clamar contra Dilma, Lula e o PT, e sim contra o que supõem ser a presidenta, o ex-presidente e seu partido. Figuras romanescas que em outros tempos chamariam de comunistas, representantes de uma esquerda metida a redentora do povão enquanto chafurda na corrupção. Algo assim como **um Robinson Crusoe que caiu na gandaia** (*CartaCapital*, 864 E 14).

Tanto em (107), quanto em (108) os nomes próprios são utilizados metaforicamente, situação em que se comportam como nomes comuns, podendo, portanto, ter uma função referencial ou atributiva. Nos casos citados, eles são usados atributivamente, mas nada impede que, em outro contexto, um falante faça uma referência, ao dizer que *um Leibniz das finanças falou que este é o melhor mundo possível*.

O quarto critério verifica a possibilidade de modificar nomes próprios pragmática e semanticamente. Nota-se que, dos sintagmas com nomes próprios referenciais, apenas 4,3%

42/989) contêm modificadores. Desses, apenas 2,3% (1/43) são interpessoais⁵¹ (109) e 97,7% (42/43) são representacionais (110a-b).

- (109) Nestes dias FHC se apressa a uma contribuição póstuma, digamos assim, **ao saudoso Febeapá** de Stanislaw Ponte Preta, uma das figuras do passado que faz tanta falta ao Brasil de hoje, parvo quando não vulgar, incapaz de graça, menos ainda de relâmpagos de humor como já se deu nos tempos idos e sepultados (*CartaCapital*, 864 E 14).
- (110) a Não preciso perguntar aos meus botões por que a Operação Lava Jato prossegue impávida, a nos brindar com acusações a serem provadas, e até condenações, enquanto em torno da célebre lista dos grandes sonegadores brasileiros que filtrou através do sigilo do **HSBC suíço** fecha-se a *omertà*, como se diria na Sicília, igual ao mar sobre um barco furado (*CartaCapital*, 860 E 18).
- b O diretor **do respeitável Instituto Vox Populi** aponta em Lula o favorito do próximo pleito presidencial, a despeito das turbulências atuais, com efeitos semelhantes àqueles precipitados pelo chamado “mensalão” (*CartaCapital*, 860 E 18).

Em (109), o modificador *saudoso* consiste em uma atitude do falante em relação ao referente, lembrado com saudades e respeito. O modificador é atribuído, portanto, no Nível Interpessoal da GDF, onde escopa o Subato de Referência, conforme Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 237), situação já mencionada no Capítulo 3. Para identificar se esse modificador é, de fato, interpessoal, é possível aplicar testes de predicação e de encaixamento. Vejamos os resultados dos testes em (111a-c).

- (111) a O saudoso Febeapá
- b * O Febeapá é saudoso.
- c Ele disse que o saudoso Febeapá reúne crônicas publicadas na época da ditadura.

Em (111b), a impossibilidade de predicar *Febeapá* com *saudoso* mostra que o modificador não pertence ao Nível Representacional. Só seria possível uma paráfrase como a de (111b) se a interpretação pretendida fosse a de que o referente *Febeapá* tivesse saudades de alguém (O Febeapá é saudoso da ditadura), o que claramente não é o caso, já que é justamente o *Febeapá* o alvo da saudade do falante. Além disso, se *saudoso*, em (111), fosse um

⁵¹ Além desse único caso de modificador interpessoal, encontramos 9 ocorrências de uso do nome próprio acompanhado de alguma forma de tratamento, como *senhor*, *senhora*, *dona*. Embora honoríficos sejam unidades do Nível Interpessoal, seria necessário um estudo aprofundado para determinar o estatuto lexical ou gramatical desses itens no português, ou seja, para determinar se são modificadores ou operadores, razão pela qual eles não foram computados nesse critério.

modificador representacional, a interpretação esperada seria a de que o experienciador da saudade é o sujeito da oração matriz. No caso de (111c), contudo, não se pode atribuir o modificador ao sujeito da oração matriz, mas ao falante, que expressa saudade e empatia pelo referente.

Diferentemente, os enunciados de (110a-b) veiculam modificadores legitimamente semânticos, uma vez que as propriedades que atribuem se acham associadas às entidades denotadas, não ao falante em si. Em (110a), *suíço* restringe a denotação de *HSBC*, ao indicar de que filial do banco se fala; em (110b), *respeitável*, não restringe o referente, mas fornece uma propriedade dele. Esses casos com modificações restritivas e não restritivas apresentados em (110) serão recuperados na Seção 5.2, em que se discute uma proposta de análise desses fenômenos na GDF.

No que concerne a nomes próprios usados atributivamente, apenas 1,8% (2/106) recebem modificadores. Nessas ocorrências, os nomes têm uso metafórico e recebem especificações para que o ouvinte chegue à interpretação correta do enunciado. Associam-se a (112) as propriedades do otimismo de Leibniz às finanças e, em (113), a moralidade de Crusoe em relação a um cenário de festas.

- (112) Independentemente das crises, há sempre liberais dispostos a ser **um Leibniz das finanças** e falar que este é o melhor mundo possível (*CartaCapital*, 865 O 19).
- (113) Sim, o pessoal está movido a ódio de classe, com particularidades tropicais. A vocação festeira e o impulso ficcional da fantasia estimulado pela estiagem. Não ganham a praça para clamar contra Dilma, Lula e o PT, e sim contra o que supõem ser a presidenta, o ex-presidente e seu partido. Figuras romanescas que em outros tempos chamariam de comunistas, representantes de uma esquerda metida a redentora do povão enquanto chafurda na corrupção. Algo assim como **um Robinson Crusoe que caiu na gandaia** (*CartaCapital*, 864 E 14).

O quinto critério analisado concerne à possibilidade de pluralização de nomes próprios. Na amostra, há apenas uma ocorrência em que o artigo definido acompanhando o nome está no plural; entretanto, por se tratar de referência a um grupo indígena, o nome em si permanece no singular, conforme a norma da linguística indigenista para referência às etnias.

- (114) **Os Kaiabi** lamentaram o resultado, mas aceitaram bem a derrota e festejaram o vice-campeonato (*CartaCapital*, 863 R 10–11).

É perfeitamente aceitável, contudo, que o nome seja pluralizado para destacar os indivíduos da coletividade (115) ou quando há um quantificador precedendo o nome (116).

- (115) **Os Kaiabis** lamentaram o resultado, mas aceitaram bem a derrota e festejaram o vice-campeonato.
- (116) Três Joões

O sexto critério buscou correlações entre a formulação dos Subatos em que o nome próprio ocorre e a sua codificação morfossintática como sintagma. Os resultados confirmam a tendência mais geral da gramática do português, já detectada por Camacho, Hattner e Gonçalves (2008, p. 28), de que modificadores mais subjetivos aparecem à esquerda do núcleo em 100% dos casos (10/10), e modificadores mais objetivos, na região pós-nuclear 68,9% (20/29). É preciso, entretanto, destacar que tanto adjetivos interpessoais, que expressam uma atitude do falante, quanto adjetivos representacionais, que expressam uma avaliação subjetiva, aparecem na posição pré-nuclear, conforme mostram os exemplos contidos em (111), repetido em (117) e (118).

- (117) Nestes dias FHC se apressa a uma contribuição póstuma, digamos assim, **ao saudoso Febeapá** de Stanislaw Ponte Preta, uma das figuras do passado que faz tanta falta ao Brasil de hoje, parvo quando não vulgar, incapaz de graça, menos ainda de relâmpagos de humor como já se deu nos tempos idos e sepultados (*CartaCapital*, 864 E 14).
- (118) Na saída para o almoço, **o excelente Ricardo Borges**, advogado que coloca as posições do Bom Senso, esfriou os ânimos; mais que isso, comunicou ao pessoal que as negociações estavam fazendo água, com as exigências que a "Bancada da Cartola" fazia ao deputado-relator Otávio Leite, águas sujas que turvaram nosso ambiente (*CartaCapital*, 859 O 65).

Modificadores objetivos, por seu lado, podem aparecer tanto na posição pré-nuclear, como em (119), quanto na posição pós-nuclear, como em (120), embora os dados manifestem uma preferência deles pela posição pós-nuclear (44), contabilizando 68,9% (20/29).

- (119) Em abril estive em Itaúna, Minas Gerais, e em julho visitou a **paraibana Gurjão**. Uma tevé alemã pagou 3 mil reais por uma entrevista (*CartaCapital*, 862 R 10–11).
- (120) Quanto a Lula, é o presidente mais amado **do Brasil pós-ditadura** a despeito do chamado “mensalão”, seu governo foi o primeiro a implementar uma política social, modesta, e uma política internacional independente, primorosa (*CartaCapital*, 864 E 14).

De modo geral, a aplicação dos critérios à análise dos dados da amostra do português e a frequência das ocorrências resultam em uma gramática genérica nos seguintes termos: i) os nomes próprios são itens cuja principal função é referenciar, embora possam ser utilizados para evocar propriedades ou atribuir rótulos; ii) quando referenciais, são majoritariamente identificáveis; iii) a modificação de nomes próprios pode acontecer no Nível Interpessoal e no Nível Representacional; quando se trata de modificação Interpessoal, os sintagmas adjetivais correspondentes, no Nível Morfossintático, ficam restritos à zona pré-nuclear; já quando se trata de modificação Representacional, os sintagmas adjetivais podem aparecer tanto na zona pré quanto na zona pós-nuclear do SN. Modificadores subjetivos e não restritivos, entretanto, tendem a ocupar a posição pré-nuclear no Nível Morfossintático. Por fim, quando representam coletivos, podem aparecer no singular ou no plural, mas, se forem quantificados, levam marca de plural. Na próxima Seção, discutimos essas características dentro do modelo teórico da GDF.

5.2 Reflexos da descrição dos usos na Gramática Discursivo-Funcional

5.2.1 Nomes próprios referenciais sem modificação semântica

Conforme mencionado na Seção 3.2, os nomes próprios na GDF (Hengeveld; Mackenzie, 2008) são referenciais, inerentemente definidos e destituídos de conteúdo semântico. O reflexo dessas características é o de que, no Nível Interpessoal, eles são Subatos de Referência (R) que recebem um operador [+id] e contêm um núcleo lexical e, no Nível Representacional, consistem numa categoria de núcleo ausente. Por ser um núcleo ausente, os nomes próprios não podem receber modificação restritiva no Nível Representacional.

A representação dessa categoria pode ser observada em (121).

(121) João

NI: (+id R_I: João (R_I))

NR: (x_i)

Assumimos, entretanto, que os nomes próprios são núcleos da camada Ação Lexical (D), categoria responsável por representar os lexemas interpessoais no modelo da GDF, conforme postulado por Giomi (2020). A representação em (55), repetida por conveniência em (122), mostra que, para o autor, o Subato de Referência (R_I) contém como núcleo não mais um

lexema interpessoal, como em (121), mas uma Ação Lexical (D_I), que, por sua vez, contém como núcleo o lexema correspondente ao nome próprio.

(122) NI: (+id R_I : (D_I : João (D_I)) (R_I))

NR: (x_i)

Essa análise, que se aplica à maioria das ocorrências, pode ser vista em (123):

(123) a Escritores, poetas e músicos homenageavam **Carolina Maria de Jesus**, negra criada em uma favela (*CartaCapital*, 856 R 10–11).

NI: (+id R_I : (D_I : Maria Carolina de Jesus (D_I)) (R_I))

NR: (x_i)

b a demanda vem da **China**, Vietnã, Laos e Tailândia. (*CartaCapital*, 857 R 10–11)

NI: (+id R_I : (D_I : China (D_I)) (R_I))

NR: (l_i)

Nota-se ainda que, no Nível Representacional, à camada referente ao nome próprio deve corresponder sua categoria semântica, representando em (123a) *Carolina Maria de Jesus* como denotando um Indivíduo (x); já em (123b), *China* denota um Local (l), conforme já previsto em Hengeveld e Mackenzie (2008). O fato de o nome corresponder a categorias semânticas específicas se assemelha a um aspecto da definição de Van Langendonck (2007, p 72), para o qual nomes próprios têm um sentido categorial psicossocialmente orientado e associado a conceitos de nível básico. Para Van Langendonck (2007), as categorias de nível básico associadas a *Carolina Maria de Jesus* e *China* seriam, respectivamente, *mulher* e *país*. A GDF permite uma categorização similar, ao considerar que as unidades denotam entidades de categorias semânticas específicas. No modelo discursivo-funcional seria possível, portanto, afirmar que os nomes têm um sentido categorial associado aos tipos de entidades gramaticalmente relevantes em uma língua.

Outra característica relevante dos nomes é a de que, associado a eles pode ocorrer um aposto não restritivo, como mostrado em (123a) e, agora também, em (124).

(124) Trata-se da levedura que fermenta uma de suas cervejas na **Grimor, fábrica artesanal de Belo Horizonte** (865 R 12–13).

Nesses casos, os apostos *negra criada em uma favela*, em (124a), e *fábrica artesanal de Belo Horizonte*, em (125), atuam como Atos Discursivos subsidiários (A_J) que especificam os Subatos de Referência *Carolina Maria de Jesus* e *Grimor*, dos Atos Discursivos nucleares (A_I). Vejamos em (125) a representação simplificada de (124)

- (125) NI: (M_I : [$(A_I$: – trata-se da levedura que fermenta uma de suas cervejas na Grimor – (A_I)) (A_J : fábrica artesanal de Belo Horizonte (A_J))_{Aside}] (M_I))

Na representação em (125), o Ato Discursivo subsidiário recebe a função retórica Aposição (*Aside*), que fornece uma informação de fundo a respeito do referente *Grimor*, que constitui um Subato de Referência (R_I), no interior do Conteúdo Comunicado (C_I), do Ato Discursivo nuclear (A_I).⁵² Já no Nível Representacional, as duas entidades são representadas por um Indivíduo (x_i) coindexado, indicando a codenotação entre os indivíduos *Grimor* e *fábrica artesanal de Belo Horizonte*, conforme (126).

- (126) NR: (x_i) (x_i : (f_i : fábrica (f_i) : (f_j : artesanal (f_j)) (f_i)) (x_i) : (x_j)) (x_i))

A descrição apresentada aqui contempla a maioria das ocorrências da amostra, contudo, há situações em que o nome se comporta de maneira diferente, como será mostrado na sequência.

5.2.2 Nomes próprios referenciais com modificação semântica

Os nomes próprios podem receber modificadores interpessoais ou representacionais. Vejamos alguns exemplos em (127) e (128a-b), respectivamente.

- (127) Unindo os questionamentos que já trazia dentro de si com as observações nada suaves de Sacha, **a pobre Nádia** se vê entre a tormenta de seguir com seus projetos de casamento ou mudar de vida, estudar e abrir as asas (Corpus do Português, B BR doseliteraria.com.br).

⁵² Para simplificar a formalização para o leitor, indicamos em (125) apenas os Atos Discursivos e não os seus componentes, já que o mais relevante, nesse caso, é compreender que a oração apositiva não restritiva é considerada um Ato Discursivo subsidiário, com função retórica.

- (128) a **O genial Iniesta** também não é mais garoto (*CartaCapital*, 860 O 72).
 b Quanto a Lula, é o presidente mais amado do **Brasil pós-ditadura** a despeito do chamado “mensalão”, seu governo foi o primeiro a implementar uma política social, modesta, e uma política internacional independente, primorosa (*CartaCapital*, 864 E 14).

Em (127), *pobre* é uma avaliação do falante em relação ao referente *Nádia*. Por ser um modificador de atitude subjetiva, escopa o Subato de Referência, como mostra (129a):

- (129) a NI: (R_i: (D_i: Nádia (D_i)) (R_i) : (D_j: pobre (D_j) (R_i))

Como vimos anteriormente, a camada da Ação Lexical (D) pode ser utilizada para indicar quaisquer lexemas interpessoais. Por conta disso, o modificador *pobre* (que em Hengeveld e Mackenzie (2008) não têm uma camada correspondente), é considerado o núcleo da Ação Lexical (D_j) que modifica o Subato de Referência contendo o nome próprio.

Já os exemplos em (128) contêm modificadores semânticos. Em (128a), o modificador não restritivo *genial* fornece uma descrição do referente, que, apesar de subjetiva, não é vinculada às atitudes do falante em relação ao referente. Além disso, esse tipo de modificador não se submete a condições de verdade, já que não contribui para a construção do referente. Keizer (2019, p. 2) afirma que, na verdade, nesses casos, o adjetivo apenas adiciona uma nova informação, sem restringir o referente. A consequência dessa análise é a de que a autora não trata esses adjetivos como modificadores de fato, preferindo atribuir a eles uma camada própria de Conteúdo Proposicional (p_j) separada da camada do Conteúdo Proposicional (p_i) principal (130).

- (130) **O genial Iniesta** também não é mais garoto (*CartaCapital*, 860 O 72).

(p_i: (pres ep_i: (neg e_i: (f^c_i: [(f^l_i: garoto (f^l_i) (x_i)] (f^c_i)) (e_i)) (ep_i: (t_i) (ep_i)) (p_i))
 (p_j: (f^c_j: [(f^l_j: genial (f^l_j)) (x_i)_U] (f^c_j)) (p_j))_{Add}

O item lexical *genial* toma como argumento o Indivíduo que denota o nome próprio Iniesta (x_i), que é coindexado ao compor o segundo Conteúdo Proposicional (p_j). Dessa forma, a propriedade *genial* funciona como uma espécie de predicação não verbal, ao fornecer mais informações sobre um referente da proposição em (p_i).

De maneira distinta, o modificador *pós-ditadura*, em (128b), limita a referência a um período específico do país, ajudando a construir adequadamente o referente da expressão. Esse

caso, por se tratar de um modificador restritivo do nome próprio, é um problema teórico para a GDF, já que, para Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 237), variáveis de núcleo ausente não podem ser modificadas restritivamente pois, em caso positivo, o segundo restritor, que é o modificador, tornar-se-ia automaticamente o primeiro.

Conforme mostramos na Seção 3.2, Giomi (2020, p. 27) postula uma caracterização inovadora da relação núcleo-modificador na GDF: devem-se definir núcleo e modificador não mais como primeiro e segundo restritores, definição herdada de Dik (1997, p. 151), mas como uma especificação interna e uma especificação externa, que qualificam determinada unidade linguística. Por essa razão, a ausência de um núcleo não implica a impossibilidade de modificação restritiva e não restritiva. Assim, exemplos como os de (131) e (132) seriam representados sem maior⁵³ complexidade no modelo da GDF.

(131) *pre-war Churchill* ‘Churchill pré-guerra’

$((^m1\ x_i): (f_i: \text{pre-war } (f_i)) (x_i))_\phi$ (Giomi, 2020, p. 21)

(132) *devastated Peter* ‘um devastado Peter’

$((^m1\ x_i): (f_i: \text{devastate } (f_i)) (x_i))_\phi$ (Giomi, 2020, p. 21)

De acordo com Giomi, o modificador restritivo em (131) e o não restritivo em (132) têm a mesma representação. Serafim (2022, p. 19) mostra, no entanto, que representações idênticas não são suficientes para capturar a natureza do nome próprio em cada um desses usos. Uma evidência dessa distinção é a de que, apenas no contexto de modificação restritiva, é possível fazer uma retomada do núcleo do SN anterior, como em (57), repetido por conveniência em (133)

(133) não se trata de **uma Kahlan boa** e **uma má**, ou clone. Acontece que ao usar o medalhão Kahlan foi separada em duas partes (*Corpus do Português*, PORT:B BR apaixonadosporseries).

Essa situação é similar à de (134), em que Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 143) exemplificam a retomada de uma propriedade expressa por um nome comum:

⁵³ Giomi (2020) propõe um pequeno ajuste formal na formalização mediante a inserção de um parêntese adicional no início para que o número de parênteses que abrem a representação de uma camada contenha o mesmo número de parênteses que a fecham.

- (134) *Mary wants a goodlooking man* *but I prefer **an honest one**.*
 $(x_i: (f_i: \text{man } (f_i)) (x_i): (f_j: \text{goodlooking } (f_j)) (x_i))$ $(x_j: (f_i) (x_j): (f_j: \text{honest } (f_j)) (x_j))$

Em (134), a segunda entidade referencial retoma, por meio do pronome *one* a propriedade *man* presente na primeira, razão pela qual a variável-*f* é coindexada (f_i). Situação similar é a que se vê no exemplo (133), em que cada um dos sintagmas denota uma entidade diferente, já não sendo possível, porém, retomar uma Propriedade Lexical, como em (134), porque o nome próprio é desprovido de conteúdo lexical.

Esse tipo de retomada só é possível em contextos de modificação restritiva, em que duas entidades de mesmo nome são restringidas por diferentes propriedades. Assim, é necessário verificar a validade da solução postulada por Giomi (2020) para os modificadores restritivos nesse contexto específico. O fato de Giomi (2020) considerar os nomes acompanhados de modificadores restritivos como variáveis de núcleo ausente não é uma solução ainda suficientemente adequada, por ser justamente necessário haver uma camada com núcleo para ele ser retomado no segundo sintagma.

A solução adotada por Serafim (2022) é a de que nomes próprios acompanhados de modificadores não restritivos e nomes próprios acompanhados de modificadores restritivos devem receber um tratamento distinto nos Níveis Interpessoal e Representacional. Para os primeiros, Serafim (2022) adota a solução de Giomi (2020), já que, quando há modificação não restritiva, os nomes mantêm suas principais características: são referenciais; denotam um indivíduo e não uma classe de indivíduos; não dispõem de significado lexical.

Já quando há modificação restritiva, Serafim (2022) considera que os nomes perdem a característica de denotar um único indivíduo e passam a denotar uma classe de indivíduos especificada não por uma propriedade lexical, mas por um rótulo, formulado como uma Ação Lexical (D). A esse respeito, Serafim (2022), postula que:

Dada a sua natureza, o nome poderia ser visto como um caso de “linguagem reflexiva” (Hengeveld & Mackenzie, 2008, p. 275–277), já que, em certa medida, usa-se a linguagem para falar sobre a linguagem (ou seja, falar sobre um rótulo). Isso significa que uma unidade do Nível Interpessoal entra no Nível Representacional, ou seja, a camada da Ação Lexical (correspondente ao lexema interpessoal) entra no Nível Representacional como núcleo de um Indivíduo (Serafim, 2022, p. 20, tradução nossa).⁵⁴

⁵⁴ Cf. Original: “Given its nature, the name could be seen as a case of “reflexive language” (Hengeveld & Mackenzie, 2008, p. 275–277) since, to some extent, one uses the language to talk about the language (i.e., to talk about a label). This means that a unit of the Interpersonal Level enters the Representation Level, namely, the layer

Como consequência dessa definição, propõe-se a representação em (135) para o exemplo contido em (133).

- (135) RL: $(x_i: (D_I: \text{Kahlan } (D_I)) (x_i) : (f_i: \text{boa } (f_i)) (x_i)) (x_j: (D_I) (x_j) : (f_j: \text{má } (f_j)) (x_j))$ (Serafim, 2022, p. 20)

Como se observa, a formalização contempla dois indivíduos diferentes (x_i e x_j) que compartilham o mesmo núcleo, a variável (D_I). Conforme mostra Serafim (2022, p. 20), esse tipo de formalização também é suficientemente adequado para explicar nomes próprios pluralizados:

- (136) nasceram um sem número de **Beatrizes, Matildes, algumas Laras, algumas Mafaldas, Marias, Leonores e uma Carolina** (*Corpus do Português*, PORT:B BR nomesportugueses).

Nesses casos, o operador de número escopa o indivíduo (x_i) que, por sua vez, é especificado por um rótulo:

- (137) IL: (R_I)

RL: $(m x_i: (D_I: \text{Beatriz } (D_I)) (x_i))$ (Serafim, 2022, p. 21)

Embora seja evidente, portanto, a necessidade de distinguir os tipos de modificação representacional, uma vez que cada um deles tem consequências diferentes para a GDF, a solução proposta nessa tese difere da de Serafim (2022) tanto em relação aos modificadores não restritivos quanto em relação aos restritivos.

Ao mudar a definição da relação núcleo-modificador, Giomi (2020) admite ser possível modificar nomes próprios. Conforme mostramos, uma desvantagem dessa abordagem é não separar os tipos restritivo e não restritivo de modificadores. Outra clara desvantagem é a alteração da definição de modificação em si, já que esse autor propõe que núcleo e modificador não sejam compreendidos como primeiro e segundo restritor, mas como uma especificação interna e outra externa.

of the Lexical Deed (corresponding to the interpersonal lexeme) enters the Representational Level as the head of an Individual" (Serafim, 2022, p. 20).

Em razão desse segundo ponto, esta tese abandona a posição assumida em Serafim (2022), que acompanhava a de Giomi (2020), para explicar casos de modificação não restritiva. Uma solução mais adequada, neste momento, no horizonte do arcabouço teórico, parece ser a de Keizer (2019), segundo a qual os adjetivos não restritivos atuam como uma espécie de predicação não verbal contida em um Conteúdo Proposicional diferente daquele que contém o nome, conforme explicitado no início desta Seção.

Ainda em relação ao postulado por Serafim (2022), esta tese afasta a possibilidade de analisar os nomes próprios com modificação restritiva como casos de Ações Lexicais, que assumem uma posição não usual no Nível Representacional, como um típico caso de linguagem reflexiva, tal como definida em Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 275–277).

Embora Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 275–277) prevejam que, em casos de linguagem reflexiva, quaisquer unidades dos Níveis Interpessoal, Morfossintático e Fonológico podem assumir posições no interior do Nível Representacional, entendemos, neste momento, essa posição como uma desvantagem teórica, com base em duas razões principais: a primeira delas diz respeito a uma incongruência possível entre essa proposta e o modelo teórico estritamente organizado em níveis e camadas hierárquicos e discretos; a segunda, derivada da primeira, relaciona-se ao fato de que unidades interpessoais têm natureza acional, sendo, portanto, vinculadas ao falante, em contraste com o Nível Representacional, que é responsável pela denotação. Admitir que uma camada do Nível Interpessoal entre no Nível Representacional implica, de certo modo, uma inconsistência em relação à natureza das unidades envolvidas na representação semântica.

Resta definir, então, como analisar os nomes próprios modificados restritivamente na GDF minimizando essas desvantagens e inconsistências teóricas. Conforme mostrado anteriormente, esse tipo de modificação e a possibilidade de retomada anafórica dos nomes como em (133) mostram a necessidade de haver um núcleo para a variável representacional. Para tanto, na sequência, discutem-se três possibilidades de representação do núcleo.

A primeira delas prevê que o núcleo dos nomes próprios, no Nível Representacional, seja lexical, tal como nomes comuns, isto é, sejam núcleo de uma Propriedade Lexical (f):

$$\begin{array}{lllll}
 (138) & (+id \ R_i: (T_i) & & (T_j) & & (R_i)) \\
 & (x_i: & (f_i: \text{João} (f_i)) & (x_i) : & (f_j: \text{alto} (f_j)) & (x_i))
 \end{array}$$

A clara desvantagem dessa análise é a de que não há absolutamente nada nos níveis de formulação que diferencie os nomes próprios dos nomes comuns. Além disso, seria necessário

admitir, por um lado, que nomes próprios têm um significado lexical, o que não parece ser o caso; e, por outro, expandir o conceito de Propriedade Lexical na GDF para acomodar itens sem conteúdo semântico, o que poderia resultar em outro tipo de inconsistência teórica.

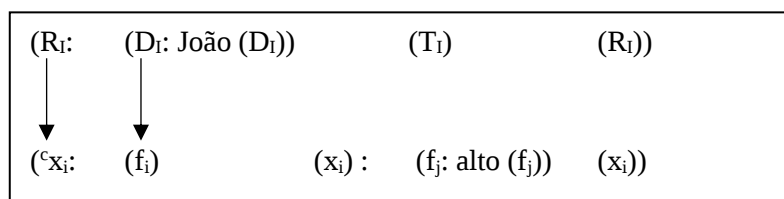
A segunda possibilidade envolve a recuperação da proposta de Smit e Van Staden (2007), que admitem a inserção de um *placeholder* indexado ($\$i$) nas representações, indicando que um primitivo lexical foi recuperado do Fundo:

$$(139) \quad (R_i: \quad (D_i) \quad \quad \quad (T_i) \quad \quad \quad (R_i)) \\ (x_i: \quad (\$i|João) \quad \quad \quad (x_i) : \quad (f_j: alto (f_j)) \quad \quad \quad (x_i))$$

O nome passaria a ser compreendido como um primitivo representacional, o que não parece ser o caso, já que o nome próprio continua não tendo um conteúdo semântico. Dessa forma, parece mais adequada uma terceira opção, que consiste em manter o nome como uma Ação Lexical (D), núcleo de um Subato de Referência, no Nível Interpessoal.

A inovação está, todavia, no Nível Representacional, em que se insere uma Propriedade Lexical (f) de núcleo ausente como núcleo do Indivíduo (x). Nessa proposta, há um alinhamento entre as unidades interpessoais e representacionais, conforme mostra a representação contida na Figura 2.

Figura 2 – Alinhamento entre unidades da formulação



Fonte: elaborado pela autora.

Como vimos, nos casos de modificação restritiva, o Falante constrói o referente com base em um conjunto de pessoas ou coisas que compartilham uma mesma propriedade sem nenhum potencial descritivo, ou seja, o nome. Essa análise é ilustrada por um indivíduo subclassificado como um coletivo (^cx) e caracterizado por uma Propriedade (f_i) de núcleo ausente. Considera-se, portanto, que o nome, nessas construções, é usado metalinguisticamente: embora o sintagma todo seja usado para fazer referência a uma entidade no discurso, cabe ao nome, nessa construção, a tarefa de fornecer um rótulo linguístico, ou ainda uma especificação

morfofonológica utilizada para identificar essa entidade; ou seja, das pessoas identificadas pelo item linguístico *João*, o falante se refere a uma que seja alta.

Nota-se nessa proposta um contraste com a representação de nomes comuns, que, por terem uma natureza descritiva, são núcleos das Propriedades Lexicais:

(140) Menino

$(x_i: (f_i: \text{menino } (f_i) (x_i)))$

Essa proposta implica a existência de duas situações com núcleos vazios: no caso de haver anáforas (já previsto pela GDF) e no caso de serem os nomes próprios usados metalinguisticamente, como no caso dos nomes próprios modificados restritivamente. Vejamos como cada um desses casos se constitui nos níveis de formulação para identificarmos as diferenças entre eles.

Conforme se observa em (141), que envolve anáfora zero, a retomada é feita por uma variável-x de núcleo vazio, que se caracteriza por conter uma variável-f de núcleo ausente.

(141) um menino moreno e um loiro

$(R_i: (T_i) (T_j) (R_i))$

$(x_i: (f_i: \text{menino } (f_i) (x_i) : (f_j: \text{moreno } (f_j)) (x_i)))$

$(R_j: (T_k) (T_L) (R_j))$

$(x_j: (f_i) (x_j) : (f_k: \text{loiro } (f_k)) (x_j))$

A diferença entre o nome próprio modificado e a anáfora está na inserção ou não de uma Ação Lexical correspondente no Nível Interpessoal, como é possível ver claramente em (142), que ilustra, respectivamente, os dois casos.

(142) Uma Kahlan boa e uma má

$(R_i: (D_i: \text{Kahlan } (D_i)) (T_j) (R_i))$

$(x_i: (f_i) (x_i) : (f_j: \text{boa } (f_j)) (x_i))$

$(R_j: (T_L) (R_j))$

$(x_j: (f_i) (x_j) : (f_k: \text{má } (f_k)) (x_j))$

O nome próprio modificado envolve a seleção de um lexema no Nível Interpessoal, que desencadeia a expressão do núcleo do Np no Nível Morfossintático. Já no caso de um nome próprio envolvido com uma anáfora zero, não há a seleção de um lexema em nenhum dos níveis da formulação, razão pela qual também não há expressão morfossintática do núcleo do Np.

Essa análise tem duas implicações teóricas: i) nomes próprios com modificadores restritivos são metalinguísticos, por identificarem uma entidade por meio de um rótulo, ou seja,

um recurso linguístico; ii) por exigirem como núcleo uma propriedade não descritiva, os nomes próprios com modificadores restritivos são entendidos como entidades de núcleo vazio. Vejamos agora como essa análise pode ser expandida para outras construções em que o nome próprio também é entendido metalinguisticamente.

5.2.3 Nomes próprios em aposições restritivas

Na literatura, existem dois tipos principais de aposições: aposições não restritivas e restritivas. As aposições não restritivas, ilustradas em (143a-b), são geralmente caracterizadas como dois sintagmas correferenciais separados, na fala, por uma pausa e, na escrita, geralmente por uma vírgula.

- (143) a Eros, o cão da família, também é um bom garoto-propaganda (*CartaCapital*, 859 R 14–15).
 b O marido, Wilson Rodrigues, até pensou em levar o poeta chileno Pablo Neruda, mas mudou de ideia (*CartaCapital*, 859 R 14–15).

Aposições restritivas são construções com os elementos nominais justapostos, como em (144), ou ligados pela preposição *de*, como em (145), mas não correferenciais, em razão de ter um dos elementos funcionando como modificador do outro (Keizer, 2007; Lemson, 2016; Serafim; Camacho, 2020).

- (144) Na infância, **o fotógrafo Paulo Pampolin** adorava esta história de Edy Lima (*CartaCapital*, 859 R 14–15).
 (145) O passo agora é conhecer as diversas experiências **no estado de São Paulo** (*CartaCapital*, 860 R 14–15).

Como podemos ver, essas construções geralmente contêm um nome próprio, seja na primeira, seja na segunda posição, ou algum outro elemento que denote unicamente um indivíduo (Keizer, 2007, p. 38). O interesse que emerge dessas construções se assenta no fato de que, em aposições restritivas, os nomes que compõem o sintagma são considerados não referenciais. De acordo com Keizer (2007, p. 38), Lemson (2016) e Serafim e Camacho (2020),

em aposições restritivas o sintagma todo é usado referencialmente e cada um dos seus membros é utilizado atributivamente.

Um teste para confirmar a não referencialidade do segundo elemento nominal dessas construções é tentar referir-se a ele por meio de um pronome, como mostram (146a-c).

- (146) a Com K ou sem K, **a palavra caos** se oferece a diversas interpretações (*CartaCapital*, 863 E 14).
- b Com K ou sem K, [**a palavra caos**]_i se oferece a diversas interpretações. [**Ela**]_(3SG.F)_i pode qualificar o estado do país antes ou depois de golpes de Estado.
- c *Com K ou sem K, **a palavra [caos]**_i se oferece a diversas interpretações. [**Ele**]_(3SG.M)_i pode qualificar o estado do país antes ou depois de golpes de Estado.

O teste de correferencialidade mostra que o elemento ocupando a segunda posição da aposição não é referencial, como fica claro quando ambos os nominais são substantivos comuns diferindo em gênero. Nessa situação, um teste de reiteração por pronome mostra que a correferência só é possível com o primeiro substantivo ou com a construção como um todo.

Serafim (2019) e Serafim e Camacho (2020) postulam que a representação mais adequada desse tipo de sintagmas no português é, portanto a que se encontra em (147).

- (147) o fotógrafo Paulo
- IL: (R_i: (T_i) (T_j) (R_i))
- RL: (x_i: (f_i: fotógrafo (f_i) : (x_j: Paulo (x_j) (f_i)) (x_i))

No Nível Interpessoal, um único Subato de Referência (R_i) contém dois Subatos de Atribuição (T_i, T_j). No Nível Representacional, há a denotação de único indivíduo (x_i), especificado por uma propriedade (f_i) e por outro indivíduo (x_j), que contém como núcleo o nome próprio. Essa análise contém duas inconsistências, se considerarmos a que é proposta aqui para os nomes próprios; a primeira delas diz respeito à natureza da variável representacional referente ao nome próprio e a segunda, ao índice atribuído a essa variável.

Serafim (2019) e Serafim e Camacho (2020) adotam em sua análise a concepção de nome próprio de Keizer (2008, p. 208), em que se insere o lexema como núcleo de um Indivíduo (x), no Nível Representacional, sem uma propriedade (f) a ele subjacente. Formaliza-se, portanto, a ideia de que os nomes próprios não têm um significado lexical propriamente dito, mas um significado entendido como um conjunto de extensões mentais constituído por todos

os indivíduos que portam determinado nome. Para completar a formalização da análise das aposições restritivas, Serafim (2019) e Serafim e Camacho (2020) atribuem a esse indivíduo um índice diferente daquele atribuído ao indivíduo como um todo, ou seja, haveria dois Indivíduos com diferentes índices (x_i , x_j).

Propomos aqui uma reanálise dessas construções, considerando, principalmente o papel do nome próprio. Nas aposições restritivas, o nome não tem como função denotar um segundo indivíduo que compõe o representado pelo sintagma como um todo. Trata-se, na verdade, de um item nominal cuja função é estabelecer um rótulo associado ao Indivíduo (x_i) denotado pela aposição. Em outras palavras, o nome não poderia ser formalizado como Indivíduo, justamente por se tratar de uma mera rotulação metalinguística e, como tal, destituído de referência; tampouco poderia receber um índice diferente, indicando haver dois Indivíduos (x_i , x_j), uma vez que uma aposição denota uma única entidade.

Como é possível perceber, ao modificar fornecendo um mero rótulo, entendido como uma unidade linguística e não uma propriedade descritiva, o nome próprio também atua metalinguisticamente. A respeito dessa natureza do nome próprio nas aposições restritivas, Raposo e Nascimento (2013, p. 1039) afirmam que, nas construções [nome comum + (de) + nome próprio], o nome comum, chamado pelos autores de classificador, pode ocorrer como sujeito de uma frase com o predicado *chamar-se* (ou equivalente), conforme ilustram (148a-b).

- (148) a Livraria Bertrand
 b Essa livraria se chama Bertrand

A paráfrase contida em (148b) revela a natureza metalinguística do segundo elemento nominal cuja função é a de fornecer um rótulo que restringe ainda mais a denotação do primeiro elemento nominal da aposição. Como exemplo, recorde-se o caso de (144) acima, aqui repetido por conveniência como (149).

- (149) Na infância, o **fotógrafo Paulo Pampolin** adorava esta história de Edy Lima (*CartaCapital*, 859 R 14–15).

Nessa construção, o uso de *fotógrafo* por si só não é suficiente para construir o referente para o leitor, principalmente por ser essa a introdução do referente em um texto jornalístico. É por isso necessário inserir o nome próprio para rotular a entidade a que ele se refere. Já a mesma

análise não é possível quando aplicada a aposições não restritivas, como a que se vê em (150a-b).

- (150) a **O marido, Wilson Rodrigues**, até pensou em levar o poeta chileno Pablo Neruda, mas mudou de ideia (*CartaCapital*, 859 R 14–15).
 b [?]O marido chamado Wilson Rodrigues até pensou em levar o poeta chileno Pablo Neruda, mas mudou de ideia.

Na verdade, a única leitura possível para (150b) seria a de uma improvável restrição, de modo que, entre muitos maridos possíveis, é a um específico que se refere. Compare-se, por exemplo, o caso da aposição restritiva *o fotógrafo Paulo Pampolin* em (149), com a paráfrase em (151).

- (151) Na infância, **o fotógrafo chamado Paulo Pampolin** adorava esta história de Edy Lima.

Para dar conta das propriedades pragmáticas e semânticas da aposição restritiva, postulamos que, no Nível Interpessoal, o nome seja uma instância de Atribuição (T_I), assim como propõem Keizer (2007, p. 38), Lemson (2016), Serafim (2019) e Serafim e Camacho (2020). Diferentemente desses trabalhos, por outro lado, postulamos adicionalmente que o núcleo desse Subato deve ser representado por uma camada de Ação Lexical (D_I) para ser possível indicar o rótulo selecionado pelo falante para construir o referente. Já o Nível Representacional envolve a inserção de uma propriedade, contraparte semântica do Subato de Atribuição no Nível Interpessoal, como mostrado em (152).

- (152) o fotógrafo Paulo Pampolin

$$\begin{array}{llll} \text{IL:} & (+\text{id } R_I: (T_I)) & (T_I: (D_I: \text{Paulo Pampolin } (D_I)) (T_I)) & (R_I)) \\ \text{RL:} & (x_i: & (f_i: \text{fotógrafo } (f_i)) (x_i) : & (f_i)) \\ & & & (x_i)) \end{array}$$

A solução apresentada é similar à dos nomes modificados restritivamente, já que nos dois casos há uma variável correspondente a uma propriedade (f) sem núcleo, justamente para capturar a ideia de que esses nomes são destituídos de conteúdo no Nível Representacional. Diferentemente dos nomes restritivamente modificados, os nomes em aposições restritivas não são referenciais, mas atributivos. Em razão disso, evoca-se apenas uma propriedade e não um Indivíduo (x).

Convém salientar ainda que a análise aqui proposta contrasta, em alguns aspectos, com a definição de nome próprio de Van Langendonck (2007). Conforme mencionado anteriormente, o autor alega que um reflexo das características pragmáticas e semânticas de um nome próprio está na capacidade de que dispõem de aparecerem em aposições restritivas. Não é possível admitir essa explicação para definir os nomes próprios com base no modelo discursivo funcional adotado. Se, para a GDF, o nome próprio em aposições restritivas se caracteriza pela evocação de um ato atributivo no Nível Interpessoal, como aqui proposto, não é teoricamente viável afirmar que as características pragmáticas desse uso se associam à definição da categoria de nome próprio. Em aposições restritivas, o nome perde sua característica fundamental de fazer referência a uma entidade, passando a atuar metalinguisticamente.

Dos casos metalinguísticos discutidos até aqui, destacamos que os nomes próprios podem ocorrer como (i) um Subato de Referência cujo núcleo é uma Ação Lexical ($R_I: (D_J: \blacklozenge (D_J) (R_I))$), no Nível Interpessoal, e uma variável de núcleo vazio ($v_i: (f_j) (v_i)$), no Nível Representacional, no caso de serem acompanhados por modificadores restritivos (*uma Kahlan boa*); (ii) como um Subato de Atribuição cujo núcleo também é uma Ação Lexical ($T_I: (D_J: \blacklozenge (D_J) (T_I))$), no Nível Interpessoal, e uma Propriedade de núcleo ausente (f_i), no Nível Representacional, no caso das aposições restritivas (*o fotógrafo Paulo*). Na Seção seguinte, discutimos um terceiro caso de uso metalinguístico, que consiste na atribuição de um rótulo a uma entidade apresentada no discurso.

5.2.4 Nomes próprios em construções de nomeação

Ainda no âmbito da metalinguagem, há uma terceira situação problemática que demanda solução, é o caso das construções de nomeação, como as de (153) e (154):

- (153) O produto também não vem da *Apis Mellifera*, **chamada Abelha-Europeia**, espécie invasora, mas de dezenas de variedades nativas sem ferrão que habitam a Floresta Amazônica (*CartaCapital*, 863 R 10–11).
- (154) Eu tenho onze anos e minha melhor amiga **se chama Maria Victoria** (*Corpus do Português*, PORT:B BR nomesportugueses).

Para esses casos, Serafim (2022, p. 27) também postula que, por se tratar de casos metalinguísticos, o nome deve aparecer de modo diferenciado no Nível Representacional. Nas construções de nomeação, os nomes não fazem referência, limitando-se apenas a atribuírem um rótulo a uma entidade já referenciada anteriormente. São casos similares ao que Hengeveld (1992), no arcabouço teórico da Gramática Funcional, denomina “argumento de discurso citado”, em que um ajuste tipográfico indicado pelas aspas pode revelar a natureza do argumento:

- (155) Ao abandonar o PT à época do chamado “**Mensalão**”, Bicudo deu crédito a acusações em boa parte mal formuladas e inequivocamente hipócritas, mas seu gesto poderia ter sido ditado por um impulso moral (*CartaCapital*, 866 E 12).

A formalização proposta por Serafim (2022, p. 27) para essa análise é a reproduzida em (156).

- (156) Minha melhor amiga se chama Maria Victoria (*Corpus do Português*, PORT:B BR nomesportugueses).
 RL: (e_i: (f_i: [(f_j: –chamar-se– (f_j)) (x_i: –minha melhor amiga– (x_i)) (D_I: Maria Vitória (D_I))] (f_i)) (e_i))

Como se observa, insere-se o lexema interpessoal em um molde de predicação no Nível Representacional como argumento do predicado *chamar-se*. Além do claro problema teórico já apresentado anteriormente, que concerne à presença de unidades de um nível na constituição de outro, também não é clara a configuração interpessoal da construção nessa análise.

Em busca de um enfoque mais apropriado para essas construções, postulamos que, no Nível Interpessoal, o nome deve constituir puramente uma Ação Lexical (D_I) no interior do Conteúdo Comunicado (C_I).

- (157) Minha melhor amiga se chama Maria Victoria (*Corpus do Português*, PORT:B BR nomesportugueses).
 IL: (C_I: [(T_I) (R_I) (**D_I: Maria Vitória (D_I)**)] (C_I))
 RL: (e_i: (f^c_i: [(f_j: –chamar-se– (f_j)) (x_i: –minha melhor amiga– (x_i))_U (**f_k**)] (f^c_i)) (e_i))

Não há, portanto, a evocação de um referente, mas simplesmente a seleção de um elemento linguístico capaz de fornecer uma identificação. Para capturar a ideia do caráter não

descritivo desse elemento, o investimento formal selecionado é o de uma propriedade de núcleo ausente.

A diferença entre esta análise e as anteriores se assenta no fato de que não há um Subato de Atribuição ou de Referência no Nível Interpessoal, já que, nesse tipo de construção, o papel do nome é apenas o de estabelecer uma etiqueta, ou fazer uma rotulação, a uma entidade referenciada anteriormente, sem que haja uma referência ou uma atribuição propriamente dita. Trata-se tão somente de uma Ação Lexical (D), que, como tal, é performada no interior de um Conteúdo Comunicado no Nível Interpessoal, o que garante, portanto, a associação do rótulo ao referente.

Em suma, identificamos três usos metalinguísticos: o nome próprio com modificador restritivo (*uma Kahlan boa*), o nome próprio em aposições restritivas (*o fotógrafo Paulo*) e os nomes próprios em construções de nomeação (*ela se chama Maria*). Adicionalmente, especificamos as diferenças e semelhanças pragmáticas e semânticas entre eles. Na sequência, passaremos a analisar nomes próprios cuja interpretação depende fortemente do contexto discursivo e situacional.

5.2.5 Nomes próprios contextuais

Tendo tratado dos nomes usados para fazer referência a uma entidade e dos nomes que, ao serem usados atributivamente, evocam rótulos, voltamo-nos agora para a descrição dos nomes usados para a evocação de propriedades, como *Leibniz* e *Robinson Crusoe*.

- (158) Independentemente das crises, há sempre liberais dispostos a ser **um Leibniz das finanças** e falar que este é o melhor mundo possível (*CartaCapital*, 865 O 19).
- (159) Sim, o pessoal está movido a ódio de classe, com particularidades tropicais. A vocação festeira e o impulso ficcional da fantasia estimulado pela estiagem. Não ganham a praça para clamar contra Dilma, Lula e o PT, e sim contra o que supõem ser a presidenta, o ex-presidente e seu partido. Figuras romanescas que em outros tempos chamariam de comunistas, representantes de uma esquerda metida a redentora do povão enquanto chafurda na corrupção. Algo assim como **um Robinson Crusoe que caiu na gandaia** (*CartaCapital*, 864 E 14).

Em (94) e (113), repetidos aqui, por conveniência, como (158) e (159), os nomes próprios são usados não para evocar um referente nomeado *Leibniz* ou *Robinson Crusoe*, mas para evocar um conjunto de propriedades associadas a esses indivíduos.

Nas gramáticas de diferentes vertentes, esses casos são geralmente tratados como nomes próprios convertidos em nomes comuns, como vimos anteriormente (Bechara, 2009; Camacho;

Hattner; Gonçalves, 2008; Neves, 2011). Nesses trabalhos, pouca atenção se dá a questões relacionadas aos significados dos nomes, ou ao mecanismo que permite esses usos; o foco parece ser guiado, na verdade, por uma tentativa de subclassificação do nome como um substantivo comum ou próprio.

Apesar disso, estudiosos de outras perspectivas teóricas tentaram ir além de uma classificação semântica e morfológica. Jespersen (1924, p. 66), por exemplo, define nomes próprios como itens cujo significado constitui um conjunto de atributos progressivamente associado ao referente, razão pela qual é possível usar um nome para atribuir características, como em *Ele é um Judas*. Já Marmaridou (1989) afirma que, no uso referencial, há a formação de assunções enciclopédicas sobre o referente, baseadas no que é possível recuperar pela memória, de modo que, nesse uso, seja possível identificar o referente do nome.

No uso conotativo, porém, o nome não serve para identificar um referente, mas para produzir implicações sobre algo ou alguém. Esse uso considerado metafórico oferece “atalhos para ideias e pensamentos inteiros, o que enfatiza seu papel como meio de comunicação mais eficiente e econômico” (Marmaridou, 1989, p. 371, tradução nossa),⁵⁵ já que dizer que alguém é *um Judas* é uma forma que representa um pensamento mais complexo, mas também muito mais econômico cognitivamente, que dizer *estou me referindo a alguém que pode trair uma pessoa*.

Assim como Marmaridou (1989), para quem o significado do nome não é lexical, Van Langendonck (2007) afirma que o sentido decorre de associações feitas pelo falante e ouvinte com base no conhecimento do portador do nome, assim, *um Judas* é equivalente a *uma pessoa comparável a Judas*.

Como há diversas associações possíveis a serem feitas com base nos conhecimentos do falante e ouvinte, interpretação desses nomes é fortemente guiada pelo contexto e, fora dele, são expressões com uma grande diversidade de sentidos baseada no que o ouvinte sabe sobre a entidade a que se atribui originalmente o nome. Por essa razão, Clark e Clark (1979) nomeiam essas expressões como contextuais, como já mencionamos em 3.2.

No âmbito da GDF, esses usos consistem em casos de coerção, situação em que um elemento, geralmente associado a um molde, é constrangido a associar-se a outro (García Velasco, 2009a, 2009b; Hengeveld; Mackenzie, 2008). No caso dos nomes próprios, pressiona-se um elemento associado ao Subato de Referência a entrar em um molde do Nível

⁵⁵ Cf. Original: “shortcuts for whole ideas and thoughts, which emphasizes their role as a more efficient and economical means of communication” (Marmaridou, 1989, p. 371).

Representacional, mais especificamente na posição de núcleo lexical de uma propriedade (f_i), conforme mostra (160).

- (160) IL: (-id R_I: (T_I) (T_J) (R_I))
 RL: (x_i: (f_i: Leibniz_N (f_i): (f_j: finanças (f_j)) (f_i)) (x_i))

Embora o sintagma como um todo seja usado referencialmente (R_I), o nome próprio corresponde ao Subato de Atribuição aqui usado para evocar uma propriedade (f_i) especificada pelo lexema *Leibniz* por meio de uma relação metonímica. Conforme mencionado anteriormente, esses casos envolvem a inserção de um operador de não identificabilidade [-id], que escopa o Subato de Referência, e de um modificador, *das finanças*, que escopa a propriedade. Diferentemente dos casos de modificação apresentados anteriormente, o modificador *das finanças* não escopa o indivíduo (x_i), mas a propriedade (f_i) ao especificar a que se aplica a propriedade *ser Leibniz*.

Além desse caso em que um nome próprio atua como um nome comum, é possível também que um nome próprio assuma uma posição geralmente associada a modificadores e predicados, o que tem como consequência morfológica a conversão em adjetivo (161) e verbo (162), respectivamente:

- (161) Outros autores seguem o pensamento **bakhtiniano** quanto à necessidade do estudo dos gêneros na escola (*Corpus do Português*, G BR alb.com.br).

- IL: (+id R_I: (T_I) (T_J) (R_I))
 RL: (x_i: (f_i: pensamento_N (f_i): (f_j: Bakhtin_N (f_j)) (f_i)) (x_i))
 ML: (Np_i: (Gw_i: o (Gw_i)) (Nw_i: pensamento (Nw_i)) (Ap_i: (Aw_i: bakhtiniano (Aw_i)) (Ap_i)) (Np_i))

- (162) Tapeçarias esburacadas, telas com furos, mesas de banquete com os cantos roídos, infiltrações, piso quebrado, estofados rasgados. Jair **bolsonarizou** o Alvorada (Internet).⁵⁶

NI: (C_i: [(T_i) (R_i: D_i: Jair (D_i)) (R_i)) (R_j: (D_j: Alvorada (D_j)) (R_j))] (C_i))

NR: (past ep_i (e_i: (f^c_i: (f^l_j: Bolsonaro_N (f^l_j)) (x_i) (x_j) (f^c_i)) (e_i)) (ep_i))

NM: (Cl_i: (Np_i: (Nw_i: Jair (Nw_i)) (Np_i)) (Vp_i: (Vw_i: bolsonarizou (Vw_i)) (Vp_i)) (Np_j: (Gw_i: o (Gw_i)) (Nw_j: Alvorada (Nw_j)) (Np_j)) (Cl_i))

Os exemplos (161) e (162) claramente demonstram a necessidade teórica de separar as classes de lexemas das classes de palavras, tal como proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008), justamente por não haver correspondência estrita entre essas categorias representacionais e morfossintáticas. Em todos os casos, o tipo de lexema na formulação é nominal, marcado, na representação por N subscrito após a categoria em si. O uso desse lexema em uma posição não usual é que dispara, no Nível Morfossintático, os processos de conversão em substantivo comum, adjetivo ou verbo, palavras que podem submeter-se a processos morfológicos típicos, como a formação do adjetivo com o sufixo *-iano*, e a derivação do verbo pela sufixação de *-izar*, seguido da desinência de modo/tempo.

Deve-se ressaltar, por fim, a diferença da análise aqui proposta em relação às demais. Nesses casos contextuais, o lexema associado ao nome próprio assume a posição de núcleo de uma propriedade no Nível Representacional. Diferentemente dos casos metalinguísticos, em que a propriedade permanece vazia, demonstrando não haver ali um elemento descritivo, nos casos de categorias contextuais, está presente um elemento descritivo do que resulta ter o item diversos significados possíveis, ainda que a leitura pretendida seja sempre mediada pelo contexto.

5.2.6 Resultados da análise

O percurso da análise permitiu observar que três grandes grupos em que se organizam os nomes próprios: i) os referenciais; ii) os metalinguísticos; iii) os contextuais.

O primeiro grupo reúne os casos mais prototípicos, em que os nomes são referenciais, definidos, sem significado e sem modificadores semânticos; reúne também um uso menos

⁵⁶ <https://www.matinaljornalismo.com.br/matinal/colunistas-matinal/juremir-machado/juremir-jair-bolsonarizou-o-alvorada/>

central, em que o nome recebe um modificador semântico, porém, não restritivo; esses casos são entendidos como Subatos de Referência com núcleo lexical no Nível Interpessoal e variáveis de núcleo ausente no Nível Representacional.

O segundo grupo consiste nos nomes usados metalinguisticamente, caso que reúne nomes com modificadores restritivos, aposições restritivas e construções de nomeação, constituindo, respectivamente, um Subato de Referência, um Subato de Atribuição e uma Ação Lexical, no Nível Interpessoal, e propriedades lexicais de núcleo ausente no Nível Representacional. A categorização desses usos como metalinguísticos é justamente em função de, nessas construções, ser o nome uma entidade linguística formalmente específica usada para identificar um referente.

Por fim, o terceiro grupo concentra os casos de nomes próprios cuja interpretação é dependente do contexto. Nessa situação, os lexemas podem ocupar diversas posições no interior da predicação, do que resulta uma codificação como três classes de palavras: substantivo comum, adjetivo ou verbo. Veremos na sequência como essa análise pode dar uma contribuição teórica para a categorização dos nomes no sistema linguístico.

6 Generalizações e implicações teóricas da análise dos nomes próprios

A análise apresentada no Capítulo 5, com base em dados do português, mostra, a princípio, uma refinada separação dos nomes próprios em cinco subtipos, com base na sua formulação: i) nomes próprios referenciais sem modificação semântica; ii) nomes próprios referenciais com modificação semântica; iii) nomes próprios em aposições restritivas; iv) nomes próprios em construções de nomeação; v) nomes próprios contextuais.

Este Capítulo apresenta algumas generalizações e implicações teóricas dessa descrição para a GDF. Discute-se, em primeiro lugar, uma classificação mais geral de nome próprio em relação a outras categorias linguísticas referenciais. Para tanto, leva-se em consideração apenas o uso mais prototípico, uma vez que é ele que exibe as características mais gerais da categoria (Rosch, 1978). Na sequência, encaminhamos a discussão de modo mais específico para uma separação, dentro da categoria de nome próprio, de usos mais ou menos centrais com base na presença ou ausência de traços característicos, já elencados no Capítulo 2. Por fim, com base na presença ou ausência desses traços constitutivos, estabelecem-se as diferenças entre os usos referenciais, os metalinguísticos e os metafóricos e suas implicações teóricas para a gramática do português e para o modelo discursivo-funcional.

6.1 Uma proposta de categorização gramatical

No Capítulo 2, mostramos que os nomes próprios são geralmente caracterizados como um subtipo nominal, em contraste com os nomes comuns. Nesse âmbito, têm um especial destaque questões de significado e referência. Apesar disso, Anderson (2003, 2004, 2007) afirma que esses trabalhos “apenas marginalmente se preocupavam com a questão de seu [dos nomes] estatuto gramatical” (Anderson, 2004, p. 435–436, tradução nossa).⁵⁷

Para preencher essa lacuna, o autor tem como foco definir se os nomes próprios, de fato, são uma subcategoria dos nomes, ou se eles se aproximam de outras categorias linguísticas. Para tanto, o autor toma como base de discussão uma noção nocional de gramática, em que “as propriedades distributivas definidoras de uma categoria sintática são aquelas dos membros semanticamente prototípicos da categoria” (Anderson, 2007, p. 7, tradução nossa).⁵⁸ Nessa

⁵⁷ Cf. Original: “only marginally concerned themselves with the issue of their grammatical status” (Anderson, 2004, p. 435–436).

⁵⁸ Cf. Original: “the defining distributional properties of a syntactic category are those of the semantically prototypical members of the category” (Anderson, 2007, p. 7).

perspectiva, portanto, a própria definição sintática de classes de palavras depende de critérios semânticos.

Com base nessa concepção, Anderson (2003, 2004, 2007) afirma que os nomes próprios devem ser agrupados com os chamados *determinativos*, rótulo que inclui no seu escopo pronomes e determinantes. Essa categoria se caracteriza nocionalmente por ser referencial e não predicativa; além disso, seus membros são usados de forma primária como argumentos de uma predicação, sozinhos (no caso de nomes e pronomes), ou complementados por um nome comum (no caso de determinantes). O autor ainda afirma que os nomes próprios não têm semelhança alguma com nomes comuns, a não ser o traço de definitude não inerente e algumas subclassificações, como gênero, também compartilhadas por pronomes.

Traços como referencialidade, especificidade e identificabilidade, possibilidade de ser usado sozinho como argumento etc., constituem critérios abrigados em diferentes níveis de análise na arquitetura da GDF. Além desse fato, a GDF identifica classes de lexemas com base em sua função nos níveis pragmático e semântico, e classes de palavras com base em critérios morfossintáticos (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 400). Desse modo, definir o nome categorialmente exige um exame independente das suas características nos Níveis Interpessoal e Representacional, e Morfossintático, o que não se aplica à proposta de Anderson (2007). Veremos, na sequência, como o nome próprio se comporta em cada um desses níveis em seu uso mais prototípico (ver Seção 5.2.1 para uma descrição detalhada).

No Nível Interpessoal, um nome próprio pode atuar como Vocativo, como mostra (163), que constitui uma classe especial de atos interativos com a função de chamar a atenção do Ouvinte no discurso corrente, como uma orientação contínua do Falante para o Ouvinte (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 78), ou como núcleo de um Subato de Referência, conforme mostra (164).

(163) João, tenha cuidado!

(164) O João chegou em casa.

Também executam essas funções interpessoais em atos e subatos os nomes comuns⁵⁹ e os pronomes. É comum a essas três categorias a possibilidade de modificação interpessoal, conforme mostram (165–167).

⁵⁹ Embora nomes comuns possam ser usados na função vocativa, há uma restrição no tipo de nome que pode exercer essa função: é preciso que o nome comum identifique um possível participante do discurso. Por essa razão,

- (165) O pobre menino está passando fome.
- (166) O pobre João está passando fome.
- (167) Pobre de mim que não tenho o que comer.

Apesar de a modificação interpessoal ser igualmente passível de atribuição às três categorias, os pronomes acompanhados de modificadores exigem, em sua codificação, um sintagma com estrutura morfossintática diferente da dos nomes comuns e próprios. Mais especificamente falando: o Np composto por um nome comum ou um nome próprio acompanhado de modificador pode ser codificado por uma estrutura [(Det) + Aw + Nw], como em *o pobre menino/João* ou por uma estrutura [(Det) Nw + Pp (de + Nw)], como em *o pobre do menino/João*; todavia, no caso de ter o núcleo do Np a forma pronominal, apenas a estrutura de um sintagma-*de* é possível [N + de + Pro], como mostra (167).

Quanto à identificabilidade e à especificidade, é preciso destacar que, como para a GDF, esses traços só se aplicam a Subatos de Referência, seria contraproducente considerá-los como critérios pragmáticos gerais para definirem a classe de lexema como um todo, como o faz Anderson (2003, 2004, 2007). O autor afirma, por exemplo, que, no grego, os vocativos não são usados acompanhados de artigos, enquanto nomes próprios em posição de argumento estão acompanhados de artigo na estrutura de predicação. Esses fatos constituem um argumento para Anderson defender que os nomes próprios têm um caráter nem definido nem indefinido.

No entanto, na realidade, considerar o modo de organização da gramática no arcabouço teórico da GDF requer, em primeiro lugar, distinguir traços pragmáticos, como identificabilidade e especificidade, de fenômenos morfossintáticos, como presença ou ausência de artigo na composição do Np. Embora sejam, portanto, identificáveis e específicos no Nível Interpessoal, nomes próprios referenciais têm um comportamento Morfossintático diferente de língua para língua em relação ao modo de codificação desses operadores interpessoais.⁶⁰

parecem ser mais comuns, nessa posição, nomes como *menino, menina, moça, moço* etc. e, impossíveis ou ao menos improváveis, nomes como *mesa, reunião, verdade*, que não indicam possíveis participantes.

⁶⁰ Handschuh (2017) fornece uma análise de 34 línguas para mostrar a distribuição de marcas de definitude em nomes próprios (antropônimos) e comuns. Na maioria dessas línguas, nomes comuns não são marcados como definidos (15/34, 44%), embora várias outras marquem nomes comuns e próprios com formas idênticas e em condições idênticas (11/34, 32%). Existem ainda outras que dispõem de marcação apenas em nomes comuns (6/32, 18%) e ainda outras que apresentam marcas de definitude distintas para nomes comuns e nomes próprios (1/34, 3%) e, finalmente, línguas que marcam distintamente nomes comuns e nomes próprios (1/34, 3%). Observe-se também Salaberri (2020) para uma discussão sobre marcação de antropônimos e várias outras subclasses de nomes em 50 idiomas.

Por fim, apenas nomes comuns podem ser usados como Subatos de Atribuição, já que evocar uma propriedade não é um ato pragmático acessível a nomes próprios e pronomes, justamente porque eles não têm uma propriedade lexical subjacente. Esse critério tem natureza tanto interpessoal quanto representacional já que evocar uma propriedade no Nível Interpessoal implica necessariamente a denotação de uma Propriedade Lexical no Nível Representacional.

O Quadro 5 resume as características dos nomes comuns, nomes próprios e pronomes com base em suas funções interpessoais (Vocativo, Referência, Atribuição) e a possibilidade de atribuição de modificadores e operadores quando referenciais.

Quadro 5 – Critérios interpessoais⁶¹

	Função/Característica	Nome comum	Nome próprio	Pronome
NI	Vocativo	+	+	+
	Referência	+	+	+
	Modificador	+	+	+
	Operador inerente +id, +s, se (R)	-	+	+
	Atribuição	+	-	-

Fonte: elaborado pela autora.

As informações contidas no Quadro 5 permitem observar que os nomes próprios se aproximam dos pronomes, se levadas em consideração as características interpessoais compartilhadas por essas categorias. Além disso, Hengeveld e Mackenzie (2008) argumentam que pronomes pessoais de primeira e de segunda pessoas, que fazem referência aos participantes do discurso, são similares a nomes próprios e “podem ser considerados substitutos gramaticais para nomear a si mesmo e nomear o Ouvinte” (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 118, tradução nossa).⁶² No entanto, pronomes em geral, incluindo os de não pessoa, atuam de modo diferente por permitirem combinações diversas de traços abstratos de inclusão ou não do Falante [$\pm S$] ou do Ouvinte [$\pm A$], como é possível ver em (168).

⁶¹ Os traços apresentados nesta e nas próximas tabelas são traços generalizantes. Há, entretanto, uma grande variação no comportamento dos itens que pertencem a cada uma dessas categorias ou mesmo uma variação no comportamento de subcategorias. Não é objetivo deste trabalho uma comparação exaustiva entre nomes comuns, nomes próprios e pronomes; portanto, fixamo-nos nas características mais gerais de cada uma delas para oferecer uma generalização dessas categorias na GDF.

⁶² Cf. Original: “*may be regarded as grammatical substitutes for naming oneself and naming one’s Addressee*” (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 118).

(168)	NI	NR
Primeira pessoa singular	(+id R ₁ : [+S, -A] (R ₁))	(1x ₁)
Primeira pessoa plural exclusiva	(+id R ₁ : [+S, -A] (R ₁))	(mx ₁)
Segunda pessoa singular	(+id R ₁ : [-S, +A] (R ₁))	(1x ₁)
Segunda pessoa plural	(+id R ₁ : [-S, +A] (R ₁))	(mx ₁)
Primeira pessoa plural inclusiva	(+id R ₁ : [+S, +A] (R ₁))	(mx ₁)
(Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 118, tradução nossa). ⁶³		

Os autores mencionam ainda ser possível fazer outras distinções no Nível Representacional, como gênero do Falante/Ouvinte e refinamentos de número (dual, trial etc.). Além disso, argumentam Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 119) que outra relação de proximidade entre nomes próprios e pronomes está na possibilidade de, em português europeu, os nomes serem usados como uma forma de tratamento na posição [-S, +A], conforme ilustram Cunha e Cintra (2008), com o exemplo em (169):

(169) **O Manuel** já leu este livro? (Cunha; Cintra, 2010, p. 309, grifos dos autores).

Além desse uso mencionado por Hengeveld e Mackenzie (2008), os gramáticos Cunha e Cintra (2008), também afirmam ser possível empregar, nessa estrutura, Nps nucleados por nomes comuns de parentesco, ou por outro nome que situe a relação entre os interlocutores, como mostrado em (170) e (171).

(170) **O pai** já leu este livro? (Cunha; Cintra, 2010, p. 309, grifos dos autores).

(171) **O meu amigo** já leu este livro? (Cunha; Cintra, 2010, p. 310, grifos dos autores).

Esses comentários permitem deduzir que o uso de nomes próprios como formas de tratamento não constitui critério suficiente para incluir nomes próprios e pronomes numa mesma categoria, já que, conforme mostrado, também os nomes comuns podem ocupar a

⁶³ Cf. Original:

	IL	RL
<i>“First person singular</i>	<i>(+id R₁: [+S, -A] (R₁))</i>	<i>(1x₁)</i>
<i>First person plural exclusive</i>	<i>(+id R₁: [+S, -A] (R₁))</i>	<i>(mx₁)</i>
<i>Second person singular</i>	<i>(+id R₁: [-S, +A] (R₁))</i>	<i>(1x₁)</i>
<i>Second person plural</i>	<i>(+id R₁: [-S, +A] (R₁))</i>	<i>(mx₁)</i>
<i>First person plural inclusive</i>	<i>(+id R₁: [+S, +A] (R₁))</i>	<i>(mx₁)”</i>
(Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 118).		

mesma posição na estrutura da oração no exercício, inclusive, da mesma função de tratamento do interlocutor.

Quanto às propriedades semânticas, os nomes próprios se aproximam dos pronomes por não disporem, como eles, de um significado lexical. Nos termos da GDF, essa proximidade categorial resulta, como vimos, na ausência de uma Propriedade Lexical (f^l), traço que, por sua vez, está diretamente vinculado à impossibilidade de um nome próprio atuar como um Subato de Atribuição.

Outra consequência relevante de ser um nome próprio uma variável sem uma propriedade correspondente está na impossibilidade de lhe ser atribuível uma modificação restritiva, traço que se aplica também aos pronomes, que, por fazerem, por definição, uma referência definida, não recebem a atribuição de mais restritores.

Por outro lado, é possível atribuir modificadores representacionais não restritivos aos nomes comuns e aos nomes próprios, mas não aos pronomes, conforme mostram os exemplos (172-174).

- (172) Esse é o primeiro filme de a atriz australiana com **o prolífico cineasta**, conhecido por criar memoráveis personagens femininas, como Annie Hall (Diane Keaton), em "Noivo Neurótico, Noiva Nervosa" (*Corpus do Português*, G BR conceito.olhardireto.com.br).
- (173) de 2012 para cá **o prolífico Bonamassa** não lançou material inédito (*Corpus do Português*, B BR rockemgeral.com.br).
- (174) *O prolífico eu/tu/você/ele(a).

Essa impossibilidade de o pronome em (174) receber qualquer tipo de modificador representacional é consequência do estatuto mais gramatical dos pronomes em comparação aos nomes comuns e próprios. Essa situação aponta, portanto, para um *continuum* entre as três categorias, estando a dos nomes próprios na região medial, já que pronomes não recebem modificação semântica, nomes próprios recebem apenas modificação não restritiva, e nomes comuns podem ser acompanhados de todo tipo de modificação, conforme o Quadro 6.

Quadro 6 – Critérios representacionais

	Função/característica	Nome comum	Nome próprio	Pronome
NR	Modificador não restritivo	+	+	-
	Conteúdo lexical	+	-	-
	Modificador restritivo	+	-	-

Fonte: elaborado pela autora.

Como é possível observar, com base nos traços representacionais, o nome próprio compartilha mais características semânticas em comum com os pronomes que com os nomes comuns. É preciso lembrar, contudo, que não poder evocar um Subato de Atribuição e não dispor de um conteúdo lexical são traços intimamente conectados, ou seja, implicam-se mutuamente. Além disso, não dispor de conteúdo lexical também implica não poder receber modificação restritiva. Desse modo, o único traço semântico independente é o de modificação não restritiva, que aproxima os nomes comuns dos nomes próprios.

Na formulação, portanto, três traços apenas são relevantes para distinguir as três categorias: i) a definitude inerente e ii) a impossibilidade de evocar uma propriedade como Subato de Atribuição, que aproximam os nomes próprios dos pronomes no Nível Interpessoal; e iii) a possibilidade de receber modificação não restritiva, que aproxima os nomes próprios dos nomes comuns no Nível Representacional.

Apesar de as propriedades em comum apontarem para uma proximidade categorial entre nomes próprios e pronomes, é preciso levar em consideração um traço distintivo relevante entre essas duas categorias linguísticas: embora pronomes e nomes próprios façam parte de um conjunto de expressões definidas, pronomes constituem uma classe fechada de palavras, caracterizável por meio dos traços $[\pm S, \pm A]$, $[\pm \text{humano}]$, como na distinção do inglês *(s)he/it* para pessoas e coisas, e, adicionalmente, por traços de gênero e número. Já nomes próprios fazem parte de uma classe aberta de palavras,⁶⁴ sem, todavia, abrir a possibilidade de definir traços pragmáticos ou semânticos que sejam intrínsecos a um item da categoria.

Como é possível notar, essas características apontam para uma classificação não discreta das três categorias envolvidas, como já mencionado acima, tendo como base que os nomes próprios compartilham traços dos níveis de formulação ora com nomes comuns ora com pronomes. Como o tratamento de categorias contínuas não é geralmente admitido na GDF, que atribui às unidades de análise uma natureza discreta, um tratamento adequado, dentro desse arcabouço, requer a separação das funções⁶⁵ e dos núcleos de cada uma delas, nos termos abaixo especificados:

⁶⁴ Ser uma classe aberta significa que se criam novas designações na medida da necessidade de fazer referência a uma entidade única e não a uma classe de entidades, como é típico dos nomes comuns, designando propriedades dessa classe.

⁶⁵ Excluimos, dessa definição, a função vocativa, uma vez que não há diferença notável entre as três categorias.

- i) nomes comuns têm a função de fazer referência a alguma entidade não específica; por terem um significado lexical, são o núcleo de uma Propriedade (f) no Nível Representacional;
- ii) nomes próprios têm a função de fazer referência a uma entidade específica; por serem lexemas interpessoais, são o núcleo de uma Ação Lexical (D);
- iii) pronomes têm a função de fazer referência a uma entidade específica do discurso; por designarem entidades por meio de um conjunto de traços distintivos, esses mesmos traços constituem o seu núcleo e podem ser expressos nos Níveis Interpessoal [$\pm S$, $\pm A$] e Representacional [$\pm hum$; singular, plural, dual etc., feminino, masculino].

Essas definições descritivas são uma consequência teoricamente relevante do modo como a GDF encara os lexemas, entendidos como interpessoais e como representacionais. Em outras palavras: os lexemas são identificados distintivamente na Formulação em dois conjuntos de primitivos atribuídos aos dois níveis mais altos de análise. Assim, é possível distinguir lexemas nominais no Nível Interpessoal e lexemas nominais no Nível Representacional.⁶⁶

Essas definições contemplam não só a proximidade entre as diversas classes, mas também o que de específico cada uma delas tem no comportamento interpessoal e representacional. Dessa perspectiva, chama a atenção, por um lado, a semelhança de comportamento entre nomes próprios e pronomes (como já mostra Anderson (2003, 2004, 2007)), e chama a atenção, por outro, a viabilidade, mesmo assim, da preservação de distinção entre essas unidades, como categorias discretas, conforme requer o modelo de gramática da GDF.

Olhando-se agora para o comportamento morfossintático, observa-se que, enquanto as três categorias podem ocupar o núcleo de um Np, apenas substantivos⁶⁷ comuns e próprios admitem o uso de um artigo definido quando o sintagma ocupa alguma posição no interior da oração.

Em caso de modificação, é possível expressá-la morfossintaticamente mediante o uso de adjetivos (Aw) apenas no caso da categoria dos substantivos, indiferentemente se forem comuns ou próprios. Já aos pronomes, por seu lado, somente é possível atribuir-lhes modificação no contexto de sintagmas binominais, em que é de natureza tipicamente interpessoal: *pobre de mim*).

⁶⁶ Da mesma forma, é possível distinguir lexemas verbais ou adjetivais em cada um desses níveis. Lexemas verbais constituem os núcleos lexicais de Ilocução (*prometo, juro, declaro* etc.) e adjetivais, os modificadores de diversas camadas (*francamente, supostamente* etc.) do Nível Interpessoal.

⁶⁷ Para distinguir a classe de lexemas da classe de palavras, optamos por utilizar o termo “nome” para lexemas e “substantivo” para palavras.

Por fim, quanto à morfologia, substantivos comuns e pronomes admitem marcação de número e gênero mediante o uso de flexão e, adicionalmente, todas permitem processos de derivação, que se restringem, no caso dos substantivos próprios e dos pronomes, sem interferência de processos de coerção, a sufixos diminutivos e aumentativos, como *Joãozinho*, *Rodrigo*, *euzinho*, *euzão*.⁶⁸

Outro fato morfossintático relevante é o de que, no interior da oração, substantivos comuns e próprios não dispõem de qualquer distinção morfológica de caso, embora os pronomes, como se sabe, ainda exibam diferentes formas residuais para os casos reto (nominativo) e oblíquos (acusativo, dativo e genitivo).

O Quadro 7 traz um resumo dos critérios morfossintáticos.

Quadro 7 – Critérios morfossintáticos

NM		Substantivos comuns	Substantivos próprios	Pronomes
	É o núcleo do SN	+	+	+
	Admite flexão	+	-	+
	Admite derivação	+	+	+
	Admite inclusão de artigo	+	+	-
	Admite adjetivo	+	+	-
	Admite caso	-	-	+

Fonte: elaborado pela autora.

A distribuição dos traços permite observar que os substantivos comuns e os substantivos próprios têm um comportamento similar do ponto de vista morfossintático, e divergente da categoria dos pronomes, que diferem no que concerne à possibilidade de ser acompanhado por um artigo, por um adjetivo e por apresentarem diferentes formas para marcação de caso. Visto da perspectiva das três categorias como classes de palavras, os critérios morfossintáticos mostram que, de modo geral, nomes próprios e comuns fazem parte da mesma categoria, a dos substantivos, o que indica uma convergência relevante na interface entre os níveis de formulação e os de codificação: enquanto os nomes próprios constituem uma classe de lexemas interpessoais e os nomes comuns, e uma classe de lexemas representacionais, como classe de palavras, eles se comportam como substantivos, sendo que alguns processos (como flexão e derivação) são específicos da cada subclasse. Os pronomes, por outro lado, constituem tanto uma categoria funcional quanto uma classe de palavras distinta da dos substantivos.

⁶⁸ Nota-se que, com pronomes, uma consulta simples na internet mostra que o diminutivo (*euzinho*, *vocezinho*, *elezinho*) parece ser pouco produtivo de modo geral, e aumentativos de 2ª e 3ª pessoa são ainda menos produtivos. Apenas duas ocorrências foram encontradas no site de busca (<https://www.google.com>) com “voceão”, por exemplo.

6.2 Traços constitutivos dos nomes próprios

A revisão da literatura sobre nomes próprios permite identificar traços pragmáticos e semânticos comuns a diversos trabalhos sobre essa categoria:

1. Nomes próprios são referenciais (Dik, 1997; Frege, 1948; Jespersen, 1924; Katz, 2001; Kleiber, 1981, 1996, 2004, 2006; Kripke, 1980; van Langendonck, 2007; Lyons, 1977; Mill, 1868; Russell, 1964; Searle, 1969; Wittgenstein, 1922b, 1953);
2. Nomes próprios não têm um conteúdo descritivo (Hengeveld; Mackenzie, 2008; Kripke, 1980; van Langendonck, 2007; Lyons, 1977; Mill, 1868);
3. Nomes próprios são inerentemente definidos (Dik, 1997; Frege, 1948; Hengeveld; Mackenzie, 2008; Jespersen, 1924; Kripke, 1980; van Langendonck, 2007; Lyons, 1977; Mill, 1868; Russell, 1964; Wittgenstein, 1922b).

Esses traços se aplicam aos casos de nomes próprios sem modificação semântica tratados em 5.2.1, que podem ser considerados, portanto, nomes próprios prototípicos. Nas ocorrências discutidas nessa Seção, os nomes próprios são referenciais, não têm conteúdo descritivo, ou seja, não têm um significado lexical, e são inerentemente definidos, propriedade que, no português, pode ser codificada por um artigo definido, uma palavra gramatical que é caracteristicamente aplicável a nomes comuns tratados como entidades dadas, mas que só se aplicam facultativamente aos nomes próprios.

Já os usos não prototípicos analisados no Capítulo 5 se caracterizam por uma ausência parcial ou total desses traços, o que permite abrigá-los mais na periferia em relação aos casos mais centrais da categoria. No caso de nomes próprios modificados restritivamente, o traço não pertinente é o de definitude, que deve ser recuperado novamente por meio de expedientes linguísticos. Em princípio, como um nome próprio é inerentemente definido, seria ou redundante ou incompatível com essa propriedade uma especificação semântica que restringe a denotação do referente (Seppänen, 1971; Sorensen, 1958; Vandelanotte; Willemse, 2002). É, portanto, justamente a ausência da definitude intrínseca que permite a inclusão de uma especificação lexical à entidade denotada.

A ausência de definitude é contextualmente motivada no sentido de ser preciso haver uma situação específica em que Falante e Ouvinte reconheçam mais de um referente denominado pelo mesmo nome. Nessa circunstância, a construção do referente só é bem-sucedida se houver duas especificações: i) um operador de definitude obrigatoriamente exposto morfossintaticamente; ii) uma especificação lexical. Observe-se, portanto, que nesse

uso, o nome próprio requer a inclusão de um operador de definitude, exigência que não se aplica aos usos prototípicos. Com efeito, nessa situação, o nome próprio passa a funcionar como um nome comum.

Conforme já mencionado, Raposo e Nascimento (2013, p. 1030) afirmam que “aquilo que permite modificar um nome próprio é a presença de um especificador, nomeadamente do artigo definido. Sem artigo, a modificação de um nome próprio não é possível”. Sedrins (2017) também atrela o uso de modificadores à presença obrigatória de um artigo definido:

- (175) a O João altão saiu primeiro.
- b *João altão saiu primeiro (Sedrins, 2017, p. 241).
- (176) a O João de camisa vermelha é meu aluno.
- b *João de camisa vermelha é meu aluno (Sedrins, 2017, p. 241).

Essa relação do nome próprio modificado com a presença de artigo definido, tal como proposta por Raposo e Nascimento (2013) e Sedrins (2017), assenta-se no fato de que um fator morfossintático “desengatilha”, digamos assim, um fenômeno semântico. Esse fenômeno, visto de uma perspectiva discursivo-funcional, tem motivação inversa, já que não é a presença do artigo, ou do especificador na linguagem formal, que permite a modificação. É, na verdade, a ausência situacionalmente motivada de definitude, em relação ao nome prototípico, que requer do falante a construção de um referente especificado com operadores e modificadores pragmáticos e semânticos determinados. Por conseguinte, são essas especificações pragmáticas e semânticas, contextualmente motivadas, que desencadeiam, no Nível Morfossintático, a obrigatoriedade da inserção do artigo, desnecessária quando se trata do nome próprio prototípico, acompanhada da introdução de uma palavra lexical adjetiva ou de uma estrutura complexa de igual função, como um sintagma preposicionado ou uma oração adjetiva restritiva.

É preciso lembrar que, conforme discutido na Seção 5.2.2, não há a ausência de nenhum desses traços prototípicos, quando os nomes próprios receberem modificadores não restritivos no Nível Representacional. Nessa situação, o Falante apenas predica uma característica adicional, fornecendo mais detalhes ao referente do nome próprio, como em (177–178).

- (177) Foi um gesto parecido com o olhar glacial que ela endereçou a **um sorridente Joaquim Barbosa** no enterro de Niemeyer (*Corpus do Português*, PORT:B BR ailtonmedeiros).
- (178) **o sorridente Mark Foster** (teclados, guitarras e vocais); **o vibrante Mark Pontius** (bateria) e **o charmoso Cubbie Fink** (baixo) são uns lindos (*Corpus do Português*, PORT:B BR mundolivrefm).

Esse contexto de interação não se caracteriza pela presença de muitos indivíduos com o mesmo nome; o Falante apenas atribui ao referente uma característica não permanente detectada no contexto, que ele considera compartilhável com o Ouvinte. A inserção obrigatória de artigo definido ou indefinido não implica a perda da definitude inerente dos nomes próprios prototípicos. Em (177), por exemplo, o uso de um artigo indefinido não significa que a entidade referencial receba o operador não identificável [-id]. Ao tratar de substantivos que designam entidades únicas dentro de um determinado universo de discurso, como *sol* ou *lua*, Neves (2011) afirma que

esses *substantivos* podem construir-se com o *artigo indefinido* quando alguma característica circunscrita espacial ou temporalmente está sendo indicada pelo uso de um *modificador*, ou *qualificador*. Trata-se de um uso de grande efeito, e, por isso, muito comum na linguagem literária (Neves, 2011, p. 517, grifos da autora).

Esse procedimento estilístico pode ser igualmente aplicado à ocorrência (177), em que o Falante fornece uma qualificação dependente de um contexto situacional particular à uma entidade identificável e específica. De modo similar, Van Langendonck (2007, p. 176) também considera que, no inglês, o uso de artigos indefinidos em construções como *a devastated Claes entered the court-room* “um devastado Claes entrou no tribunal” só é possível quando houver a atribuição de uma propriedade não permanente predicada, uso que parece estar mais afeito a sequências narrativas, como uma forma de expressividade. Não se trata, portanto, de um artigo indefinido que marca de fato a não identificabilidade de um referente.

A perda parcial dos traços pragmáticos e semânticos dos nomes próprios prototípicos também se aplica a aposições restritivas e a construções de nomeação, casos em que se perdem simultaneamente os traços de definitude e de referencialidade. Essas situações também se identificam com usos em que o nome próprio atua como comum, uma vez que assume traços característicos dessa subclasse nominal.

Em aposições restritivas, é possível usar referencialmente apenas o sintagma como um todo, cabendo aos nomes que o compõem a tarefa de evocar propriedades que auxiliam na

construção do referente. Como discutido na Seção 5.2.3, um teste de referencialidade realizado com uma aposição com os dois nomes comuns mostra não ser possível retomar o constituinte do Np ocupando a segunda posição. Por conveniência, repetem-se em (179a-c) as paráfrases em (146).

- (179) a Com K ou sem K, **a palavra caos** se oferece a diversas interpretações (*CartaCapital*, 863 E 14).
- b Com K ou sem K, [**a palavra caos**]_i se oferece a diversas interpretações. [**Ela**_(3SG.M)]_i pode qualificar o estado do país antes ou depois de golpes de Estado.
- c *Com K ou sem K, **a palavra** [**caos**]_i se oferece a diversas interpretações. [**Ele**_(3SG.M)]_i pode qualificar o estado do país antes ou depois de golpes de Estado.

O constituinte do Np na segunda posição evoca um rótulo *caos*, que especifica a entidade denotada *palavra*, mediante o constituinte da primeira posição da estrutura apositiva. Não é, portanto, sobre a entidade referencial *caos* que se fala, mas, metalinguisticamente, sobre a própria palavra *caos*. No caso de aposições com nomes próprios, como a de (180), *Giovanna* é um rótulo que se atribui à *filha*. A evocação simultânea dessas duas propriedades tem relevância para a construção do referente como um todo.

- (180) passou a recontá-la para embalar os sonhos da filha **Giovanna**, hoje com 9 anos (*CartaCapital*, 859 R 14–15).

Similarmente ao que se vê em (179) e em (180), construções de nomeação não dispõem de uma instância de referenciação, mas da evocação de um rótulo, atuando como uma predicação secundária. Sobre (19), repetido em (181), Müller e Negrão (1989, p. 533) afirmam que a própria impossibilidade de inserir um artigo definido é uma clara evidência da não referencialidade do nome próprio.

- (181) Ela se chama Rafaela (Müller; Negrão, 1989, p. 532).

Aposições e construções de nomeação não permitem a inserção de um artigo definido antes do nome próprio, como mostra (182).

(182) *passou a recontá-la para embalar os sonhos da filha a **Giovanna**, hoje com 9 anos.

Esses fenômenos mostram que, em aposições restritivas e em construções de nomeação, os nomes próprios não apresentam seu uso referencial prototípico, não podendo, portanto, ser entendidos como definidos ou indefinidos.

Por fim, no uso contextual, todos os traços característicos dos nomes próprios estão ausentes: não são inerentemente definidos, não são referenciais e têm um conteúdo descritivo. Evocam, na verdade, um conjunto de propriedades associadas a outro referente conhecido. Em razão disso, mantêm uma relação estrita com a situação de interação, já que sua formulação e interpretação dependem fortemente tanto do cotexto quanto do contexto situacional.

No Quadro 8, organizam-se os tipos de nomes próprios conforme o uso torna ausentes alguns de seus traços constitutivos.

Quadro 8 – Traços constitutivos dos nomes próprios

Usos Traços	Nomes sem modificação semântica	Nomes com modificação semântica		Aposições restritivas	Nomeações	Contextuais
		Não restritiva	Restritiva			
Sem conteúdo descritivo	+	+	+	+	+	-
Referencial	+	+	+	-	-	-
Inerentemente definido	+	+	-	-	-	-

Fonte: elaborado pela autora.

Ressalte-se que a ausência de traços se dá de modo gradual a partir da ausência da definitude inerente, ocorrendo, a seguir, a ausência de referencialidade, passando por fim, os nomes próprios a ter um conteúdo descritivo determinado pela situação interacional. Na próxima Seção, discutimos as implicações teóricas dessa separação em tipos para a GDF.

6.3 Implicações para a Gramática Discursivo-Funcional

Ao observarmos o comportamento dos nomes próprios no Capítulo 5 e seus traços constitutivos na Seção 6.2, propusemos uma separação em três grandes tipos: os referenciais, os metalinguísticos e os contextuais. Essa separação permite descrever, de modo pormenorizado, os nomes próprios de acordo com a GDF (Hengeveld; Mackenzie, 2008) e até mesmo usos apenas parcialmente contemplados por outros trabalhos com mesmo arcabouço teórico (García Velasco, 2022; Giomi, 2020; Keizer, 2008, 2019).

Nomes próprios referenciais se subdividem em não modificados, modificados não restritivamente e modificados restritivamente. Os dois primeiros subtipos não apresentam problemas teóricos de classificação, conforme mostramos anteriormente. Já a modificação restritiva dos nomes próprios não é assunto desenvolvido por Hengeveld e Mackenzie (2008), justamente por constituírem uma camada de núcleo ausente no Nível Representacional.

Giomi (2020) propõe uma mudança na concepção da relação núcleo-modificador na GDF, com a finalidade de acomodar modificadores de camadas de núcleo ausente. O autor propõe que essa relação se estabeleça entre um especificador interno e um especificador externo e não mais entre o primeiro e o segundo restritor, conforme a concepção de Hengeveld e Mackenzie (2008), baseada em Dik (1997, p. 151).

E embora, de fato, essa proposta de definição não mais implique a restrição de um modificador, ela ainda deve ser vista com ressalvas, já que o autor não distingue os tipos de modificador. A desvantagem de uma abordagem que dá um tratamento equivalente a modificadores restritivos e a não restritivos é não contemplar teoricamente as mudanças de sentido que cada modificação provoca no nome próprio: se, por um lado, o uso de modificadores não restritivos sugere a não existência de múltiplas entidades de mesmo nome, por outro, o uso de modificadores restritivos sugere a perda da referencialidade única, já que o falante seleciona uma entidade de um conjunto.

Ao tratar de modificadores que não se submetem a condições de verdade, Keizer (2019) estabelece uma distinção entre os modificadores restritivos e não restritivos. No Nível Representacional, modificadores potencialmente submetidos a condições de verdade são restritivos e fazem parte da mesma proposição em que se localiza o núcleo do Np. Já modificadores não potencialmente submetidos a condições de verdade localizam-se, de modo geral, no Nível Interpessoal. Keizer (2019) argumenta a favor, entretanto, da possibilidade de modificadores desse tipo fazerem parte do Nível Representacional, desde que identifiquem um Conteúdo Proposicional diferente daquele em que se encontra o núcleo. Essa abordagem

explica a possibilidade de modificar nomes próprios de forma não restritiva, como em (183) no inglês e em (184) no português.

- (183) **The prolific Toni Morrison** returned this year with her first novel set in the current time (COCA, magazine).
- (184) Foi um gesto parecido com o olhar glacial que ela endereçou a **um sorridente Joaquim Barbosa** no enterro de Niemeyer (*Corpus do Português*, PORT:B BR ailtonmedeiros).

Uma comparação entre as propostas de Keizer (2019) e Giomi (2020) permite deduzir a existência de vantagens e desvantagens teóricas em relação a sua aplicação à descrição dos nomes próprios. Alterar a definição da relação núcleo-modificador permite a Giomi (2020) prever a modificação de nomes próprios, o que é decididamente uma vantagem teórica, mas, por outro lado, não permite distinguir os tipos restritivo e não restritivo de modificação.

A proposta de Keizer (2019), por seu lado, não altera a definição de modificação, aplicando-se, porém, apenas a modificadores não restritivos. Conquanto as duas propostas não forneçam condições suficientes para lidar com as especificidades de modificadores restritivos de nomes próprios, a de Keizer (2019) tem a evidente vantagem teórica de não alterar o entendimento da relação de modificação, já reconhecido pela GDF.

A análise apresentada na Seção 5.2.2 tem alto grau de poder explanatório por dar conta dos nomes próprios modificados restritivamente, ao identificar esses nomes como instâncias metalinguísticas em que a Ação Lexical (D) formulada no Nível Interpessoal corresponde, no Nível Representacional, a uma propriedade de núcleo ausente. Isso significa que o rótulo associado ao indivíduo é uma propriedade não descritiva, já que ela não tem nenhum significado lexical. Essa análise metalinguística se estende a outros usos, como é o caso das aposições restritivas e construções de nomeação, já que, nesses contextos, o uso do nome serve para falar dele próprio.

Por fim, o uso de nomes próprios contextuais dispõe de um Subato de Atribuição que evoca um conjunto de propriedades associadas a um referente já conhecido pelos interlocutores. Conforme mostra a Seção 5.2.5, a correta interpretação desses nomes requer também o tratamento da interação gramática e contexto, já que o ouvinte necessita seguir uma sequência de etapas para chegar ao significado da expressão, conforme previsto por Clark e Clark (1979) e Clark e Gerrig (1983), e desenvolvido na GDF por García Velasco (2009a, 2009b).

O que há em comum entre os usos metalinguísticos e os contextuais é a forte ligação entre os Componentes Gramatical e Contextual para a correta construção e identificação dos

referentes e suas propriedades. O primeiro caso implica a necessidade de recuperar no contexto um lexema associado a diversas entidades singulares; o segundo caso implica a recuperação de um conjunto de propriedades associadas a uma entidade particular. Essas especificações, que incluem um rótulo e um conjunto de propriedades, são necessárias para a construção da referência.

7 Conclusões

Esta tese teve o objetivo geral de apresentar um estudo abrangente sobre os nomes próprios na gramática do português com base nos pressupostos teóricos da GDF. Mais especificamente, este trabalho buscou os seguintes objetivos: i) verificar se, em usos reais, um nome próprio sempre atua referencialmente; ii) determinar que estratégia adotar para identificar o modo como o nome próprio opera no Nível Representacional; iii) estabelecer os níveis e camadas sobre os quais incide a modificação do nome próprio e que relevância teórica essa distribuição tem para identificar o conceito de nome próprio na formulação interpessoal e representacional; iv) examinar o grau em que a questão da formulação tem consequências relevantes para a codificação morfossintática do Np em que se inclui o nome próprio.

Subjacentes a esses objetivos, formulamos três hipóteses passíveis de serem confirmadas ou rejeitadas pelas evidências empíricas: i) um nome próprio nem sempre atua na referência a uma entidade única, fato cujas consequências imediatas são a perda da definitude inerente e ganho da possibilidade de modificação restritiva; ii) um nome próprio, quando passa por um processo de conversão, pode denotar, no nível representacional da GDF, um conjunto de propriedades; iii) a expressão morfossintática da definitude por meio de artigos e pronomes é condicionada pela interface entre pragmática e semântica. A finalização desta tese aponta para a confirmação dessas hipóteses principais.

Com efeito, conforme discutido no Capítulo 5, Seção 5.1, os nomes nem sempre atuam como Subatos de Referência. Na verdade, em aposições restritivas, em predicados de nomeação e em usos contextuais, os nomes evocam Subatos de Atribuição: rótulos, nos dois primeiros casos; e um conjunto de propriedades, no terceiro.

Já na Seção 5.2, classificam-se os nomes de acordo com o arcabouço da GDF, o que permitiu identificar seu comportamento pragmático e semântico com maior grau de especificidade. Se o lexema correspondente ao nome próprio, um lexema interpessoal por natureza, é utilizado para fazer referência a um único indivíduo, esse lexema é formulado no Nível Interpessoal, como núcleo de uma Ação Lexical, e, no Nível Representacional, designa-se a entidade correspondente como uma camada de núcleo ausente. O restante dos usos são casos de coerção, em que se emprega um nome próprio como comum.

Nas Seções 5.2.1 e 5.2.2, identificam-se três possibilidades de modificação de nomes próprios. A primeira delas é a modificação interpessoal, já prevista pela GDF, em que o modificador escopa o Subato de Referência correspondente ao nome. A segunda diz respeito à modificação não restritiva no Nível Interpessoal, que não traz nenhuma consequência teórica

para a definição de nome próprio, em termos discursivo-funcionais, uma vez que o nome mantém sua referência única. A terceira possibilidade, a modificação restritiva, é a princípio limitada teoricamente no arcabouço da GDF, pelo fato de não ser possível atribuir modificadores restritivos a camadas de núcleo ausente. Não obstante, essa possibilidade está perfeitamente contemplada num contexto de uso, que implica a conversão de um nome de próprio a comum, uma possibilidade prevista pelo modelo discursivo-funcional (García Velasco, 2009a, 2009b, 2016; Hengeveld; Mackenzie, 2008). Nessa situação, por haver a atribuição de uma propriedade não descritiva, mas que identifica por meio de um rótulo, o nome é considerado núcleo de uma Ação Lexical, cuja correspondência, no Nível Representacional é uma propriedade de núcleo ausente. Essa análise se expande para os casos de aposição restritiva e construções de nomeação em 5.2.3 e 5.2.4. Por fim, em 5.2.5, a análise dos usos contextuais mostra que os lexemas correspondentes aos nomes próprios assumem uma posição no interior do Nível Representacional.

Os usos dos nomes próprios na gramática do português permitiram estabelecer as condições de uso em que um nome é ou não obrigatoriamente acompanhado de artigo no Nível Morfossintático como resultado de seu comportamento pragmático e semântico. No caso de nomes referenciais, o artigo só é obrigatório como expressão do operador interpessoal de identificabilidade, quando o Nível Representacional incluir um modificador. A inserção do artigo, nesse caso obrigatória, é, portanto, uma consequência de uma interface entre os dois níveis de formulação. Já na situação de nomes não referenciais, como nas aposições restritivas e nos predicados de nomeação, é natural não haver um operador de identificabilidade e, em consequência, a inserção de um artigo no Nível Morfossintático.

Essas características permitiram estabelecer, na sequência, uma categorização dos nomes, considerando seu sentido referencial, metalinguístico e metafórico. Só o primeiro caso é uma situação de nome próprio prototípico. Já, os dois últimos casos, constituem instâncias de substantivos próprios convertidos em comum, ou em outras categorias lexicais, no caso dos contextuais por haver uma propriedade lexical correspondente no Nível Representacional.

É necessário ressaltar, por fim, que os resultados apresentados até o momento são específicos do português. Como a Gramática Discursivo-Funcional é uma teoria que busca adequação tipológica, é necessário ainda, em trabalhos futuros, pôr à prova a proposta de reanálise dos nomes no arcabouço teórico a partir de dados de outras línguas.

Feito esse balanço, é tempo de finalizarmos este texto. Como uma narrativa dos resultados de um projeto de pesquisa desenvolvido nesses quatro últimos anos, nosso investimento pessoal em todo esse processo nos convence de ter ele atingido plenamente o

objetivo pretendido, avaliação que, no entanto, é preferível deixar para a auditoria de nossos leitores, que, com a objetividade que o distanciamento permite, poderão julgar, com maior grau de eficácia, o resultado da relação entre planejamento e execução.

Referências

- ANDERSON, J. M. **The grammar of names**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- ANDERSON, J. M. On the Grammatical Status of Names. **Language**, Washington, DC, v. 80, n. 3, p. 435–474, 2004. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/173102/pdf>. Acesso em: 11 jul. 2023.
- ANDERSON, J. M. On the structure of names. **Folia Linguistica**, Berlin, v. 37, n. 3/4, 2003. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/flin.2003.37.3-4.347/html>. Acesso em: 11 jul. 2023
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1933.
- BROEKHUIS, H.; KEIZER, E. **Syntax of Dutch 1: Nouns and noun phrases**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2012.
- BURGE, T. Reference and proper names. **The Journal of Philosophy**, New York, v. 70, n. 14, p. 425–439, 1973. Disponível em: <https://philosophy.ucla.edu/wp-content/uploads/2018/08/Burge-1973-Reference-and-Propor-Names.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2023.
- CAMACHO, R. G.; HATTNER, M. M. D.; GONÇALVES, S. C. L. O substantivo. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. DE M. (ed.). **Gramática do português culto falado no Brasil: classes de palavras e processos de construção**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. p. 21–84.
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- CLARK, E. V.; CLARK, H. H. When nouns surface as verbs. **Language**, New York, v. 55, n. 4, p. 767–811, 1979. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/412745>. Acesso em: 11 jul. 2023.
- CLARK, H. H.; GERRIG, R. J. Understanding old words with new meanings. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, New York, v. 22, p. 591–608, 1983. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S002253718390364X?via%3Dihub>. Acesso em: 11 jul. 2023.
- COSERIU, E. El plural en los nombres propios. **Revista Brasileira de Filologia**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 2-15, 1955.
- CUNHA, C. F. da; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- DAVIES, M. **Corpus do português: web/dialects**. [S. l.], [s. n.], 2016. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Acesso em: 25 jul. 2023
- DIK, S. C. **The theory of functional grammar**. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

DIK, S. C. **The Theory of functional grammar**. 2nd rev. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 1997. v. 1.

EVANS, N.; OSADA, T. Mundari: The myth of a language without word classes. **Linguistic Typology**, Berlin, v. 9, n. 3, p. 351-390, 2005. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/lity.2005.9.3.351/html>. Acesso em: 11 jul. 2023.

FREGE, G. Sense and Reference. **The Philosophical Review**, Durham, v. 57, n. 3, p. 209-230, 1948.

GARCÍA VELASCO, D. Conversion in English and its implications for Functional Discourse Grammar. **Lingua**, Amsterdam, v. 119, n. 8, p. 1164–1185, Aug. 2009b. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S002438410800082X>. Acesso em: 11 jul. 2023.

GARCÍA VELASCO, D. A flexible lexicon for Functional Discourse Grammar. **Linguistics**, Berlin, v. 54, n. 5, p. 907–945, 2016. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/ling-2016-0020/html?lang=de>. Acesso em: 11 jul. 2023.

GARCÍA VELASCO, D. Innovative coinage: Its place in the grammar. In: BUTLER, C. S.; MARTÍN ARISTA, J. (ed.). **Deconstructing Constructions**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009a. p. 3–24. (Studies in Language Companion Series, v. 107). Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/slcs.107.03inn>. Acesso em: 11 jul. 2023.

GARCÍA VELASCO, D. Modification and context. **Open Linguistics**, Berlin, v. 8, n. 1, p. 524–544, Nov. 2022. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/opli-2022-0206/html>. Acesso em: 11 jul. 2023.

GARY-PRIEUR, M. N. Quand le référent du nom propre se multiplie. **Modèles Linguistiques**, Paris, v. 11, p. 119–133, 1989.

GIOMI, R. Headedness and modification in Functional Discourse Grammar. **Glossa: a journal of general linguistics**, London, v. 5, n. 1, p. 1-32, Dec. 2020. Disponível em: <http://www.glossa-journal.org/articles/10.5334/gjgl.1290/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

GIOMI, R. The Place of Interpersonal Lexemes in Linguistic Theory, with Special Reference to Functional Discourse Grammar. **Corpus Pragmatics**, Cham, v. 5, n. 2, p. 187–222, June 2021. Disponível em: <https://link.springer.com/10.1007/s41701-020-00094-w>. Acesso em: 11 jul. 2023.

GÜLDEMANN, T. **Quotative indexes in African languages**: a synchronic and diachronic survey. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008.

HANDSCHUH, C. Nominal category marking on personal names: A typological study of case and definiteness. **Folia Linguistica**, Berlin, v. 51, n. 2, p. 483–504, 2017. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/flin-2017-0017/html>. Acesso em: 11 jul. 2023.

HENGEVELD, K. **Non-verbal predication**: theory, typology, diachrony. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional discourse grammar**: a typologically-based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.

JESPERSEN, O. **Philosophy of grammar**. London: Allen & Unwin, 1924.

JONASSON, K. **Le nom propre**: constructions et interprétations. Louvain-la neuve: De Boeck Supérieur, 1994. (Champs linguistiques).

KATZ, J. J. The End of Millianism: Multiple Bearers, Improper Names, and Compositional Meaning. **The Journal of Philosophy**, New York, v. 98, n. 3, p. 137-166, Mar. 2001. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2678379?origin=crossref>. Acesso em: 11 jul. 2023.

KEIZER, E. **The English noun phrase**: the nature of linguistic categorization. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

KEIZER, E. The problem of non-truth-conditional, lower-level modifiers: a Functional Discourse Grammar solution. **English Language and Linguistics**, Cambridge, v. 24, n. 2, p. 365–392, 2019. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/product/identifier/S136067431900011X/type/journal_article. Acesso em: 11 jul. 2023.

KEIZER, E. Reference and ascription in Functional Discourse Grammar: an inventory of problems and some possible solutions. In: GARCÍA VELASCO, D.; RIJKHOFF, J. (ed.). **The noun phrase in functional discourse grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008. p. 181-220. (Trends in linguistics, v. 195).

KLEIBER, G. Noms propres et noms communs : un problème de dénomination. **Meta**, Montreal, v. 41, n. 4, p. 567–589, 1996. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/meta/1996-v41-n4-meta177/003323ar/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

KLEIBER, G. Peut-on sauver un sens de dénomination pour les noms propres ? **Functions of Language**, Amsterdam, v. 11, n. 1, p. 115–145, 2004. Disponível em: <http://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/fol.11.1.06kle>. Acesso em: 11 jul. 2023.

KLEIBER, G. **Problemes de Reference**: Descriptions Definies et Noms Propres. Paris: Metz, 1981.

KLEIBER, G. Retour sur les noms propres standard modifiés. **Linguística**: revista de estudos linguísticos da Universidade do Porto, Porto, v. 1, p. 33–52, 2006. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/EL/article/view/4028>. Acesso em 11 jul. 2023.

KRIPKE, S. A. **Naming and necessity**. Cambridge: Harvard University. Press, 1980.

LANGENDONCK, W. **Theory and typology of proper names**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007.

LEMSON, T. M. S. C. **Aposições restritivas no português brasileiro escrito contemporâneo**: análise e formalização no modelo da gramática discursivo-funcional. 2016. 167 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

LUCY, J. A. **Reflexive language**: reported speech and metapragmatics. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARMARIDOU, A. S. S. Proper Names in Communication. **Journal of Linguistics**, Cambridge, v. 25, n. 2, p. 355–372, 1989. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4176010>. Acesso em: 11 jul. 2023.

MILL, J. S. **A System of Logic**: Ratiocinative and Inductive. 8th ed. London: Longmans, Green, Reader and Dyer, 1868.

MÜLLER, A. L. P.; NEGRÃO, E. V. O uso do artigo definido antes do nome próprio em português: uma análise semântica. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 17, p. 530–540, 1989.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. 2. ed. atual. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011. Atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

NOAILLY, M. Le nom propre en français contemporain: logique et syntaxe en désaccord imparfait. **Cahiers de Grammaire**, Toulouse, v. 12, p. 104–112, 1987.

RAPOSO, E. P.; NASCIMENTO, M. F. B. do. Nomes próprios. In: RAPOSO, E. P. (ed.). **Gramática do português**. Coimbra: Fundação Galouste Gulbenkian, 2013. v. 1. p. 993–1044.

REAL ACADEMIA ESPANHOLA. **Nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa Libros, 2009.

REH, M. **Anywa language**: description and internal reconstructions. Köln: R. Köppe, 1996.

ROSCH, E. Human categorization. In: WARREN, N. (ed.). **Advances in Cross-Cultural Psychology**. London: Academic, 1977.

ROSCH, E. Principles of categorization. In: ROSCH, E.; LLOYD, B. B. (ed.). **Cognition and categorization**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1978. p. 27–48.

RUSSELL, B. **The philosophy of logical atomism**. London: Routledge, 1964.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X**: A variable rule application for Macintosh and Windows. Toronto, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em 11 jul. 2023.

SEARLE, J. R. **Speech acts**: an essay in the philosophy of language. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SEDRINS, A. P. Nomes próprios e artigos definidos no português brasileiro. **Revista Letras**, Curitiba, v. 96, p. 1-16, out. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/50249>. Acesso em: 11 jul. 2023.

SEPPÄNEN, A. Proper names in a transformational grammar of English. **Neuphilologische Mitteilungen**, Helsinki, v. 72, n. 2, p. 304–338, 1971. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/43342637>. Acesso em: 11 jul. 2023.

SERAFIM, M. A Functional Discourse Grammar account of proper names in Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, London, v. 21, n. 1, p. 1-31, Mar. 2022. Disponível em: <https://jpl.letras.ulisboa.pt/article/id/6396/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

SERAFIM, M. C. S. **Aposições restritivas no português escrito**. 2019. 124 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/181517>. Acesso em: 11 jul. 2023.

SERAFIM, M. S.; CAMACHO, R. G. Aposições restritivas e não restritivas: correlações pragmáticas e semânticas. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 49, n. 2, p. 1051–1068, jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2601>. Acesso em: 11 jul. 2023.

SMIT, N.; VAN STADEN, M. Representational layering in Functional Discourse Grammar. **Alfa**: revista de linguística, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 143–164, 2007. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1441>. Acesso em: 11 jul. 2023.

SORENSEN, H. S. **Word-classes in Modern English**: with Special Reference to Proper Names, With an Introductory Theory of Grammar, Meaning and Reference. Copenhagen: G. E. C. Gad Publisher, 1958.

TRACIO, D. **Gramática**. Madrid: Editorial Gredos, 2002.

VANDELANOTTE, L.; WILLEMSE, P. Restrictive and non-restrictive modification of proprial lemmas. **WORD**, Oxford, v. 53, n. 1, p. 9–36, Apr. 2002. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00437956.2002.11432522>. Acesso em: 11 jul. 2023.

WILMET, M. Pour en finir avec le nom propre ? **L'Information Grammaticale**, Paris, v. 65, n. 1, p. 3–11, 1995. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/igram_0222-9838_1995_num_65_1_3050. Acesso em: 11 jul. 2023.

WITTGENSTEIN, L. **Philosophical investigations**. Tradução: Gertrude Elizabeth Margaret Anscombe; Peter Michael Stephan Hacker; Joachim Schulte. 4th ed. Oxford: Blackwell, 1953.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-Philosophicus**. London: Routledge and Kegan Paul, 1922.

ANEXO A – Ocorrências analisadas

CASARIN, R. Troque um trem por uma rima. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 856, p. 10-11, jul. 2015.

1. Na **Estação do Brás**, os saraus de Andréia Garcia reúnem poetas profissionais e amadores (856 R 10-11)
2. Na Estação do Brás, os saraus de **Andréia Garcia** reúnem poetas profissionais e amadores (856 R 10-11)
3. Nas estações de trem de **São Paulo** há de tudo um pouco: músicos, poetas, pedintes, loucos, vendedores, missionários... (856 R 10-11)
4. **Andréia Garcia** encara, porém, o desafio com humor, movida pela crença de que os livros melhoram a vida dos leitores.(856 R 10-11)
5. Naquele 13 de maio, aniversário da **Abolição da Escravatura** no Brasil, ao pé das escadas de acesso às linhas 11 e 12 da CPTM no Terminal Tatuapé, ela comandava a sexta edição de seu Sarau até Quarta.(856 R 10-11)
6. Naquele 13 de maio, aniversário da Abolição da Escravatura no **Brasil** ao pé das escadas de acesso às linhas 11 e 12 da CPTM no Terminal Tatuapé(856 R 10-11)
7. Naquele 13 de maio, aniversário da Abolição da Escravatura no Brasil, ao pé das escadas de acesso às linhas 11 e 12 da **CPTM** no Terminal Tatuapé(856 R 10-11)
8. Naquele 13 de maio, aniversário da Abolição da Escravatura no Brasil, ao pé das escadas de acesso às linhas 11 e 12 da CPTM no **Terminal Tatuapé**(856 R 10-11)
9. Escritores, poetas e músicos homenageavam **Carolina Maria de Jesus**, negra criada em uma favela, autora do clássico Quarto de Despejo, obra precursora da literatura marginal no País.(856 R 10-11)
10. Escritores, poetas e músicos homenageavam Carolina Maria de Jesus, negra criada em uma favela, autora do clássico **Quarto de Despejo**, obra precursora da literatura marginal no País.(856 R 10-11)
11. Entre os integrantes do sarau, **Débora Garcia**, sem parentesco com a organizadora, lia trechos da obra de Carolina de Jesus. (856 R 10-11)
12. Entre os integrantes do sarau, Débora Garcia, sem parentesco com a organizadora, lia trechos da obra de **Carolina de Jesus**. (856 R 10-11)
13. Um pouco antes, a música de **Victor Cali** havia atraído dezenas de curiosos para o evento iniciado às 7h10 da noite e encerrado, com muito custo, duas horas depois. (856 R 10-11)
14. **Andréia Garcia** tem 42 anos e trabalha com Tecnologia da Informação, setor no qual bits e bytes, a linguagem das máquinas, são mais importantes do que as palavras humanas. (856 R 10-11)
15. A exemplo de boa parte dos moradores da **Grande São Paulo** (ela vive no município de Suzano), gasta muito tempo no deslocamento diário entre sua casa e o trabalho. São ao menos três horas no transporte público (856 R 10-11)

16. A exemplo de boa parte dos moradores da Grande São Paulo (ela vive no município de **Suzano**), gasta muito tempo no deslocamento diário entre sua casa e o trabalho. São ao menos três horas no transporte público (856 R 10-11)
17. Com um olhar atento às múltiplas realidades que a cercam, principalmente dentro dos vagões, **Andréia** começou a escrever pequenos registros, que logo se transformaram em crônicas, inspirados nas diversas situações e personagens do dia a dia. (856 R 10-11)
18. Há pouco mais de dois anos, criou um site, **A Viajante do Trem**, para desovar a produção. (856 R 10-11)
19. A experiência levou-a a se unir a **Sidney Leal** e criar o sarau nas plataformas de trem, sempre às quartas-feiras. (856 R 10-11)
20. A **CPTM** apoia a iniciativa e cede cadeiras, microfones e amplificadores, além de divulgar os eventos em sua rede, realizados mensalmente no mezanino da Estação Brás (856 R 10-11)
21. A CPTM apoia a iniciativa e cede cadeiras, microfones e amplificadores, além de divulgar os eventos em sua rede, realizados mensalmente no mezanino da **Estação Brás** (856 R 10-11)
22. A CPTM apoia a iniciativa e cede cadeiras, microfones e amplificadores, além de divulgar os eventos em sua rede, realizados mensalmente no mezanino da Estação Brás, embora a sexta edição aqui relatada tenha ocorrido no **Tatuapé**, em homenagem aos 23 anos da companhia de trem e dos 15 anos de inauguração do Expresso Leste. (856 R 10-11)
23. A CPTM apoia a iniciativa e cede cadeiras, microfones e amplificadores, além de divulgar os eventos em sua rede, realizados mensalmente no mezanino da Estação Brás, embora a sexta edição aqui relatada tenha ocorrido no Tatuapé, em homenagem aos 23 anos da companhia de trem e dos 15 anos de inauguração do **Expresso Leste**. (856 R 10-11)
24. A escritora não esconde a fonte de inspiração, o **Sarau Suburbano** criado por Alessandro Buzo e já tradicional na capital paulista. (856 R 10-11)
25. A escritora não esconde a fonte de inspiração, o Sarau Suburbano criado por **Alessandro Buzo** e já tradicional na capital paulista. (856 R 10-11)
26. **Andréia** conheceu a experiência no ano passado e ouviu do mentor: sarau vicia. (856 R 10-11)
27. Desde então, ela tornou-se uma habitué desse tipo de encontro. “O **Buzo** foi o cara que me colocou nesse cenário. (856 R 10-11)
28. Toda essa empolgação rendeu a **Andréia** outras oportunidades e experiências. (856 R 10-11)
29. O **Viajante do Trem** virou livro e, atualmente, ela escreve crônicas em dois jornais diferentes, o Diário do Alto Tietê e O Estação. (856 R 10-11)
30. O Viajante do Trem virou livro e, atualmente, ela escreve crônicas em dois jornais diferentes, o **Diário do Alto Tietê** e O Estação. (856 R 10-11)
31. O Viajante do Trem virou livro e, atualmente, ela escreve crônicas em dois jornais diferentes, o Diário do Alto Tietê e **O Estação**. (856 R 10-11)

SIMONCELLI, L. Predadores letais. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 857, p. 10-11, jul. 2015.

32. Periodicamente, o **Ministério do Meio Ambiente** sul-africano publica em seu site o número atualizado de rinocerontes abatidos em seus parques nacionais. (857 R 10-11)
33. Em média, o chifre de um rinoceronte-branco, do qual só restaram 20 mil na **África Subsaariana**, pesa, aproximadamente, 6 quilos. (857 R 10-11)
34. Um mercado prolífico e em contínua expansão no eixo **África-Ásia**: (857 R 10-11)
35. a matéria-prima está principalmente na **África do Sul**, mas a demanda vem da China, Vietnã, Laos e Tailândia. (857 R 10-11)
36. a matéria-prima está principalmente na África do Sul, mas a demanda vem da **China**, Vietnã, Laos e Tailândia. (857 R 10-11)
37. a matéria-prima está principalmente na África do Sul, mas a demanda vem da China, **Vietnã**, Laos e Tailândia. (857 R 10-11)
38. a matéria-prima está principalmente na África do Sul, mas a demanda vem da China, Vietnã, **Laos** e Tailândia. (857 R 10-11)
39. a matéria-prima está principalmente na África do Sul, mas a demanda vem da China, Vietnã, Laos e **Tailândia**. (857 R 10-11)
40. A venda de chifres de rinoceronte foi proibida em 1977 pelos países que aderiram à **Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies Ameaçadas da Fauna e Flora Selvagens**. (857 R 10-11)
41. Entre os signatários estão **China**, África do Sul, Vietnã e Moçambique, que, em anos diferentes, também proibiram o tráfico doméstico. (857 R 10-11)
42. Entre os signatários estão China, **África do Sul**, Vietnã e Moçambique, que, em anos diferentes, também proibiram o tráfico doméstico. (857 R 10-11)
43. Entre os signatários estão China, África do Sul, **Vietnã** e Moçambique, que, em anos diferentes, também proibiram o tráfico doméstico. (857 R 10-11)
44. Entre os signatários estão China, África do Sul, Vietnã e **Moçambique**, que, em anos diferentes, também proibiram o tráfico doméstico. (857 R 10-11)
45. Com o crescimento econômico da **África do Sul** e o consequente enrijecimento dos controles nas escalas aeroportuárias, as gangues asiáticas, muitas vezes as mesmas que atuam no tráfico de drogas e de seres humanos, se deslocaram para o vizinho Moçambique, a nova fronteira da rota ilegal de chifres de rinoceronte. (857 R 10-11)
46. Com o crescimento econômico da África do Sul e o consequente enrijecimento dos controles nas escalas aeroportuárias, as gangues asiáticas, muitas vezes as mesmas que atuam no tráfico de drogas e de seres humanos, se deslocaram para o vizinho **Moçambique**, a nova fronteira da rota ilegal de chifres de rinoceronte. (857 R 10-11)
47. Depois de desembarcar em **Maputo**, os traficantes se movem por centenas de quilômetros para o norte, rumo à fronteira com a África do Sul e com o Parque Nacional Kruger, o principal santuário do rinoceronte-branco. (857 R 10-11)
48. Depois de desembarcar em Maputo, os traficantes se movem por centenas de quilômetros para o norte, rumo à fronteira com a **África do Sul** e com o Parque Nacional Kruger, o principal santuário do rinoceronte-branco. (857 R 10-11)

49. Depois de desembarcar em Maputo, os traficantes se movem por centenas de quilômetros para o norte, rumo à fronteira com a África do Sul e com o **Parque Nacional Kruger**, o principal santuário do rinoceronte-branco. (857 R 10-11)
50. Eles se movem em grupos de três, fortemente armados com metralhadoras **AK-47**, dispositivos de visão noturna, silenciadores e o inevitável facão para retirar o chifre. (857 R 10-11)
51. Uma vez sedados com um poderoso sonífero chamado **M99**, os caçadores ilegais têm tempo para cortar o chifre. (857 R 10-11)
52. Por causa das dificuldades, a **África do Sul** estuda propor a legalização do comércio de chifres. A ideia seria permitir a extração de uma parte apenas. (857 R 10-11)
53. Segundo fontes da inteligência dos **Estados Unidos**, grupos como o nigeriano Boko Haram e o queniano Al-Shabaab valem-se do comércio ilegal de chifres para financiar suas operações. (857 R 10-11)
54. Segundo fontes da inteligência dos Estados Unidos, grupos como o nigeriano **Boko Haram** e o queniano Al-Shabaab valem-se do comércio ilegal de chifres para financiar suas operações. (857 R 10-11)
55. Segundo fontes da inteligência dos Estados Unidos, grupos como o nigeriano Boko Haram e o queniano **Al-Shabaab** valem-se do comércio ilegal de chifres para financiar suas operações. (857 R 10-11)
56. A **Java**, oriunda do Vietnã, foi extinta. (857 R 10-11)
57. A Java, oriunda do **Vietnã**, foi extinta. (857 R 10-11)
58. Dos brancos do norte resta um único exemplar no **Quênia**, vigiado 24 horas por soldados. (857 R 10-11)

MACHADO, A. A dama do butô. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 858, p. 10-11, jul. 2015.

59. Aos 80 anos, **Akiko Ohara** relembra sua trajetória, dos palcos japoneses a uma fazenda no Brasil (858 R 10-11)
60. Aos 80 anos, Akiko Ohara relembra sua trajetória, dos palcos japoneses a uma fazenda no **Brasil**(858 R 10-11)
61. No dia de seus 80 anos, em junho, a bailarina e coreógrafa **Akiko Ohara**, chamada as vezes de "a dama brasileira do butô" por ter atuado com os criadores dessa dança, Kazuo Ohno e Tatsu-mi Hijikata, seguiu rotina estabelecida há cinco décadas, quando chegou a Fazenda Comunidade Yuba, em Mirandópolis, a 600 quilômetros a noroeste da capital paulista. (858 R 10-11)
62. No dia de seus 80 anos, em junho, a bailarina e coreógrafa Akiko Ohara, chamada as vezes de "a dama brasileira do butô" por ter atuado com os criadores dessa dança, **Kazuo Ohno** e Tatsu-mi Hijikata, seguiu rotina estabelecida há cinco décadas, quando chegou a Fazenda Comunidade Yuba, em Mirandópolis, a 600 quilômetros a noroeste da capital paulista. (858 R 10-11)

63. No dia de seus 80 anos, em junho, a bailarina e coreógrafa Akiko Ohara, chamada as vezes de "a dama brasileira do butô" por ter atuado com os criadores dessa dança, Kazuo Ohno e **Tatsu-Mi Hijikata**, seguiu rotina estabelecida há cinco décadas, quando chegou a Fazenda Comunidade Yuba, em Mirandópolis, a 600 quilômetros a noroeste da capital paulista. (858 R 10-11)
64. No dia de seus 80 anos, em junho, a bailarina e coreógrafa Akiko Ohara, chamada as vezes de "a dama brasileira do butô" por ter atuado com os criadores dessa dança, Kazuo Ohno e Tatsu-mi Hijikata, seguiu rotina estabelecida há cinco décadas, quando chegou a **Fazenda Comunidade Yuba**, em Mirandópolis, a 600 quilômetros a noroeste da capital paulista. (858 R 10-11)
65. No dia de seus 80 anos, em junho, a bailarina e coreógrafa Akiko Ohara, chamada as vezes de "a dama brasileira do butô" por ter atuado com os criadores dessa dança, Kazuo Ohno e Tatsu-mi Hijikata, seguiu rotina estabelecida há cinco décadas, quando chegou a Fazenda Comunidade Yuba, em **Mirandópolis**, a 600 quilômetros a noroeste da capital paulista. (858 R 10-11)
66. "O casal **Takayama** não admite agrotóxicos. (858 R 10-11)
67. (R/N4//// Preferimos encontrar algum bichinho cozido, diz **Ohara**, que antes trabalhava na cozinha do imenso refeitório comunitário, de tábuas de aroeira. (858 R 10-11)"
68. Tem sido assim desde sua chegada em companhia do marido, o escultor **Hissao Ohara**, morto em 1989. (858 R 10-11)
69. Os dois saíram direto da vanguarda artística de **Tóquio** para as plantações de café. (858 R 10-11)
70. Ao começar a ensaiar pequenos "cisnes" de pés na terra, **Ohara** pensou: "Em que eu vim me meter?" (858 R 10-11)
71. O marido criava cenários e figurinos, a par de esculturas abstratas, exibidas em três edições da **Bienal de São Paulo**. (858 R 10-11)
72. Os pintores **Manabu Mabe**, Yoshiya Takaoka e Kazuo Wakabayashi admiravam a fazenda e colaboraram com os espetáculos. (858 R 10-11)
73. Os pintores Manabu Mabe, **Yoshiya Takaoka** e Kazuo Wakabayashi admiravam a fazenda e colaboraram com os espetáculos. (858 R 10-11)
74. Os pintores Manabu Mabe, Yoshiya Takaoka e **Kazuo Wakabayashi** admiravam a fazenda e colaboraram com os espetáculos. (858 R 10-11)
75. Desde 1971, o **Balé Yuba** visita Brasília e Manaus, além de cumprir duas turnês pelo Japão. (858 R 10-11)
76. Desde 1971, o Balé Yuba visita **Brasília** e Manaus, além de cumprir duas turnês pelo Japão. (858 R 10-11)
77. Desde 1971, o Balé Yuba visita Brasília e **Manaus**, além de cumprir duas turnês pelo Japão. (858 R 10-11)
78. Desde 1971, o Balé Yuba visita Brasília e Manaus, além de cumprir duas turnês pelo **Japão**. (858 R 10-11)
79. Neste mês, a estrela da dança **Yoshito Ohno**, 77 anos, sobe ao palco da fazenda com Ohara, em eventos comemorativos dos 80 anos da Yuba e 120 Anos do Tratado de Amizade Brasil-Japão. (858 R 10-11)

80. Neste mês, a estrela da dança Yoshito Ohno, 77 anos, sobe ao palco da fazenda com **Ohara**, em eventos comemorativos dos 80 anos da Yuba e 120 Anos do Tratado de Amizade Brasil-Japão. (858 R 10-11)
81. Neste mês, a estrela da dança Yoshito Ohno, 77 anos, sobe ao palco da fazenda com Ohara, em eventos comemorativos dos 80 anos da **Yuba** e 120 Anos do Tratado de Amizade Brasil-Japão. (858 R 10-11)
82. Neste mês, a estrela da dança Yoshito Ohno, 77 anos, sobe ao palco da fazenda com Ohara, em eventos comemorativos dos 80 anos da Yuba e 120 Anos do **Tratado de Amizade Brasil-Japão**. (858 R 10-11)
83. O projeto também costuma receber visitantes estrangeiros, interessados em saber de que maneira subsistem no campo brasileiro contornos linguísticos e culturais da era **Taishô**, dos anos 1920, extintos no Japão(858 R 10-11)
84. O projeto também costuma receber visitantes estrangeiros, interessados em saber de que maneira subsistem no campo brasileiro contornos linguísticos e culturais da era Taishô, dos anos 1920, extintos no **Japão**(858 R 10-11)
85. Sem chances de implantar o modelo cooperativo no rígido império, um pastor criou a associação laboral **Nihon Rikkokai**, que exportaria seu ideário para o outro lado do globo. (858 R 10-11)
86. Foi na **Escola Ultramarina**, cristã, que se matriculou o rapagão Issamu Yuba (1906-1976), filho do prefeito de uma cidade da Baía de Osaka inconformado com a escalada da desigualdade social. (858 R 10-11)
87. Foi na Escola Ultramarina, cristã, que se matriculou o rapagão **Issamu Yuba** (1906-1976), filho do prefeito de uma cidade da Baía de Osaka inconformado com a escalada da desigualdade social. (858 R 10-11)
88. Foi na Escola Ultramarina, cristã, que se matriculou o rapagão Issamu Yuba (1906-1976), filho do prefeito de uma cidade da **Baía de Osaka** inconformado com a escalada da desigualdade social. (858 R 10-11)
89. Um trecho lido no **Emílio**, ou Da Educação, de Rousseau, foi como "uma marretada na cabeça": Quanto mais longe de Paris, melhor. Volta para a natureza! Ó metrópole onde circulam homens e mulheres sem caráter, adeus! (858 R 10-11)
90. Um trecho lido no Emílio, ou Da Educação, de **Rousseau**, foi como "uma marretada na cabeça": Quanto mais longe de Paris, melhor. Volta para a natureza! Ó metrópole onde circulam homens e mulheres sem caráter, adeus! (858 R 10-11)
91. Um trecho lido no Emílio, ou Da Educação, de Rousseau, foi como "uma marretada na cabeça": Quanto mais longe de **Paris**, melhor. Volta para a natureza! Ó metrópole onde circulam homens e mulheres sem caráter, adeus! (858 R 10-11)
92. O formidável poder de convencimento do jovem levou dez integrantes de sua família a vender posses para comprar 50 hectares no **Brasil**. (858 R 10-11)
93. Embarcaram em 1926 rumo à **Fazenda Aliança**, em Mirandópolis, um dos raros assentamentos de japoneses a escapar da supervisão do império nipônico. (858 R 10-11)
94. Embarcaram em 1926 rumo à Fazenda Aliança, em **Mirandópolis**, um dos raros assentamentos de japoneses a escapar da supervisão do império nipônico. (858 R 10-11)

95. Para o navio, **Issamu** carregou, ainda, obras de Tolstoi, cuja descrição de uma fazenda cooperativista o inspiraria, em 1935, a fundar a Yuba, com outros agricultores-intelectuais(858 R 10-11)
96. Para o navio, Issamu carregou, ainda, obras de **Tolstoi**, cuja descrição de uma fazenda cooperativista o inspiraria, em 1935, a fundar a Yuba, com outros agricultores-intelectuais(858 R 10-11)
97. Para o navio, Issamu carregou, ainda, obras de Tolstoi, cuja descrição de uma fazenda cooperativista o inspiraria, em 1935, a fundar a **Yuba**, com outros agricultores-intelectuais(858 R 10-11)
98. Sob o lema "Antes do cafezal, o homem", os 40 alqueires em total autonomia incluíam campo para a prática de certo "beisebol cooperativo", que garantiria a **Issamu** três campeonatos brasileiros. (858 R 10-11)
99. Ao enveredar pela avicultura, a **Yuba** tornou-se a maior granja da América do Sul, com 220 mil aves. (858 R 10-11)
100. Ao enveredar pela avicultura, a Yuba tornou-se a maior granja da **América do Sul**, com 220 mil aves. (858 R 10-11)
101. O carisma do líder atraiu as atenções de **Getúlio Vargas** e Assis Chateaubriand. (858 R 10-11)
102. O carisma do líder atraiu as atenções de Getúlio Vargas e **Assis Chateaubriand**. (858 R 10-11)

SOARES, W. A menina que doa livros. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 859, p. 14-15, jul. 2015.

103. Quer uma boa leitura de graça? Basta procurar **Giovanna Pampolin** no Minhocão (859 R 14-15)
104. Quer uma boa leitura de graça? Basta procurar Giovanna Pampolin no **Minhocão**(859 R 14-15)
105. Na infância, o fotógrafo **Paulo Pampolin** adorava esta história de Edy Lima, “A gente que ia buscar o dia”, contada pela mãe. (859 R 14-15)
106. Na infância, o fotógrafo Paulo Pampolin adorava esta história de **Edy Lima**, “A gente que ia buscar o dia”, contada pela mãe. (859 R 14-15)
107. O livro se perdeu, mas **Pampolin** guardou a fábula na cabeça(859 R 14-15)
108. seu modo, passou a recontá-la para embalar os sonhos da filha **Giovanna**, hoje com 9 anos. (859 R 14-15)
109. Tal era a conexão entre pai e filha que **Patrícia**, atual mulher de Pampolin e madastra de Gigi, decidiu procurar um exemplar da obra nos sebos de São Paulo. (859 R 14-15)
110. Tal era a conexão entre pai e filha que Patrícia, atual mulher de **Pampolin** e madastra de Gigi, decidiu procurar um exemplar da obra nos sebos de São Paulo. (859 R 14-15)
111. Tal era a conexão entre pai e filha que Patrícia, atual mulher de Pampolin e madastra de **Gigi**, decidiu procurar um exemplar da obra nos sebos de São Paulo. (859 R 14-15)

112. Tal era a conexão entre pai e filha que Patrícia, atual mulher de Pampolin e madastra de Gigi, decidiu procurar um exemplar da obra nos sebos de **São Paulo**. (859 R 14-15)
113. **Lima** repousa atualmente nas estantes da família e é um dos raros livros aos quais a menina se apegava. (859 R 14-15)
114. Quase todos os domingos ela e o pai oferecem literatura de graça aos pedestres do **Minhocão**, região central da capital paulista. (859 R 14-15)
115. Dona de uma biblioteca invejável para a idade, **Gigi** se perguntou: por que não compartilhar com outros leitores? (859 R 14-15)
116. Diante do empenho da filha, **Pampolin** criou no Facebook a página “A menina que doa livros”. (859 R 14-15)
117. Diante do empenho da filha, Pampolin criou no **Facebook** a página “A menina que doa livros”. (859 R 14-15)
118. Pela rede social, avisa quando estará ao lado de **Gigi** no Minhocão (as doações acontecem nos fins de semana que a menina passa com o pai) (859 R 14-15)
119. Pela rede social, avisa quando estará ao lado de Gigi no **Minhocão** (as doações acontecem nos fins de semana que a menina passa com o pai) (859 R 14-15)
120. **Giovanna** lê todos os comentários, mas, por motivos de segurança, deixa as respostas a cargo do pai. (859 R 14-15)
121. Nesse domingo frio e cinzento, **Gigi** doou apenas 5 dos 41 livros à disposição. (859 R 14-15)
122. **Eros**, o cão da família, também é um bom garoto-propaganda. (859 R 14-15)
123. Outros querem uma dedicatória no título escolhido, caso de **Eliana Raposo**, que passeava com o marido e aproveitou para dar uma olhada nas opções. (859 R 14-15)
124. Ela escolheu **Trem-Bala**, de Martha Medeiros, presente para a mãe. (859 R 14-15)
125. Ela escolheu Trem-Bala, de **Martha Medeiros**, presente para a mãe. (859 R 14-15)
126. “Ela está querendo esse livro há tempos e encontrei aqui”, comemora **Eliana**. (859 R 14-15)
127. O marido, **Wilson Rodrigues**, até pensou em levar o poeta chileno Pablo Neruda, mas mudou de ideia e escolheu A Cidade dos Bichos, texto infantil de Arlette Piaí. (859 R 14-15)
128. O marido, Wilson Rodrigues, até pensou em levar o poeta chileno **Pablo Neruda**, mas mudou de ideia e escolheu A Cidade dos Bichos, texto infantil de Arlette Piaí. (859 R 14-15)
129. O marido, Wilson Rodrigues, até pensou em levar o poeta chileno Pablo Neruda, mas mudou de ideia e escolheu **A Cidade dos Bichos**, texto infantil de Arlette Piaí. (859 R 14-15)
130. O marido, Wilson Rodrigues, até pensou em levar o poeta chileno Pablo Neruda, mas mudou de ideia e escolheu A Cidade dos Bichos, texto infantil de **Arlette Piaí**. (859 R 14-15)
131. Aos leitores **Gigi** e Pampolin só pedem um favor: a manutenção da corrente de doações.
132. Aos leitores Gigi e **Pampolin** só pedem um favor: a manutenção da corrente de doações. (859 R 14-15)
133. **Gigi** ganha livros quando quer. Outro tipo de presente só em datas muito especiais (aniversário, Dia das Crianças e Natal). (859 R 14-15)

134. Gigi ganha livros quando quer. Outro tipo de presente só em datas muito especiais (aniversário, **Dia das Crianças** e Natal). (859 R 14-15)
135. Gigi ganha livros quando quer. Outro tipo de presente só em datas muito especiais (aniversário, Dia das Crianças e **Natal**). (859 R 14-15)
136. É o que acaba de fazer com **O Pequeno Príncipe**, do francês Antoine de Saint-Exupéry, clássico preferido das aspirantes a miss. (859 R 14-15)
137. É o que acaba de fazer com O Pequeno Príncipe, do francês **Antoine de Saint-Exupéry**, clássico preferido das aspirantes a miss. (859 R 14-15)
138. Encomenda, aliás, de um frequentador da página no **Facebook**. (859 R 14-15)
139. Apesar de leitora voraz, **Gigi** não abre mão de um momento de prazer: a leitura noturna feita pelo pai antes de ela dormir. (859 R 14-15)

CASARIN, R. De bar em bar. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 860, p. 14-15, jul. 2015.

140. **Edson Carvalho** cruza o Brasil com um objetivo: beber todas as cervejas produzidas no País(860 R 14-15)
141. Edson Carvalho cruza o **Brasil** com um objetivo: beber todas as cervejas produzidas no País(860 R 14-15)
142. Ao completar 34 anos, **Edson Paulo de Carvalho** andava consumido por várias perguntas. (860 R 14-15)
143. Também queria inventar um novo trabalho, passar um tempo a viajar e conhecer as velhas e novas regiões produtoras de cerveja no **Brasil**. (860 R 14-15)
144. Formado em publicidade, **Carvalho** sempre foi inquieto. (860 R 14-15)
145. Em 2007, na **Espanha**, experimentou uma cerveja diferente das amarelas aguadas com as quais estava acostumado. Apaixonou-se e transformou em hobby a degustação da bebida. (860 R 14-15)
146. O chamado da estrada voltou, no entanto, a movimentar suas entranhas e **Carvalho** começou a imaginar como unir as duas paixões: cerveja e viagem. (860 R 14-15)
147. Nasceu daí o blog **Viajante Cervejeiro** e, mais do que uma página na internet, um plano de vida, um propósito. (860 R 14-15)
148. Enquanto conversávamos em um bar em **São Paulo**, frequentadores tiravam fotos de Carvalho a distância e depois o “marcavam” em redes sociais (“quase tomando umas com o Viajante Cervejeiro”, empolga-se um dos fãs). (860 R 14-15)
149. Enquanto conversávamos em um bar em São Paulo, frequentadores tiravam fotos de **Carvalho** a distância e depois o “marcavam” em redes sociais (“quase tomando umas com o Viajante Cervejeiro”, empolga-se um dos fãs). (860 R 14-15)
150. Enquanto conversávamos em um bar em São Paulo, frequentadores tiravam fotos de Carvalho a distância e depois o “marcavam” em redes sociais (“quase tomando umas com o **Viajante Cervejeiro**”, empolga-se um dos fãs). (860 R 14-15)
151. Antes de pegar a estrada, **Carvalho** calculava percorrer o Brasil em um ano. (860 R 14-15)

152. Antes de pegar a estrada, Carvalho calculava percorrer o **Brasil** em um ano. (860 R 14-15)
153. Só para conhecer os produtores da **Região Sul** foram necessários sete meses. (860 R 14-15)
154. Deliciou-se em pequenas cervejarias e ficou satisfeito em ter contato com produtores tradicionais que apostavam em tendências modernas, mesmo em vilarejos como **São Vendelino**, no Rio Grande do Sul, com menos de 2 mil habitantes. (860 R 14-15)
155. Deliciou-se em pequenas cervejarias e ficou satisfeito em ter contato com produtores tradicionais que apostavam em tendências modernas, mesmo em vilarejos como São Vendelino, no **Rio Grande do Sul**, com menos de 2 mil habitantes. (860 R 14-15)
156. Do **Rio de Janeiro** lembra a dificuldade em encontrar alguém disposto a levá-lo a um bar de cervejas no Complexo do Alemão, no exato momento em que os conflitos nas favelas recrudesceram. (860 R 14-15)
157. Do Rio de Janeiro lembra a dificuldade em encontrar alguém disposto a levá-lo a um bar de cervejas no **Complexo do Alemão**, no exato momento em que os conflitos nas favelas recrudesceram. (860 R 14-15)
158. O passo agora é conhecer as diversas experiências no estado de **São Paulo**. (860 R 14-15)
159. **Carvalho** compara: “Também as tenho. Primeiro com a minha própria vida, com minha família, meus leitores. Preciso estar sempre viajando e publicando, esse é o meu trabalho”, responde o blogueiro, que diz sobreviver com cerca de mil reais por mês. (860 R 14-15)
160. O **Viajante Cervejeiro** lembra em especial dos momentos na estrada. (860 R 14-15)
161. Recorda do **Zé**, em mudança de cidade, que lhe arrumou um canto, apesar de o carro estar lotado de bagagens. (860 R 14-15)
162. Apesar dos perrengues, **Carvalho** nunca pensou em desistir. (860 R 14-15)
163. Ao desprendimento do **Viajante Cervejeiro**, ergue-se um brinde. (860 R 14-15)

RESENDE, M. C. Farinha, forró e moda de viola. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 861, p. 10-11, ago. 2015.

164. Quando cheguei à casa de dona **Nilza** na zona rural da cidade de Montes Claros, norte de Minas Gerais, não aconteceu nada do que esperava nem senti o que imaginava sentir. (861 R 10-11)
165. Quando cheguei à casa de dona Nilza na zona rural da cidade de **Montes Claros**, norte de Minas Gerais, não aconteceu nada do que esperava nem senti o que imaginava sentir. (861 R 10-11)
166. Quando cheguei à casa de dona Nilza na zona rural da cidade de Montes Claros, norte de **Minas Gerais**, não aconteceu nada do que esperava nem senti o que imaginava sentir. (861 R 10-11)
167. Logo ao conhecer dona **Nilza**, mãe de dois jovens, Felipe e Thiago, que cursam Agronomia na universidade local, fui convidado para uma tarefa que, apesar de comum

- para eles, era nova e quase aventureira para um jovem estudante de São Paulo: peneirar farinha de mandioca. (861 R 10-11)
168. Logo ao conhecer dona Nilza, mãe de dois jovens, **Felipe** e Thiago, que cursam Agronomia na universidade local, fui convidado para uma tarefa que, apesar de comum para eles, era nova e quase aventureira para um jovem estudante de São Paulo: peneirar farinha de mandioca. (861 R 10-11)
 169. Logo ao conhecer dona Nilza, mãe de dois jovens, Felipe e **Thiago**, que cursam Agronomia na universidade local, fui convidado para uma tarefa que, apesar de comum para eles, era nova e quase aventureira para um jovem estudante de São Paulo: peneirar farinha de mandioca. (861 R 10-11)
 170. Logo ao conhecer dona Nilza, mãe de dois jovens, Felipe e Thiago, que cursam **Agronomia** na universidade local, fui convidado para uma tarefa que, apesar de comum para eles, era nova e quase aventureira para um jovem estudante de São Paulo: peneirar farinha de mandioca. (861 R 10-11)
 171. Logo ao conhecer dona Nilza, mãe de dois jovens, Felipe e Thiago, que cursam Agronomia na universidade local, fui convidado para uma tarefa que, apesar de comum para eles, era nova e quase aventureira para um jovem estudante de **São Paulo**: peneirar farinha de mandioca. (861 R 10-11)
 172. Única fonte do sustento da família, depois do falecimento de **Siardo**, o patriarca, o complicado preparo ficava praticamente por conta de dona Nilza, pois os filhos estudam longe. (861 R 10-11)
 173. Única fonte do sustento da família, depois do falecimento de Siardo, o patriarca, o complicado preparo ficava praticamente por conta de dona **Nilza**, pois os filhos estudam longe. (861 R 10-11)
 174. No sábado, acordamos mais cedo, colocamos a farinha de mandioca no **Uno 1991** da família e partimos rumo à feira da cidade. (861 R 10-11)
 175. Lá, encontrei amigos do **Colégio São Luís** que fizeram a viagem comigo, parte do projeto da escola chamado Missão Rural Jovem, que existe há. 40 anos. (861 R 10-11)
 176. Lá, encontrei amigos do Colégio São Luís que fizeram a viagem comigo, parte do projeto da escola chamado **Missão Rural Jovem**, que existe há. 40 anos. (861 R 10-11)
 177. **Thiago**, o mais velho, de 19 anos, é mais participativo. (861 R 10-11)
 178. **Felipe** é mais sonhador e também levemente mais preguiçoso, acorda mais tarde para os padrões da família, às 8 da manhã, e não atende aos pedidos de sua mãe tão rápido quanto o irmão. (861 R 10-11)
 179. Viciado em filmes e música, sonha em viajar para a **Austrália** com uma bolsa do Ciência Sem Fronteiras. (861 R 10-11)
 180. Viciado em filmes e música, sonha em viajar para a Austrália com uma bolsa do **Ciência Sem Fronteiras**. (861 R 10-11)
 181. Conheci outro personagem durante a minha estada por lá, um cão sem nome, que apelidei de **Baleia**. (861 R 10-11)
 182. Foi salvo por **Felipe**, que gastou o pouco dinheiro que sobrava com suplementos vitamínicos para tratar do animal. (861 R 10-11)
 183. **Baleia** melhorou e era chamado pelos irmãos de "um bicho que teima em sobreviver".(861 R 10-11)

184. Como nunca me familiarizei com a dança, limitei-me a observar **Thiago**, Felipe e seus amigos dançarem. (861 R 10-11)
185. Como nunca me familiarizei com a dança, limitei-me a observar Thiago, **Felipe** e seus amigos dançarem. (861 R 10-11)
186. Depois de uma semana na casa de dona **Nilza**, já estava acostumado à realidade de uma comunidade rural de Montes Claros. (861 R 10-11)
187. Depois de uma semana na casa de dona Nilza, já estava acostumado à realidade de uma comunidade rural de **Montes Claros**. (861 R 10-11)
188. Aluno do 3 ano do Ensino Médio do **Colégio São Luís**, em São Paulo(861 R 10-11)
189. Aluno do 3 ano do Ensino Médio do Colégio São Luís, em **São Paulo**(861 R 10-11)

MELO, D. Ninão, o gigante adormecido. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 862, p. 10-11, ago. 2015.

190. **Ninão**, o gigante adormecido (862 R 10-11)
191. Ninão é um apelido adequado para **Joelison Fernandes da Silva** e seus 2,37 metros de altura. (862 R 10-11)
192. **Ninão** é um apelido adequado para Joelison Fernandes da Silva e seus 2,37 metros de altura. (862 R 10-11)
193. O gigante da pequena **Assunção**, cidade de 3,5 mil habitantes no Cariri paraibano, vive de sua extensão. (862 R 10-11)
194. O gigante da pequena Assunção, cidade de 3,5 mil habitantes no **Cariri** paraibano, vive de sua extensão. (862 R 10-11)
195. Garoto-propaganda de lojas da região e personagem frequente em programas de tevê (ele cobra cachês por suas aparições), **Ninão** foi atingido em cheio pela crise econômica. (862 R 10-11)
196. Uma rede de supermercados o exibia como atração nas lojas em 22 cidades da **Paraíba**. (862 R 10-11)
197. Além disso, **Ninão** participava mensalmente de seis a oito eventos em troca de um cachê médio de 2 mil reais. (862 R 10-11)
198. Pararam de me chamar.” **Ninão** fez apenas duas inaugurações neste ano. (862 R 10-11)
199. Em abril estive em **Itaúna**, Minas Gerais, e em julho visitou a paraibana Gurjão. Uma tevê alemã pagou 3 mil reais por uma entrevista. (862 R 10-11)
200. Em abril estive em Itaúna, **Minas Gerais**, e em julho visitou a paraibana Gurjão. Uma tevê alemã pagou 3 mil reais por uma entrevista. (862 R 10-11)
201. Em abril estive em Itaúna, Minas Gerais, e em julho visitou a paraibana **Gurjão**. Uma tevê alemã pagou 3 mil reais por uma entrevista. (862 R 10-11)
202. **Ninão** sofre de acromegalia, popularmente chamada de gigantismo. (862 R 10-11)
203. **Ninão** tem seis pares de tênis confeccionados especialmente para ele, em 2007, por uma marca esportiva. (862 R 10-11)
204. O gigante de **Assunção** não pode sentar em qualquer lugar antes de avaliar primeiro a cadeira. (862 R 10-11)

205. O **Meriva**, que no mercado é considerado espaçoso, fica apertado mesmo com o banco do motorista no limite da regulamentação. (862 R 10-11)
206. O jeitão de ogro se desfaz no primeiro contato com o “Gigante gentil”, como é chamado na **Paraíba**. (862 R 10-11)
207. Na cidade natal, **Ninão** é mais do que popular. É uma celebridade. (862 R 10-11)
208. O sucesso de **Ninão** espalha-se pela Paraíba. (862 R 10-11)
209. O sucesso de **Ninão** espalha-se pela **Paraíba**. (862 R 10-11)
210. A cada visita ao **Hospital Universitário** em Campina Grande, os corredores da instituição entram em ebulição. (862 R 10-11)
211. A cada visita ao Hospital Universitário em **Campina Grande**, os corredores da instituição entram em ebulição. (862 R 10-11)
212. Brotam de todos os lados funcionários e pacientes com celulares em busca de uma “selfie” com **Ninão**. (862 R 10-11)
213. **Ninão** casou-se em 18 de maio com Evem Medeiros, de 1,52 metro, ao vivo no palco do Domingo Legal, do SBT. (862 R 10-11)
214. **Ninão** casou-se em 18 de maio com **Evem Medeiros**, de 1,52 metro, ao vivo no palco do Domingo Legal, do SBT. (862 R 10-11)
215. **Ninão** casou-se em 18 de maio com Evem Medeiros, de 1,52 metro, ao vivo no palco do **Domingo Legal**, do SBT. (862 R 10-11)
216. **Ninão** casou-se em 18 de maio com Evem Medeiros, de 1,52 metro, ao vivo no palco do Domingo Legal, do **SBT**. (862 R 10-11)
217. Educado e sempre solícito, **Ninão** passa a maior parte dos dias sentado na sala de casa ou deitado. (862 R 10-11)
218. **Silva** espera por melhores dias. (862 R 10-11)
219. No momento, ele é uma metáfora do **Brasil**. Um gigante adormecido. (862 R 10-11)

BOCCHINI, I. G. Pau ou ímpar. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 863, p. 10-11, ago. 2015.

220. Lições de um torneio de futebol disputado por tribos do **Xingu** (863 R 10-11)
221. Seis times dos apicultores do **Parque Indígena do Xingu** disputavam o troféu. (863 R 10-11)
222. A final, entre o **Diauarum** e o Kaiabi, terminou empatada no tempo regulamentar. (863 R 10-11)
223. A final, entre o DIAUARUM e o **Kaiabi**, terminou empatada no tempo regulamentar. (863 R 10-11)
224. Venceu o **Diauarum**, que jogava em casa, escolheu o ímpar e levou a taça. (863 R 10-11)
225. Os **Kaiabi** lamentaram o resultado, mas aceitaram bem a derrota e festejaram o vice-campeonato. (863 R 10-11)
226. Um banho coletivo no **Rio Xingu** seguido de uma churrascada de pintado celebrou o torneio e seu resultado. (863 R 10-11)

227. As gerações mais jovens dos povos indígenas do **Xingu** aderiram definitivamente ao futebol nas últimas décadas. (863 R 10-11)
228. Mas tudo de um jeito bem diferente dos demais brasileiros, principalmente aqueles do **Sul** e Sudeste. (863 R 10-11)
229. Mas tudo de um jeito bem diferente dos demais brasileiros, principalmente aqueles do Sul e **Sudeste**. (863 R 10-11)
230. O campeonato decidido no par ou ímpar integrava a programação do **Encontro Anual de Apicultores do Parque Indígena do Xingu**. (863 R 10-11)
231. Há 15 anos os índios da região produzem mel em decorrência de uma parceria entre **A Associação Terra Indígena do Xingu** (Atix) e o Instituto Socioambiental (ISA). (863 R 10-11)
232. Há 15 anos os índios da região produzem mel em decorrência de uma parceria entre a Associação Terra Indígena do Xingu (Atix) e o **Instituto Socioambiental** (ISA). (863 R 10-11)
233. Atualmente, são mais de cem apicultores das etnias **Kawaiweté**, Yudjá e Kisêdjê, moradores de 30 aldeias nas porções norte e leste da terra indígena. (863 R 10-11)
234. Atualmente, são mais de cem apicultores das etnias Kawaiweté, **Yudjá** e Kisêdjê, moradores de 30 aldeias nas porções norte e leste da terra indígena. (863 R 10-11)
235. Atualmente, são mais de cem apicultores das etnias Kawaiweté, Yudjá e **Kisêdjê**, moradores de 30 aldeias nas porções norte e leste da terra indígena. (863 R 10-11)
236. O mel dos índios do Xingu recebe selo de produto orgânico e participa do projeto **Caras do Brasil** do Pão de Açúcar, que o revende em suas lojas. (863 R 10-11)
237. O mel dos índios do Xingu recebe selo de produto orgânico e participa do projeto Caras do Brasil do **Pão de Açúcar**, que o revende em suas lojas. (863 R 10-11)
238. O produto também não vem da **Apis Mellifera**, chamada abelha-europeia, espécie invasora, mas de dezenas de variedades nativas sem ferrão que habitam a Floresta Amazônica. (863 R 10-11)
239. O produto também não vem da Apis Mellifera, chamada **Abelha-Europeia**, espécie invasora, mas de dezenas de variedades nativas sem ferrão que habitam a Floresta Amazônica. (863 R 10-11)
240. O produto também não vem da Apis mellifera, chamada abelha-europeia, espécie invasora, mas de dezenas de variedades nativas sem ferrão que habitam a **Floresta Amazônica**. (863 R 10-11)
241. Estudo de mais de dez anos realizado pelo ecólogo **Jerônimo Kahn Villas-Bôas** com os kawaiweté demonstra que eles conhecem 44 espécies de abelhas nativas, sobre as quais discorrem a respeito dos hábitos de nidificação (construção de ninhos ou, no caso, de colmeias), flores preferidas para alimentação, morfologia, comportamento, usos medicinais e espirituais. (863 R 10-11)
242. O conhecimento enciclopédico dos kawaiweté rendeu aos indígenas um convite para participar da **Plataforma Intergovernamental sobre Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos** (IPBES, em inglês), comunidade científica ligada à ONU que pensa soluções para as ameaças à biodiversidade no planeta. (863 R 10-11)
243. O conhecimento enciclopédico dos kawaiweté rendeu aos indígenas um convite para participar da Plataforma Intergovernamental sobre Biodiversidade e Serviços

Ecossistêmicos (IPBES, em inglês), comunidade científica ligada à **ONU** que pensa soluções para as ameaças à biodiversidade no planeta. (863 R 10-11)

244. Neste ano, o **IPBES** tem reunido informações sobre os serviços prestados gratuitamente pelos polinizadores para a sustentabilidade da produção agrícola mundial. (863 R 10-11)

RODRIGUES, C. Por entre as árvores. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 864, p. 10-11, ago. 2015.

245. **Luciano Candisani** capta a vida silvestre na Mata Atlântica (864 R 10-11)
246. Luciano Candisani capta a vida silvestre na **Mata Atlântica**(864 R 10-11)
247. QUANDO ERA CRIANÇA e passava os dias livres em **Itanhaém**, no litoral sul de São Paulo, Luciano Candisani imaginava histórias fantásticas sobre os bichos que habitavam as montanhas nas cercanias da praia. (864 R 10-11)
248. Quando era criança e passava os dias livres em Itanhaém, no litoral sul de **São Paulo**, Luciano Candisani imaginava histórias fantásticas sobre os bichos que habitavam as montanhas nas cercanias da praia. (864 R 10-11)
249. Quando era criança e passava os dias livres em Itanhaém, no litoral sul de São Paulo, **Luciano Candisani** imaginava histórias fantásticas sobre os bichos que habitavam as montanhas nas cercanias da praia. (864 R 10-11)
250. Ainda adolescente, **Candisani** tornou--se fotógrafo mergulhador. (864 R 10-11)
251. Formou-se em **Biologia** e embarcou em expedições para a Antártica e o Pantanal. (864 R 10-11)
252. Formou-se em Biologia e embarcou em expedições para a **Antártica** e o Pantanal. (864 R 10-11)
253. Formou-se em Biologia e embarcou em expedições para a Antártica e o **Pantanal**. (864 R 10-11)
254. Seus registros o levaram a ser o único fotógrafo brasileiro a participar da edição internacional da revista **National Geographic**. (864 R 10-11)
255. **Candisani** publicou livros estrelados por jacarés, tartarugas, macacos, onças, araras, baleias e albatrozes, todos muito à vontade em seus ambientes naturais. (864 R 10-11)
256. O evento passou-se em 2012, quando o fotógrafo perambulava por uma reserva privada em **Juquiá**, cidade no Vale do Ribeira, a menos de 100 quilômetros das praias de sua infância. (864 R 10-11)
257. O evento passou-se em 2012, quando o fotógrafo perambulava por uma reserva privada em Juquiá, cidade no **Vale do Ribeira**, a menos de 100 quilômetros das praias de sua infância. (864 R 10-11)
258. No ano seguinte, **Candisani** voltou ao local para auxiliar um grupo de pesquisadores que iniciavam um projeto de negócio sustentável para o Legado das Águas - Reserva Votorantim, área particular de 310 quilômetros quadrados pertencente há 50 anos ao grupo empresarial de mesmo nome. (864 R 10-11)

259. No ano seguinte, Candisani voltou ao local para auxiliar um grupo de pesquisadores que iniciavam um projeto de negócio sustentável para o **Legado das Águas - Reserva Votorantim**, área particular de 310 quilômetros quadrados pertencente há 50 anos ao grupo empresarial de mesmo nome. (864 R 10-11)
260. A área é maior que a cidade de **Santos**, com terras espalhadas por Miracatu e Tapiraí, além de Juquiá. (864 R 10-11)
261. A área é maior que a cidade de Santos, com terras espalhadas por **Miracatu** e Tapiraí, além de Juquiá. (864 R 10-11)
262. A área é maior que a cidade de Santos, com terras espalhadas por Miracatu e **Tapiraí**, além de Juquiá. (864 R 10-11)
263. A área é maior que a cidade de Santos, com terras espalhadas por Miracatu e Tapiraí, além de **Juquiá**. (864 R 10-11)
264. Todo mês, **Candisani** sai de Ilhabela, onde mora, para verificar o resultado. (864 R 10-11)
265. Todo mês, Candisani sai de **Ilhabela**, onde mora, para verificar o resultado. (864 R 10-11)
266. Algumas fotos foram reunidas no livro **A Sustentabilidade de uma Reserva**, publicado pela Votorantim neste ano. (864 R 10-11)
267. Algumas fotos foram reunidas no livro A Sustentabilidade de Uma Reserva, publicado pela **Votorantim** neste ano. (864 R 10-11)
268. Logo de cara, **Candisani** conseguiu capturar a imagem de dois cachorros-do-mato-vinagre, espécie muito frágil, especialmente sensível a doenças de animais domésticos. (864 R 10-11)
269. A foto foi publicada em uma das edições da **National Geographic**, vendida em 15 países e celebrada pelos documentaristas de meio ambiente. (864 R 10-11)
270. Desde 2012, o mosaico de terras que compõem o Legado das Águas funciona como **Reserva Particular de Desenvolvimento Sustentável (RPDS)** e é sede de estudos em parceria com o governo estadual, prefeituras da região, universidades, organizações de preservação e a Votorantim. (864 R 10-11)
271. Desde 2012, o mosaico de terras que compõem o Legado das Águas funciona como Reserva Particular de Desenvolvimento Sustentável (RPDS) e é sede de estudos em parceria com o governo estadual, prefeituras da região, universidades, organizações de preservação e a **Votorantim**. (864 R 10-11)
272. Desde 2012, o mosaico de terras que compõem o **Legado das Águas** funciona como Reserva Particular de Desenvolvimento Sustentável (RPDS) e é sede de estudos em parceria com o governo estadual, prefeituras da região, universidades, organizações de preservação e a Votorantim. (864 R 10-11)
273. No Brasil, estamos tão acostumados com os animais da **Mata Atlântica**, inclusive a anta, que não causou a mesma reação. (864 R 10-11)
274. No **Brasil**, estamos tão acostumados com os animais da Mata Atlântica, inclusive a anta, que não causou a mesma reação. (864 R 10-11)
275. No Brasil, estamos tão acostumados com os animais da Mata Atlântica, inclusive a anta, que não causou a mesma reação. Acho que isso define bem nossa relação com a floresta: não temos o olhar estrangeiro para se deslumbrar, mas, de todo jeito, temos um

repertório de sentimentos que quero acionar com essas fotos, afirma **Candisani**(864 R 10-11)

CASARIN, R. Sabir da terra. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 865, p. 12-13, set. 2015.

276. A bióloga **Gabriela Montandon** pesquisa leveduras nativas para criar uma bebida feita com fermento local (865 R 12-13)
277. **Gabriela Montandon**, de 30 anos, acredita piamente nisso. (865 R 12-13)
278. Trata-se da levedura que fermenta uma de suas cervejas na **Grimor**, fábrica artesanal de Belo Horizonte. (865 R 12-13)
279. Trata-se da levedura que fermenta uma de suas cervejas na Grimor, fábrica artesanal de **Belo Horizonte**. (865 R 12-13)
280. **Montandon** começou a produzir cerveja em casa em companhia de Paulo Patrus, seu sócio, em uma experiência que daria origem à Grimor. (865 R 12-13)
281. Montandon começou a produzir cerveja em casa em companhia de **Paulo Patrus**, seu sócio, em uma experiência que daria origem à Grimor. (865 R 12-13)
282. Montandon começou a produzir cerveja em casa em companhia de Paulo Patrus, seu sócio, em uma experiência que daria origem à **Grimor**. (865 R 12-13)
283. Enquanto estudava para se tornar uma das primeiras juízas de concursos cervejeiros do País, percebeu gastar mais tempo com o hobby do que com o mestrado em **Ciências Biológicas**. (865 R 12-13)
284. Ao constatar que praticamente toda a matéria-prima utilizada na bebida é importada e ao se lembrar que a **Universidade Federal de Minas Gerais** possui o maior banco de leveduras da América Latina, decidiu partir em busca dos inéditos fermentos cervejeiros nacionais. (865 R 12-13)
285. Ao constatar que praticamente toda a matéria-prima utilizada na bebida é importada e ao se lembrar que a Universidade Federal de Minas Gerais possui o maior banco de leveduras da **América Latina**, decidiu partir em busca dos inéditos fermentos cervejeiros nacionais. (865 R 12-13)
286. Ao conversar com **Carlos Rosa**, seu futuro orientador, foi informada de que todas as linhas de pesquisa sobre bebidas até então existentes na universidade se dedicavam à cachaça. (865 R 12-13)
287. Graças a um congresso em **Araraquara**, a pesquisa de Montandon deu uma inesperada guinada. (865 R 12-13)
288. Graças a um congresso em Araraquara, a pesquisa de **Montandon** deu uma inesperada guinada. (865 R 12-13)
289. Na cidade do interior paulista, a bióloga conheceu o belga **Denis De Keukeleire**, autoridade em lúpulos, outro ingrediente essencial da bebida. (865 R 12-13)
290. Surpreendeu-se ainda mais com o conteúdo da mensagem: o professor, já aposentado, perguntava se ela não gostaria de transformar o seu curso em um doutorado-sanduíche, uma parte desenvolvida na **Bélgica**. (865 R 12-13)

291. **De Keukeleire** diz ter visto “paixão nos olhos” da mineira e se propôs a indicá-la a um colega, Guido Aerts. (865 R 12-13)
292. De Keukeleire diz ter visto “paixão nos olhos” da mineira e se propôs a indicá-la a um colega, **Guido Aerts**. (865 R 12-13)
293. A bióloga, que pretendia cursar uma parte do doutorado em **Portugal**, mudou a rota e foi parar no país reconhecido pela maneira com que seus cervejeiros lidam com o fermento. (865 R 12-13)
294. Chegou no laboratório, em agosto de 2013, com uma bagagem essencial: grupos de leveduras de todas as regiões do **Brasil**. (865 R 12-13)
295. Ao longo de um ano e meio na **Bélgica**, Montandon testou as linhagens para descobrir as mais apropriadas. (865 R 12-13)
296. Ao longo de um ano e meio na Bélgica, **Montandon** testou as linhagens para descobrir as mais apropriadas. (865 R 12-13)
297. O que dava certo em pequenos tubos de 10 mililitros precisava se mostrar útil em produções de 2 mil litros, como aquela realizada em **Belo Horizonte**. Montandon tem produzido desde o início do ano, após seu retorno da Bélgica. (865 R 12-13)
298. O que dava certo em pequenos tubos de 10 mililitros precisava se mostrar útil em produções de 2 mil litros, como aquela realizada em Belo Horizonte. **Montandon** tem produzido desde o início do ano, após seu retorno da Bélgica. (865 R 12-13)
299. O que dava certo em pequenos tubos de 10 mililitros precisava se mostrar útil em produções de 2 mil litros, como aquela realizada em Belo Horizonte. Montandon tem produzido desde o início do ano, após seu retorno da **Bélgica**. (865 R 12-13)

MARCONDES, D. Águas sem vida. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 866, p. 8-9, set. 2015.

300. A pesca predatória dizima os rios da **Ilha de Marajó** (866 R 8-9)
301. Na ilha de **Marajó**, os rios parecem não ter fim. (866 R 8-9)
302. O barco sai de **Belém** e aproxima-se da maior ilha fluvial do mundo. (866 R 8-9)
303. De um lado, deságua o **Amazonas**, que atravessa a maior floresta tropical do planeta e com força empurra a água do mar por quilômetros afora. (866 R 8-9)
304. Do outro chega o **Tocantins**, fortalecido por centenas de afluentes. (866 R 8-9)
305. O arquipélago, com suas 19 cidades, carrega o título de região mais pobre do **Pará**. (866 R 8-9)
306. Recentemente, pesquisadores do **Instituto Peabiru**, ONG dedicada ao desenvolvimento sustentável do Pará, atravessaram a Baía do Marapatá em direção a Curralinho. (866 R 8-9)
307. Recentemente, pesquisadores do Instituto Peabiru, ONG dedicada ao desenvolvimento sustentável do **Pará**, atravessaram a Baía do Marapatá em direção a Curralinho. (866 R 8-9)

308. Recentemente, pesquisadores do Instituto Peabiru, ONG dedicada ao desenvolvimento sustentável do Pará, atravessaram a **Baía do Marapatá** em direção a Curralinho. (866 R 8-9)
309. Recentemente, pesquisadores do Instituto Peabiru, ONG dedicada ao desenvolvimento sustentável do Pará, atravessaram a Baía do Marapatá em direção a **Curralinho**. (866 R 8-9)
310. De passagem pela cidade de 30 mil habitantes, metade deles na zona rural, dá para notar os resultados da improbidade administrativa pela qual foram condenados dois ex-prefeitos, além do descaso em relação ao **Conselho Tutelar da Infância**, que levou o Ministério Público do Pará a agir contra o atual alcaide. (866 R 8-9)
311. De passagem pela cidade de 30 mil habitantes, metade deles na zona rural, dá para notar os resultados da improbidade administrativa pela qual foram condenados dois ex-prefeitos, além do descaso em relação ao Conselho Tutelar da Infância, que levou o **Ministério Público do Pará** a agir contra o atual alcaide. (866 R 8-9)
312. Em abril, a Justiça estadual afastou o prefeito **José Leonaldo dos Santos Arruda**, cujos direitos políticos foram caçados por cinco anos. (866 R 8-9)
313. A equipe segue em um barco menor em direção ao **Rio Canaticu**, pequeno para os padrões da Amazônia, mas que despeja cerca de 50 vezes o volume do Tietê em sua foz. (866 R 8-9)
314. A equipe segue em um barco menor em direção ao Rio Canaticu, pequeno para os padrões da **Amazônia**, mas que despeja cerca de 50 vezes o volume do Tietê em sua foz. (866 R 8-9)
315. A equipe segue em um barco menor em direção ao Rio Canaticu, pequeno para os padrões da Amazônia, mas que despeja cerca de 50 vezes o volume do **Tietê** em sua foz. (866 R 8-9)
316. **Vicente de Paula Ferreira de Oliveira**, morador antigo, conta que o fim dos peixes começou com a “malhadeira”, rede de malha fina esticada de margem a margem nos rios e igarapés de Marajó. (866 R 8-9)
317. Vicente de Paula Ferreira de Oliveira, morador antigo, conta que o fim dos peixes começou com a “malhadeira”, rede de malha fina esticada de margem a margem nos rios e igarapés de **Marajó**. (866 R 8-9)
318. A principal renda na região vem do açaí, coqueluche no **Sul-Sudeste** e no exterior. (866 R 8-9)
319. O crescimento dos mercados de açaí fora do **Pará** deu um novo fôlego aos ribeirinhos, que conseguiram replantá-los e começar uma nova e rentável atividade econômica. (866 R 8-9)
320. **João Meirelles**, diretor do Peabiru, aponta, no entanto, para o perigo às crianças. (866 R 8-9)
321. João Meirelles, diretor do **Peabiru**, aponta, no entanto, para o perigo às crianças. (866 R 8-9)
322. “Boa parte do açaí que chega ao mercado é coletada por menores, com muitos acidentes.” Segundo ele, a maior parte do açaí consumido no **Brasil** sai de Marajó. (866 R 8-9)

323. “Boa parte do açaí que chega ao mercado é coletada por menores, com muitos acidentes.” Segundo ele, a maior parte do açaí consumido no Brasil sai de **Marajó**. (866 R 8-9)
324. **Raimundo Ferreira**, de 77 anos, fala de um tempo em que havia de tudo em Marajó: jabuti, jacaré, veados, caça farta. (866 R 8-9)
325. Raimundo Ferreira, de 77 anos, fala de um tempo em que havia de tudo em **Marajó**: jabuti, jacaré, veados, caça farta. (866 R 8-9)
326. Os pesquisadores do **Peabiru** defendem um acordo de pesca voluntário que dê alguma folga para a recuperação dos estoques pesqueiros. (866 R 8-9)
327. “Não adianta querer resolver esse desastre pela força”, diz **Meirelles**, que ainda acredita no diálogo. (866 R 8-9)

CASARIN, R. À flor da pele. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 867, p. 10-11, set. 2015.

328. Tatuadora de **Curitiba** usa suas habilidades para amenizar a vergonha de mulheres vítimas de violência física (867 R 10-11)
329. A decisão não melhoraria apenas sua autoimagem. Mudaria a vida de **Flávia Carvalho**, a tatuadora: “Quando eu vi como ela ficou feliz ao cobrir a cicatriz, como isso foi transformador para ela, consegui enxergar que a tatuagem poderia ser utilizada como uma ferramenta de ‘empoderamento’ e resgate do amor-próprio de mulheres que sofrem agressão. Elas ficam com a autoestima muito abalada, pois, além da agressão física, são humilhadas e depreciadas. Quando toda essa violência resulta numa cicatriz em seu corpo, a situação fica ainda pior”. (867 R 10-11)
330. Da primeira tatuagem nasceu o projeto **A Pele da Flor**. (867 R 10-11)
331. A iniciativa, começada neste ano, rapidamente obteve o apoio da **Secretaria Municipal da Mulher De Curitiba** e visibilidade depois de ser divulgada na página do Facebook da prefeitura. (867 R 10-11)
332. A iniciativa, começada neste ano, rapidamente obteve o apoio da Secretaria Municipal da Mulher de Curitiba e visibilidade depois de ser divulgada na página do **Facebook** da prefeitura. (867 R 10-11)
333. A própria **Flávia** cobre os custos. “A única coisa a fazer é escolher o desenho e vir até aqui tatuar. (867 R 10-11)
334. Segundo **Flávia**, a violência resulta de um conjunto de fatores que vão da cultura machista, que enxerga a mulher como ‘posse’ e submissa ao homem, à omissão de quem poderia evitar o pior. (867 R 10-11)
335. **Flávia Carvalho** diz ficar triste e revoltada quando ouve mulheres envergonhadas ao contarem seus suplícios. (867 R 10-11)

CARTA, M. À imitação de Jim Jones. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 856, p. 16-17, jul. 2015.

336. À imitação de **Jim Jones** (856 E 16-17)
337. E por que o **Supremo** não se manifesta a respeito: conivência ou covardia? (856 E 16-17)
338. Por que **Câmara** e Senado são os domínios de dois sátrapas de passado largamente duvidoso? (856 E 16-17)
339. Por que Câmara e **Senado** são os domínios de dois sátrapas de passado largamente duvidoso? (856 E 16-17)
340. Incompetência do próprio **Poder Legislativo** e, também, clamorosa, do Executivo? (856 E 16-17)
341. Incompetência do próprio Poder Legislativo e, também, clamorosa, do **Executivo**? (856 E 16-17)
342. Por que setores da **Polícia Federal** se prestam a um jogo que desrespeita princípios básicos da Justiça e serve à casa-grande? (856 E 16-17)
343. Por que a mídia permanece em campanha maciça contra o governo, na tentativa de justificar tanto a ideia do impeachment da presidenta quanto o envolvimento de **Lula** na Lava Jato? (856 E 16-17)
344. Por que a mídia permanece em campanha maciça contra o governo, na tentativa de justificar tanto a ideia do impeachment da presidenta quanto o envolvimento de Lula na **Lava Jato**? (856 E 16-17)
345. E que mudaria em relação à crise econômica e à insensatez dominante se afastadas **Dilma** e a ameaça de retorno de Lula em 2018? (856 E 16-17)
346. E que mudaria em relação à crise econômica e à insensatez dominante se afastadas Dilma e a ameaça de retorno de **Lula** em 2018? (856 E 16-17)
347. E por que o senador **José Serra** reedita o velho projeto tucano de privatização da Petrobras ao visar agora o pré-sal? (856 E 16-17)
348. E por que o senador José Serra reedita o velho projeto tucano de privatização da **Petrobras** ao visar agora o pré-sal? (856 E 16-17)
349. **Serra** anos atrás declarava-se, em benefício dos meus ouvidos, mais esquerdista que Lula: estaria eu de escuta equivocada e a palavra seria entreguista? (856 E 16-17)
350. Serra anos atrás declarava-se, em benefício dos meus ouvidos, mais esquerdista que **Lula**: estaria eu de escuta equivocada e a palavra seria entreguista? (856 E 16-17)
351. Por que o tucanato aprecia tanto as privatizações, quem sabe na esteira daquela das comunicações comandada por **Fernando Henrique**, a maior e mais escancarada roubalheira da história do País? (856 E 16-17)
352. Por que o noticiário das falcatruas da **FIFA**, de reconhecida inspiração brasileira, sumiram do noticiário das Organizações Globo, donas de um poder único na história mundial? (856 E 16-17)
353. Por que o noticiário das falcatruas da Fifa, de reconhecida inspiração brasileira, sumiram do noticiário das **Organizações Globo**, donas de um poder único na história mundial? (856 E 16-17)

354. Valeria dirigir a pergunta ao senhor **Hawilla** da Traffic (nome excelente, diga-se)? (856 E 16-17)
355. Será que, como **Marco Polo Del Nero**, os filhos do colega Roberto Marinho se abalariam a viajar ao exterior? (856 E 16-17)
356. Será que, como Marco Polo Del Nero, os filhos do colega **Roberto Marinho** se abalariam a viajar ao exterior? (856 E 16-17)
357. Por que o ministro **Mercadante**, bom de discurso, como sublinha Lula, não sai País afora para defender o governo diuturnamente agredido? (856 E 16-17)
358. Por que o ministro Mercadante, bom de discurso, como sublinha **Lula**, não sai País afora para defender o governo diuturnamente agredido? (856 E 16-17)
359. E por que **Dilma** descumpra as promessas da campanha eleitoral, como diz Lula com todas as letras? (856 E 16-17)
360. E por que Dilma descumpra as promessas da campanha eleitoral, como diz **Lula** com todas as letras? (856 E 16-17)
361. É bom que **Lula** fale, porque até ontem, no vácuo do seu silêncio, a mídia tratou de colocar-lhe na boca palavras jamais pronunciadas, ou inventar situações jamais ocorridas. (856 E 16-17)
362. Por exemplo, após a fala sobre o “volume morto” em que **Dilma** e ele teriam caído no momento, de verdade ouvida em um encontro do ex-presidente com religiosos. (856 E 16-17)
363. Foi **Lula**, dias atrás, quem levou a Brasília para uma conversa com Dilma uma pesquisa que mostrava a queda de ambos na preferência popular. (856 E 16-17)
364. Foi Lula, dias atrás, quem levou a **Brasília** para uma conversa com Dilma uma pesquisa que mostrava a queda de ambos na preferência popular. (856 E 16-17)
365. Foi Lula, dias atrás, quem levou a Brasília para uma conversa com **Dilma** uma pesquisa que mostrava a queda de ambos na preferência popular. (856 E 16-17)
366. Se **Lula** se dispõe a dizer o que pensa, tira a bala da boca das crianças fantasiosas, desobedientes contumazes à verdade factual. (856 E 16-17)
367. **Fernando Henrique Cardoso**, diante de uma plateia que o encara como o Oráculo de Delfos, admite que também seu instituto, igual ao de Lula, recebeu doações de várias empresas, com a diferença seguinte: “Nós não fazemos política”. (856 E 16-17)
368. Fernando Henrique Cardoso, diante de uma plateia que o encara como o **Oráculo de Delfos**, admite que também seu instituto, igual ao de Lula, recebeu doações de várias empresas, com a diferença seguinte: “Nós não fazemos política”. (856 E 16-17)
369. Fernando Henrique Cardoso, diante de uma plateia que o encara como o Oráculo de Delfos, admite que também seu instituto, igual ao de **Lula**, recebeu doações de várias empresas, com a diferença seguinte: “Nós não fazemos política”. (856 E 16-17)
370. Engole, como se não fosse político todo gesto ou palavra de **FHC**. (856 E 16-17)
371. Sem contar que o inefável esquece ter recebido uma doação de uma empresa pública, a **Sabesp**, que lida com o dinheiro de todos nós, e, isto sim, é totalmente irregular. (856 E 16-17)
372. Gostaria, aliás, de ter lido, além da informação correta, também algum saboroso comentário a respeito da patética aventura venezuelana de um grupelho de senadores

- tucanos e democratas, mais um peemedebista, um do **PPS** e outro do PSD, SÉRGIO PETECÃO (mais um nome excelente). (856 E 16-17)
373. Gostaria, aliás, de ter lido, além da informação correta, também algum saboroso comentário a respeito da patética aventura venezuelana de um grupelho de senadores tucanos e democratas, mais um peemedebista, um do PPS e outro do **PSD**, Sérgio Petecão (mais um nome excelente). (856 E 16-17)
374. Gostaria, aliás, de ter lido, além da informação correta, também algum saboroso comentário a respeito da patética aventura venezuelana de um grupelho de senadores tucanos e democratas, mais um peemedebista, um do PPS e outro do PSD, **Sérgio Petecão** (mais um nome excelente). (856 E 16-17)
375. Visitavam **Caracas**, para apurar os atentados aos direitos humanos cometidos pela corja bolivariana, sem terem dado até hoje mostras de se preocupar com o comportamento pífio da nossa Comissão Dita da Verdade e com a confirmação, tudo indica ad aeternitatem, de uma lei da anistia imposta pela ditadura. (856 E 16-17)
376. Permaneceram em **Caracas** nada além de seis horas, regressaram pomposamente ao pretender terem sido barrados a caminho do centro da cidade por um engarrafamento de trânsito provocado para tanto e por uma manifestação convocada para apedrejá-los. (856 E 16-17)
377. Refiro-me à época em que uma marchinha carnavalesca cantava tirou o seu anel de doutor/ para não dar o que falar/, a PRK-30 era um impagável programa radiofônico, **Millôr Fernandes** nos brindava com seu Pif Paf e Péricles com o Amigo da Onça em O Cruzeiro, Silveira Sampaio ridicularizava os graúdos sem perder a elegância e enfim chegaria Chico Anysio com seu extraordinário Show. Refiro-me apenas a alguns exemplos de refinado humor. (856 E 16-17)
378. Refiro-me à época em que uma marchinha carnavalesca cantava tirou o seu anel de doutor/ para não dar o que falar/, a PRK-30 era um impagável programa radiofônico, Millôr Fernandes nos brindava com seu **Pif Paf** e Péricles com o Amigo da Onça em O Cruzeiro, Silveira Sampaio ridicularizava os graúdos sem perder a elegância e enfim chegaria Chico Anysio com seu extraordinário Show. Refiro-me apenas a alguns exemplos de refinado humor. (856 E 16-17)
379. Refiro-me à época em que uma marchinha carnavalesca cantava tirou o seu anel de doutor/ para não dar o que falar/, a PRK-30 era um impagável programa radiofônico, Millôr Fernandes nos brindava com seu Pif Paf e **Péricles** com o Amigo da Onça em O Cruzeiro, Silveira Sampaio ridicularizava os graúdos sem perder a elegância e enfim chegaria Chico Anysio com seu extraordinário Show. Refiro-me apenas a alguns exemplos de refinado humor. (856 E 16-17)
380. Refiro-me à época em que uma marchinha carnavalesca cantava tirou o seu anel de doutor/ para não dar o que falar/, a PRK-30 era um impagável programa radiofônico, Millôr Fernandes nos brindava com seu Pif Paf e Péricles com o **Amigo da Onça** em O Cruzeiro, Silveira Sampaio ridicularizava os graúdos sem perder a elegância e enfim chegaria Chico Anysio com seu extraordinário Show. Refiro-me apenas a alguns exemplos de refinado humor. (856 E 16-17)
381. Refiro-me à época em que uma marchinha carnavalesca cantava tirou o seu anel de doutor/ para não dar o que falar/, a PRK-30 era um impagável programa radiofônico,

- Millôr Fernandes nos brindava com seu Pif Paf e Péricles com o Amigo da Onça em **O Cruzeiro**, Silveira Sampaio ridicularizava os graúdos sem perder a elegância e enfim chegaria Chico Anysio com seu extraordinário Show. Refiro-me apenas a alguns exemplos de refinado humor. (856 E 16-17)
382. Refiro-me à época em que uma marchinha carnavalesca cantava tirou o seu anel de doutor/ para não dar o que falar/, a PRK-30 era um impagável programa radiofônico, Millôr Fernandes nos brindava com seu Pif Paf e Péricles com o Amigo da Onça em **O Cruzeiro**, **Silveira Sampaio** ridicularizava os graúdos sem perder a elegância e enfim chegaria Chico Anysio com seu extraordinário Show. Refiro-me apenas a alguns exemplos de refinado humor. (856 E 16-17)
383. Refiro-me à época em que uma marchinha carnavalesca cantava tirou o seu anel de doutor/ para não dar o que falar/, a PRK-30 era um impagável programa radiofônico, Millôr Fernandes nos brindava com seu Pif Paf e Péricles com o Amigo da Onça em **O Cruzeiro**, Silveira Sampaio ridicularizava os graúdos sem perder a elegância e enfim chegaria **Chico Anysio** com seu extraordinário Show. Refiro-me apenas a alguns exemplos de refinado humor. (856 E 16-17)
384. A quadra atual é macambúzia, a cerração tão densa que já não enxergamos o **Cruzeiro do Sul** e, logo abaixo, Castor e Pólux(856 E 16-17)
385. A quadra atual é macambúzia, a cerração tão densa que já não enxergamos o **Cruzeiro do Sul** e, logo abaixo, **Castor** e Pólux(856 E 16-17)
386. A quadra atual é macambúzia, a cerração tão densa que já não enxergamos o **Cruzeiro do Sul** e, logo abaixo, Castor e **Pólux**(856 E 16-17)
387. É o breu, e nele estão claras apenas a falta de liderança, aterradora, e a insensatez e a ignorância da maioria, a repetir, multiplicado ao inverossímil, o fenômeno que redundou no suicídio coletivo liderado, décadas atrás, por certo e malfadado **Jim Jones**. (856 E 16-17)
388. A lembrança da tragédia, absurda até a estupidez, sugere-me, entre tantas, mais uma pergunta: se a lei prevê um acordo de leniência, por que não aplicá-lo se preciso for, a bem do País, no caso das empreiteiras envolvidas na **Lava Jato**? (856 E 16-17)

CARTA, M. As agruras do jornalismo honesto. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 857, p. 14-15, jul. 2015.

389. A mídia nativa, somente ela, e quem acredita nela, foge à regra, ao sentimento comum não somente do **Oiapoque** ao Chuí, mas também de um polo a outro do planeta Terra. (857 E 14-15)
390. A mídia nativa, somente ela, e quem acredita nela, foge à regra, ao sentimento comum não somente do **Oiapoque** ao **Chuí**, mas também de um polo a outro do planeta Terra. (857 E 14-15)

391. A mídia nativa, somente ela, e quem acredita nela, foge à regra, ao sentimento comum não somente do Oiapoque ao Chuí, mas também de um polo a outro do planeta **Terra**. (857 E 14-15)
392. Coisas de um país que, de muitos pontos de vista, vive uma espécie de **Idade Média**, como acaba de dizer a presidenta Dilma Rousseff, a reforçar o vetusto e insubstituível conceito: in dubio pro reo. (857 E 14-15)
393. Coisas de um país que, de muitos pontos de vista, vive uma espécie de Idade Média, como acaba de dizer a presidenta **Dilma Rousseff**, a reforçar o vetusto e insubstituível conceito: in dubio pro reo. (857 E 14-15)
394. A imprensa da quarta 1º de julho, a mesma que remeteu enviados especiais a **Washington** para produzirem provas excelentes (eles, sim) do estágio patético da nossa mídia (leia a reportagem à página 28), esmeraram-se em críticas e outros azedumes às declarações de Dilma sobre a Lava Jato, conduzida, de fato, ao sabor de um cardápio de arbitrariedades variadas. (857 E 14-15)
395. A imprensa da quarta 1º de julho, a mesma que remeteu enviados especiais a Washington para produzirem provas excelentes (eles, sim) do estágio patético da nossa mídia (leia a reportagem à página 28), esmeraram-se em críticas e outros azedumes às declarações de **Dilma** sobre a Lava Jato, conduzida, de fato, ao sabor de um cardápio de arbitrariedades variadas. (857 E 14-15)
396. A imprensa da quarta 1º de julho, a mesma que remeteu enviados especiais a Washington para produzirem provas excelentes (eles, sim) do estágio patético da nossa mídia (leia a reportagem à página 28), esmeraram-se em críticas e outros azedumes às declarações de Dilma sobre a **Lava Jato**, conduzida, de fato, ao sabor de um cardápio de arbitrariedades variadas. (857 E 14-15)
397. Houve um colunista, disposto a ironizar **Dilma** “por confundir o STF com o DOI-Codi”. (857 E 14-15)
398. Houve um colunista, disposto a ironizar Dilma “por confundir o **STF** com o DOI-Codi”. (857 E 14-15)
399. Houve um colunista, disposto a ironizar Dilma “por confundir o STF com o **DOI-CODI**”. (857 E 14-15)
400. Se a comparação for possível, cabe dizer que a masmorra dos torturadores foi mais coerente com a ferocidade da ditadura civil-militar do que a atual **Suprema Corte**, tão escassamente parecida com as similares do mundo civilizado, em relação a um regime democrático. Ali a política pesa mais que a Justiça, e não faltam provas a respeito. (857 E 14-15)
401. No caso de **CartaCapital**, sofremos os ataques dos sabujos do baronato midiático, simplesmente porque apoiamos as duas candidaturas do PT à Presidência da República. (857 E 14-15)
402. No caso de CartaCapital, sofremos os ataques dos sabujos do baronato midiático, simplesmente porque apoiamos as duas candidaturas do **PT** à Presidência da República. (857 E 14-15)
403. No caso de CartaCapital, sofremos os ataques dos sabujos do baronato midiático, simplesmente porque apoiamos as duas candidaturas do PT à **Presidência da República**. (857 E 14-15)

404. A bem da verdade factual, o acima assinado manifesta-se a favor da candidatura de **Lula** desde as primeiras Diretas pós-ditadura, onde quer que estivesse nas minhas andanças profissionais. (857 E 14-15)
405. Nem por isso **CartaCapital** deixou de criticar o governo do metalúrgico, no primeiro e no segundo mandato. (857 E 14-15)
406. Lamentamos, logo de saída, a escolha de **Henrique Meirelles** para o Banco Central ou, mais tarde, a entrada dos transgênicos na lavoura nacional. (857 E 14-15)
407. Lamentamos, logo de saída, a escolha de Henrique Meirelles para o **Banco Central** ou, mais tarde, a entrada dos transgênicos na lavoura nacional. (857 E 14-15)
408. Por ocasião do enterro da Satiagraha e na condução do **Caso Battisti**. (857 E 14-15)
409. Por ocasião do enterro da **Satiagraha** e na condução do Caso Battisti. (857 E 14-15)
410. E não escondemos os envolvimento em mazelas variadas de dois dos seus mais importantes ministros, **José Dirceu** e Antonio Palocci. (857 E 14-15)
411. E não escondemos os envolvimento em mazelas variadas de dois dos seus mais importantes ministros, José Dirceu e **Antonio Palocci**. (857 E 14-15)
412. De **Lula**, no entanto, valeram muito mais seus notáveis méritos. (857 E 14-15)
413. Ao apoiar **Dilma** em 2010, a entendemos capaz de levar adiante a linha definida por Lula. (857 E 14-15)
414. Ao apoiar Dilma em 2010, a entendemos capaz de levar adiante a linha definida por **Lula**. (857 E 14-15)
415. Mas não deixamos de ser críticos do seu primeiro governo e, sem meios-termos, do **PT**: desde os tempos de Lula presidente, condenamos o partido por igualar-se aos demais, depois de ter sido, na oposição, uma forte esperança de resgate da senzala. (857 E 14-15)
416. Mas não deixamos de ser críticos do seu primeiro governo e, sem meios-termos, do PT: desde os tempos de **Lula** presidente, condenamos o partido por igualar-se aos demais, depois de ter sido, na oposição, uma forte esperança de resgate da senzala. (857 E 14-15)
417. **Dilma** foi também criticada em diversas oportunidades: pela escolha de certos ministros, pela formulação de um código florestal que favorece os latifundiários, pelo abrandamento do tom e do estilo da política exterior, pelos numerosos erros da política econômica, pela falta de apetite da própria presidenta por uma atuação política destinada a facilitar o diálogo com o Congresso e com o empresariado. (857 E 14-15)
418. Dilma foi também criticada em diversas oportunidades: pela escolha de certos ministros, pela formulação de um código florestal que favorece os latifundiários, pelo abrandamento do tom e do estilo da política exterior, pelos numerosos erros da política econômica, pela falta de apetite da própria presidenta por uma atuação política destinada a facilitar o diálogo com o **Congresso** e com o empresariado. (857 E 14-15)
419. Mesmo assim, confirmamos nosso apoio ao seu segundo mandato, como alternativa exclusiva ao **PSDB**, partido da reação. (857 E 14-15)
420. Hoje sublinho que o próprio **Lula** confirma nossas críticas a Dilma e ao PT, ela descumpridora das promessas da campanha, o partido cópia dos demais. (857 E 14-15)
421. Hoje sublinho que o próprio Lula confirma nossas críticas a **Dilma** e ao PT, ela descumpridora das promessas da campanha, o partido cópia dos demais. (857 E 14-15)

422. Hoje sublinho que o próprio Lula confirma nossas críticas a Dilma e ao **PT**, ela descumpridora das promessas da campanha, o partido cópia dos demais. (857 E 14-15)
423. Faço questão de acentuar que nunca fui filiado a qualquer agremiação política e que a amizade pessoal com **Lula** me honra e me alegra faz 38 anos. (857 E 14-15)
424. Recordo que, recém-empossado, o velho amigo me chamou a **Brasília** para uma conversa a respeito de assuntos públicos e privados. (857 E 14-15)
425. Falamos também da publicidade dita governista, assunto significativo para quem fora praticamente ignorado pelo governo de **Fernando Henrique** e seu solerte ministro Andrezinho Matarazzo. (857 E 14-15)
426. Falamos também da publicidade dita governista, assunto significativo para quem fora praticamente ignorado pelo governo de Fernando Henrique e seu solerte ministro **Andrezinho Matarazzo**. (857 E 14-15)
427. Disse então a **Lula**: “Não peço favores, basta a isonomia”. (857 E 14-15)
428. Enquanto isso, naquele mesmo ano, **Veja** recebia 40 milhões. *Época*, 13, IstoÉ, 10. (857 E 14-15)
429. Enquanto isso, naquele mesmo ano, *Veja* recebia 40 milhões. **Época**, 13, IstoÉ, 10. (857 E 14-15)
430. Enquanto isso, naquele mesmo ano, *Veja* recebia 40 milhões. *Época*, 13, **Istoé**, 10. (857 E 14-15)
431. Trata-se de dados que a **SECOM** acaba de divulgar. (857 E 14-15)
432. A contribuição mais rica do financiamento estatal ao ódio antigovernista, para **Veja** deu-se em 2009, com 43,7 milhões, para *Época* em 2010, com 19. (857 E 14-15)
433. A contribuição mais rica do financiamento estatal ao ódio antigovernista, para *Veja* deu-se em 2009, com 43,7 milhões, para **Época** em 2010, com 19. (857 E 14-15)
434. Sem contar a desbordante injeção de recursos aos cofres da **Globo**. (857 E 14-15)
435. Nada disso nos poupou das agressões de quantos apontam **CartaCapital** como revista “chapa-branca”. (857 E 14-15)

CARTA, M. Sonho de inverno. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 858, p. 16-17, jul. 2015.

436. Inspirado por **Maquiavel** e Palas Ateneia, um estadista enfrenta a crise para evitar o suicídio coletivo (858 E 16-17)
437. Inspirado por Maquiavel e **Palas Ateneia**, um estadista enfrenta a crise para evitar o suicídio coletivo(858 E 16-17)
438. A presidenta **Dilma**, permito-me imaginar, sabe que de nada adianta falar com a mídia nativa. (858 E 16-17)
439. **Dilma** ganha, porém, a oportunidade de dar o seu recado, e isso é melhor que o silêncio. (858 E 16-17)
440. O pessoal da casa-grande não arrefece, mesmo porque não mira somente no governo, mas também na possível, eventual, candidatura de **Lula** em 2018. (858 E 16-17)

441. Diante da gravidade da situação, das manobras do pássaro incapaz de voar, dos atentados contra a deusa vendada e da insensatez geral, desta vez vou além dos meus aturdidos botões para consultar um ser estratosférico, nascido do conúbio entre **Maquiavel** e Palas Ateneia. (858 E 16-17)
442. Diante da gravidade da situação, das manobras do pássaro incapaz de voar, dos atentados contra a deusa vendada e da insensatez geral, desta vez vou além dos meus aturdidos botões para consultar um ser estratosférico, nascido do conúbio entre Maquiavel e **Palas Ateneia**. (858 E 16-17)
443. Aconselhado em sonho pela entidade acima mencionada, o estadista convoca ao **Palácio** o presidente do STF e os presidentes de Câmara e Senado. (858 E 16-17)
444. Aconselhado em sonho pela entidade acima mencionada, o estadista convoca ao Palácio o presidente do **STF** e os presidentes de Câmara e Senado. (858 E 16-17)
445. Aconselhado em sonho pela entidade acima mencionada, o estadista convoca ao Palácio o presidente do STF e os presidentes de **Câmara** e Senado. (858 E 16-17)
446. Aconselhado em sonho pela entidade acima mencionada, o estadista convoca ao Palácio o presidente do STF e os presidentes de Câmara e **Senado**. (858 E 16-17)
447. E, de saída, esclareço que me inspira um demiurgo nascido da união entre o mestre da realpolitik, matizada pela ironia indispensável ao melhor conhecimento da natureza humana, e a filha de **Zeus**, deusa da sabedoria, grega, obviamente. (858 E 16-17)
448. Não sei se os senhores se dão conta da profundidade da crise que o **Brasil** é obrigado a enfrentar, econômica, política e social. (858 E 16-17)
449. O **Brasil** não poderia passar incólume, como não passou, por exemplo, quando do primeiro choque do petróleo, ocasião em que um asno pomposo, o ditador Ernesto Geisel, nos definiu como uma ‘ilha de prosperidade’. (858 E 16-17)
450. O Brasil não poderia passar incólume, como não passou, por exemplo, quando do primeiro choque do petróleo, ocasião em que um asno pomposo, o ditador **Ernesto Geisel**, nos definiu como uma ‘ilha de prosperidade’. (858 E 16-17)
451. Ou no estouro das bolhas financeiras durante o governo de **FHC**. (858 E 16-17)
452. Parece-me, aliás, que dois dos presentes também figuram entre os visados pela Justiça. E a respeito vale dizer ainda que a corrupção, filha do espírito predador semeado pelos colonizadores, no **Brasil** é doença endêmica. (858 E 16-17)
453. **Fernando Henrique**, para citar fatos recentes, comandou algumas das grandes bandalheiras da história pátria, comprou votos de congressistas para se reeleger e não faltaram em seus governos personagens tão suspeitas quanto outras de origem petista. (858 E 16-17)
454. A diferença é precipitada, sobretudo em **São Paulo**, por algo que em outros tempos e outros recantos se chamou luta de classe. (858 E 16-17)
455. Os graúdos nativos, com honrosas exceções, enxergam no **PT**, antes ainda que uma forma aguda e imperdoável de esquerdismo, o partido da ralé, da choldra, da malta infecta. (858 E 16-17)
456. O **PT**, a bem da verdade, em tempos idos pregou o certo e no poder praticou o errado. (858 E 16-17)

457. O que me move agora é saber se os senhores se dão conta das suas responsabilidades em relação a uma crise que, em primeiro lugar, ameaça a nossa frágil democracia e o destino do **Brasil**. (858 E 16-17)
458. Diz o estadista: “Dirijo-me ao presidente do **STF**: é admissível que a Suprema Corte não intervenha em relação às arbitrariedades cometidas pelo tribunal de primeira instância de Curitiba ao prender cidadãos com endereço certo e sabido em nome de acusações a serem provadas? (858 E 16-17)
459. Diz o estadista: “Dirijo-me ao presidente do STF: é admissível que a **Suprema Corte** não intervenha em relação às arbitrariedades cometidas pelo tribunal de primeira instância de Curitiba ao prender cidadãos com endereço certo e sabido em nome de acusações a serem provadas? (858 E 16-17)
460. Diz o estadista: “Dirijo-me ao presidente do STF: é admissível que a Suprema Corte não intervenha em relação às arbitrariedades cometidas pelo tribunal de primeira instância de **Curitiba** ao prender cidadãos com endereço certo e sabido em nome de acusações a serem provadas? (858 E 16-17)
461. Não é, tanto mais em um país em que figuras como **Daniel Dantas**, Carlos Cachoeira e Edemar Cid Ferreira estão soltas, a viver à larga. (858 E 16-17)
462. Não é, tanto mais em um país em que figuras como Daniel Dantas, **Carlos Cachoeira** e Edemar Cid Ferreira estão soltas, a viver à larga. (858 E 16-17)
463. Não é, tanto mais em um país em que figuras como Daniel Dantas, Carlos Cachoeira e **Edemar Cid Ferreira** estão soltas, a viver à larga. (858 E 16-17)
464. E aos presidentes da **Câmara** e Senado, ambos peemedebistas, donde aliados do PT para governar o Brasil, pergunto se é possível assumir posições bastante ambíguas diante dos propósitos devastadores da oposição, em busca de pretextos para promover um impeachment a contrariar a lei e a razão. (858 E 16-17)
465. E aos presidentes da Câmara e **Senado**, ambos peemedebistas, donde aliados do PT para governar o Brasil, pergunto se é possível assumir posições bastante ambíguas diante dos propósitos devastadores da oposição, em busca de pretextos para promover um impeachment a contrariar a lei e a razão. (858 E 16-17)
466. E aos presidentes da Câmara e Senado, ambos peemedebistas, donde aliados do **PT** para governar o Brasil, pergunto se é possível assumir posições bastante ambíguas diante dos propósitos devastadores da oposição, em busca de pretextos para promover um impeachment a contrariar a lei e a razão. (858 E 16-17)
467. E aos presidentes da Câmara e Senado, ambos peemedebistas, donde aliados do PT para governar o **Brasil**, pergunto se é possível assumir posições bastante ambíguas diante dos propósitos devastadores da oposição, em busca de pretextos para promover um impeachment a contrariar a lei e a razão. (858 E 16-17)
468. Senhores, não podemos permitir, cada qual dentro da sua função, que a **Operação Lava Jato** paralise o País com a disposição transparente de levar à bancarrota o setor mais ativo da economia brasileira, insubstituível para o combate ao desemprego. (858 E 16-17)
469. As circunstâncias, à beira da tragédia, nos solicitam à demonstração da nossa fé na democracia e do **Brasil**. (858 E 16-17)

470. “Aproveito a oportunidade para informá-los a respeito de uma decisão tomada hoje, doa a quem doer: acabo de demitir o diretor-geral da **Polícia Federal**, que se manifesta como se o golpe estivesse à vista, e vou chamar de volta o delegado Paulo Lacerda, que mostrou toda sua lealdade e competência tanto na chefia da PF quanto da Abin” (858 E 16-17)
471. “Aproveito a oportunidade para informá-los a respeito de uma decisão tomada hoje, doa a quem doer: acabo de demitir o diretor-geral da Polícia Federal, que se manifesta como se o golpe estivesse à vista, e vou chamar de volta o delegado **Paulo Lacerda**, que mostrou toda sua lealdade e competência tanto na chefia da PF quanto da Abin” (858 E 16-17)
472. “Aproveito a oportunidade para informá-los a respeito de uma decisão tomada hoje, doa a quem doer: acabo de demitir o diretor-geral da Polícia Federal, que se manifesta como se o golpe estivesse à vista, e vou chamar de volta o delegado Paulo Lacerda, que mostrou toda sua lealdade e competência tanto na chefia da **PF** quanto da Abin” (858 E 16-17)
473. “Aproveito a oportunidade para informá-los a respeito de uma decisão tomada hoje, doa a quem doer: acabo de demitir o diretor-geral da Polícia Federal, que se manifesta como se o golpe estivesse à vista, e vou chamar de volta o delegado Paulo Lacerda, que mostrou toda sua lealdade e competência tanto na chefia da PF quanto da **ABIN**” (858 E 16-17)
474. Por ter comprado o voto de um senador, com o propósito de derrubar o segundo governo **Prodi** em 2008, Silvio Berlusconi foi condenado na quarta 8 a 3 anos de reclusão e 5 de interdição de qualquer atividade pública. (858 E 16-17)
475. Por ter comprado o voto de um senador, com o propósito de derrubar o segundo governo Prodi em 2008, **Silvio Berlusconi** foi condenado na quarta 8 a 3 anos de reclusão e 5 de interdição de qualquer atividade pública. (858 E 16-17)
476. Um comentarista-colunista das **Organizações Globo** afirma que a crise grega é culpa de Lula, que sugeriu ao premier Tsipras a solução do “não”. (858 E 16-17)
477. Um comentarista-colunista das Organizações Globo afirma que a crise grega é culpa de **Lula**, que sugeriu ao premier Tsipras a solução do “não”. (858 E 16-17)
478. Um comentarista-colunista das Organizações Globo afirma que a crise grega é culpa de Lula, que sugeriu ao premier **Tsipras** a solução do “não”. (858 E 16-17)

CARTA, M. O estadista solitário. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 859, p. 28-29, jul. 2015.

479. O reformador **Bergoglio** recupera a palavra de Cristo e o valor da Caridade, que se tornaram letra morta em largos momentos da história da Igreja (859 E 28-29)
480. O reformador Bergoglio recupera a palavra de **Cristo** e o valor da Caridade, que se tornaram letra morta em largos momentos da história da Igreja(859 E 28-29)
481. O reformador Bergoglio recupera a palavra de Cristo e o valor da Caridade, que se tornaram letra morta em largos momentos da história da **Igreja**(859 E 28-29)

482. Papa **Francisco** é hoje em dia o único, grande estadista de dimensões mundiais, reformador determinado, corajoso, inspirado. (859 E 28-29)
483. Óbvio nele o propósito de reparar os males provocados à **Igreja Católica** pelos pontificados de João Paulo II e Bento XVI, dignos da politicagem e da devassidão das cortes papais da Renascença e responsáveis por uma conspícua evasão de fiéis(859 E 28-29)
484. Óbvio nele o propósito de reparar os males provocados à Igreja Católica pelos pontificados de **João Paulo II** e Bento XVI, dignos da politicagem e da devassidão das cortes papais da Renascença e responsáveis por uma conspícua evasão de fiéis(859 E 28-29)
485. Óbvio nele o propósito de reparar os males provocados à Igreja Católica pelos pontificados de João Paulo II e **Bento XVI**, dignos da politicagem e da devassidão das cortes papais da Renascença e responsáveis por uma conspícua evasão de fiéis(859 E 28-29)
486. Óbvio nele o propósito de reparar os males provocados à Igreja Católica pelos pontificados de João Paulo II e Bento XVI, dignos da politicagem e da devassidão das cortes papais da **Renascença** e responsáveis por uma conspícua evasão de fiéis(859 E 28-29)
487. Ao escolher seu nome no momento de tomar assento na cadeira de **Pedro**, o jesuíta Bergoglio deu um claro indício dos rumos desejados para sua ação, como se a cultura própria da ordem de Inácio de Loyola se aliasse ao despojamento cristão do Pobrezinho de Assis, para assinalar o retorno à palavra de Cristo, pregador do amor ao próximo como fonte da igualdade, ideia revolucionária illo tempore até o nosso presente. (859 E 28-29)
488. Ao escolher seu nome no momento de tomar assento na cadeira de Pedro, o jesuíta **Bergoglio** deu um claro indício dos rumos desejados para sua ação, como se a cultura própria da ordem de Inácio de Loyola se aliasse ao despojamento cristão do Pobrezinho de Assis, para assinalar o retorno à palavra de Cristo, pregador do amor ao próximo como fonte da igualdade, ideia revolucionária illo tempore até o nosso presente. (859 E 28-29)
489. Ao escolher seu nome no momento de tomar assento na cadeira de Pedro, o jesuíta Bergoglio deu um claro indício dos rumos desejados para sua ação, como se a cultura própria da ordem de Inácio de Loyola se aliasse ao despojamento cristão do **Pobrezinho de Assis**, para assinalar o retorno à palavra de Cristo, pregador do amor ao próximo como fonte da igualdade, ideia revolucionária illo tempore até o nosso presente. (859 E 28-29)
490. Ao escolher seu nome no momento de tomar assento na cadeira de Pedro, o jesuíta Bergoglio deu um claro indício dos rumos desejados para sua ação, como se a cultura própria da ordem de Inácio de Loyola se aliasse ao despojamento cristão do Pobrezinho de Assis, para assinalar o retorno à palavra de **Cristo**, pregador do amor ao próximo como fonte da igualdade, ideia revolucionária illo tempore até o nosso presente. (859 E 28-29)
491. Ao escolher seu nome no momento de tomar assento na cadeira de Pedro, o jesuíta Bergoglio deu um claro indício dos rumos desejados para sua ação, como se a cultura

- própria da ordem de **Inácio de Loyola** se aliasse ao despojamento cristão do Pobrezinho de Assis, para assinalar o retorno à palavra de Cristo, pregador do amor ao próximo como fonte da igualdade, ideia revolucionária illo tempore até o nosso presente. (859 E 28-29)
492. Como escreveu **Ronald A. Knox** em seu *Enthusiasm, a Chapter in the History of Religion*, a crença de que “o primeiro período da Igreja foi uma idade do ouro” revelou-se bastante questionável. (859 E 28-29)
493. Como escreveu Ronald A. Knox em seu *Enthusiasm, a Chapter in the History Of Religion*, a crença de que “o primeiro período da **Igreja** foi uma idade do ouro” revelou-se bastante questionável. (859 E 28-29)
494. De fato a pretensão de manter intacta a lição de **Cristo** foi frequentemente geradora de desvios e equívocos, cismas e heresias. (859 E 28-29)
495. De certa forma, papa **Francisco**, como Paulo de Tarso, emite sua Epístola aos Coríntios (nada a ver com os torcedores coríntianos), sobretudo na passagem que diz respeito à Caridade, a mais importante entre as virtudes teológicas. (859 E 28-29)
496. De certa forma, papa Francisco, como **Paulo de Tarso**, emite sua Epístola aos Coríntios (nada a ver com os torcedores coríntianos), sobretudo na passagem que diz respeito à Caridade, a mais importante entre as virtudes teológicas. (859 E 28-29)
497. **Corinto** no século I era cidade do mais desbragado meretrício, mesmo entre os católicos a licenciosidade dominava, e o ex-soldado fulgurado por um raio divino a caminho de Damasco cuidava de colocar no bom caminho a sua grei(859 E 28-29)
498. Corinto no século I era cidade do mais desbragado meretrício, mesmo entre os católicos a licenciosidade dominava, e o ex-soldado fulgurado por um raio divino a caminho de **Damasco** cuidava de colocar no bom caminho a sua grei(859 E 28-29)
499. As questões que a **Epístola de Paulo** levanta são distantes das atuais, mas a Caridade é invocada com energia, e a virtude se coaduna à perfeição com a pregação de Cristo. (859 E 28-29)
500. As questões que a Epístola de Paulo levanta são distantes das atuais, mas a Caridade é invocada com energia, e a virtude se coaduna à perfeição com a pregação de **Cristo**. (859 E 28-29)
501. **Paulo** é figura controversa, como verdadeiro fundador de uma Igreja que ao longo dos séculos se afastou das ideias de quem a apoiou sobre uma pedra chamada Pedro, acabou por dividir com o Imperador do Sagrado Romano Império o poder do mundo, e assumiu até as feições de monarquia mundana depois da doação do Castelo de Sutri pelo rei longobardo Astolfo, no VIII século. (859 E 28-29)
502. Paulo é figura controversa, como verdadeiro fundador de uma Igreja que ao longo dos séculos se afastou das ideias de quem a apoiou sobre uma pedra chamada **Pedro**, acabou por dividir com o Imperador do Sagrado Romano Império o poder do mundo, e assumiu até as feições de monarquia mundana depois da doação do Castelo de Sutri pelo rei longobardo Astolfo, no VIII século. (859 E 28-29)
503. Paulo é figura controversa, como verdadeiro fundador de uma Igreja que ao longo dos séculos se afastou das ideias de quem a apoiou sobre uma pedra chamada Pedro, acabou por dividir com o Imperador do **Sagrado Romano Império** o poder do mundo, e

- assumiu até as feições de monarquia mundana depois da doação do Castelo de Sutri pelo rei longobardo Astolfo, no VIII século. (859 E 28-29)
504. Paulo é figura controversa, como verdadeiro fundador de uma Igreja que ao longo dos séculos se afastou das ideias de quem a apoiou sobre uma pedra chamada Pedro, acabou por dividir com o Imperador do Sagrado Romano Império o poder do mundo, e assumiu até as feições de monarquia mundana depois da doação do **Castelo de Sutri** pelo rei longobardo Astolfo, no VIII século. (859 E 28-29)
505. Paulo é figura controversa, como verdadeiro fundador de uma Igreja que ao longo dos séculos se afastou das ideias de quem a apoiou sobre uma pedra chamada Pedro, acabou por dividir com o Imperador do Sagrado Romano Império o poder do mundo, e assumiu até as feições de monarquia mundana depois da doação do Castelo de Sutri pelo rei longobardo **Astolfo**, no VIII século. (859 E 28-29)
506. Não foi por acaso que o papa coroou em **Roma** Carlos Magno imperador, e alguns dos seus sucessores, e humilhou outro, Henrique III. (859 E 28-29)
507. Não foi por acaso que o papa coroou em Roma **Carlos Magno** imperador, e alguns dos seus sucessores, e humilhou outro, Henrique III. (859 E 28-29)
508. Não foi por acaso que o papa coroou em Roma Carlos Magno imperador, e alguns dos seus sucessores, e humilhou outro, **Henrique III**. (859 E 28-29)
509. O papa tornou-se dono de toda a **Itália** central, impediu a unificação do país e a criação de um Estado Nacional até a segunda metade do século XIX, e, sempre que se sentiu ameaçado, não hesitou em pedir socorro aos reis europeus e seus exércitos, de sorte a garantir a divisão da península. (859 E 28-29)
510. A palavra de **Cristo** foi letra morta, em benefício do mais duradouro poder temporal por direito divino em dois milênios. (859 E 28-29)
511. Ao cuidar de sua grei, papa **Francisco** tem de redimir a Igreja dos seus pecados, e neste sentido há de se mover sua modernização, para o entendimento das dinâmicas desencadeadas pela melhor compreensão da natureza e da evolução humana ao sabor do conhecimento. (859 E 28-29)
512. Ao cuidar de sua grei, papa Francisco tem de redimir a **Igreja** dos seus pecados, e neste sentido há de se mover sua modernização, para o entendimento das dinâmicas desencadeadas pela melhor compreensão da natureza e da evolução humana ao sabor do conhecimento. (859 E 28-29)
513. E ainda, e sempre, pela tolerância, mais ainda, pela misericórdia, na medição dos limites do ser humano, de resto determinados pelo **Criador**, segundo quem acredita, e tão pouco respeitados por quem até ontem mandou urbi et orbi. (859 E 28-29)
514. Com **Francisco**, ocorre o retorno à ideia da igualdade, contra o neoliberalismo em pleno vigor e contra a miséria que resulta dele, em proveito da felicidade terrena de banqueiros, especuladores e rentistas, diante da passividade, ou mesmo da resignação de quantos haveriam de se opor. (859 E 28-29)
515. A viagem papal pela **América Latina** confirma e fortalece a postura do estadista, bem como a contrariedade daqueles que, além dos expoentes da Cúria Vaticana finalmente tirados de cena, a linha papal constrange e ameaça. (859 E 28-29)

516. A viagem papal pela América Latina confirma e fortalece a postura do estadista, bem como a contrariedade daqueles que, além dos expoentes da **Cúria Vaticana** finalmente tirados de cena, a linha papal constrange e ameaça. (859 E 28-29)
517. Um colunista nativo clama contra “a monstruosidade herética” com que **Evo Morales**, “protoditador da Bolívia”, presenteou “o argentino Bergoglio”: um Cristo “que suja as mãos com o sangue de 150 milhões de crucificados”. (859 E 28-29)
518. Um colunista nativo clama contra “a monstruosidade herética” com que Evo Morales, “protoditador da **Bolívia**”, presenteou “o argentino Bergoglio”: um Cristo “que suja as mãos com o sangue de 150 milhões de crucificados”. (859 E 28-29)
519. Um colunista nativo clama contra “a monstruosidade herética” com que Evo Morales, “protoditador da Bolívia”, presenteou “o argentino **Bergoglio**”: um Cristo “que suja as mãos com o sangue de 150 milhões de crucificados”. (859 E 28-29)
520. Um colunista nativo clama contra “a monstruosidade herética” com que Evo Morales, “protoditador da Bolívia”, presenteou “o argentino Bergoglio”: um **Cristo** “que suja as mãos com o sangue de 150 milhões de crucificados”. (859 E 28-29)
521. Regresso súbito ao **Brasil** em 1961. Jânio renuncia e seu vice, João Goulart, é tido em odor de comunismo pelos senhores da casa-grande e por seu porta-voz, a mídia nativa, sempre alerta. (859 E 28-29)
522. Regresso súbito ao Brasil em 1961. **Jânio** renuncia e seu vice, João Goulart, é tido em odor de comunismo pelos senhores da casa-grande e por seu porta-voz, a mídia nativa, sempre alerta. (859 E 28-29)
523. Regresso súbito ao Brasil em 1961. Jânio renuncia e seu vice, **João Goulart**, é tido em odor de comunismo pelos senhores da casa-grande e por seu porta-voz, a mídia nativa, sempre alerta. (859 E 28-29)
524. Ao cabo, desenha-se o compromisso e **Jango** assume à sombra do Parlamentarismo, pelo qual hoje se bate o senador José Serra. (859 E 28-29)
525. Ao cabo, desenha-se o compromisso e Jango assume à sombra do **Parlamentarismo**, pelo qual hoje se bate o senador José Serra. (859 E 28-29)
526. Ao cabo, desenha-se o compromisso e Jango assume à sombra do Parlamentarismo, pelo qual hoje se bate o senador **José Serra**. (859 E 28-29)
527. Um ano depois, **Jango**, juntamente com esposa e filhos, Denize e João Vicente, visita João XXIII, de muitos pontos de vista política e espiritualmente aparentado com Francisco. (859 E 28-29)
528. Um ano depois, Jango, juntamente com esposa e filhos, **Denize** e João Vicente, visita João XXIII, de muitos pontos de vista política e espiritualmente aparentado com Francisco. (859 E 28-29)
529. Um ano depois, Jango, juntamente com esposa e filhos, Denize e **João Vicente**, visita João XXIII, de muitos pontos de vista política e espiritualmente aparentado com Francisco. (859 E 28-29)
530. Um ano depois, Jango, juntamente com esposa e filhos, Denize e João Vicente, visita **João XXIII**, de muitos pontos de vista política e espiritualmente aparentado com Francisco. (859 E 28-29)

531. Um ano depois, Jango, juntamente com esposa e filhos, Denize e João Vicente, visita João XXIII, de muitos pontos de vista política e espiritualmente aparentado com **Francisco**. (859 E 28-29)
532. Uma caixa de madeira forrada de veludo e ricamente entalhada é o presente de **Goulart** ao papa Roncalli. (859 E 28-29)
533. Uma caixa de madeira forrada de veludo e ricamente entalhada é o presente de Goulart ao papa **Roncalli**. (859 E 28-29)
534. **João Vicente**, incansável na evocação da figura paterna, ouviu de Darcy Ribeiro uma história, publicamente divulgada em um livro (Invenção e Descaminho, Editora Avenir, 1978). (859 E 28-29)
535. João Vicente, incansável na evocação da figura paterna, ouviu de **Darcy Ribeiro** uma história, publicamente divulgada em um livro (Invenção e Descaminho, Editora Avenir, 1978). (859 E 28-29)
536. João Vicente, incansável na evocação da figura paterna, ouviu de Darcy Ribeiro uma história, publicamente divulgada em um livro (**Invenção e Descaminho**, Editora Avenir, 1978). (859 E 28-29)
537. João Vicente, incansável na evocação da figura paterna, ouviu de Darcy Ribeiro uma história, publicamente divulgada em um livro (Invenção e Descaminho, **Editora Avenir**, 1978). (859 E 28-29)
538. Autor da caixa, o marceneiro **Manoel**, o qual, tempo depois da visita de Jango ao Vaticano, procurou Darcy, então chefe do Gabinete Civil da Presidência, e confessou, não sem candura: “No fundo da caixa, entalhei a foice e o martelo”. Comentaria Darcy, ao recordar: (859 E 28-29)
539. Autor da caixa, o marceneiro Manoel, o qual, tempo depois da visita de **Jango** ao Vaticano, procurou Darcy, então chefe do Gabinete Civil da Presidência, e confessou, não sem candura: “No fundo da caixa, entalhei a foice e o martelo”. Comentaria Darcy, ao recordar: (859 E 28-29)
540. Autor da caixa, o marceneiro Manoel, o qual, tempo depois da visita de Jango ao **Vaticano**, procurou Darcy, então chefe do Gabinete Civil da Presidência, e confessou, não sem candura: “No fundo da caixa, entalhei a foice e o martelo”. Comentaria Darcy, ao recordar: (859 E 28-29)
541. Autor da caixa, o marceneiro Manoel, o qual, tempo depois da visita de Jango ao Vaticano, procurou **Darcy**, então chefe do Gabinete Civil da Presidência, e confessou, não sem candura: “No fundo da caixa, entalhei a foice e o martelo”. Comentaria Darcy, ao recordar: (859 E 28-29)
542. Autor da caixa, o marceneiro Manoel, o qual, tempo depois da visita de Jango ao Vaticano, procurou Darcy, então chefe do **Gabinete Civil da Presidência**, e confessou, não sem candura: “No fundo da caixa, entalhei a foice e o martelo”. Comentaria Darcy, ao recordar: (859 E 28-29)
543. Comentaria **Darcy**, ao recordar: “Naquele palácio, o único comunista era mesmo o seo Manoel” (859 E 28-29)
544. Comentaria Darcy, ao recordar: “Naquele palácio, o único comunista era mesmo o seo **Manoel**” (859 E 28-29)

CARTA, M. E agora, a lista do HSBC. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 860, p. 18, jul. 2015.

545. E agora, a lista do **HSBC** (860 E 18)
546. O disco do **Opportunity** não foi aberto. (860 E 18)
547. Dez anos depois, o **Brasil** parece disposto a deixar em paz os sonegadores graúdos, protagonistas em ambos os casos(860 E 18)
548. Delicioso editorial do **Estadão** de terça 21, a lembrar os melhores textos do senhor Pott, inolvidável diretor da Gazeta de Eatanswill em os Pickwick Papers de Dickens. (860 E 18)
549. Delicioso editorial do Estadão de terça 21, a lembrar os melhores textos do senhor Pott, inolvidável diretor da **Gazeta de Eatanswill** em os Pickwick Papers de Dickens. (860 E 18)
550. Delicioso editorial do Estadão de terça 21, a lembrar os melhores textos do senhor Pott, inolvidável diretor da Gazeta de Eatanswill em os Pickwick Papers de **Dickens**. (860 E 18)
551. Delicioso editorial do Estadão de terça 21, a lembrar os melhores textos do senhor **Pott**, inolvidável diretor da Gazeta de Eatanswill em os Pickwick Papers de Dickens. (860 E 18)
552. Era do hábito do senhor **Pott** que a verdade factual pouco lhe importasse, tratava-se de alguém dotado exclusivamente de certezas. (860 E 18)
553. Parece difícil acreditar que **Lula**, neste exato instante, só pense em 2018. (860 E 18)
554. Aos barões midiáticos desaconselho fervorosamente a leitura da coluna de **Marcos Coimbra** à página 43 desta edição, desde que se dignem a tanto. (860 E 18)
555. O diretor do respeitável **Instituto Vox Populi** aponta em Lula o favorito do próximo pleito presidencial, a despeito das turbulências atuais, com efeitos semelhantes àqueles precipitados pelo chamado “mensalão”. (860 E 18)
556. O diretor do respeitável Instituto Vox Populi aponta em **Lula** o favorito do próximo pleito presidencial, a despeito das turbulências atuais, com efeitos semelhantes àqueles precipitados pelo chamado “mensalão”. (860 E 18)
557. Só faltava esta, mas **Coimbra** é cidadão desassombrado. (860 E 18)
558. Há escândalos e escândalos, está claro, para influenciar momentos políticos variados, e não me referirei desta vez aos eclodidos durante o governo de **Fernando Henrique**, monumentais e mesmo assim silenciados. (860 E 18)
559. Não preciso perguntar aos meus botões por que a **Operação Lava Jato** prossegue impávida, a nos brindar com acusações a serem provadas, e até condenações, enquanto em torno da célebre lista dos grandes sonegadores brasileiros que filtrou através do sigilo do HSBC suíço fecha-se a omertà, como se diria na Sicília, igual ao mar sobre um barco furado. (860 E 18)
560. Não preciso perguntar aos meus botões por que a Operação Lava Jato prossegue impávida, a nos brindar com acusações a serem provadas, e até condenações, enquanto em torno da célebre lista dos grandes sonegadores brasileiros que filtrou através do

- sigilo do **HSBC** suíço fecha-se a omertà, como se diria na Sicília, igual ao mar sobre um barco furado. (860 E 18)
561. Não preciso perguntar aos meus botões por que a Operação Lava Jato prossegue impávida, a nos brindar com acusações a serem provadas, e até condenações, enquanto em torno da célebre lista dos grandes sonegadores brasileiros que filtrou através do sigilo do HSBC suíço fecha-se a omertà, como se diria na **Sicília**, igual ao mar sobre um barco furado. (860 E 18)
562. Me sobe à memória o episódio protagonizado, dez anos atrás, pelo disco rígido capturado pela **Operação Chacal** na sede do Opportunity do indestrutível, onipresente Daniel Dantas. (860 E 18)
563. Me sobe à memória o episódio protagonizado, dez anos atrás, pelo disco rígido capturado pela Operação Chacal na sede do **Opportunity** do indestrutível, onipresente Daniel Dantas. (860 E 18)
564. Me sobe à memória o episódio protagonizado, dez anos atrás, pelo disco rígido capturado pela Operação Chacal na sede do Opportunity do indestrutível, onipresente **Daniel Dantas**. (860 E 18)
565. Aquele mesmo que, preso anos após pela Operação Satiagraha, contou com o pronto socorro de **Gilmar Mendes**, o ministro do STF disposto a “chamar às falas” o então presidente Lula e provocar o desterro do honrado e competente delegado Paulo Lacerda. (860 E 18)
566. Aquele mesmo que, preso anos após pela Operação Satiagraha, contou com o pronto socorro de Gilmar Mendes, o ministro do **STF** disposto a “chamar às falas” o então presidente Lula e provocar o desterro do honrado e competente delegado Paulo Lacerda. (860 E 18)
567. Aquele mesmo que, preso anos após pela Operação Satiagraha, contou com o pronto socorro de Gilmar Mendes, o ministro do STF disposto a “chamar às falas” o então presidente **Lula** e provocar o desterro do honrado e competente delegado Paulo Lacerda. (860 E 18)
568. Aquele mesmo que, preso anos após pela Operação Satiagraha, contou com o pronto socorro de Gilmar Mendes, o ministro do STF disposto a “chamar às falas” o então presidente Lula e provocar o desterro do honrado e competente delegado **PAULO Lacerda**. (860 E 18)
569. Aquele mesmo que, preso anos após pela **Operação Satiagraha**, contou com o pronto socorro de Gilmar Mendes, o ministro do STF disposto a “chamar às falas” o então presidente Lula e provocar o desterro do honrado e competente delegado Paulo Lacerda. (860 E 18)
570. Esquecido o disco rígido, enterrada a **Satiagraha**. (860 E 18)
571. Em 2005, o disco foi entregue ao **STF** pela PF dirigida por Lacerda, que no segundo mandato de Lula se transferiria para a Abin, substituído por um duvidoso Luiz Fernando Corrêa. (860 E 18)
572. Em 2005, o disco foi entregue ao STF pela **PF** dirigida por Lacerda, que no segundo mandato de Lula se transferiria para a Abin, substituído por um duvidoso Luiz Fernando Corrêa. (860 E 18)

573. Em 2005, o disco foi entregue ao STF pela PF dirigida por **Lacerda**, que no segundo mandato de Lula se transferiria para a Abin, substituído por um duvidoso Luiz Fernando Corrêa. (860 E 18)
574. Em 2005, o disco foi entregue ao STF pela PF dirigida por Lacerda, que no segundo mandato de **Lula** se transferiria para a Abin, substituído por um duvidoso Luiz Fernando Corrêa. (860 E 18)
575. Em 2005, o disco foi entregue ao STF pela PF dirigida por Lacerda, que no segundo mandato de Lula se transferiria para a **ABIN**, substituído por um duvidoso Luiz Fernando Corrêa. (860 E 18)
576. Em 2005, o disco foi entregue ao STF pela PF dirigida por Lacerda, que no segundo mandato de Lula se transferiria para a Abin, substituído por um duvidoso **Luiz Fernando Corrêa**. (860 E 18)
577. O disco acabou nas mãos da ministra **Ellen Gracie**, a qual nunca disse por que o seu conteúdo deixou de ser revelado. (860 E 18)
578. E uma das fontes admitiria que parlamentares exerciam pressões no sentido de jogar ao lixo o fatídico apetrecho, e também um ministro, o chefe da **Casa Civil** José Dirceu. (860 E 18)
579. E uma das fontes admitiria que parlamentares exerciam pressões no sentido de jogar ao lixo o fatídico apetrecho, e também um ministro, o chefe da Casa Civil **José Dirceu**. (860 E 18)
580. Hoje em dia o **Partido dos Trabalhadores**, que vi nascer esperançoso, encanta-se com um site de obscura origem, que desconfio abastecido por dinheiro do inesgotável Dantas, quem sabe com o beneplácito ou intermediação de Dirceu. (860 E 18)
581. Hoje em dia o Partido dos Trabalhadores, que vi nascer esperançoso, encanta-se com um site de obscura origem, que desconfio abastecido por dinheiro do inesgotável **Dantas**, quem sabe com o beneplácito ou intermediação de Dirceu. (860 E 18)
582. Hoje em dia o Partido dos Trabalhadores, que vi nascer esperançoso, encanta-se com um site de obscura origem, que desconfio abastecido por dinheiro do inesgotável Dantas, quem sabe com o beneplácito ou intermediação de **Dirceu**. (860 E 18)
583. Dispensados de saída, os botões murmuram sinistramente a probabilidade de que os nomes ilustres elencados no disco do **Opportunity** figurem em parte, ou mesmo in totum, na lista do HSBC. (860 E 18)
584. Dispensados de saída, os botões murmuram sinistramente a probabilidade de que os nomes ilustres elencados no disco do Opportunity figurem em parte, ou mesmo in totum, na lista do **HSBC**. (860 E 18)
585. Machuca, soletram constrangidos, que a Argentina mais uma vez mostre a qualidade da sua democracia na comparação com a nossa incipiente, ao investigar seus sonegadores, com a colaboração de **Hervé Falciani**, revelador do escândalo, entrevistado páginas adiante e pronto a colaborar também com o Brasil. (860 E 18)
586. Pois é, a **Argentina...** Somos também o país onde os torturadores não são punidos, os ditadores tornam-se nome de ponte e rodovia, e uma comissão dita da verdade, com V pateticamente grande, cuida de preservar uma Lei da Anistia imposta pela ditadura. Meus botões confessam a dúvida: talvez sejamos o que merecemos. (860 E 18)

CARTA, M. Respeite-se a constituição. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 861, p. 20-21, ago. 2015.

587. Eles acreditam que, derrubado o governo de **Dilma Rousseff**, o destino voltará a sorrir. (861 E 20-21)
588. E que a **Operação Lava Jato** é a versão melhorada da Mãos Limpas italiana e que o juiz Moro é um varão de Plutarco. (861 E 20-21)
589. E que a Operação Lava Jato é a versão melhorada da **Mãos Limpas** italiana e que o juiz Moro é um varão de Plutarco. (861 E 20-21)
590. E que a Operação Lava Jato é a versão melhorada da Mãos Limpas italiana e que o juiz **Moro** é um varão de Plutarco. (861 E 20-21)
591. E que a Operação Lava Jato é a versão melhorada da Mãos Limpas italiana e que o juiz Moro é um varão de **Plutarco**. (861 E 20-21)
592. E que foram finalmente desnudados os pecados de **Lula**, entre outros, o de ter feito lobby no exterior a favor de empresas brasileiras, tanto na qualidade de presidente da República quanto como simples cidadão. (861 E 20-21)
593. E que foram finalmente desnudados os pecados de Lula, entre outros, o de ter feito lobby no exterior a favor de empresas brasileiras, tanto na qualidade de presidente da **República** quanto como simples cidadão. (861 E 20-21)
594. Suponho, aliás, que o rei da **Suécia** deva perder a coroa por ter feito lobby dos caças enfim adquiridos pelo Brasil. (861 E 20-21)
595. Suponho, aliás, que o rei da Suécia deva perder a coroa por ter feito lobby dos caças enfim adquiridos pelo **Brasil**. (861 E 20-21)
596. E, a propósito de **Lula**, acreditam na sua tentativa de conferenciar com Fernando Henrique em busca de um entendimento suprapartidário, frustrada prontamente pela negativa do príncipe dos sociólogos. (861 E 20-21)
597. E, a propósito de Lula, acreditam na sua tentativa de conferenciar com **Fernando Henrique** em busca de um entendimento suprapartidário, frustrada prontamente pela negativa do príncipe dos sociólogos. (861 E 20-21)
598. Dois amigos procuram **Lula** no começo de julho, são amigos também de FHC, e trazem a proposta de uma conversa sobre os problemas contingentes. (861 E 20-21)
599. Dois amigos procuram Lula no começo de julho, são amigos também de **FHC**, e trazem a proposta de uma conversa sobre os problemas contingentes. (861 E 20-21)
600. **FHC** manda responder que concorda, mas será preciso esperar pelo retorno dele de uma viagem ao exterior. (861 E 20-21)
601. Dias atrás, **Lula** é informado pela mídia que o viajante voltou e espalha a versão ficcional: ele não quis a conversa proposta pelo petista(861 E 20-21)
602. Recordo ter assistido a um encontro entre **Lula** e Fernando Henrique em um bar na periferia de São Bernardo, naquele começo do outono de 1980 marcado pela greve dos metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, encerrada com a prisão do presidente do sindicato, enquadrado na Lei de Segurança Nacional da ditadura. (861 E 20-21)

603. Recordo ter assistido a um encontro entre Lula e **Fernando Henrique** em um bar na periferia de São Bernardo, naquele começo do outono de 1980 marcado pela greve dos metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, encerrada com a prisão do presidente do sindicato, enquadrado na Lei de Segurança Nacional da ditadura. (861 E 20-21)
604. Recordo ter assistido a um encontro entre Lula e Fernando Henrique em um bar na periferia de **São Bernardo**, naquele começo do outono de 1980 marcado pela greve dos metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, encerrada com a prisão do presidente do sindicato, enquadrado na Lei de Segurança Nacional da ditadura. (861 E 20-21)
605. Recordo ter assistido a um encontro entre Lula e Fernando Henrique em um bar na periferia de São Bernardo, naquele começo do outono de 1980 marcado pela greve dos metalúrgicos de **São Bernardo** e Diadema, encerrada com a prisão do presidente do sindicato, enquadrado na Lei de Segurança Nacional da ditadura. (861 E 20-21)
606. Recordo ter assistido a um encontro entre Lula e Fernando Henrique em um bar na periferia de São Bernardo, naquele começo do outono de 1980 marcado pela greve dos metalúrgicos de São Bernardo e **Diadema**, encerrada com a prisão do presidente do sindicato, enquadrado na Lei de Segurança Nacional da ditadura. (861 E 20-21)
607. Recordo ter assistido a um encontro entre Lula e Fernando Henrique em um bar na periferia de São Bernardo, naquele começo do outono de 1980 marcado pela greve dos metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, encerrada com a prisão do presidente do sindicato, enquadrado na **Lei de Segurança Nacional** da ditadura. (861 E 20-21)
608. **Lula** disse “fica, fica, vai valer a pena”. (861 E 20-21)
609. **FHC** recomendava cautela. (861 E 20-21)
610. Trinta e cinco anos após, **FHC** ainda está na ribalta, empenhado em desempenhar o papel de oráculo do PSDB, de mentor-mor, a orientar o movimento desencadeado contra o governo e o PT, sem conseguir encobrir o alvo mais graúdo, ou seja, o próprio metalúrgico com quem conversou à vista de ovos duros, sardinhas fritas e garrafas de cachaça. (861 E 20-21)
611. Trinta e cinco anos após, FHC ainda está na ribalta, empenhado em desempenhar o papel de oráculo do **PSDB**, de mentor-mor, a orientar o movimento desencadeado contra o governo e o PT, sem conseguir encobrir o alvo mais graúdo, ou seja, o próprio metalúrgico com quem conversou à vista de ovos duros, sardinhas fritas e garrafas de cachaça. (861 E 20-21)
612. Trinta e cinco anos após, FHC ainda está na ribalta, empenhado em desempenhar o papel de oráculo do PSDB, de mentor-mor, a orientar o movimento desencadeado contra o governo e o **PT**, sem conseguir encobrir o alvo mais graúdo, ou seja, o próprio metalúrgico com quem conversou à vista de ovos duros, sardinhas fritas e garrafas de cachaça. (861 E 20-21)
613. O “petrolão” lhes ofereceu munição farta, com a contribuição das posições cada vez mais dúbias do **PMDB**, da desorganização e inoperância do PT e do descumprimento das promessas feitas por Dilma Rousseff aos seus eleitores. (861 E 20-21)
614. O “petrolão” lhes ofereceu munição farta, com a contribuição das posições cada vez mais dúbias do PMDB, da desorganização e inoperância do **PT** e do descumprimento das promessas feitas por Dilma Rousseff aos seus eleitores. (861 E 20-21)

615. O “petrolão” lhes ofereceu munição farta, com a contribuição das posições cada vez mais dúbias do PMDB, da desorganização e inoperância do PT e do descumprimento das promessas feitas por **Dilma Rousseff** aos seus eleitores. (861 E 20-21)
616. Sobram para o cardápio do momento as expectativas em relação às decisões de **TCU** e **TSE** sobre contas e pedaladas. (861 E 20-21)
617. Sobram para o cardápio do momento as expectativas em relação às decisões de **TCU** e **TSE** sobre contas e pedaladas. (861 E 20-21)
618. **CartaCapital** lembra que a história recente e nem tanto registra a eleição de outros candidatos em circunstâncias análogas, se não idênticas, coroadas pela posse sem riscos, percalços, objeções. (861 E 20-21)
619. **CartaCapital** entende que, acima de tudo, deve vingar obrigatoriamente o respeito à Constituição, sem hipocrisias e golpes baixos. (861 E 20-21)
620. CartaCapital entende que, acima de tudo, deve vingar obrigatoriamente o respeito à **Constituição**, sem hipocrisias e golpes baixos. (861 E 20-21)
621. A despeito dos ficcionistas midiáticos, a saída não está em uma mudança da guarda no **Planalto**. (861 E 20-21)
622. E a se considerarem as consequências da queda deste governo, é fácil compreender que o **Brasil** com Dilma legalmente reeleita é a solução indispensável, a bem da nossa incipiente democracia. (861 E 20-21)
623. E a se considerarem as consequências da queda deste governo, é fácil compreender que o Brasil com **Dilma** legalmente reeleita é a solução indispensável, a bem da nossa incipiente democracia. (861 E 20-21)
624. Sabemos, contudo, que mesmo superado o terremoto, a oposição e sua mídia não desistirão do combate, pois a **Lava Jato** prossegue sem esmorecimentos, sob o olhar impassível do STF, indiferente diante de um acúmulo insuportável de irregularidades, enquanto a crise econômica fermenta, com a alta de desemprego e inflação e crescimento abaixo de zero. (861 E 20-21)
625. Sabemos, contudo, que mesmo superado o terremoto, a oposição e sua mídia não desistirão do combate, pois a Lava Jato prossegue sem esmorecimentos, sob o olhar impassível do **STF**, indiferente diante de um acúmulo insuportável de irregularidades, enquanto a crise econômica fermenta, com a alta de desemprego e inflação e crescimento abaixo de zero. (861 E 20-21)
626. A partir do pós-reeleição, **CartaCapital** insiste na necessidade da retomada imediata do crescimento, quem sabe a começar pela conclusão das obras inacabadas do PAC, cujo atraso oscila entre 20% e 30%.(861 E 20-21)
627. A partir do pós-reeleição, CartaCapital insiste na necessidade da retomada imediata do crescimento, quem sabe a começar pela conclusão das obras inacabadas do **PAC**, cujo atraso oscila entre 20% e 30%.(861 E 20-21)
628. Falávamos no exemplo de **Roosevelt** depois do craque da Bolsa de Nova York. (861 E 20-21)
629. Falávamos no exemplo de Roosevelt depois do craque da **Bolsa de Nova York**. (861 E 20-21)
630. Com o aproveitamento de recursos públicos, **Dilma** poderia lançar o seu new deal, modesto, mas eficaz. (861 E 20-21)

631. Óbvia a incompatibilidade entre essa ideia e o ministro da **Fazenda**, Joaquim Levy, empenhado em elevar juros e aplicar a cartilha de Chicago. (861 E 20-21)
632. Óbvia a incompatibilidade entre essa ideia e o ministro da Fazenda, **Joaquim Levy**, empenhado em elevar juros e aplicar a cartilha de Chicago. (861 E 20-21)
633. Óbvia a incompatibilidade entre essa ideia e o ministro da Fazenda, Joaquim Levy, empenhado em elevar juros e aplicar a cartilha de **Chicago**. (861 E 20-21)
634. Resultado: assume **Michel Temer**, o qual, entre parênteses, mantém desde a posse um comportamento correto. (861 E 20-21)
635. O **PMDB** alia-se ao PSDB e Levy continua na Fazenda. (861 E 20-21)
636. O PMDB alia-se ao **PSDB** e Levy continua na Fazenda. (861 E 20-21)
637. O PMDB alia-se ao PSDB e **LEVY** continua na Fazenda. (861 E 20-21)
638. O PMDB alia-se ao PSDB e Levy continua na **Fazenda**. (861 E 20-21)
639. De cambulhada, privatiza-se a **Petrobras** e entrega-se o pré-sal a um consórcio das sete irmãs do petróleo mundial. (861 E 20-21)
640. Hora das eleições de 2018, **Lula** vence. (861 E 20-21)

CARTA, M. Cadê a esquerda?. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 862, p. 14, ago. 2015.

641. Houve tempo em que o **PT** foi crível, mas o tucanato nunca enganou (862 E 14)
642. Batem na mesma tecla desde a queda do **Muro de Berlim**. (862 E 14)
643. De minha parte, fico com a lição do **Norberto Bobbio**, e ousa a constatação de que coincide (estranhamento? Surpreendentemente?) com a palavra de papa Francisco: intransponível a dicotomia entre luz e treva, bem e mal, Deus e Diabo, se quiserem, ser de esquerda significa defender a igualdade, pois a liberdade por si só acaba por valer somente para poucos. (862 E 14)
644. De minha parte, fico com a lição do Norberto Bobbio, e ousa a constatação de que coincide (estranhamento? Surpreendentemente?) com a palavra de papa **Francisco**: intransponível a dicotomia entre luz e treva, bem e mal, Deus e Diabo, se quiserem, ser de esquerda significa defender a igualdade, pois a liberdade por si só acaba por valer somente para poucos. (862 E 14)
645. De minha parte, fico com a lição do Norberto Bobbio, e ousa a constatação de que coincide (estranhamento? Surpreendentemente?) com a palavra de papa Francisco: intransponível a dicotomia entre luz e treva, bem e mal, **Deus** e Diabo, se quiserem, ser de esquerda significa defender a igualdade, pois a liberdade por si só acaba por valer somente para poucos. (862 E 14)
646. De minha parte, fico com a lição do Norberto Bobbio, e ousa a constatação de que coincide (estranhamento? Surpreendentemente?) com a palavra de papa Francisco: intransponível a dicotomia entre luz e treva, bem e mal, Deus e **Diabo**, se quiserem, ser de esquerda significa defender a igualdade, pois a liberdade por si só acaba por valer somente para poucos. (862 E 14)
647. Tanto mais no **Brasil** da casa-grande e da senzala, ainda de pé, implacáveis. (862 E 14)

648. Penso em **José Dirceu** e em tantos outros, que ganharam fama de guerrilheiros da igualdade ao sabor de ideologias mais ou menos contingentes. (862 E 14)
649. Penso nos rebeldes que hoje pretendem voar com as asas inúteis do tucano, ou na patética turmeta da chamada **Libelu**, mais fanáticos do que o fanatismo no seu empenho medieval. (862 E 14)
650. Entre estes milita certo **Antonio Palocci**, ainda dará o que falar além do que já se falou. (862 E 14)
651. Grande Operador, como **P. C. Farias**, mas este, ao menos, nunca se disse de esquerda. (862 E 14)
652. Quando, do alto da boleia de um caminhão, **José Dirceu** exibia às calçadas a camisa ensanguentada do estudante assassinado pela ditadura, cerca de 50 anos atrás, acreditava na fé que aparentemente o movia? (862 E 14)
653. Nego, porém, qualquer semelhança entre aquele e o atual, lobista do banqueiro **Daniel Dantas** e outros graúdos. (862 E 14)
654. O mesmo **Dantas** que já ofereceu apoio ao jornalista (jornalista?) criador do site 247, o preferido do PT, embora ele tenha passado boa parte da vida a agredir o próprio partido e seus governos, sem hesitar em mentir, omitir e inventar. (862 E 14)
655. O mesmo Dantas que já ofereceu apoio ao jornalista (jornalista?) criador do site **247**, o preferido do PT, embora ele tenha passado boa parte da vida a agredir o próprio partido e seus governos, sem hesitar em mentir, omitir e inventar. (862 E 14)
656. O mesmo Dantas que já ofereceu apoio ao jornalista (jornalista?) criador do site 247, o preferido do **PT**, embora ele tenha passado boa parte da vida a agredir o próprio partido e seus governos, sem hesitar em mentir, omitir e inventar. (862 E 14)
657. Figura central, e sempre protegida neste enredo trágico, o fantasmagórico **DD**, inatingível, cabe suspeitar, porque dono dos segredos da República. (862 E 14)
658. **Márcio Thomas Bastos**, apressadamente santificado, sabia disso tudo, bem como José Dirceu, que pressionou para que o disco rígido do Opportunity capturado pela Operação Chacal fosse jogado ao lixo. (862 E 14)
659. Márcio Thomas Bastos, apressadamente santificado, sabia disso tudo, bem como **José Dirceu**, que pressionou para que o disco rígido do Opportunity capturado pela Operação Chacal fosse jogado ao lixo. (862 E 14)
660. Márcio Thomas Bastos, apressadamente santificado, sabia disso tudo, bem como José Dirceu, que pressionou para que o disco rígido do **Opportunity** capturado pela Operação Chacal fosse jogado ao lixo. (862 E 14)
661. Márcio Thomas Bastos, apressadamente santificado, sabia disso tudo, bem como José Dirceu, que pressionou para que o disco rígido do Opportunity capturado pela **Operação Chacal** fosse jogado ao lixo. (862 E 14)
662. Se me dissessem, faz 35 anos, que o **PT** no poder se portaria como todos os demais partidos (partidos?) brasileiros, excluiria a possibilidade. (862 E 14)
663. Sejamos claros, contudo: a traição do PT a si mesmo estava desenhada desde o primeiro mandato de **Lula** e CartaCapital não deixou de registrá-la. (862 E 14)
664. Sejamos claros, contudo: a traição do PT a si mesmo estava desenhada desde o primeiro mandato de Lula e **CartaCapital** não deixou de registrá-la. (862 E 14)

- 665. Sejam os claros, contudo: a traição do PT a si mesmo estava desenhada desde o primeiro mandato de Lula e CartaCapital não deixou de registrá-la. (862 E 14)
- 666. Quanto ao tucanato, **Fernando Henrique** à testa, nunca me enganou. (862 E 14)
- 667. Neste exato instante, o ex-presidente social-democrata (social-democrata?) pede que o **PT** pecador faça ato de contrição, aquele que lhe caberia em dobro: durante seu governo FHC quebrou o País três vezes, aumentou a dívida e esvaziou suas burras, comprou votos parlamentares para se reeleger e comandou a maior bandalheira-roubalheira da história. (862 E 14)
- 668. Neste exato instante, o ex-presidente social-democrata (social-democrata?) pede que o PT pecador faça ato de contrição, aquele que lhe caberia em dobro: durante seu governo **FHC** quebrou o País três vezes, aumentou a dívida e esvaziou suas burras, comprou votos parlamentares para se reeleger e comandou a maior bandalheira-roubalheira da história. (862 E 14)
- 669. Agora não hesita em desenrolar sua versão a respeito do encontro que não houve com **Lula**. (862 E 14)

CARTA, M. A fênix nativa. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 863, p. 14, ago. 2015.

- 670. Cinquenta e um anos atrás, e mesmo desde agosto de 1961 com a renúncia de **Jânio Quadros**, a casa-grande deu para sentir-se ameaçada por Jango Goulart, o vice alçado à Presidência. (863 E 14)
- 671. Cinquenta e um anos atrás, e mesmo desde agosto de 1961 com a renúncia de Jânio Quadros, a casa-grande deu para sentir-se ameaçada por **Jango Goulart**, o vice alçado à Presidência. (863 E 14)
- 672. Os graúdos nativos apreciavam a condição de súditos do império do Oeste, o qual padecia, porém, de uma espinha no flanco, fincada bem ali a 100 quilômetros da **Flórida**, Cuba fidelista(863 E 14)
- 673. Os graúdos nativos apreciavam a condição de súditos do império do Oeste, o qual padecia, porém, de uma espinha no flanco, fincada bem ali a 100 quilômetros da Flórida, **Cuba** fidelista(863 E 14)
- 674. **Jango** ostentava um passado buliçoso, a começar pela origem getulista, e a prosseguir pela valente militância petebista, sem exclusão da perigosa proximidade com o cunhado Leonel Brizola. (863 E 14)
- 675. Jango ostentava um passado buliçoso, a começar pela origem getulista, e a prosseguir pela valente militância petebista, sem exclusão da perigosa proximidade com o cunhado **Leonel Brizola**. (863 E 14)
- 676. Só faltava chamar **San Tiago Dantas** para a Chancelaria. (863 E 14)
- 677. Implorada pela casa-grande e seus porta-vozes midiáticos, sustentada por **Washington**, a intervenção militar se deu sem derramar uma única, escassa gota de sangue nas calçadas. Falsos pretextos fazem parte do jogo. (863 E 14)

678. Em relação à situação atual, gravemente turvada pelo descontrole parlamentar, pelo fracasso petista, pelo reacionarismo tucano, pelo terrorismo da mídia em meio a uma profunda crise econômica provocada tanto pela fé neoliberal que assola a **Terra** quanto por erros governistas, a posição de CartaCapital já foi exposta inúmeras vezes. (863 E 14)
679. Em relação à situação atual, gravemente turvada pelo descontrole parlamentar, pelo fracasso petista, pelo reacionarismo tucano, pelo terrorismo da mídia em meio a uma profunda crise econômica provocada tanto pela fé neoliberal que assola a Terra quanto por erros governistas, a posição de **CartaCapital** já foi exposta inúmeras vezes. (863 E 14)
680. Poderia causar estranheza o fato de cidadãos graúdos, federações empresariais, dois jornalões e as próprias **Organizações Globo** se pronunciarem publicamente contra qualquer tentativa de apeiar Dilma Rousseff. (863 E 14)
681. Poderia causar estranheza o fato de cidadãos graúdos, federações empresariais, dois jornalões e as próprias Organizações Globo se pronunciarem publicamente contra qualquer tentativa de apeiar **Dilma Rousseff**. (863 E 14)
682. Até ontem os barões da mídia trombeteavam as manobras e, em geral, as manifestações anti-**Dilma**, e eis que aderem ao senso comum. (863 E 14)
683. Ao observar a conjuntura mundial, constata-se que o **Brasil** deixou de ser aquele súdito submisso de Tio Sam graças à política exterior praticada por Lula, ainda que Dilma tenha baixado um tanto a bola. (863 E 14)
684. Ao observar a conjuntura mundial, constata-se que o Brasil deixou de ser aquele súdito submisso de **Tio Sam** graças à política exterior praticada por Lula, ainda que Dilma tenha baixado um tanto a bola. (863 E 14)
685. Ao observar a conjuntura mundial, constata-se que o Brasil deixou de ser aquele súdito submisso de Tio Sam graças à política exterior praticada por **Lula**, ainda que Dilma tenha baixado um tanto a bola. (863 E 14)
686. Ao observar a conjuntura mundial, constata-se que o Brasil deixou de ser aquele súdito submisso de Tio Sam graças à política exterior praticada por Lula, ainda que **Dilma** tenha baixado um tanto a bola. (863 E 14)
687. Vale também registrar que o velho **Sam** perdeu muito do vigor de antanho. (863 E 14)
688. E, de resto, o **Demônio** hoje em dia não é o comunista. (863 E 14)
689. Além disso, as **Forças Armadas**, conquanto incutam um inextinguível temor como número, deixaram de ser, como fenômeno, um exército de ocupação pronto ao papel de jagunço da casa-grande. (863 E 14)
690. Na ribalta, a “guerrilheira” **Dilma** não é Jango, e seu governo oferta à casa-grande garantias suficientes para pôr em sossego seus inquilinos. (863 E 14)
691. Na ribalta, a “guerrilheira” Dilma não é **Jango**, e seu governo oferta à casa-grande garantias suficientes para pôr em sossego seus inquilinos. (863 E 14)
692. Não é por acaso que o diligente bancário **Joaquim Levy** lá está para executar a lição da própria. (863 e 14)
693. E, de outro ângulo, por que enfrentar a incógnita do pós-**Dilma**, se por ora o governo acuado se dispõe a levar em conta, e se possível executar, um pacote de providências excogitadas pelo Senado, reduto, aliás, de numerosos oligarcas? (863 E 14)

CARTA, M. Tragicomédia. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 864, p. 14, ago. 2015.

694. Ódio de classe nas marchas e as contribuições de **Fernando Henrique** ao besteiro nacional (864 E 14)
695. Não figuram na categoria, obviamente, os barões midiáticos e os seus sabujos. Tampouco, **Aécio Neves** e o tucanato em geral, encabeçado por Fernando Henrique Cardoso. (864 E 14)
696. Não figuram na categoria, obviamente, os barões midiáticos e os seus sabujos. Tampouco, Aécio Neves e o tucanato em geral, encabeçado por **Fernando Henrique Cardoso**. (864 E 14)
697. A última versão dessas novas **Marchas da Família, com Deus e pela Liberdade** levou às ruas, meses atrás, o dobro de participantes. (864 E 14)
698. Uma pesquisa do **Datafolha** nos diz quem compareceu: mais homens que mulheres, bem mais brancos que pretos ou pardos, a maioria passou dos 51 anos de idade e mais de 70% votaram em Aécio Neves. (864 E 14)
699. Uma pesquisa do Datafolha nos diz quem compareceu: mais homens que mulheres, bem mais brancos que pretos ou pardos, a maioria passou dos 51 anos de idade e mais de 70% votaram em **Aécio Neves**. (864 E 14)
700. Não ganham a praça para clamar contra **Dilma**, Lula e o PT, e sim contra o que supõem ser a presidenta, o ex-presidente e seu partido. Figuras romanescas que em outros tempos chamariam de comunistas, representantes de uma esquerda metida a redentora do povão enquanto chafurda na corrupção. (864 E 14)
701. Não ganham a praça para clamar contra Dilma, **Lula** e o PT, e sim contra o que supõem ser a presidenta, o ex-presidente e seu partido. Figuras romanescas que em outros tempos chamariam de comunistas, representantes de uma esquerda metida a redentora do povão enquanto chafurda na corrupção. (864 E 14)
702. Não ganham a praça para clamar contra Dilma, Lula e o **PT**, e sim contra o que supõem ser a presidenta, o ex-presidente e seu partido. Figuras romanescas que em outros tempos chamariam de comunistas, representantes de uma esquerda metida a redentora do povão enquanto chafurda na corrupção. (864 E 14)
703. Algo assim como um **Robinson Crusoe** que caiu na gandaia. (864 E 14)
704. **CartaCapital** há mais de uma década lamenta que o PT tenha se portado no poder como todos os demais partidos. (864 E 14)
705. CartaCapital há mais de uma década lamenta que o **PT** tenha se portado no poder como todos os demais partidos. (864 E 14)
706. No caso de **Dilma Rousseff**, enxerga uma presidenta que descumpriu as promessas da campanha, inapetente no jogo político, proba, porém, acima de qualquer suspeita. (864 E 14)
707. Quanto a **Lula**, é o presidente mais amado do Brasil pós-ditadura a despeito do chamado “mensalão”, seu governo foi o primeiro a implementar uma política social, modesta, e uma política internacional independente, primorosa. (864 E 14)

708. Quanto a Lula, é o presidente mais amado do **Brasil** pós-ditadura a despeito do chamado “mensalão”, seu governo foi o primeiro a implementar uma política social, modesta, e uma política internacional independente, primorosa. (864 E 14)
709. Vale acentuar também que, no hediondo capítulo dos escândalos, o **PT** no governo é bem menos vistoso do que o **PSDB**. (864 E 14)
710. Vale acentuar também que, no hediondo capítulo dos escândalos, o **PT** no governo é bem menos vistoso do que o **PSDB**. (864 E 14)
711. À sombra de dois mandatos de **FHC**, o tucanato esbaldou-se diante do olhar conivente e protetor da mídia nativa. (864 E 14)
712. Nuvens imaculadas singraram os céus e o **PSDB**, capaz de escândalos monumentais, se assumia como partido da reação e seu presidente mergulhava nos braços de Clinton. (864 E 14)
713. Nuvens imaculadas singraram os céus e o **PSDB**, capaz de escândalos monumentais, se assumia como partido da reação e seu presidente mergulhava nos braços de **Clinton**. (864 E 14)
714. Nestes dias **FHC** se apressa a uma contribuição póstuma, digamos assim, ao saudoso Febeapá de Stanislaw Ponte Preta, uma das figuras do passado que faz tanta falta ao Brasil de hoje, parvo quando não vulgar, incapaz de graça, menos ainda de relâmpagos de humor como já se deu nos tempos idos e sepultados. (864 E 14)
715. Nestes dias **FHC** se apressa a uma contribuição póstuma, digamos assim, ao saudoso **Febeapá** de Stanislaw Ponte Preta, uma das figuras do passado que faz tanta falta ao Brasil de hoje, parvo quando não vulgar, incapaz de graça, menos ainda de relâmpagos de humor como já se deu nos tempos idos e sepultados. (864 E 14)
716. Nestes dias **FHC** se apressa a uma contribuição póstuma, digamos assim, ao saudoso Febeapá de **Stanislaw Ponte Preta**, uma das figuras do passado que faz tanta falta ao Brasil de hoje, parvo quando não vulgar, incapaz de graça, menos ainda de relâmpagos de humor como já se deu nos tempos idos e sepultados. (864 E 14)
717. Nestes dias **FHC** se apressa a uma contribuição póstuma, digamos assim, ao saudoso Febeapá de Stanislaw Ponte Preta, uma das figuras do passado que faz tanta falta ao **Brasil** de hoje, parvo quando não vulgar, incapaz de graça, menos ainda de relâmpagos de humor como já se deu nos tempos idos e sepultados. (864 E 14)
718. **FHC** propõe agora mais uma reforma, pela qual o presidente, embora eleito conforme a lei, teria de renunciar tão logo as pesquisas indicassem desfavor popular. (864 E 14)
719. Conclusão: **Dilma Rousseff** teria de entregar-se passivamente a um “gesto de grandeza” e renunciar à vista das pesquisas negativas, a tornarem seu governo “ilegítimo”(864 E 14)
720. Deixo a **Marcos Coimbra** a tarefa de confrontar **FHC** presidente com a atual presidenta (páginas 28 e 29). (864 E 14)
721. Deixo a **Marcos Coimbra** a tarefa de confrontar **FHC** presidente com a atual presidenta (páginas 28 e 29). (864 E 14)
722. Registro apenas que o **PSDB** adere de pronto ao pensamento do seu príncipe para justificar o abandono da ideia do impeachment impossível. (864 E 14)
723. Realista, pelo contrário, a análise do ex-ministro das Comunicações de **FHC**, Luiz Carlos Mendonça de Barros, grande personagem da maior bandalheira/roubalheira da

- história do Brasil, as privatizações tucanas, quando chamava o então presidente de “bomba atômica” ao lhe atribuir poderes nucleares. (864 E 14)
724. Realista, pelo contrário, a análise do ex-ministro das Comunicações de FHC, **Luiz Carlos Mendonça de Barros**, grande personagem da maior bandalheira/roubalheira da história do Brasil, as privatizações tucanas, quando chamava o então presidente de “bomba atômica” ao lhe atribuir poderes nucleares. (864 E 14)
725. Realista, pelo contrário, a análise do ex-ministro das Comunicações de FHC, Luiz Carlos Mendonça de Barros, grande personagem da maior bandalheira/roubalheira da história do **Brasil**, as privatizações tucanas, quando chamava o então presidente de “bomba atômica” ao lhe atribuir poderes nucleares. (864 E 14)

CARTA, M. Mas se a política econômica não muda.... *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 865, p. 20-22, set. 2015.

726. Mesmo sem **Angela** por perto, Dilma não quer que imitemos a Grécia. (865 E 20-22)
727. Mesmo sem Angela por perto, **Dilma** não quer que imitemos a Grécia. (865 E 20-22)
728. Mesmo sem Angela por perto, Dilma não quer que imitemos a **Grécia**. (865 E 20-22)
729. **Dilma Rousseff** perguntou aos entrevistadores dos jornalões nativos na segunda 24: “Nós não queremos a Grécia, queremos?” (865 E 20-22)
730. Dilma Rousseff perguntou aos entrevistadores dos jornalões nativos na segunda 24: “Nós não queremos a **Grécia**, queremos?” (865 E 20-22)
731. Acabava de anunciar que uma reforma da **Previdência Social** se faz necessária, para o bem do povo brasileiro, excluídos, suponho, os possuidores de caríssimos planos de saúde, integrantes de uma categoria especial, embora também façam parte da nação. Ao menos teoricamente. (865 E 20-22)
732. Na terça 25, tivemos ciência de que ninguém se surpreendeu entre os entrevistadores com a pergunta da entrevistada, a qual implica, obviamente, um não peremptório, ao admitir a incumbência de um risco grego a ameaçar o **Brasil**. (865 E 20-22)
733. Por que, dona **Dilma**? O País não figura na União Europeia, não tem Angela Merkel e seu ministro das Finanças nos calcanhares e, bem ao contrário da Grécia, é potencialmente um dos mais ricos do mundo, graças, antes de mais nada, a extraordinários favores da natureza. (865 E 20-22)
734. Por que, dona Dilma? O País não figura na **União Europeia**, não tem Angela Merkel e seu ministro das Finanças nos calcanhares e, bem ao contrário da Grécia, é potencialmente um dos mais ricos do mundo, graças, antes de mais nada, a extraordinários favores da natureza. (865 E 20-22)
735. Por que, dona Dilma? O País não figura na União Europeia, não tem **Angela Merkel** e seu ministro das Finanças nos calcanhares e, bem ao contrário da Grécia, é potencialmente um dos mais ricos do mundo, graças, antes de mais nada, a extraordinários favores da natureza. (865 E 20-22)
736. Por que, dona Dilma? O País não figura na União Europeia, não tem Angela Merkel e seu ministro das Finanças nos calcanhares e, bem ao contrário da **Grécia**, é

- potencialmente um dos mais ricos do mundo, graças, antes de mais nada, a extraordinários favores da natureza. (865 E 20-22)
737. **Dilma** não é Jim Jones, mas quem quiser reparar no gráfico que ilustra estas páginas, perceberá que o caminho está traçado(865 E 20-22)
738. Dilma não é **Jim Jones**, mas quem quiser reparar no gráfico que ilustra estas páginas, perceberá que o caminho está traçado(865 E 20-22)
739. Imaginar que a culpa é de **Dilma Rousseff** e dela somente, como milhões acreditam, é prova de uma insensatez sem limites, nascida da ignorância e da parvoíce, e também da credulidade e da despolitização, quando não do ódio de classe no caso de quantos não sofrerão com a reforma da Previdência Social. (865 E 20-22)
740. Imaginar que a culpa é de Dilma Rousseff e dela somente, como milhões acreditam, é prova de uma insensatez sem limites, nascida da ignorância e da parvoíce, e também da credulidade e da despolitização, quando não do ódio de classe no caso de quantos não sofrerão com a reforma da **Previdência Social**. (865 E 20-22)
741. A origem do mal está na permanência de um sistema inalcançado pelo **Iluminismo** e seus efeitos, embora convivamos com computadores e celulares (que no Brasil funcionam pessimamente). (865 E 20-22)
742. A origem do mal está na permanência de um sistema inalcançado pelo Iluminismo e seus efeitos, embora convivamos com computadores e celulares (que no **Brasil** funcionam pessimamente). (865 E 20-22)
743. Aquele século XVIII concentra os ideais de três revoluções, a francesa, a inglesa e a americana, é o século de **Montesquieu** e de Adam Smith, dos Founding Fathers e da Tomada da Bastilha. (865 E 20-22)
744. Aquele século XVIII concentra os ideais de três revoluções, a francesa, a inglesa e a americana, é o século de Montesquieu e de **Adam Smith**, dos Founding Fathers e da Tomada da Bastilha. (865 E 20-22)
745. Aquele século XVIII concentra os ideais de três revoluções, a francesa, a inglesa e a americana, é o século de Montesquieu e de Adam Smith, dos Founding Fathers e da **Tomada da Bastilha**. (865 E 20-22)
746. Fiquemos no **Brasil**. (865 E 20-22)
747. Houve alguns, raros, momentos a justificar esperança. A eleição de **Getúlio** em 50. (865 E 20-22)
748. A eleição de **Lula**. (865 E 20-22)
749. É por isso que somente a conciliação das elites, vetusto instrumento dos autênticos donos do poder, manterá **Dilma** na Presidência, sem detrimento das pressões destinadas a cercá-la e a acuá-la até o fim do segundo mandato. (865 E 20-22)
750. A incógnita diz respeito à situação social precipitada pelo aperto econômico que devolve à miséria aqueles que haviam saído dela durante o governo **Lula**. (865 E 20-22)
751. Justa apreensão suscita a disseminação das favelas, a começar por **São Paulo**. (865 E 20-22)
752. **Dilma** convoca os jornalões e faz seu mea-culpa, muito sui generis, bom que se diga. Erramos, sim, admite. (865 E 20-22)
753. Jamais seremos iguais à **Grécia** de Tsipras, nem por isso viveremos melhor. (865 E 20-22)

- 754. Jamais seremos iguais à Grécia de **Tsipras**, nem por isso viveremos melhor. (865 E 20-22)
- 755. Na zona situada entre o fígado e a alma, **Dilma** acredita mesmo ter errado? (865 E 20-22)
- 756. Na moldura dos eventos, a **Operação Lava Jato** é, de certa forma, muito menor do que a corrupção. (865 E 20-22)
- 757. De fato, o **PSDB** é o clube recreativo da casa-grande. (865 E 20-22)
- 758. A 100 metros da **Avenida Paulista**, em uma esquina paulistana frequentadíssima, altamente credenciada à sedução. É um estandarte da amoralidade coletiva. (865 E 20-22)

CARTA, M. Só mesmo por aqui. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 866, p. 12, set. 2015.

- 759. Em qual país do mundo civilizado e democrático, a mídia, praticamente em bloco, se uniria para envolver um importante líder político em um escândalo das proporções da **Lava Jato**? (866 E 12)
- 760. Colhido de surpresa, argumento: mas é o que acontece no **Brasil** neste exato instante. (866 E 12)
- 761. Retrucam: e haveria como comparar o **Brasil** com países como Grã-Bretanha, França, Estados Unidos, Alemanha etcétera? (866 E 12)
- 762. Retrucam: e haveria como comparar o Brasil com países como **Grã-Bretanha**, França, Estados Unidos, Alemanha etcétera? (866 E 12)
- 763. Retrucam: e haveria como comparar o Brasil com países como Grã-Bretanha, **França**, Estados Unidos, Alemanha etcétera? (866 E 12)
- 764. Retrucam: e haveria como comparar o Brasil com países como Grã-Bretanha, França, **Estados Unidos**, Alemanha etcétera? (866 E 12)
- 765. Retrucam: e haveria como comparar o Brasil com países como Grã-Bretanha, França, Estados Unidos, **Alemanha** etcétera? (866 E 12)
- 766. Provoco: e a reportagem de capa da revista **Época** da semana passada? (866 E 12)
- 767. Diz que o ex-presidente **Lula** intermediou negócios da Odebrecht em Cuba. (866 E 12)
- 768. Diz que o ex-presidente Lula intermediou negócios da **Odebrecht** em Cuba. (866 E 12)
- 769. Diz que o ex-presidente Lula intermediou negócios da Odebrecht em **Cuba**. (866 E 12)
- 770. A chefe de Comércio Exterior do **BNDES**, Luciene Ferreira Monteiro Machado – dizem pausadamente – esclarece que o financiamento do banco às obras do porto cubano de Mariel já estavam em andamento antes da viagem de Lula a Cuba em 2011, à qual **Época** se refere. (866 E 12)
- 771. A chefe de Comércio Exterior do **BNDES**, **Luciene Ferreira Monteiro Machado** – dizem pausadamente – esclarece que o financiamento do banco às obras do porto cubano de Mariel já estavam em andamento antes da viagem de Lula a Cuba em 2011, à qual **Época** se refere. (866 E 12)
- 772. A chefe de Comércio Exterior do **BNDES**, Luciene Ferreira Monteiro Machado – dizem pausadamente – esclarece que o financiamento do banco às obras do porto cubano de

- Mariel** já estavam em andamento antes da viagem de Lula a Cuba em 2011, à qual **Época** se refere. (866 E 12)
773. A chefe de Comércio Exterior do BNDES, Luciene Ferreira Monteiro Machado – dizem pausadamente – esclarece que o financiamento do banco às obras do porto cubano de Mariel já estavam em andamento antes da viagem de **Lula** a Cuba em 2011, à qual **Época** se refere. (866 E 12)
774. A chefe de Comércio Exterior do BNDES, Luciene Ferreira Monteiro Machado – dizem pausadamente – esclarece que o financiamento do banco às obras do porto cubano de Mariel já estavam em andamento antes da viagem de Lula a **Cuba** em 2011, à qual **Época** se refere. (866 E 12)
775. A chefe de Comércio Exterior do BNDES, Luciene Ferreira Monteiro Machado – dizem pausadamente – esclarece que o financiamento do banco às obras do porto cubano de Mariel já estavam em andamento antes da viagem de Lula a Cuba em 2011, à qual **Época** se refere. (866 E 12)
776. Acrescenta dona **Luciene**: qualquer pressão do ex-presidente seria impossível, porque os contratos necessitam da aprovação de diversas equipes e comitês do BNDES. (866 E 12)
777. Acrescenta dona Luciene: qualquer pressão do ex-presidente seria impossível, porque os contratos necessitam da aprovação de diversas equipes e comitês do **BNDES**. (866 E 12)
778. Estranho, comento: **João Roberto Marinho** foi a Brasília para garantir que a Globo quer, de alguma forma, acalmar os ânimos, e até o Jornal Nacional baixou a bola. (866 E 12)
779. Estranho, comento: João Roberto Marinho foi a **Brasília** para garantir que a Globo quer, de alguma forma, acalmar os ânimos, e até o Jornal Nacional baixou a bola. (866 E 12)
780. Estranho, comento: João Roberto Marinho foi a Brasília para garantir que a **Globo** quer, de alguma forma, acalmar os ânimos, e até o Jornal Nacional baixou a bola. (866 E 12)
781. Estranho, comento: João Roberto Marinho foi a Brasília para garantir que a Globo quer, de alguma forma, acalmar os ânimos, e até o **Jornal Nacional** baixou a bola. (866 E 12)
782. E eis que **Época**, semanal global se sai com essa capa, e além disso, para o horror dos seus leitores, revela que Dilma é amiga de Cuba. (866 E 12)
783. E eis que **Época**, semanal global se sai com essa capa, e além disso, para o horror dos seus leitores, revela que **Dilma** é amiga de Cuba. (866 E 12)
784. E eis que **Época**, semanal global se sai com essa capa, e além disso, para o horror dos seus leitores, revela que Dilma é amiga de **Cuba**. (866 E 12)
785. Ora, ora, intervêm os botões, o problema **Dilma** não é o problema Lula, e este, na perspectiva, é muito mais inquietante. (866 E 12)
786. Ora, ora, intervêm os botões, o problema Dilma não é o problema **Lula**, e este, na perspectiva, é muito mais inquietante. (866 E 12)
787. O objetivo de envolver **Lula** na Lava Jato, ou em outro escândalo qualquer, tornou-se obsessão febril. (866 E 12)
788. O objetivo de envolver Lula na **Lava Jato**, ou em outro escândalo qualquer, tornou-se obsessão febril. (866 E 12)

- 789. Vara curta: pela primeira vez em cinco anos longe da Presidência, **Lula** admite a possibilidade da sua candidatura ao próximo pleito. Se for para impedir uma ascensão tucana. (866 E 12)
- 790. Quem ganha espaço na mídia, cedido com simpatia e apreço, é um ex-petista de denominação de origem controlada e garantida, o veterano **Hélio Bicudo**. (866 E 12)
- 791. Salvo melhor juízo, desinteressado da conciliação em andamento, renova a ideia do impeachment de **Dilma Rousseff** por “crime de responsabilidade”. (866 E 12)
- 792. Aos meus olhos, a postura de **Bicudo** configura uma situação peculiar. (866 E 12)
- 793. Ao abandonar o PT à época do chamado “**Mensalão**”, Bicudo deu crédito a acusações em boa parte mal formuladas e inequivocamente hipócritas, mas seu gesto poderia ter sido ditado por um impulso moral. (866 E 12)
- 794. Ao abandonar o PT à época do chamado “**Mensalão**”, **Bicudo** deu crédito a acusações em boa parte mal formuladas e inequivocamente hipócritas, mas seu gesto poderia ter sido ditado por um impulso moral. (866 E 12)

CARTA, M. Ódio? Sim, de classe. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 867, p. 14, set. 2015.

- 795. Sofre de miopia quem supõe, do ponto de vista político, que tudo se resume na disputa do poder entre **PT** e PSDB, acirrada por níveis de ódio nunca antes navegados, enquanto PMDB ora assiste de camarote, ora joga lenha na fogueira. (867 E 14)
- 796. Sofre de miopia quem supõe, do ponto de vista político, que tudo se resume na disputa do poder entre PT e **PSDB**, acirrada por níveis de ódio nunca antes navegados, enquanto PMDB ora assiste de camarote, ora joga lenha na fogueira. (867 E 14)
- 797. Sofre de miopia quem supõe, do ponto de vista político, que tudo se resume na disputa do poder entre PT e PSDB, acirrada por níveis de ódio nunca antes navegados, enquanto **PMDB** ora assiste de camarote, ora joga lenha na fogueira. (867 E 14)
- 798. Que o diga o vice **Temer** ao vaticinar impávido que Dilma, de tão impopular, não resiste até o fim do mandato. (867 E 14)
- 799. Que o diga o vice Temer ao vaticinar impávido que **Dilma**, de tão impopular, não resiste até o fim do mandato. (867 E 14)
- 800. Na moldura, a chantagem evidente. **Dilma** fica, vinga, porém, o receituário neoliberal, e o sofrimento da senzala, minorado ao longo de três mandatos petistas, volta a ser aquele que lhe cabe na visão dos senhores. (867 E 14)
- 801. Programas implementados por **Lula**, e por Dilma no seu primeiro mandato, responsáveis pela evolução das classes menos favorecidas, ou melhor, miseráveis, são atacados de rijo, a ponto de questionar, paradoxalmente, a razão de ser de um partido dito dos trabalhadores, a se apresentar na origem como de esquerda. (867 E 14)
- 802. Programas implementados por Lula, e por **Dilma** no seu primeiro mandato, responsáveis pela evolução das classes menos favorecidas, ou melhor, miseráveis, são atacados de rijo, a ponto de questionar, paradoxalmente, a razão de ser de um partido dito dos trabalhadores, a se apresentar na origem como de esquerda. (867 E 14)

803. Tentativas de escapar ao retorno, do passado, são frustradas no nascedouro, tanto mais agora que uma das agências de rating escaladas pelo neoliberalismo para arbitrar a sorte do mundo sentencia o **Brasil** como mau pagador. (867 E 14)
804. Penso no fracasso da proposta de reeditar a **CPMF**, recomendável de todos os pontos de vista e de seguro efeito. (867 E 14)
805. Em compensação, qualquer corte na **Educação**, ou na Previdência Social, é recebida com indiferença absoluta pelos usuários do cheque. (867 E 14)
806. Em compensação, qualquer corte na Educação, ou na **Previdência Social**, é recebida com indiferença absoluta pelos usuários do cheque. (867 E 14)
807. **CartaCapital** sempre defenderá o legítimo, intocável mandato de Dilma Rousseff contra o golpismo que nem me abalo a definir como reacionário, pois anterior à ideia de reação, bem mais moderna, digamos assim. (867 E 14)
808. CartaCapital sempre defenderá o legítimo, intocável mandato de **Dilma Rousseff** contra o golpismo que nem me abalo a definir como reacionário, pois anterior à ideia de reação, bem mais moderna, digamos assim. (867 E 14)
809. Por exemplo, para levar adiante, tenazmente, a proposta do retorno à **CPMF**, de mais e mais sacrifício tão pequeno para quem pode contribuir à saída da crise. (867 E 14)
810. Por parte do governo, que faz genuflexão aos pés do altar do deus mercado, assim como do **PT**, ameaçado literalmente de extinção. (867 E 14)
811. A segunda conclusão decorre da primeira, e não leva em conta o confronto entre **PSDB** e **PT**, ambos traidores, a seu modo, dos princípios e valores que diziam defender. (867 E 14)
812. A segunda conclusão decorre da primeira, e não leva em conta o confronto entre **PSDB** e **PT**, ambos traidores, a seu modo, dos princípios e valores que diziam defender. (867 E 14)

AFONSINHO. Tempo nublado. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 856, p. 64, jul. 2015.

813. Falta mobilização para a votação da **MP do Esporte**. E mais uma tristeza: foi-se Carlinhos, "o Violino" (856 O 64)
814. Falta mobilização para a votação da MP do Esporte. E mais uma tristeza: foi-se **Carlinhos**, "o Violino"(856 O 64)
815. Falta mobilização para a votação da MP do Esporte. E mais uma tristeza: foi-se Carlinhos, "o **Violino**"(856 O 64)
816. Ficou para mais tarde a votação da **Medida Provisória do Esporte** na comissão mista do Congresso, formada para discutir o tema. (856 O 64)
817. Ficou para mais tarde a votação da Medida Provisória do Esporte na comissão mista do **Congresso**, formada para discutir o tema. (856 O 64)
818. Ao mesmo tempo, tivemos a surpresa feliz de acompanhar pela tevê* o encontro, em **Brasília**, de representantes de alguns ministérios para debater a tão necessária questão sobre um Sistema Brasileiro de Esportes. (856 O 64)

819. Parece óbvio, mas houve um tempo em que o chamado futebol das várzeas, com sua espontaneidade, foi engolido pelo futebol amador federado, já com a inscrição vinculada à antiga **CBD**. (856 O 64)
820. Isso parecia oferecer status, mas o que se viu, a partir daí, foi que o sistema, além de prender o jogador ao sistema **FIFA**, exigia um estágio (seis meses) para mudar de time, tornando o "atleta" prisioneiro pelo "passe", caso sua equipe tivesse também a categoria profissional. (856 O 64)
821. A partir do tsunami na **FIFA**, tudo se acelerou, desde as nossas questões internas sendo debatidas no Congresso até as situações mais abrangentes, objetos de manifestações dos estadistas mais destacados. (856 O 64)
822. A partir do tsunami na Fifa, tudo se acelerou, desde as nossas questões internas sendo debatidas no **Congresso** até as situações mais abrangentes, objetos de manifestações dos estadistas mais destacados. (856 O 64)
823. Nova rasteira do destino leva **Carlinhos**, jogador e técnico do Flamengo. (856 O 64)
824. Nova rasteira do destino leva Carlinhos, jogador e técnico do **Flamengo**. (856 O 64)
825. **Carlinhos** foi o "fino da bola" em todos os sentidos, a prova irrefutável de que no futebol vale mais a qualidade técnica, acima de tudo. (856 O 64)
826. No fim das contas quem resolve é o craque, **Garrincha**, Pelé, Zico, Maradona, Romário, Zidane, Messi... (856 O 64)
827. No fim das contas quem resolve é o craque, Garrincha, **Pelé**, Zico, Maradona, Romário, Zidane, Messi... (856 O 64)
828. No fim das contas quem resolve é o craque, Garrincha, Pelé, **Zico**, Maradona, Romário, Zidane, Messi... (856 O 64)
829. No fim das contas quem resolve é o craque, Garrincha, Pelé, Zico, **Maradona**, Romário, Zidane, Messi... (856 O 64)
830. No fim das contas quem resolve é o craque, Garrincha, Pelé, Zico, Maradona, **Romário**, Zidane, Messi... (856 O 64)
831. No fim das contas quem resolve é o craque, Garrincha, Pelé, Zico, Maradona, Romário, **Zidane**, Messi... (856 O 64)
832. No fim das contas quem resolve é o craque, Garrincha, Pelé, Zico, Maradona, Romário, Zidane, **Messi**... (856 O 64)
833. Mestre **Ziza** dizia que era o tempo dos meio-campistas morrerem tuberculosos, a exemplo dos poetas românticos. (856 O 64)
834. O **Flamengo** chegou a formar o seu com Carlinhos e Nelsinho, este não era nenhum superatleta, longe disso. (856 O 64)
835. O Flamengo chegou a formar o seu com **Carlinhos** e Nelsinho, este não era nenhum superatleta, longe disso. (856 O 64)
836. O Flamengo chegou a formar o seu com Carlinhos e **Nelsinho**, este não era nenhum superatleta, longe disso. (856 O 64)
837. Como se não bastasse, o **Violino** - o apelido certo de Carlinhos - era asmático. (856 O 64)
838. Como se não bastasse, o Violino - o apelido certo de **Carlinhos** - era asmático. (856 O 64)

839. Conheci o **Carlinhos** pessoalmente, primeiro fora do campo, melhor dizendo, no primeiro Carnaval que passei morando em Botafogo, bairro, aliás, onde nasceu o craque flamenguista. (856 O 64)
840. Conheci o Carlinhos pessoalmente, primeiro fora do campo, melhor dizendo, no primeiro Carnaval que passei morando em **Botafogo**, bairro, aliás, onde nasceu o craque flamenguista. (856 O 64)
841. Convidado, entrei na mesma hora no **Bloco da Chuva** - que tantas saudades provoca hoje em dia no bairro. (856 O 64)
842. Dei de cara com a dupla festeira **Carlinhos** e Silva, o Batuta, enrolados nos sarongu/es e arrastando, felizes, os tamancos da moda. (856 O 64)
843. Dei de cara com a dupla festeira Carlinhos e **Silva**, o Batuta, enrolados nos sarongues e arrastando, felizes, os tamancos da moda. (856 O 64)
844. Dei de cara com a dupla festeira Carlinhos e Silva, o **Batuta**, enrolados nos sarongues e arrastando, felizes, os tamancos da moda. (856 O 64)
845. Da última vez que dirigiu o **Flamengo**, ele saiu desanimado com o rumo do futebol. (856 O 64)
846. A fala sussurrada e calma nunca impediu que **Carlinhos** fosse respeitado e acatado no seu papel de comandar as equipes em que jogou, treinou e conquistou tantos títulos. (856 O 64)
847. Acompanhando o **V Festival de Cinema Digital de Jericoacoara**, capitaneado pelo combativo pluriartista cearense Francis Vale(856 O 64)
848. Acompanhando o V Festival de Cinema Digital de Jericoacoara, capitaneado pelo combativo pluriartista cearense **Francis Vale**(856 O 64)

SAFATLE, V. A visão moral de mundo. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 857, p. 41, jul. 2015.

849. Os abutres da **União Financeira Europeia** alimentam o medo para os gregos não recusarem seu plano de austeridade (857 O 41)
850. Esta semana, dois prêmios Nobel de Economia escreveram sobre o plebiscito grego, **Paul Krugman** e Joseph Stiglitz. (857 O 41)
851. Esta semana, dois prêmios Nobel de Economia escreveram sobre o plebiscito grego, Paul Krugman e **Joseph Stiglitz**. (857 O 41)
852. As exigências da **Troika** aos gregos nada têm a ver com economia. (857 O 41)
853. Como se não bastasse, um ex-presidente do **FMI**, Dominique Strauss-Kahn, disse achar inacreditável que a instituição continuasse batendo na mesma tecla sem reconhecer seus próprios erros em relação as medidas exigidas. (857 O 41)
854. Como se não bastasse, um ex-presidente do FMI, **Dominique Strauss-Kahn**, disse achar inacreditável que a instituição continuasse batendo na mesma tecla sem reconhecer seus próprios erros em relação as medidas exigidas. (857 O 41)
855. Segundo **Strauss-Kahn** melhor seria não emprestar mais dinheiro aos gregos, mas, ao mesmo tempo, diminuir radicalmente o valor nominal de sua dívida e fornecer um prazo muito mais largo para seu pagamento. (857 O 41)

856. Ou seja, não é necessário ser um esquerdista convicto para reconhecer que a racionalidade econômica que orientou o **FMI**, a União Europeia e o BCE é simplesmente irracional. (857 O 41)
857. Ou seja, não é necessário ser um esquerdista convicto para reconhecer que a racionalidade econômica que orientou o FMI, a **União Europeia** e o BCE é simplesmente irracional. (857 O 41)
858. Ou seja, não é necessário ser um esquerdista convicto para reconhecer que a racionalidade econômica que orientou o FMI, a União Europeia e o **BCE** é simplesmente irracional. (857 O 41)
859. Foi assim que ocorreu com a **Islândia**, que convocou um plebiscito para decidir se transformaria ou não a dívida privada de seus bancos em dívida soberana do Estado. (857 O 41)
860. Foi assim que ocorreu com a Islândia, que convocou um plebiscito para decidir se transformaria ou não a dívida privada de seus bancos em dívida soberana do **Estado**. (857 O 41)
861. No entanto, a **União Europeia** não entende nada de democracia. (857 O 41)
862. Não por acaso, os poucos países que consultaram seu povo para decidir sobre a adesão ao projeto europeu, como a **Suécia**, ouviram uma clara recusa. (857 O 41)
863. Na verdade, o que os economistas da **União Europeia** entendem é de moral. (857 O 41)
864. Foi assim que a irresponsável-mor do **FMI**, a sra. Christine Lagarde, tratou os negociadores gregos: "Não são adultos".(857 O 41)
865. Foi assim que a irresponsável-mor do FMI, a sra. **Christine Lagarde**, tratou os negociadores gregos: "Não são adultos".(857 O 41)
866. Nada sobre o fato de tal crise ter sido criada pelos aportes trilionários que a **União Europeia** ofereceu a bancos privados em situação de falência em 2008. (857 O 41)
867. Agora, os abutres da **União Financeira Europeia** tentam fazer a única coisa que sabem, produzir o medo entre os gregos para eles não recusarem o plano que propõe criar impostos sobre medicamentos e livros, diminuir as já combalidas aposentadorias e aumentar a TVA em 23% no setor hoteleiro, arrebatando de vez com o único setor da economia grega que ainda respira. (857 O 41)
868. Segundo eles, votar "não" e sair da **Europa**. (857 O 41)
869. A **Europa** é uma criação grega, só que esta atualmente não sabe o que fazer com sua origem. (857 O 41)
870. No entanto, o que **Europa** quer é fazer naufragar o governo grego, pois este é seu major medo: uma Europa não mais controlada pela camarilha financeira que determina atualmente suas ações. (857 O 41)
871. No entanto, o que Europa quer é fazer naufragar o governo grego, pois este é seu major medo: uma **Europa** não mais controlada pela camarilha financeira que determina atualmente suas ações. (857 O 41)

872. Entre recuos e avanços, saiu a **MP do Futebol** -combustível para vitórias que ainda hão de vir(858 O 65)
873. Acompanhei de perto, em **Brasília**, a sessão que aprovou na Câmara a Medida Provisória do Futebol. (858 O 65)
874. Acompanhei de perto, em Brasília, a sessão que aprovou na **Câmara** a Medida Provisória do Futebol. (858 O 65)
875. Acompanhei de perto, em Brasília, a sessão que aprovou na Câmara a **Medida Provisória do Futebol**. (858 O 65)
876. A **Câmara** deu uma guinada conservadora e o governo envolveu-se em dificuldades que o obrigaram a mudanças de rumo. (858 O 65)
877. De outro ângulo, os clubes inviabilizados por suas dívidas irresponsáveis precisam de negociação e a crise avassaladora da **FIFA** pressupõe mudanças profundas na estrutura do futebol no mundo. (858 O 65)
878. Quando cheguei em **Brasília**, os que vinham de outros lugares já estavam na sala do ministro do Esporte, que acenava com as negociações bem encaminhadas, no rumo que ele repetiu várias vezes de "vento a favor", principalmente pelo momento vivido nas negociações do governo e dos interessados, "céu de brigadeiro".(858 O 65)
879. Quando cheguei em Brasília, os que vinham de outros lugares já estavam na sala do ministro do **Esporte**, que acenava com as negociações bem encaminhadas, no rumo que ele repetiu várias vezes de "vento a favor", principalmente pelo momento vivido nas negociações do governo e dos interessados, "céu de brigadeiro".(858 O 65)
880. Fiquei animado com o diagnóstico que o ministro apresentou, precedendo a criação do **Sistema Brasileiro do Esporte** ainda para este ano. (858 O 65)
881. Na saída para o almoço, o excelente **Ricardo Borges**, advogado que coloca as posições do Bom Senso, esfriou os ânimos; mais que isso, comunicou ao pessoal que as negociações estavam fazendo água, com as exigências que a "Bancada da Cartola" fazia ao deputado-relator Otávio Leite, águas sujas que turvaram nosso ambiente. (858 O 65)
882. Na saída para o almoço, o excelente Ricardo Borges, advogado que coloca as posições do Bom Senso, esfriou os ânimos; mais que isso, comunicou ao pessoal que as negociações estavam fazendo água, com as exigências que a "**Bancada da Cartola**" fazia ao deputado-relator Otávio Leite, águas sujas que turvaram nosso ambiente. (858 O 65)
883. Na saída para o almoço, o excelente Ricardo Borges, advogado que coloca as posições do Bom Senso, esfriou os ânimos; mais que isso, comunicou ao pessoal que as negociações estavam fazendo água, com as exigências que a "Bancada da Cartola" fazia ao deputado-relator **Otávio Leite**, águas sujas que turvaram nosso ambiente. (858 O 65)
884. Nesse intervalo pude me aproximar mais dos companheiros e trocar mais alguns comentários de situações vividas pelos jogadores ao longo do tempo nas diferentes gerações, a **Democracia Corintiana** etc. etc(858 O 65)
885. O **Alex**, que liderou nossa "embaixada", lembrou os mais de 40 anos passados dos problemas que me conduziram ao "passe livre". Não me dava conta que fazia tanto tempo. (858 O 65)

- 886. O passo seguinte foi o encontro no gabinete do relator, onde já estavam alguns dirigentes de clube dissidentes, capitaneados pelo presidente do **Flamengo**, que tem tido postura bastante interessante. (858 O 65)
- 887. Tudo na pressão do tempo escasso para passar pela **Câmara**, em seguida ir ao Senado e ser sancionada a MP. (858 O 65)
- 888. Tudo na pressão do tempo escasso para passar pela Câmara, em seguida ir ao **Senado** e ser sancionada a MP. (858 O 65)
- 889. Saí reconfortado por ter encontrado amigos que representam de fato seus eleitores, entre eles o valoroso **Chico Alencar**, que abraçou a defesa das melhores colocações do nosso projeto. (858 O 65)
- 890. Minha homenagem aos 70 anos do gênio **Raul Seixas**. (858 O 65)

SAFATLE, V. Uma questão de poder. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 859, p. 43, jul. 2015.

- 891. O erro de **Tsipras** foi ter acreditado que a Europa era um projeto de união entre governos soberanos (859 O 43)
- 892. O erro de Tsipras foi ter acreditado que a **Europa** era um projeto de união entre governos soberanos(859 O 43)
- 893. Foi assim que o premier grego **Alexis Tsipras** assumiu a capitulação de seu país à insanidade econômica que virou regra na Zona do Euro. (859 O 43)
- 894. Foi assim que o premier grego Alexis Tsipras assumiu a capitulação de seu país à insanidade econômica que virou regra na **Zona do Euro**. (859 O 43)
- 895. É certo que nem **Tsipras** nem ninguém seriam capazes de imaginar o nível de estupidez econômica que nos governa. (859 O 43)
- 896. Seu antigo ministro da **Economia**, Yannis Varoufakis, havia escrito um sugestivo artigo no início do ano (“How I became an erratic marxist”, publicado no jornal britânico The Guardian) dizendo estar na hora de “salvar o capitalismo europeu de si mesmo”. (859 O 43)
- 897. Seu antigo ministro da Economia, **Yannis Varoufakis**, havia escrito um sugestivo artigo no início do ano (“How I became an erratic marxist”, publicado no jornal britânico THE GUARDIAN) dizendo estar na hora de “salvar o capitalismo europeu de si mesmo”. (859 O 43)
- 898. Seu antigo ministro da Economia, Yannis Varoufakis, havia escrito um sugestivo artigo no início do ano (“How I became an erratic marxist”, publicado no jornal britânico **The Guardian**) dizendo estar na hora de “salvar o capitalismo europeu de si mesmo”. (859 O 43)
- 899. De fato, os gregos ainda acreditavam ser possível dialogar com seus parceiros da **Zona do Euro** e mostrar a eles que as políticas implementadas haviam sido desastrosas e completamente ineficazes, que a dívida grega era, como o próprio FMI foi obrigado recentemente a reconhecer, impossível de ser paga, que até mesmo um ex-presidente do próprio FMI escrevera para defender a necessidade de não aplicar a mesma política. (859 O 43)

900. De fato, os gregos ainda acreditavam ser possível dialogar com seus parceiros da Zona do Euro e mostrar a eles que as políticas implementadas haviam sido desastrosas e completamente ineficazes, que a dívida grega era, como o próprio **FMI** foi obrigado recentemente a reconhecer, impossível de ser paga, que até mesmo um ex-presidente do próprio FMI escrevera para defender a necessidade de não aplicar a mesma política. (859 O 43)
901. De fato, os gregos ainda acreditavam ser possível dialogar com seus parceiros da Zona do Euro e mostrar a eles que as políticas implementadas haviam sido desastrosas e completamente ineficazes, que a dívida grega era, como o próprio FMI foi obrigado recentemente a reconhecer, impossível de ser paga, que até mesmo um ex-presidente do próprio **FMI** escrevera para defender a necessidade de não aplicar a mesma política. (859 O 43)
902. Hoje ficou claro como o problema com a **Grécia** não é uma questão de economia. (859 O 43)
903. É uma questão de poder, de quem comanda a **Europa** e do que seus comandantes estão dispostos a fazer caso sejam questionados. (859 O 43)
904. O que poderíamos esperar de uma zona de livre-comércio, um dos maiores engodos do neoliberalismo, composta de economias tão díspares em tamanho e desenvolvimento tecnológico quanto a **Alemanha** e a Grécia? (859 O 43)
905. O que poderíamos esperar de uma zona de livre-comércio, um dos maiores engodos do neoliberalismo, composta de economias tão díspares em tamanho e desenvolvimento tecnológico quanto a Alemanha e a **Grécia**? (859 O 43)
906. Em um momento no qual a **Comunidade Europeia** prometia dinheiro fácil a juros baixos o Estado grego aumentou sua dívida (como vários outros Estados), não para permitir a seu povo “viver nababescamente”, mas para financiar sua elite com seus contratos com agentes econômicos internacionais para Jogos Olímpicos e coisas do gênero. (859 O 43)
907. Em um momento no qual a Comunidade Europeia prometia dinheiro fácil a juros baixos o Estado grego aumentou sua dívida (como vários outros Estados), não para permitir a seu povo “viver nababescamente”, mas para financiar sua elite com seus contratos com agentes econômicos internacionais para **Jogos Olímpicos** e coisas do gênero. (859 O 43)
908. Mas, quando a **Europa** resolveu jogar 1 trilhão de dólares na recuperação de seus bancos falidos, toda essa fragilidade explodiu. (859 O 43)
909. **Grécia**, Espanha, Portugal, Itália, Irlanda, Bélgica: todos esses países pagam, com a pauperização de seus povos, a decisão da União Europeia de colocar a salvação do sistema financeiro na frente da defesa de suas economias nacionais. (859 O 43)
910. Grécia, **Espanha**, Portugal, Itália, Irlanda, Bélgica: todos esses países pagam, com a pauperização de seus povos, a decisão da União Europeia de colocar a salvação do sistema financeiro na frente da defesa de suas economias nacionais. (859 O 43)
911. Grécia, Espanha, **Portugal**, Itália, Irlanda, Bélgica: todos esses países pagam, com a pauperização de seus povos, a decisão da União Europeia de colocar a salvação do sistema financeiro na frente da defesa de suas economias nacionais. (859 O 43)

912. Grécia, Espanha, Portugal, **Itália**, Irlanda, Bélgica: todos esses países pagam, com a pauperização de seus povos, a decisão da União Europeia de colocar a salvação do sistema financeiro na frente da defesa de suas economias nacionais. (859 O 43)
913. Grécia, Espanha, Portugal, Itália, **Irlanda**, Bélgica: todos esses países pagam, com a pauperização de seus povos, a decisão da União Europeia de colocar a salvação do sistema financeiro na frente da defesa de suas economias nacionais. (859 O 43)
914. Grécia, Espanha, Portugal, Itália, Irlanda, **Bélgica**: todos esses países pagam, com a pauperização de seus povos, a decisão da União Europeia de colocar a salvação do sistema financeiro na frente da defesa de suas economias nacionais. (859 O 43)
915. Grécia, Espanha, Portugal, Itália, Irlanda, Bélgica: todos esses países pagam, com a pauperização de seus povos, a decisão da **União Europeia** de colocar a salvação do sistema financeiro na frente da defesa de suas economias nacionais. (859 O 43)
916. O erro de **Tsipras** foi ter ainda acreditado que a Europa era um projeto de união entre governos soberanos pela criação de um espaço comum de desenvolvimento social. (859 O 43)
917. O erro de Tsipras foi ter ainda acreditado que a **Europa** era um projeto de união entre governos soberanos pela criação de um espaço comum de desenvolvimento social. (859 O 43)
918. Diga-se de passagem, a **Alemanha** ganha com a crise porque ela conseguiu transformar os títulos de sua dívida em um “valor refúgio”, pagando assim duas vezes menos de juros sobre seus papéis. (859 O 43)
919. Os pacotes de salvamento da **Grécia** (e da Espanha, Irlanda e cia.) foram, em boa parte, empréstimos oferecidos a juros mais elevados que os pagos pela Alemanha com os papéis de sua dívida. (859 O 43)
920. Os pacotes de salvamento da Grécia (e da **Espanha**, Irlanda e cia.) foram, em boa parte, empréstimos oferecidos a juros mais elevados que os pagos pela Alemanha com os papéis de sua dívida. (859 O 43)
921. Os pacotes de salvamento da Grécia (e da Espanha, **Irlanda** e cia.) foram, em boa parte, empréstimos oferecidos a juros mais elevados que os pagos pela Alemanha com os papéis de sua dívida. (859 O 43)
922. Os pacotes de salvamento da Grécia (e da Espanha, Irlanda e cia.) foram, em boa parte, empréstimos oferecidos a juros mais elevados que os pagos pela **Alemanha** com os papéis de sua dívida. (859 O 43)
923. O que podemos esperar com isso é uma desconfiança cada vez maior dos povos europeus em relação à **União Europeia**. (859 O 43)
924. Não será surpresa para ninguém se países como a **Inglaterra**, que tem ao menos a virtude de não aceitar subordinações, simplesmente saírem da União. (859 O 43)
925. Não será surpresa para ninguém se países como a Inglaterra, que tem ao menos a virtude de não aceitar subordinações, simplesmente saírem da **União**. (859 O 43)
926. Se o governo grego fosse bem-sucedido, seria difícil evitar que outros países não seguissem o exemplo e que o poder na **Europa** mudasse de mãos. (859 O 43)
927. **Tsipras** disse sempre a verdade, quando afirmou não querer tirar a Grécia da Zona do Euro. (859 O 43)

928. Tsipras disse sempre a verdade, quando afirmou não querer tirar a **Grécia** da Zona do Euro. (859 O 43)
929. Tsipras disse sempre a verdade, quando afirmou não querer tirar a Grécia da **Zona do Euro**. (859 O 43)

AFONSINHO. Enquanto isso.... *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 860, p. 72, jul. 2015.

930. O **Pan** sinaliza algum progresso e a temporada europeia 2015-16 vem aí com dúvidas instigantes (860 O 72)
931. O **Pan-Americano** caminha para o final com bons resultados para os brasileiros e aumenta as expectativas para a Olimpíada em casa. (860 O 72)
932. O Pan-Americano caminha para o final com bons resultados para os brasileiros e aumenta as expectativas para a **olimpíada** em casa. (860 O 72)
933. Futebol no mundo em compasso de espera durante a pré-temporada dos clubes europeus, que concentram os maiores jogadores da atualidade. Instigante a próxima temporada por lá, dois dos três maiores times em período de reformulação; o outro, **Real Madrid**, faz suas mexidas, mas deve manter a coluna mestra. (860 O 72)
934. O **Barcelona**, mesmo sendo o clube com maior domínio de organização a longo prazo, contratou Neymar pensando mais longe. (860 O 72)
935. O Barcelona, mesmo sendo o clube com maior domínio de organização a longo prazo, contratou **Neymar** pensando mais longe. (860 O 72)
936. Deverá ter dificuldade para substituir um líder de tamanha envergadura como **Xavi**. (860 O 72)
937. Acabou renovando com **Daniel Alves**, talvez para mudar o mínimo possível. (860 O 72)
938. O genial **Iniesta** também não é mais garoto. (860 O 72)
939. Em matéria de seleção, a **Espanha** sub-19 ganha o título continental pela sétima vez. (860 O 72)
940. Mais problemas pode ter o **Bayern De Munique**: perde Bastian Schweinsteiger, seu craque de maior regularidade no meio-campo, ainda que o time possa não depender tanto dele quanto o Barça de seu maestro. (860 O 72)
941. Mais problemas pode ter o Bayern de Munique: perde **Bastian Schweinsteiger**, seu craque de maior regularidade no meio-campo, ainda que o time possa não depender tanto dele quanto o Barça de seu maestro. (860 O 72)
942. Mais problemas pode ter o Bayern de Munique: perde Bastian Schweinsteiger, seu craque de maior regularidade no meio-campo, ainda que o time possa não depender tanto dele quanto o **Barça** de seu maestro. (860 O 72)
943. Não devemos esquecer que, durante o ano passado, o treinador **Guardiola** atravessou crise de relacionamento com a direção do clube e suas altas figuras, como Beckenbauer. (860 O 72)

944. Não devemos esquecer que, durante o ano passado, o treinador Guardiola atravessou crise de relacionamento com a direção do clube e suas altas figuras, como **Beckenbauer**. (860 O 72)
945. Na tradicionalíssima **Itália**, a Juventus, vice-campeã da Champions League, perde o guerreiro Tevez e fica sem a batuta do mestre Pirlo. (860 O 72)
946. Na tradicionalíssima Itália, a **Juventus**, vice-campeã da Champions League, perde o guerreiro Tevez e fica sem a batuta do mestre Pirlo. (860 O 72)
947. Na tradicionalíssima Itália, a Juventus, vice-campeã da **Champions League**, perde o guerreiro Tevez e fica sem a batuta do mestre Pirlo. (860 O 72)
948. Na tradicionalíssima Itália, a Juventus, vice-campeã da Champions League, perde o guerreiro **Tevez** e fica sem a batuta do mestre Pirlo. (860 O 72)
949. Na tradicionalíssima Itália, a Juventus, vice-campeã da Champions League, perde o guerreiro Tevez e fica sem a batuta do mestre **Pirlo**. (860 O 72)
950. Este sai na hora exata e ainda vai incrementar o futebol nos **States**, vida longa e melhor que as "mil e uma noites" de algum calorento e incipiente país árabe ou mesmo chinês. (860 O 72)
951. Seguem sendo incógnitas, assim como o **Chelsea** e seu treinador, há tempos que só rondam os primeiros lugares nos torneios internacionais. (860 O 72)
952. Ainda no plano mundial, segue a pachorrenta ladainha na **FIFA**. (860 O 72)
953. **Blatter** anuncia a largada do processo sucessório, marca a data da eleição na entidade. (860 O 72)
954. Arrasta a carroça anunciando mudanças, como as que vamos conseguindo por aqui e que foram rechaçadas quando aventadas no **Congresso Pré-Copa-14** em nossas plagas. (860 O 72)
955. **Blatter** havia anunciado sua retirada, deu rasteira nos pretendentes, quis se manter... de olho grande, perdeu tudo. (860 O 72)
956. A sanha da **FIFA** é insaciável, não nos esqueçamos de que ela engoliu o futsal, o futebol de areia etc. (860 O 72)
957. Vale dizer que, nesses desportos, o **Brasil** também vai ficando para trás. (860 O 72)
958. A reunião em terras suíças não contou com o concurso do cartolão da **CBF**, pelas mesmas razões óbvias que o fizeram voar às pressas quando do bote do FBI. (860 O 72)
959. A reunião em terras suíças não contou com o concurso do cartolão da CBF, pelas mesmas razões óbvias que o fizeram voar às pressas quando do bote do **FBI**. (860 O 72)
960. **Zico**, Maradona, Figo já demonstraram interesse em participar. (860 O 72)
961. Zico, **Maradona**, Figo já demonstraram interesse em participar. (860 O 72)
962. Zico, Maradona, **Figo** já demonstraram interesse em participar. (860 O 72)
963. Em se tratando de jogadores, o francês **Platini** larga na frente: está militando como dirigente desportivo há muito tempo. (860 O 72)
964. Boa, misteriosa pergunta, e melhor resposta: "Não existe pecado abaixo da linha do **Equador**".(860 O 72)
965. **Fred**, Ganso e até o menino Gerson engrossam a fila desta semana. (860 O 72)
966. Fred, **Ganso** e até o menino Gerson engrossam a fila desta semana. (860 O 72)
967. Fred, Ganso e até o menino **Gerson** engrossam a fila desta semana. (860 O 72)

968. **Luiz Fabiano** é o jogador mais expulso do Brasil, recorde difícil de ser batido. (860 O 72)
969. Luiz Fabiano é o jogador mais expulso do **Brasil**, recorde difícil de ser batido. (860 O 72)
970. Já **Ganso**, o craque do meio-campo são-paulino, vai à beira da loucura sem acertar o passo em tempos de crise do seu clube e do futebol brasileiro. (860 O 72)
971. Um jogador precioso que, de tanto acertar as procuras por brecha para servir aos parceiros, foi apelidado de **Google**, de repente passa de solução a problema, um verdadeiro absurdo. (860 O 72)
972. Apesar de tudo isso, me confesso esperançoso. **Fluminense** e Botafogo mostram novas revelações, o Brasil tem, enfim, um diagnóstico esportivo, anuncia um Plano Brasileiro de Esportes para breve, aprovou a Medida Provisória e a CPI, vai sediar os Jogos Mundiais Indígenas, em seguida a Olimpíada, coisas que podem alavancar a vida esportiva brasileira. (860 O 72)
973. Apesar de tudo isso, me confesso esperançoso. Fluminense e **Botafogo** mostram novas revelações, o Brasil tem, enfim, um diagnóstico esportivo, anuncia um Plano Brasileiro de Esportes para breve, aprovou a Medida Provisória e a CPI, vai sediar os Jogos Mundiais Indígenas, em seguida a Olimpíada, coisas que podem alavancar a vida esportiva brasileira. (860 O 72)
974. Apesar de tudo isso, me confesso esperançoso. Fluminense e Botafogo mostram novas revelações, o **Brasil** tem, enfim, um diagnóstico esportivo, anuncia um Plano Brasileiro de Esportes para breve, aprovou a Medida Provisória e a CPI, vai sediar os Jogos Mundiais Indígenas, em seguida a Olimpíada, coisas que podem alavancar a vida esportiva brasileira. (860 O 72)
975. Apesar de tudo isso, me confesso esperançoso. Fluminense e Botafogo mostram novas revelações, o Brasil tem, enfim, um diagnóstico esportivo, anuncia um Plano Brasileiro de Esportes para breve, aprovou a Medida Provisória e a **CPI**, vai sediar os Jogos Mundiais Indígenas, em seguida a Olimpíada, coisas que podem alavancar a vida esportiva brasileira. (860 O 72)
976. Apesar de tudo isso, me confesso esperançoso. Fluminense e Botafogo mostram novas revelações, o Brasil tem, enfim, um diagnóstico esportivo, anuncia um Plano Brasileiro de Esportes para breve, aprovou a Medida Provisória e a CPI, vai sediar os **Jogos Mundiais Indígenas**, em seguida a Olimpíada, coisas que podem alavancar a vida esportiva brasileira. (860 O 72)
977. Apesar de tudo isso, me confesso esperançoso. Fluminense e Botafogo mostram novas revelações, o Brasil tem, enfim, um diagnóstico esportivo, anuncia um Plano Brasileiro de Esportes para breve, aprovou a Medida Provisória e a CPI, vai sediar os Jogos Mundiais Indígenas, em seguida a **Olimpíada**, coisas que podem alavancar a vida esportiva brasileira. (860 O 72)
978. Depois de ler sua brilhante definição no último número de **CartaCapital**, devolvo ao professor Belluzo o passe que me fez outro dia: "Falácia da autorregulação dos mercados financeiros, uma crença vadia que só pode frequentar os cérebros esvaziados por uma lavagem cerebral cuidadosa e recorrente".(860 O 72)

979. Depois de ler sua brilhante definição no último número de *CartaCapital*, devolvo ao professor **Belluzo** o passe que me fez outro dia: "Falácia da autorregulação dos mercados financeiros, uma crença vadia que só pode frequentar os cérebros esvaziados por uma lavagem cerebral cuidadosa e recorrente".(860 O 72)

SAFATLE, V. Quem são os proletários?. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 861, p. 35, ago. 2015.

980. No **Brasil** e fora dele, vemos o descontentamento evidente com as promessas da vida social no interior do neoliberalismo, vemos o desencanto, mas não se segue daí a constituição de sujeitos capazes de forçar os limites do possível em direção a transformações estruturais. (861 O 35)
981. Um dos eixos da crença na força política do **Partido dos Trabalhadores** veio, entre outros, dessa aposta na equação entre consciência operária e transformação social(861 O 35)
982. Nem a adesão de boa parte do operariado alemão ao nazismo nos anos 1930, assim como a queda paulatina dos bastões europeus de voto operário para as malhas da extrema-direita, nem a constituição do operariado americano em uma “nova classe média”, como dizia **Wright-Mills**, nem mesmo a adesão de lideranças sindicais ao choque neoliberal, como ocorreu na Polônia de Lech Walesa, serviu de motor para a autocrítica. (861 O 35)
983. Nem a adesão de boa parte do operariado alemão ao nazismo nos anos 1930, assim como a queda paulatina dos bastões europeus de voto operário para as malhas da extrema-direita, nem a constituição do operariado americano em uma “nova classe média”, como dizia Wright-Mills, nem mesmo a adesão de lideranças sindicais ao choque neoliberal, como ocorreu na **Polônia** de Lech Walesa, serviu de motor para a autocrítica. (861 O 35)
984. Nem a adesão de boa parte do operariado alemão ao nazismo nos anos 1930, assim como a queda paulatina dos bastões europeus de voto operário para as malhas da extrema-direita, nem a constituição do operariado americano em uma “nova classe média”, como dizia Wright-Mills, nem mesmo a adesão de lideranças sindicais ao choque neoliberal, como ocorreu na Polônia de **Lech Walesa**, serviu de motor para a autocrítica. (861 O 35)
985. Quando **Francisco de Oliveira** alertou para o processo de transformação da classe sindical brasileira em nova elite operadora do capitalismo nacional através, principalmente, da participação em fundos de pensão, não se seguiu daí a pergunta sobre se, afinal, o operariado tinha mesmo tal capacidade política de transformação. (861 O 35)
986. **Marx**, ao desenvolver uma teoria da formação de sujeitos políticos, recuperou um antigo termo romano: “proletariado”. (861 O 35)

987. Conforme definido na **Constituição Romana**, proletário era a última das seis classes censitárias, classe composta por aqueles caracterizados por não terem propriedade alguma ou por não terem propriedades suficientes para serem contados como cidadãos com direito a voto e obrigações militares. (861 O 35)
988. É no bojo da **Revolução Francesa**, e principalmente depois da Revolução de 1830, que o termo será paulatinamente acrescido de conotação política, agora para descrever os que só possuem seu salário diário pago de acordo com a necessidade básica de autoconservação, sejam camponeses, sejam operários, e que devem ser objetos de ações políticas feitas em nome da justiça social. (861 O 35)
989. É no bojo da Revolução Francesa, e principalmente depois da **Revolução de 1830**, que o termo será paulatinamente acrescido de conotação política, agora para descrever os que só possuem seu salário diário pago de acordo com a necessidade básica de autoconservação, sejam camponeses, sejam operários, e que devem ser objetos de ações políticas feitas em nome da justiça social. (861 O 35)
990. Dessa forma, mais do que cunhar o uso social do termo, o feito de **Marx** encontra-se em vincular o conceito de proletariado a uma teoria da revolução ou, antes, a uma teoria das lutas de classe que é a expressão da “história da guerra civil mais ou menos oculta na sociedade existente”. (861 O 35)
991. Ele precisa descrever uma despossessão completa de si tão bem caracterizada por **Marx** em uma ideia como: “O proletário é desprovido de propriedade; sua relação com mulher e crianças não tem mais nada a ver com as relações da família burguesa; o trabalho industrial moderno, a moderna subsunção ao capital, tanto na Inglaterra quanto na França, na América quanto na Alemanha, retiraram dele todo caráter nacional. (861 O 35)
992. Ele precisa descrever uma despossessão completa de si tão bem caracterizada por Marx em uma ideia como: “O proletário é desprovido de propriedade; sua relação com mulher e crianças não tem mais nada a ver com as relações da família burguesa; o trabalho industrial moderno, a moderna subsunção ao capital, tanto na **Inglaterra** quanto na França, na América quanto na Alemanha, retiraram dele todo caráter nacional. (861 O 35)
993. Ele precisa descrever uma despossessão completa de si tão bem caracterizada por Marx em uma ideia como: “O proletário é desprovido de propriedade; sua relação com mulher e crianças não tem mais nada a ver com as relações da família burguesa; o trabalho industrial moderno, a moderna subsunção ao capital, tanto na Inglaterra quanto na **França**, na América quanto na Alemanha, retiraram dele todo caráter nacional. (861 O 35)
994. Ele precisa descrever uma despossessão completa de si tão bem caracterizada por Marx em uma ideia como: “O proletário é desprovido de propriedade; sua relação com mulher e crianças não tem mais nada a ver com as relações da família burguesa; o trabalho industrial moderno, a moderna subsunção ao capital, tanto na Inglaterra quanto na França, na **América** quanto na Alemanha, retiraram dele todo caráter nacional. (861 O 35)
995. Ele precisa descrever uma despossessão completa de si tão bem caracterizada por Marx em uma ideia como: “O proletário é desprovido de propriedade; sua relação com mulher

e crianças não tem mais nada a ver com as relações da família burguesa; o trabalho industrial moderno, a moderna subsunção ao capital, tanto na Inglaterra quanto na França, na América quanto na **Alemanha**, retiraram dele todo caráter nacional. (861 O 35)

AFONSINHO. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 862, p. 64, ago. 2015.

996. A solução **Abílio Diniz** (862 O 64)
997. O empresário entra em campo com uma ideia capaz de sacudir a **CBF**(862 O 64)
998. Acabou o capítulo da formalização da **Medida Provisória do Futebol** - a MP do Profut. (862 O 64)
999. Acabou o capítulo da formalização da Medida Provisória do Futebol - a **MP do PROFUT**. (862 O 64)
1000. Foi um "parto da montanha", são assim as coisas entre nós, seguem o roteiro conhecido desde os tempos do "da **Lei do Ventre Livre**, da Lei dos Sexagenários..." (862 O 64)
1001. Foi um "parto da montanha", são assim as coisas entre nós, seguem o roteiro conhecido desde os tempos do "da Lei do Ventre Livre, da **Lei dos Sexagenários**..." (862 O 64)
1002. Corremos o risco de ser atropelados pelas mudanças na **FIFA**. (862 O 64)
1003. Chega dessa mentira de a **CBF** deitar e rolar com um valor sagrado do povo brasileiro e se dizer privada na hora de ser cobrada e responsabilizada. (862 O 64)
1004. Muitos perguntam por que **Zico** não pretende a CBF primeiro, antes da Fifa. (862 O 64)
1005. Muitos perguntam por que Zico não pretende a **CBF** primeiro, antes da Fifa. (862 O 64)
1006. Muitos perguntam por que Zico não pretende a CBF primeiro, antes da **FIFA**. (862 O 64)
1007. Interessa mesmo é que se mude a fórmula medieval do sistema **FIFA**. (862 O 64)
1008. Por conta de sua colaboração no clube do qual é torcedor ferrenho, surge o nome de **Abílio Diniz** para assumir a CBF, já. (862 O 64)
1009. Por conta de sua colaboração no clube do qual é torcedor ferrenho, surge o nome de Abílio Diniz para assumir a **CBF**, já. (862 O 64)
1010. Instigante mesmo a ideia que propôs ao **São Paulo**, seu clube de coração, de constituir um fundo de investimento para gerar o dinheiro necessário para se tocar um clube no negócio complexo em que se transformou o futebol. (862 O 64)
1011. **Abílio** resolve um problema que martelava minha cabeça há muito tempo. (862 O 64)
1012. **Abílio Diniz** foi além, e disse que, se não houver investidores que torçam por outros clubes, será a prova de que não é um bom negocio. (862 O 64)
1013. Chato falar tanto em situações extracampo, ainda mais quando o **Ronaldinho** volta a jogar no Brasil e todos se movimentam; torcedores sempre firmes, reagindo às novas contratações e à necessidade de transcender aos sufocos do dia a dia, e certos dirigentes responsáveis empenhados em mudar. (862 O 64)
1014. Chato falar tanto em situações extracampo, ainda mais quando o Ronaldinho volta a jogar no **Brasil** e todos se movimentam; torcedores sempre firmes, reagindo às novas

- contratações e à necessidade de transcender aos sufocos do dia a dia, e certos dirigentes responsáveis empenhados em mudar. (862 O 64)
1015. A ocasião não permite fugir desses assuntos. Vamos continuar como o craque **Diógenes**, procurando de lanterna nas mãos. (862 O 64)
1016. Estive no **Engenhão** participando de promoção simpática do botafogo, com direito a volta olímpica e tudo. (862 O 64)
1017. Estive no engenhão participando de promoção simpática do **Botafogo**, com direito a volta olímpica e tudo. (862 O 64)
1018. Além do mais, encontrar amigos como o querido **Zé Maria**, zagueiro clássico, craque que só saía com abola nos pés, herdeiro legítimo do Nilton Santos, com cujo sumiço nunca me conformei. (862 O 64)
1019. Além do mais, encontrar amigos como o querido Zé Maria, zagueiro clássico, craque que só saía com abola nos pés, herdeiro legítimo do **Nilton Santos**, com cujo sumiço nunca me conformei. (862 O 64)
1020. Aliviou-me de um peso ao me explicar que havia ido jogar por cinco anos nos **Estados Unidos**, numa das inúmeras tentativas de os americanos adotarem o futebol. (862 O 64)
1021. Fiquei feliz de saber que o **Zé** não havia parado, jamais aceitarei ele não ter continuado no Botafoguinho - como os jogadores tratavam o clube, carinhosamente. (862 O 64)
1022. Fiquei feliz de saber que o Zé não havia parado, jamais aceitarei ele não ter continuado no **Botafoguinho** - como os jogadores tratavam o clube, carinhosamente. (862 O 64)
1023. Um ano cravado para a **Olimpíada**. E a Seleção Olímpica? (862 O 64)
1024. Um ano cravado para a Olimpíada. E a **Seleção Olímpica**? (862 O 64)
1025. A derrota do **Tigres**, do México, na final da Libertadores não desilude quem prefere a arte do futebol. (862 O 64)
1026. A derrota do Tigres, do **México**, na final da Libertadores não desilude quem prefere a arte do futebol. (862 O 64)
1027. A derrota do Tigres, do México, na final da **Libertadores** não desilude quem prefere a arte do futebol. (862 O 64)
1028. O **River Plate** impôs a escola argentina com toda sua tradição. (862 O 64)
1029. Que venham as mudanças e que se acabe com essa barbaridade de dizer que a **Libertadores** implica violência e antifutebol. (862 O 64)

SAFATLE, V. O crime perfeito. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 863, p. 27, ago. 2015.

1030. O **Brasil** não é para amadores, já dizia Tom Jobim. (863 O 27)
1031. O Brasil não é para amadores, já dizia **Tom Jobim**. (863 O 27)
1032. De fato, enquanto vários outros países latino-americanos tiveram longos períodos de conflitos violentos no interior de suas elites, com rupturas muitas vezes traumáticas, o **Brasil** conseguiu apresentar continuidades impressionantes. (863 O 27)
1033. No fim da eleição de 2014, o **Brasil** demonstrou-se radicalmente clivado. (863 O 27)

1034. O governo deveria esvaziar o discurso da direita, ao realizar o que **Lula** fez várias vezes, a saber, aplicar ações propostas pelo próprio adversário, colhendo nomes na seara do adversário para construir seu ministério. (863 O 27)
1035. Assim, **Dilma** daria um sinal para os opositores e para a elite rentista do País. (863 O 27)
1036. O desejo de impeachment cresceu, alimentado pela tentativa desesperada do presidente da **Câmara** de escapar da Operação Lava Jato. (863 O 27)
1037. O desejo de impeachment cresceu, alimentado pela tentativa desesperada do presidente da Câmara de escapar da **Operação Lava Jato**. (863 O 27)
1038. O estilo brutalizado de **Cunha** era incapaz de aglutinar. (863 O 27)
1039. Aterrorizado pela possibilidade de perder o poder, o governo foi procurado pelo presidente do **Senado** para um acordo em prol da “governabilidade”, agora defendida abertamente pela Fiesp, pela Globo e pelo sr. Trabuco, o verdadeiro chefe do ministro da Economia. (863 O 27)
1040. Aterrorizado pela possibilidade de perder o poder, o governo foi procurado pelo presidente do Senado para um acordo em prol da “governabilidade”, agora defendida abertamente pela **Fiesp**, pela Globo e pelo sr. Trabuco, o verdadeiro chefe do ministro da Economia. (863 O 27)
1041. Aterrorizado pela possibilidade de perder o poder, o governo foi procurado pelo presidente do Senado para um acordo em prol da “governabilidade”, agora defendida abertamente pela Fiesp, pela **Globo** e pelo sr. Trabuco, o verdadeiro chefe do ministro da Economia. (863 O 27)
1042. Aterrorizado pela possibilidade de perder o poder, o governo foi procurado pelo presidente do Senado para um acordo em prol da “governabilidade”, agora defendida abertamente pela Fiesp, pela Globo e pelo sr. **Trabuco**, o verdadeiro chefe do ministro da Economia. (863 O 27)
1043. O que seria visto, em situação normal, como proposições inaceitáveis por colocar em questão a natureza pública de certos serviços e direitos trabalhistas aparece agora como uma agenda positiva e responsável para tirar o **Brasil** da crise política. (863 O 27)
1044. Mas como o espantalho **Cunha** continuará amedrontando, tudo o que vier do agora esteio da responsabilidade da República, Renan Calheiros, será visto como um mal menor. (863 O 27)
1045. Mas como o espantalho Cunha continuará amedrontando, tudo o que vier do agora esteio da responsabilidade da República, **Renan Calheiros**, será visto como um mal menor. (863 O 27)

AFONSINHO. Perda de tempo. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 864, p. 64, ago. 2015.

1046. Nessa onda de remendos, a **CBF** anunciou uma proposta de calendário. (864 O 64)

1047. A **Olimpíada** está às portas e podemos perder não uma oportunidade qualquer, mas a chance especial de, ao jogar em casa, conseguir a conquista inédita que tanta falta nos faz. (864 O 64)
1048. Hiperconcentrados na **Série A**, na disputa ao mesmo tempo de vários torneios e campeonatos, obrigados a segurar o gato pelo rabo, os clubes não sabem se escalam o time principal (?) ou poupa os "titulares"(!).(864 O 64)
1049. O mais novo exemplo é o de **Valdívia**, ídolo da torcida do Palmeiras, que não pôde contar sempre com seu craque, mas não esquece que, com ele no time, comemorou as únicas conquistas dos últimos dez anos. (864 O 64)
1050. O mais novo exemplo é o de Valdívia, ídolo da torcida do **Palmeiras**, que não pôde contar sempre com seu craque, mas não esquece que, com ele no time, comemorou as únicas conquistas dos últimos dez anos. (864 O 64)
1051. O mesmo se dá com o **Sheik**, o Guerreiro, agora juntos no Flamengo, e a torcida do Corinthians. (864 O 64)
1052. O mesmo se dá com o Sheik, o **Guerreiro**, agora juntos no Flamengo, e a torcida do Corinthians. (864 O 64)
1053. O mesmo se dá com o Sheik, o Guerreiro, agora juntos no **Flamengo**, e a torcida do Corinthians. (864 O 64)
1054. O mesmo se dá com o Sheik, o Guerreiro, agora juntos no Flamengo, e a torcida do **Corinthians**. (864 O 64)
1055. **Messi** e Neymar pelo menos tiveram garantidos seu período de descanso, ampliado pela "caxumba" no caso do brasileiro. (864 O 64)
1056. Messi e **Neymar** pelo menos tiveram garantidos seu período de descanso, ampliado pela "caxumba" no caso do brasileiro. (864 O 64)
1057. De um lado reuniu-se o **Jurisport**, encontro de especialistas no Direito Desportivo, do outro, os cobras do marketing esportivo. (864 O 64)
1058. De um lado reuniu-se o Jurisport, encontro de especialistas no **Direito Desportivo**, do outro, os cobras do marketing esportivo. (864 O 64)
1059. E iniciaram-se os trabalhos da **CPI** da CBF. (864 O 64)
1060. E iniciaram-se os trabalhos da CPI da **CBF**. (864 O 64)
1061. De trabalhos como esses surgiram as provas que permitiram as prisões na **Suíça**. (864 O 64)
1062. Termina o primeiro turno do **Campeonato Brasileiro**, com a irregularidade própria do seu desarranjo. (864 O 64)
1063. No sobe e desce constante o **Corinthians**, execrado no começo, acaba em primeiro lugar. (864 O 64)
1064. Ao apostar na regularidade o **Timão** não se aguenta brilha, mas é o líder, na sela, o oposto do Vasco da Gama, que toda semana contrata dois ou três "astros" e não consegue estabilidade. (864 O 64)
1065. Ao apostar na regularidade o Timão não se aguenta brilha, mas é o líder, na sela, o oposto do **Vasco da Gama**, que toda semana contrata dois ou três "astros" e não consegue estabilidade. (864 O 64)
1066. Outra vez a **CBF** lança cortina de fumaça ao divulgar vídeos para "explicar" aos torcedores os critérios adotados pela Fifa, bola na mão ou mão na bola? (864 O 64)

1067. Outra vez a CBF lança cortina de fumaça ao divulgar vídeos para "explicar" aos torcedores os critérios adotados pela **FIFA**, bola na mão ou mão na bola? (864 O 64)
1068. Na **Série B**, o Botafogo conseguiu se equilibrar, apesar dos solavancos próprios da sua condição atual, com duas vitórias importantíssimas, uma fora de casa contra um rival direto pelas primeiras colocações. (864 O 64)
1069. Na Série B, o **Botafogo** conseguiu se equilibrar, apesar dos solavancos próprios da sua condição atual, com duas vitórias importantíssimas, uma fora de casa contra um rival direto pelas primeiras colocações. (864 O 64)
1070. Joga com o **Paissandu** em casa, pode balançar ou abrir um caminho vitorioso que o reconduza à divisão principal, jogo fundamental. (864 O 64)
1071. Passada a fase de preparação, surpresas no início dos campeonatos europeus com o **Chelsea** na Inglaterra e no Barcelona. (864 O 64)
1072. Passada a fase de preparação, surpresas no início dos campeonatos europeus com o Chelsea na **Inglaterra** e no Barcelona. (864 O 64)
1073. Passada a fase de preparação, surpresas no início dos campeonatos europeus com o Chelsea na Inglaterra e no **Barcelona**. (864 O 64)
1074. Complicado encontrar um substituto para o **Xavi**, seu ponto de equilíbrio. (864 O 64)

SAFATLE. V. Depois das utopias. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 865, p. 64, set. 2015.

1075. Independentemente das crises, há sempre liberais dispostos a ser um **Leibniz** das finanças e falar que este é o melhor mundo possível. (865 O 19)
1076. Se **Deus** não criou outro é porque fora do mundo liberal só há catástrofes. (865 O 19)
1077. Como dizia **Spinoza**, não há esperança sem medo nem medo sem esperança. (865 O 19)

AFONSINHO. O elogio do drible. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 866, p. 72, set. 2015.

1078. O esperto **Guardiola** falou em "um contra um", o clássico "mano a mano". (866 O 72)
1079. **Tostão** tem a preocupação permanente em estabelecer claramente os limites entre o craque e os jogadores destacados. (866 O 72)
1080. Por conta disso o futebol brasileiro foi se tornando previsível e chegou ao ponto de ser chato. Ao que parece, depois da **Copa-14** isso começa a mudar. Afinal, demos com a cara no muro. (866 O 72)
1081. Há muito tempo que o **Felipão**, o Vanderlei Luxemburgo e outros se desinteressaram de trabalhar à beira dos gramados. (866 O 72)

1082. Há muito tempo que o Felipão, o **Vanderlei Luxemburgo** e outros se desinteressaram de trabalhar à beira dos gramados. (866 O 72)
1083. Enquanto isso não se efetive, perdemos um tempo de que não dispomos, passou uma **Copa do Mundo** em casa e aproxima-se velozmente a Olimpíada 2016. (866 O 72)
1084. Enquanto isso não se efetive, perdemos um tempo de que não dispomos, passou uma Copa do Mundo em casa e aproxima-se velozmente a **Olimpíada 2016**. (866 O 72)
1085. O médico demissionário da **CBF**, após décadas de trabalho nas seleções, concede uma extensa entrevista e, entre outras impressões contundentes resume dizendo que o cartola maior do futebol brasileiro, em matéria de inglês, não diz sequer good morning. (866 O 72)
1086. Apesar, com pesar mesmo, de ter passado muito pouco tempo em **São Januário**, sempre fui bem recebido em qualquer jogo do Vasco da Gama, independente da política interna do histórico clube da Cruz de Malta. O Vasco merece melhor sorte. (866 O 72)
1087. Apesar, com pesar mesmo, de ter passado muito pouco tempo em São Januário, sempre fui bem recebido em qualquer jogo do **Vasco da Gama**, independente da política interna do histórico clube da Cruz de Malta. O Vasco merece melhor sorte. (866 O 72)
1088. Apesar, com pesar mesmo, de ter passado muito pouco tempo em São Januário, sempre fui bem recebido em qualquer jogo do Vasco da Gama, independente da política interna do histórico clube da **Cruz ne Malta**. O Vasco merece melhor sorte. (866 O 72)
1089. Apesar, com pesar mesmo, de ter passado muito pouco tempo em São Januário, sempre fui bem recebido em qualquer jogo do Vasco da Gama, independente da política interna do histórico clube da Cruz de Malta. O **Vasco** merece melhor sorte. (866 O 72)

SAFATLE, V. A casta contra o povo. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, n. 867, p. 34, set. 2015.

1090. O **Brasil** deve ser o único país do mundo no qual até viadutos e calçadas são batizados com nomes de figuras pretensamente notáveis. (867 O 34)
1091. Antigos deputados, prefeitos, vice-prefeitos, secretários, presidentes, ministros, mulher de ministro, correligionário, governador, filho de governador, mãe de prefeito (esta é uma contribuição da cidade de **São Paulo**). (867 O 34)
1092. O slogan “Não me representa” era uma das senhas das manifestações por expressar a consciência de que o **Brasil** estava travado devido à incapacidade de aproximar a política dos processos populares. (867 O 34)
1093. Dessa forma, não há risco de que o poder saia da mão do consórcio miserável de agremiações hegemônicas às quais o **Brasil** está submetido. (867 O 34)
1094. Mesmo a proposta de reforçar a **Lei da Ficha Limpa**, ao exigir que os políticos comprovem, no momento do registro de candidatura, não possuírem condenações por improbidade administrativa, acabou rejeitada na Câmara dos Deputados. (867 O 34)

1095. Mesmo a proposta de reforçar a Lei da Ficha Limpa, ao exigir que os políticos comprovem, no momento do registro de candidatura, não possuírem condenações por improbidade administrativa, acabou rejeitada na **Câmara dos Deputados**. (867 O 34)